

O Melhor da Disney

A
GIBITECA



As Obras Completas de
Carl Barks

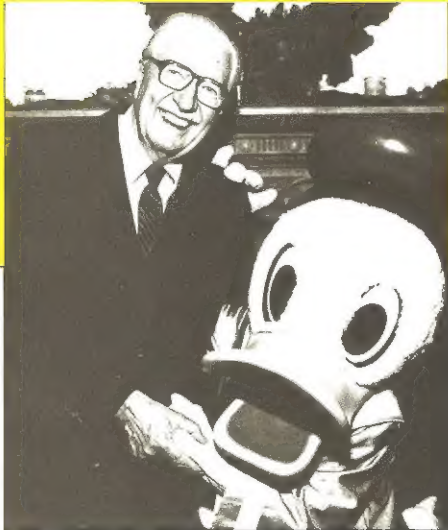
Volume 10



Abril

Disney





Entre o final dos anos 30 e o início dos 40, o enorme grau de diligência que Carl Barks exigia dos colegas dos Estúdios Disney se tornou motivo de chacota. Esse filho dileto do estado americano do Oregon, que atuava como roteirista dos desenhos animados do Pato Donald, defendia um conjunto de idéias provincianas e ultra-conservadoras que ficou conhecido entre seus pares como "Barksismo".

Ele mesmo explicou do que se tratava numa conversa bem-humorada com o professor de literatura Donald Ault, em 1973: "Eu era muito reacionário em arte e na música — especialmente na música. Isso era notório. Eu considerava desprezível qualquer coisa que não fosse estritamente caipira". Talvez por isso ele não apreciava a trilha sonora do cultuado longa-metragem *Fantasia* (1940), uma seleção de composições eruditas de Stravinsky, Tchaikovsky, Beethoven, Moussorgsky e Schubert, entre outros. Nas artes plásticas, Barks ignorava a produção modernista, incluindo, por exemplo, as pinturas de Picasso. Um parceiro do departamento de animação, que quis se manter anônimo, rabiscou uma caricatura de Barks desdenhando do romancista inglês Rudyard Kipling, autor de

O Livro da Selva (que inspirou o desenho *Mogli*, o *Menino-Lobo*), e exaltando os contos de faroeste.

Barks não se importava com essas zombarias. Ao transferir-se para o universo das histórias em quadrinhos, em 1942, levou consigo as convicções e os gostos há muito arraigados. E nunca abandonou a disciplina e a autocrítica que lhe permitiram produzir um gigantesco volume de HQs de qualidade. A teimosia e a resistência a muitas novidades culturais adicionaram humor às suas criações. Tudo isso transparece nas aventuras que você lê em cada volume da coleção *O Melhor da Disney*. Neste décimo número, não é diferente. Você encontra aqui uma paródia do terror nazi-fascista espalhando o medo nas águas lamacentas do Mississípi. Conhece um fantasma de carne e osso que protege um tesouro secular na companhia de um octópode colossal. Viaja até o deserto australiano, onde aborígenes canibais lambem os beiços por causa de turistas patopolenses. E, por fim, testemunha o nascimento de um fêcone dos gibis. Sim, a trama que fecha esta edição marca a estreia do riquíssimo Tio Patinhas!

O Terror do Rio

Ela é uma espécie de Monstro do Lago Ness. Em vez de fazer aparições duvidosas nas Highlands escocesas, no entanto, essa serpente prefere assombrar os rios do meio-oeste americano. Apresentada ao público em 1946, a criatura aquática que rouba a cena em *O Terror do Rio* reflete a ansiedade da população dos Estados Unidos, então traumatizada com os ataques de submarinos – um dos componentes marcantes da II Guerra Mundial. O argumento de Carl Barks indica que nem mesmo uma inofensiva casa-barco navegando no Mississípi, o coração da América, estava imune aos perigos vindos das profundezas. Nesse sentido, o inimigo das profundezas do rio também aparece associado aos instintos mais baixos da natureza humana. Mas, como contraponto a esses elementos nocivos da trama, o autor oferece alento ao público: a presença da guarda costeira e a banda militar tocando triunfal no último quadro atestam que aquela nação estava preparada para se defender. Como muitos horrores da época – tanques blindados, aviões bombardeiros e bombas atômicas, para mencionar só alguns –, a serpente se revela uma simples máquina: o verdadeiro monstro é o homem por trás dos controles.

Ao retratar o vilão, Barks emprestou-lhe uma dose de sordidez hoje atípica nos quadrinhos Disney. Vale lembrar que esta foi apenas uma das primeiras aventuras longas produzidas por ele. Naquela época, tanto o autor quanto os gibis estrelados por personagens Disney engatinhavam em busca de uma linha editorial própria. Graças ao senso de equilíbrio do Homem dos Patos, o nível de terror da his-

tória jamais ultrapassou os limites do aceitável para uma publicação infanto-juvenil. “Eu sabia que não podia exagerar na violência”, avaliou Barks anos depois. “Para criar suspense, meus personagens precisavam correr perigo. E perigo vez ou outra envolve o medo da morte. Mas eu sempre dramatizei esse problema de modo cômico. Por isso o leitor não se ressentia do fato de os patos serem expostos a uma ameaça fatal.”

Quando desenvolveu o roteiro de *O Terror do Rio*, o artista sentiu a necessidade de um bandido malvado, porém biruta. “Eu imaginava que, se o fizesse completamente maluco,



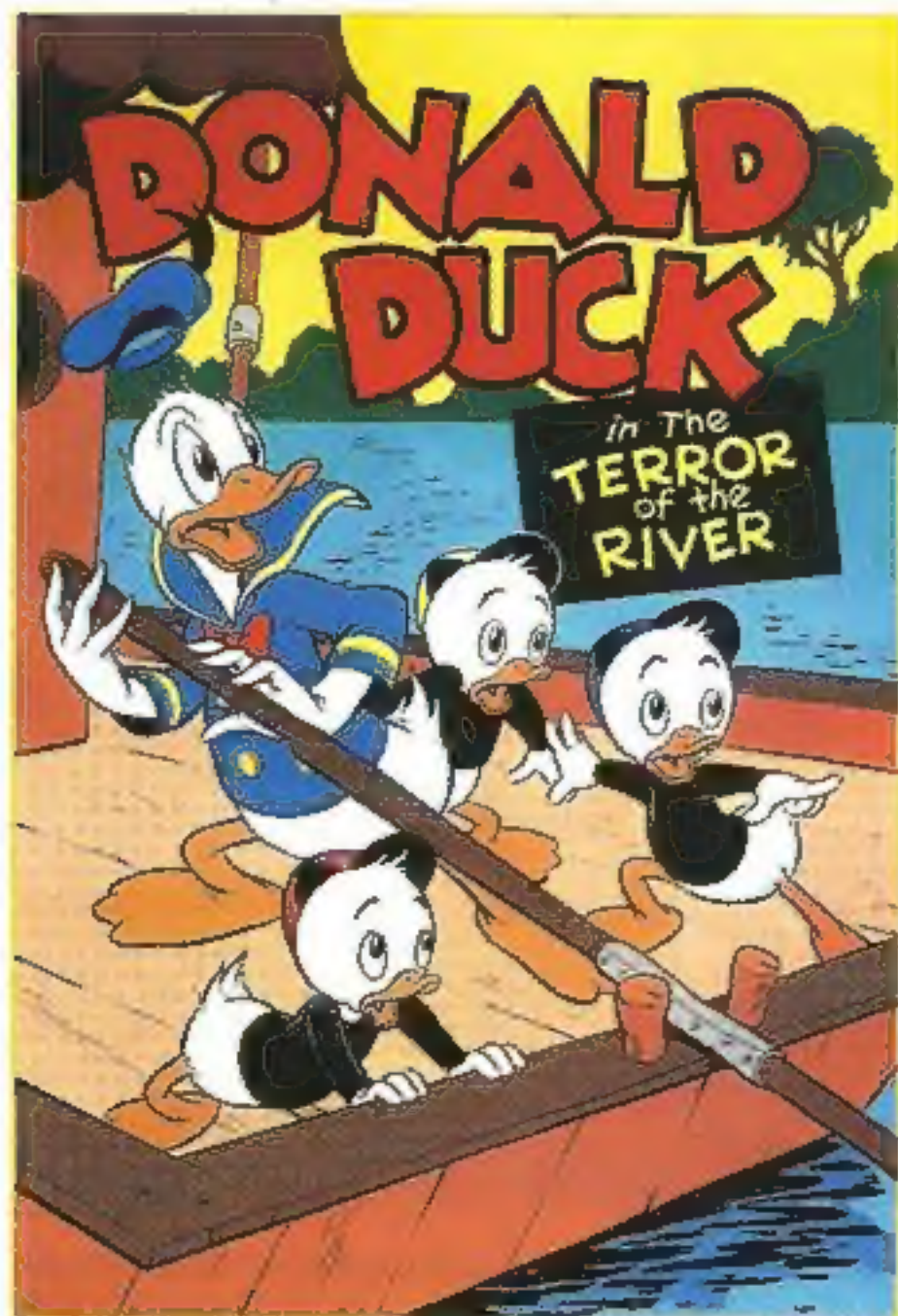
O perigo que vem das profundezas: pintura de Carl Barks com o tema de *O Terror do Rio*

passaria mais facilmente pelo crivo dos editores (...). Então, boleei um cara que não deixava nenhum gosto ruim na boca das pessoas e que não provocava pesadelos nas crianças. Afinal, eu não estava escrevendo quadrinhos de terror", contou Barks numa entrevista concedida ao *publisher* Bruce Hamilton em 1983. E

continuou sua análise: "Eu também sabia que não devia glorificar o crime. Minhas histórias tinham os Irmãos Metralha sempre roubando, mas eu tentava mostrar isso de um jeito engraçado. Tinha de ser um tipo de crime possível somente no mundo da fantasia – a garotada podia ler aquilo, mas imitar, de jeito nenhum!".

O Incendiário

Para Carl Barks, a versão cinematográfica do Donald no início da década de 1940 tendia a exibir traços sarcásticos que contrariavam a imagem original do personagem. O artista pensava: "Por que colocar no pato esse caráter que tanto me incomoda nos desenhos do Pernalonga e frustrar milhões de leitores? Tudo bem que o Donald seja assim de vez em quando, mas deve haver para isso uma boa justificativa". Em *O Incendiário*, o autor fornece uma razão para a conduta incomum do protagonista – uma pancada na cabeça o transforma num piromaníaco.



Mas, apesar do cuidado de Barks para não imbuir o protagonista de sarcasmo e até mesmo de maldade, o desfecho da aventura foi censurado pelos editores da Western Publishing. Repare atentamente nos dois quadros finais na página 45. Eles não foram feitos por Barks. Outro artista os desenhou, talvez alguém do staff da Western, como Carl Buettner ou Tom McKinson. "Eu fiz o Donald botar fogo no cesto de lixo do juiz. O incêndio se alastrava por todo o tribunal e o pato acabava atrás das grades", relembrou. "Não havia nenhum problema com a minha visão da Corte de Justiça, que espelhava o humor daquele tempo. Al Capp [criador da tira *Li'l Abner*, conhecida por aqui como *Ferdinando*] e outros cartunistas também brincavam com a lei." Mas a Western não queria um personagem Disney na cadeia na última cena. Então, a conclusão da história foi alterada. "Eles geralmente não refaziam meu material. Costumavam pedir que eu mesmo providenciasse as mudanças", comentou Barks. De fato, antes de alterar o final, os editores pediram que a história fosse condensada pelo autor. Segundo as anotações de Barks, ele foi pago por 13 páginas e "mais 30 quadrinhos", o equivalente à versão original. A edição 108 de *Four Color* foi então completada com *O Caso das Focas*, um enredo de dez páginas, desenhado seis meses antes, igual aos que Barks já produzia para o gibi *Walt Disney's Comics and Stories* desde 1943.

O Terror do Rio (The Terror of the River!!), W OS 108-01, *O Incendiário (The Firebug)*, W OS 108-02, e *O Caso das Focas (Seals Are So Smart!)*, W OS 108-03, escritas e desenhadas por Carl Barks respectivamente em janeiro, julho e janeiro de 1945

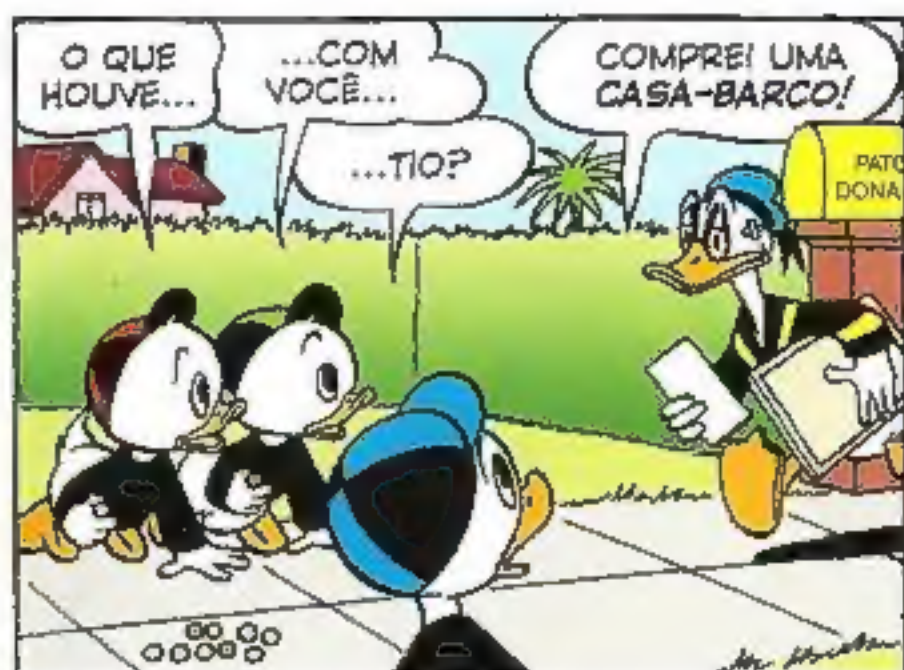


Histórias publicadas originalmente na revista *Four Color 108* em janeiro de 1946

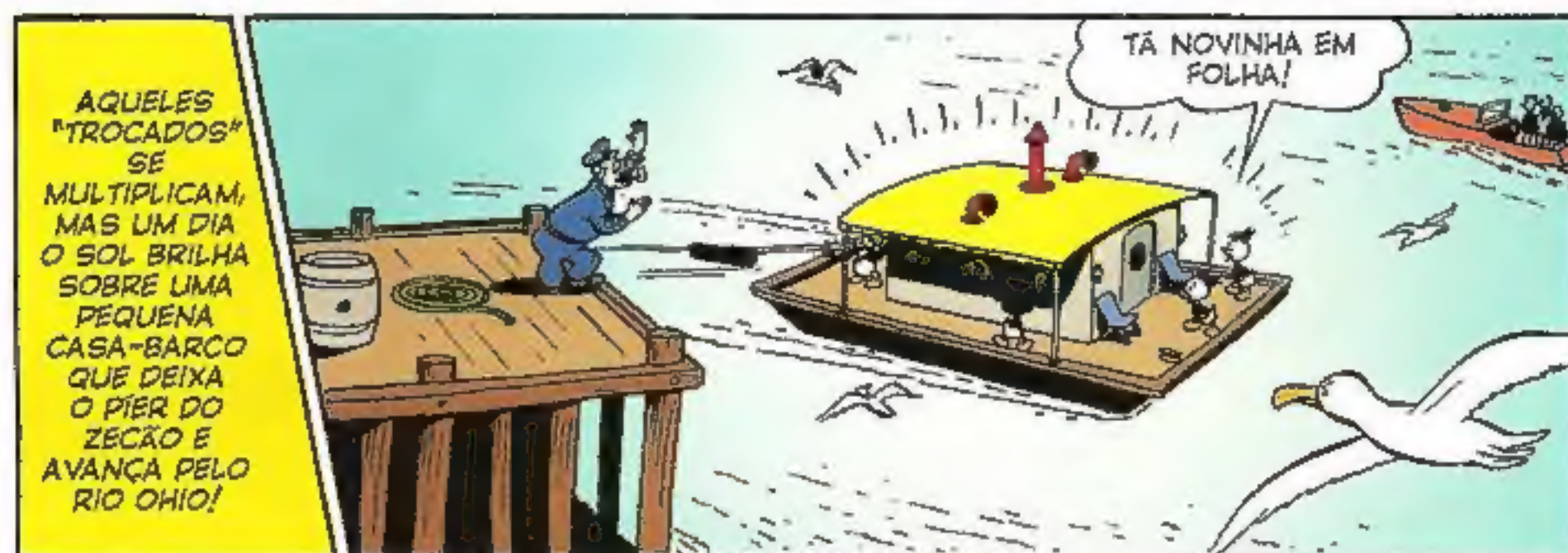
1- O Terror do Rio (*The Terror of the River!*) No Brasil: *Pato Donald* 19 (1952), *Almanaque Disney* 123 (1981), *Anos de Ouro do Pato Donald* (1988) e *Álbuns Disney* 1 (1990) 2- O Incendiário (*The Firebug*)

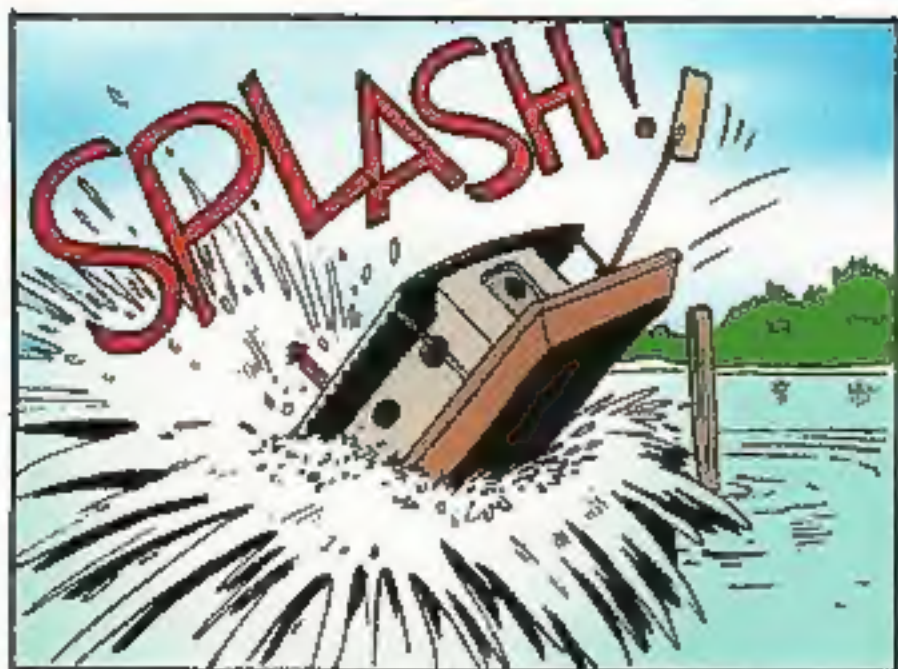
No Brasil: *Pato Donald* 2 (1950), *Suplemento Comemorativo de O Pato Donald 25 Anos* 3 (1975), *Pato Donald* 1500 (1980), *Anos de Ouro do Pato Donald* 1 (1988) e *Disney Especial* 117 (1989) 3- O Caso das Focas (*Seals Are So Smart!*) No Brasil: *Pato Donald* 46 (1952), *Álbuns Disney* 1 (1990) e *Tio Patinhas* 431 (2001)

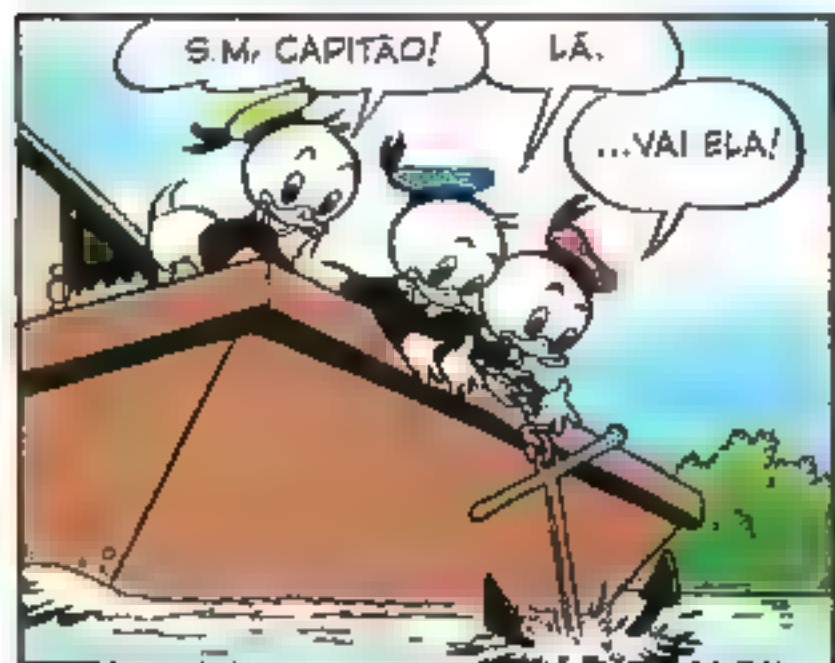
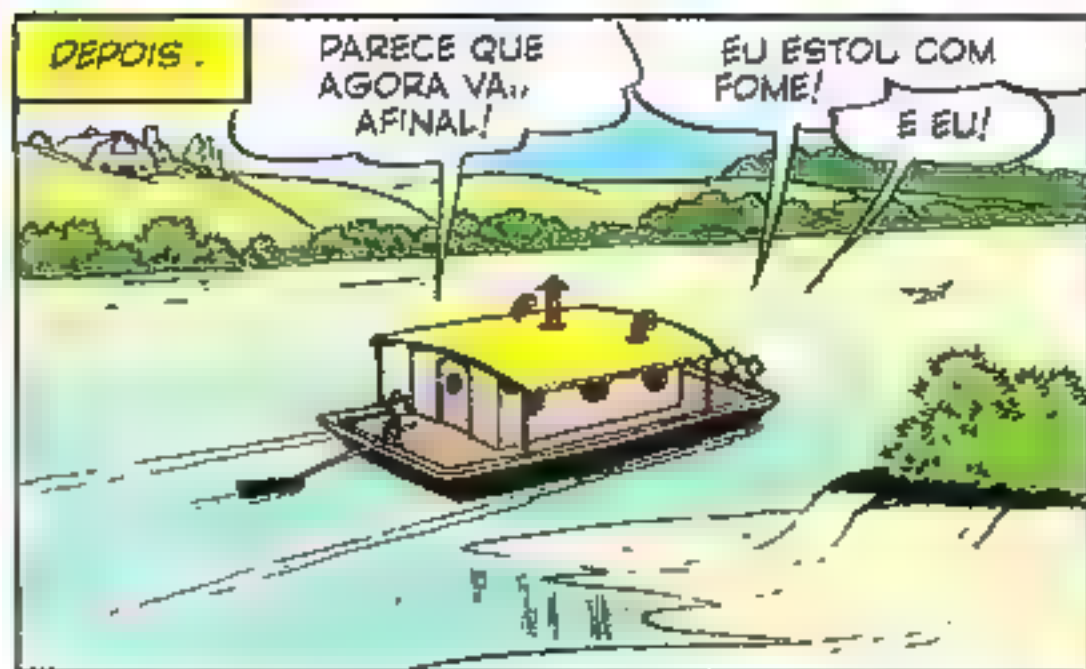
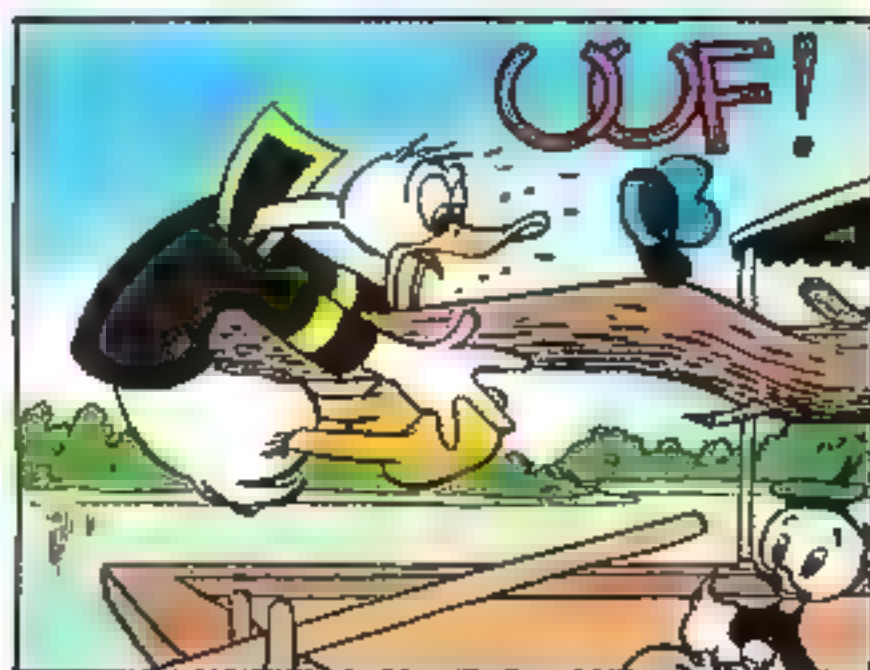




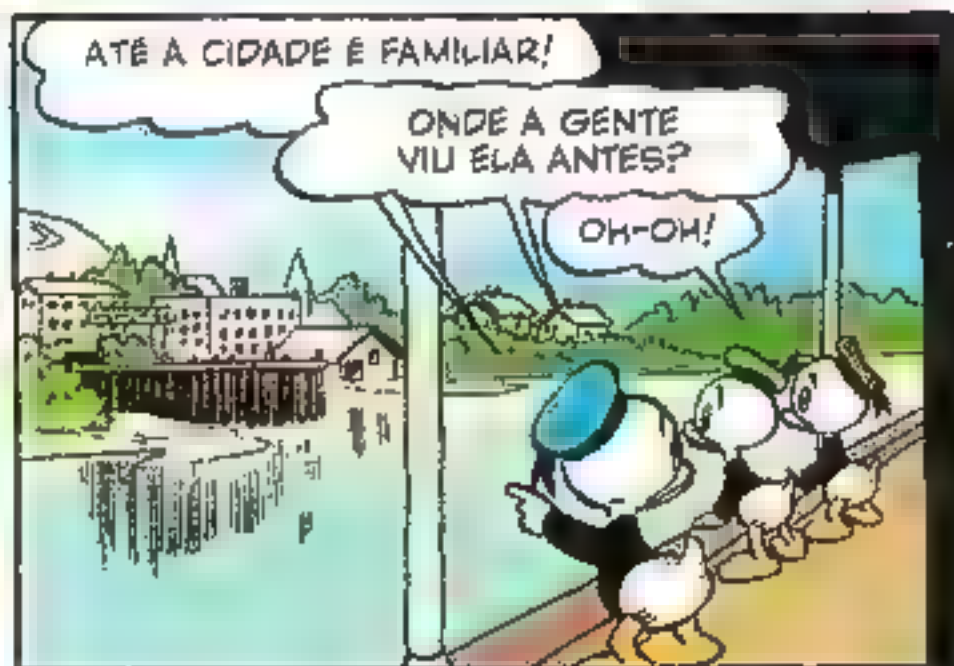
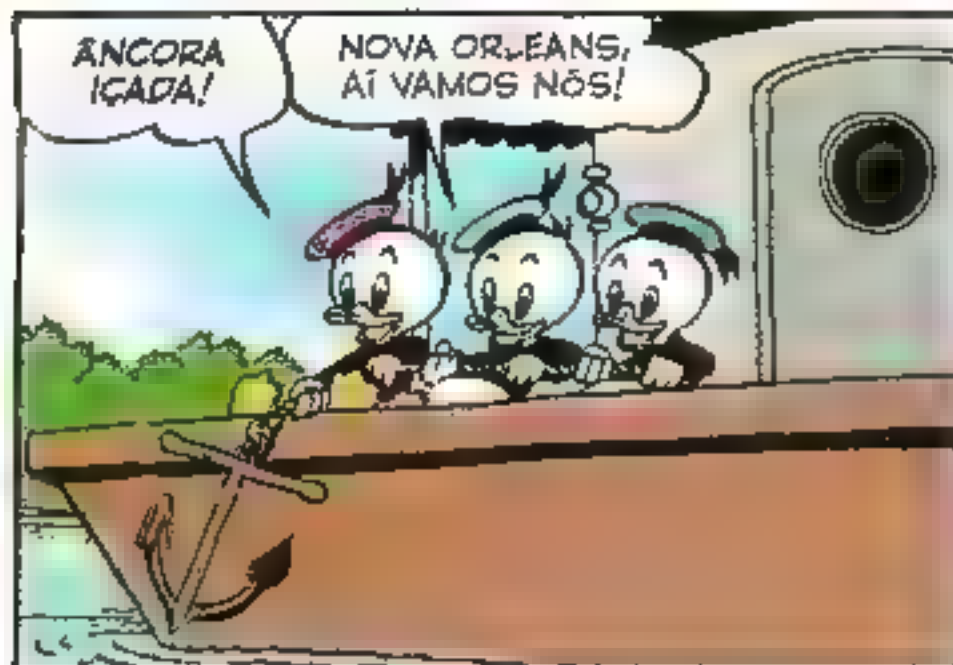


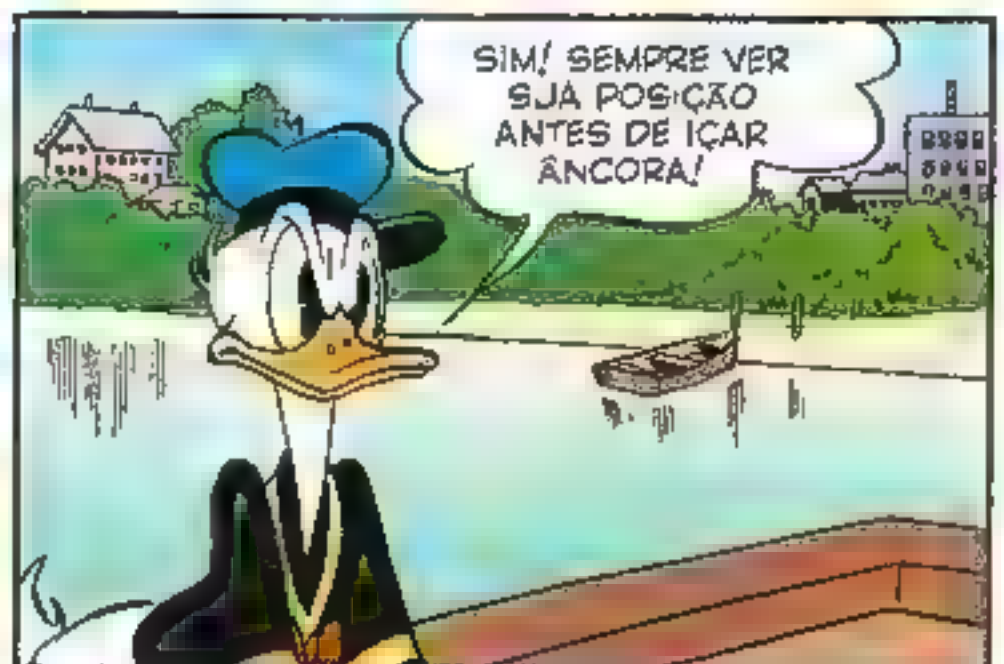


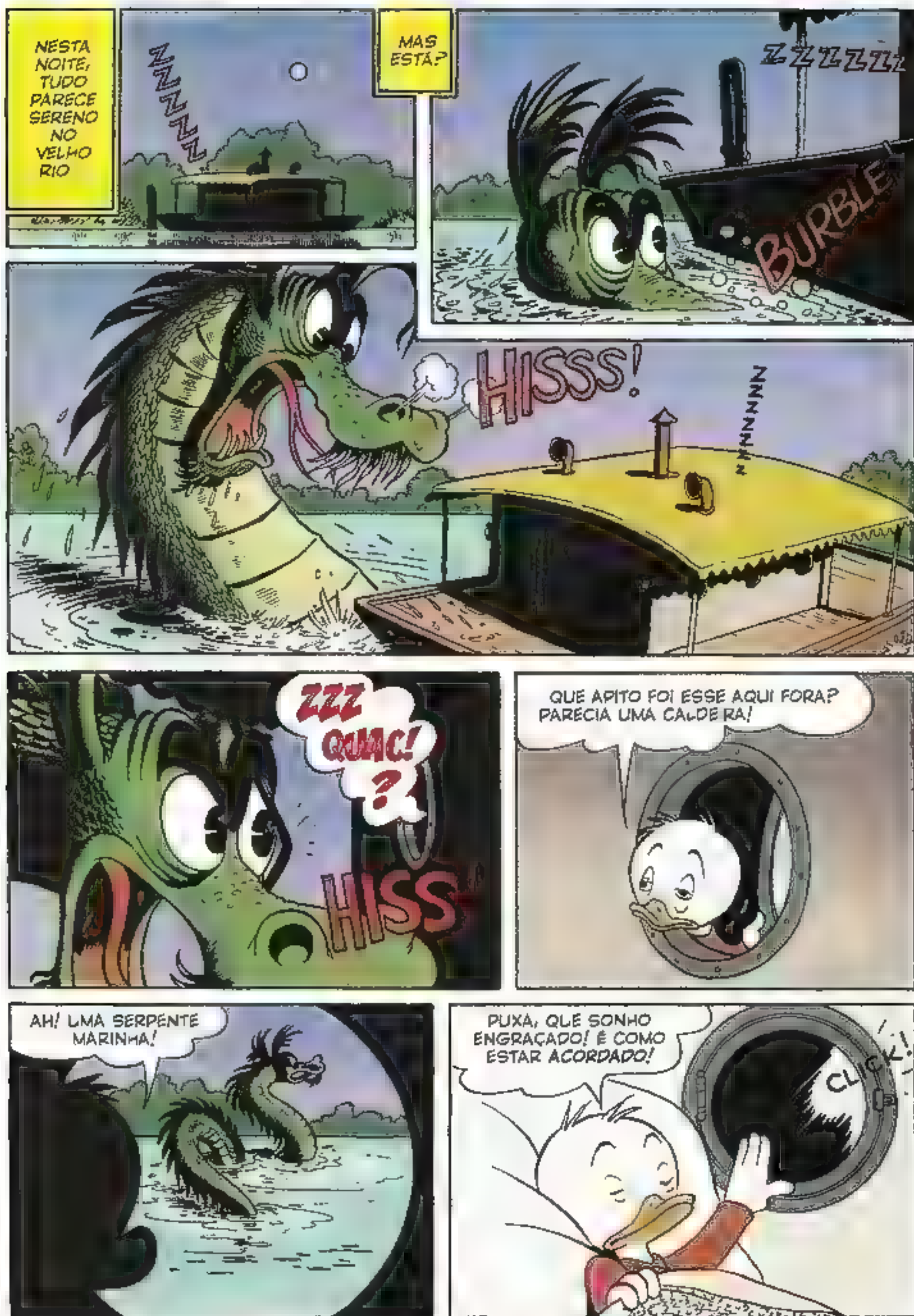




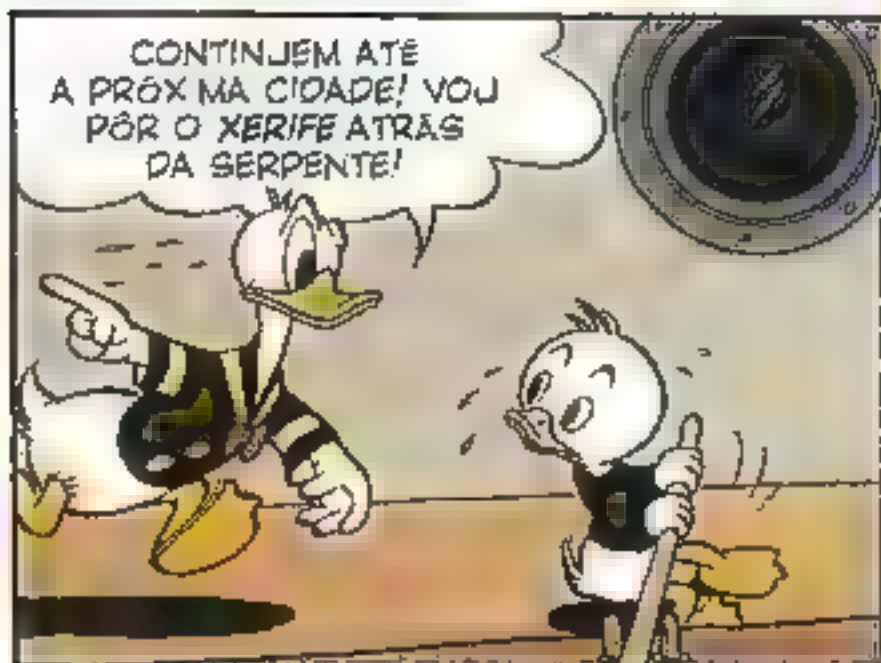
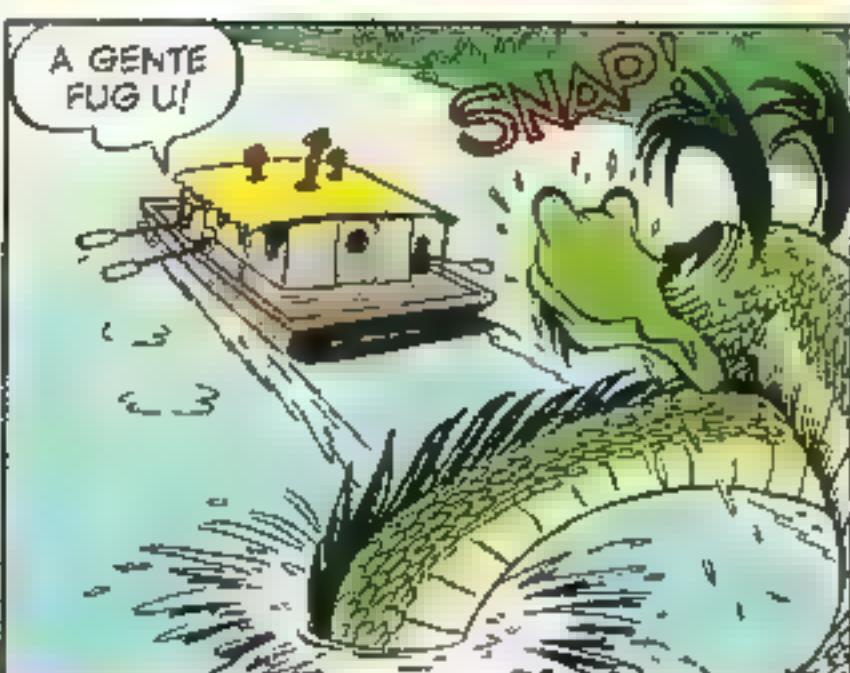
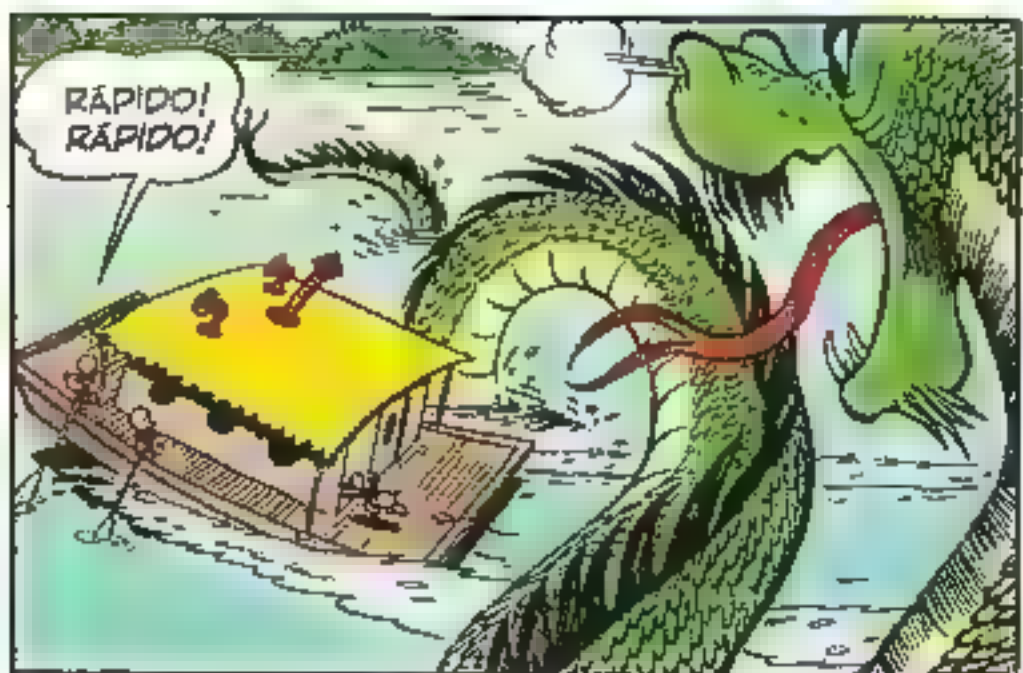
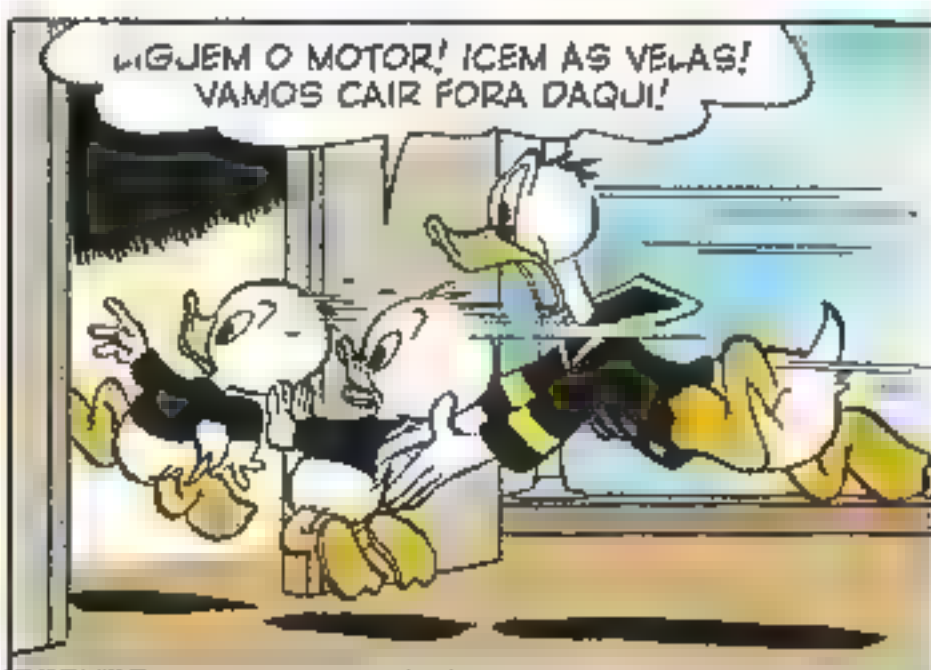
SÉM QUE OS MARUJOS PERCEBAM,
A CORRENTEZA FAZ O BARCO VIRAR!

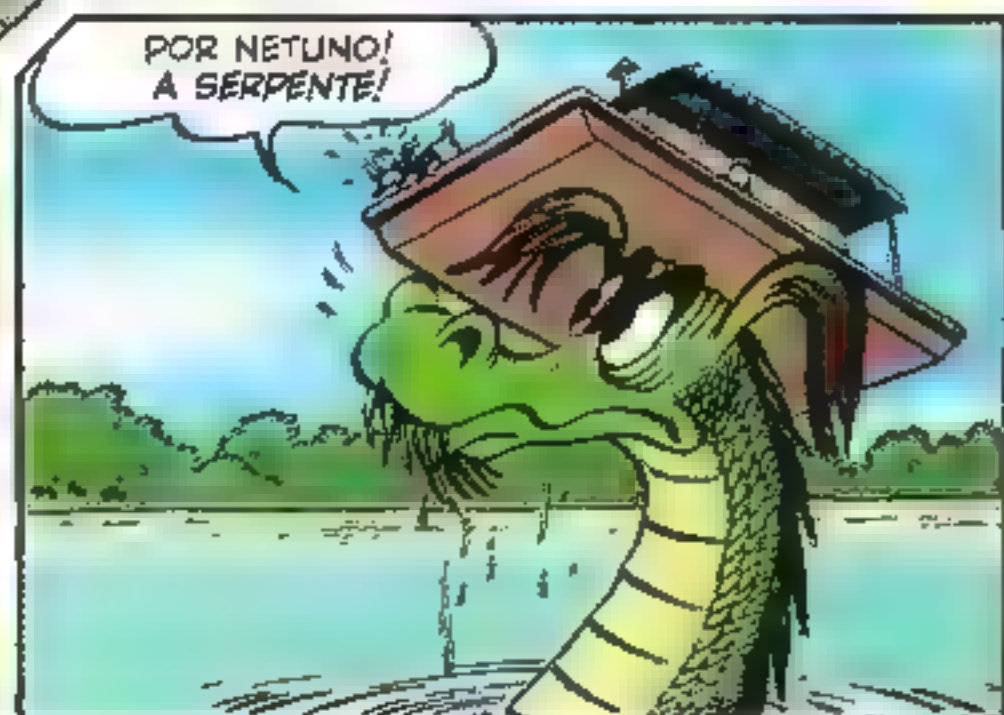
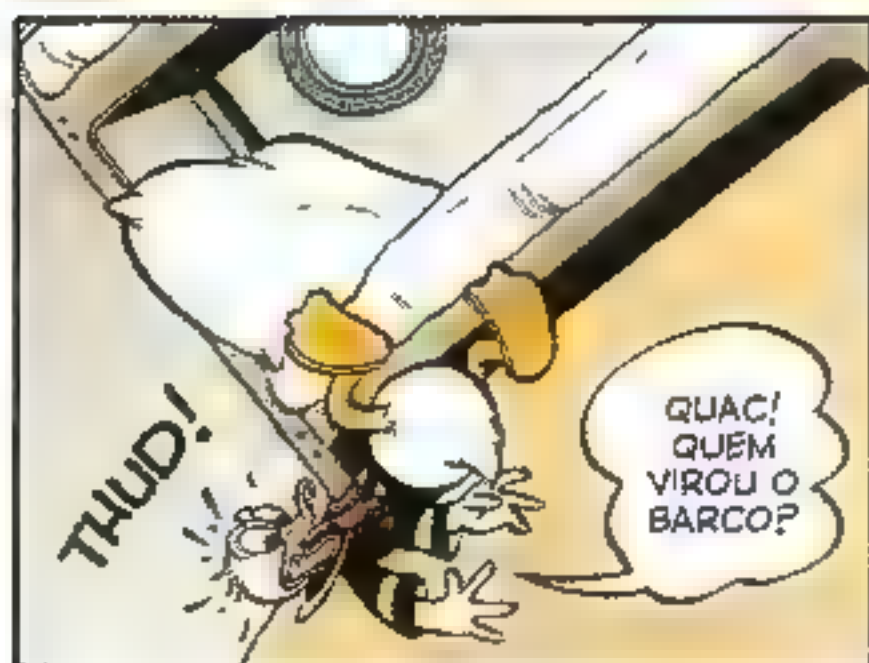
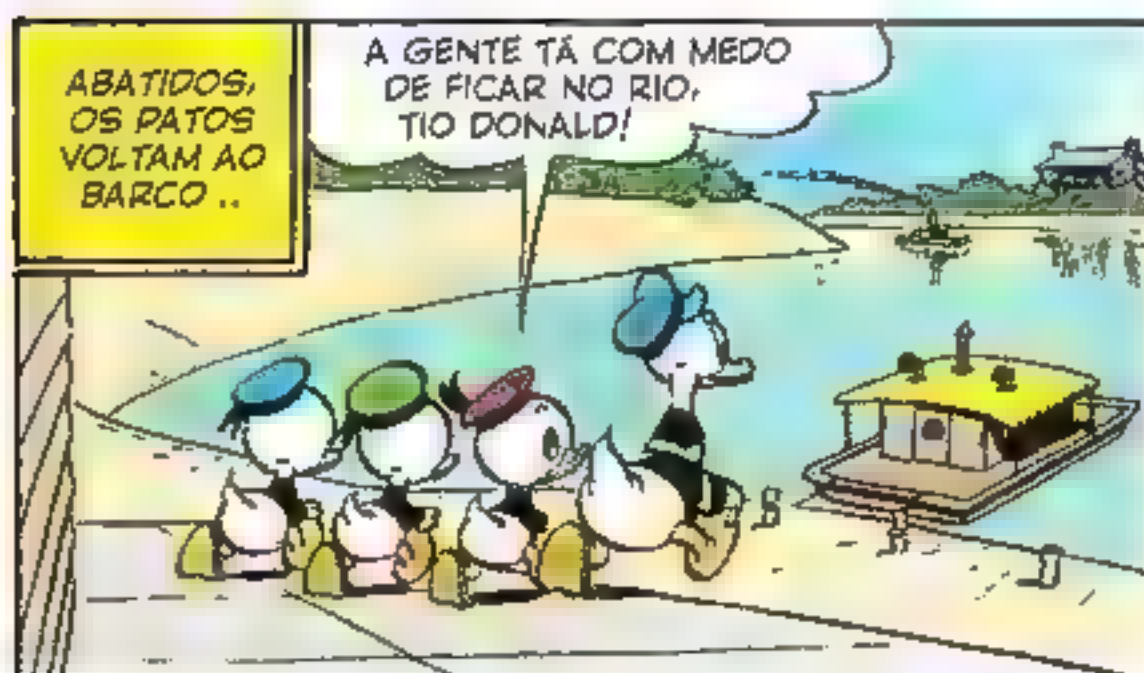


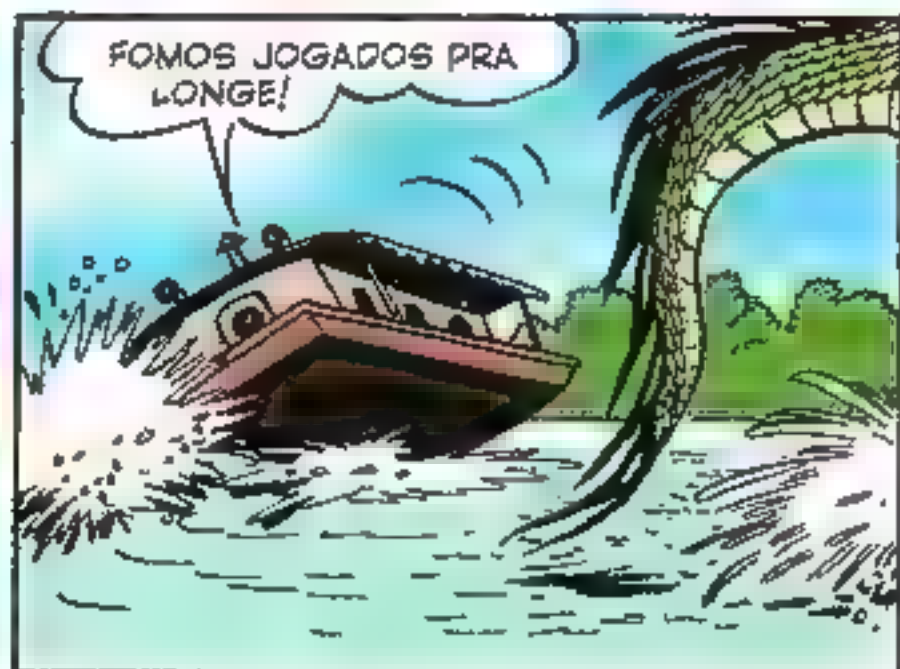
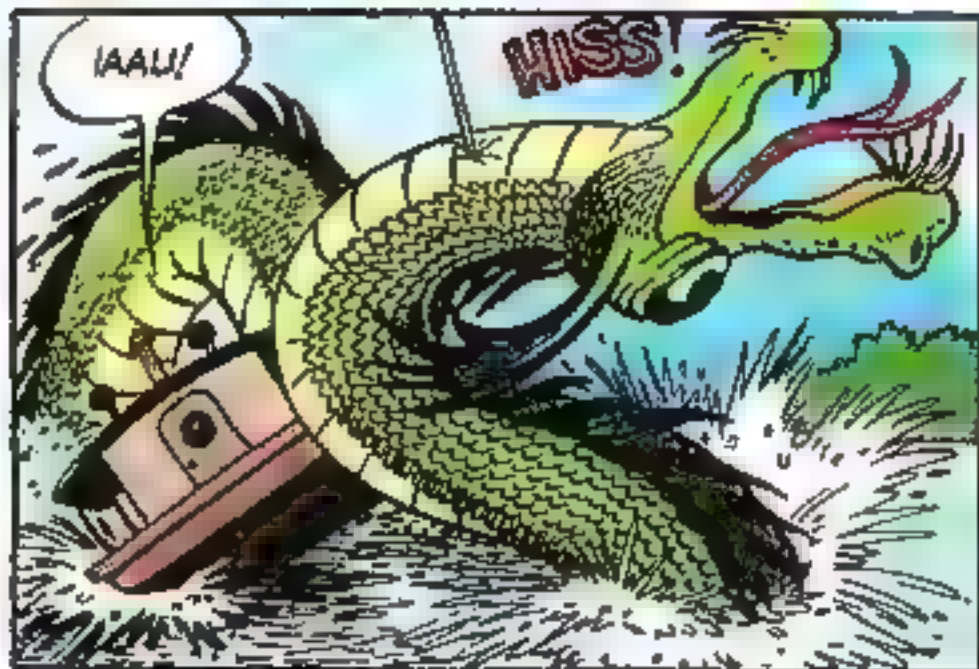
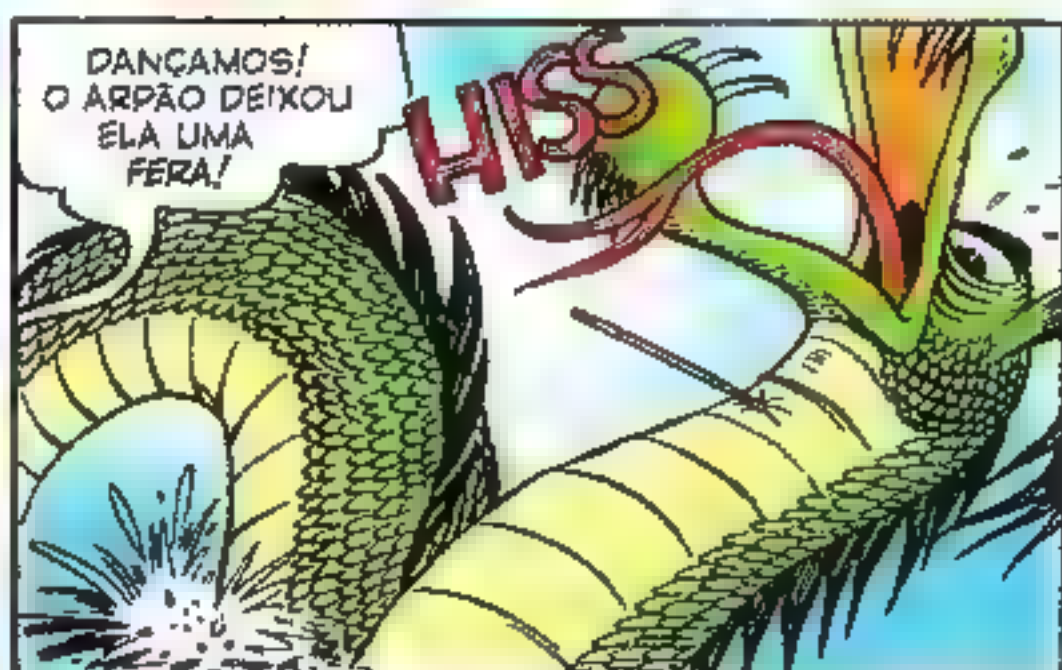
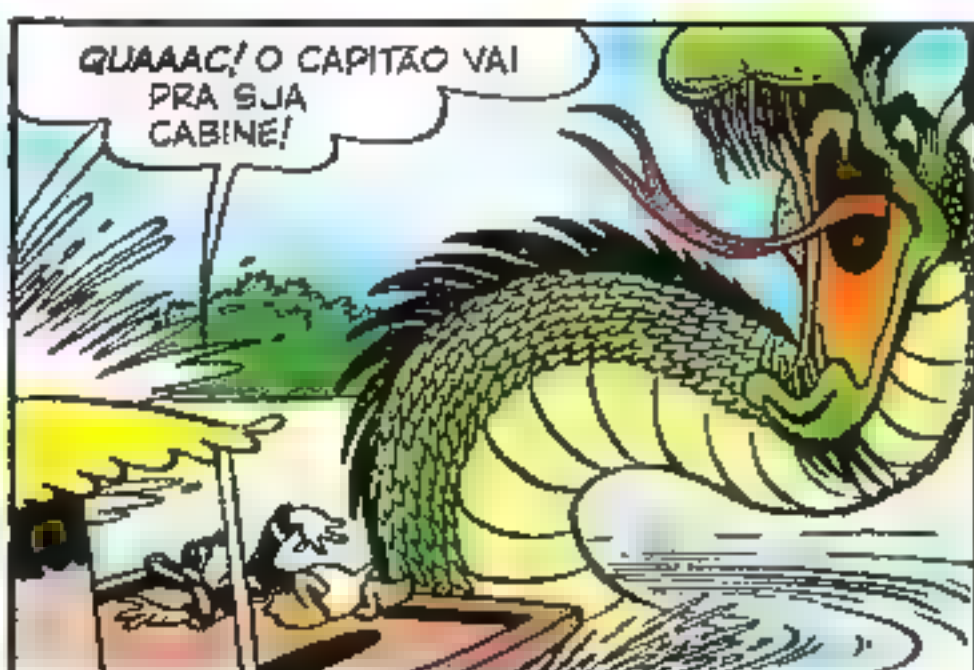


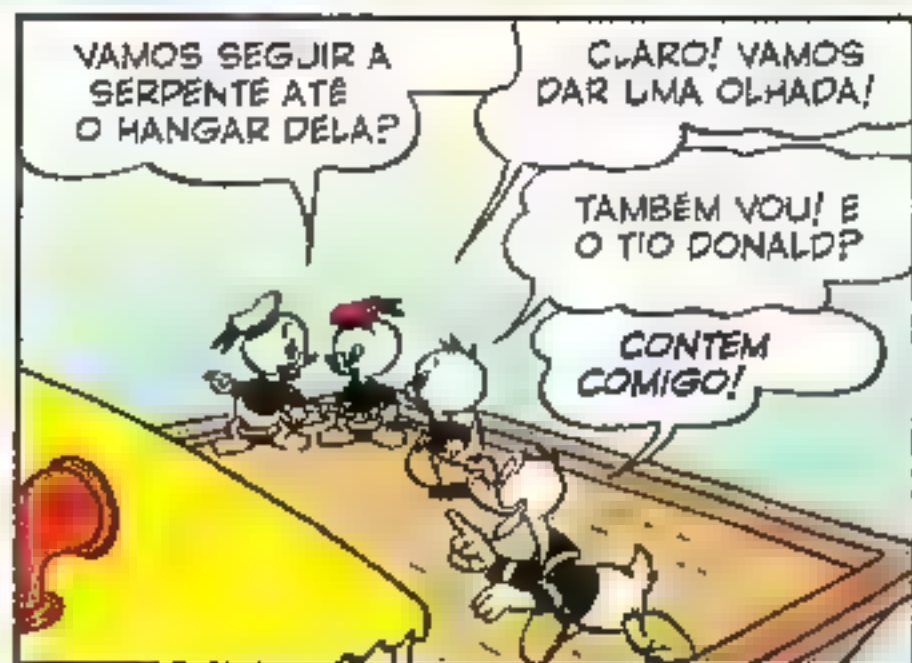
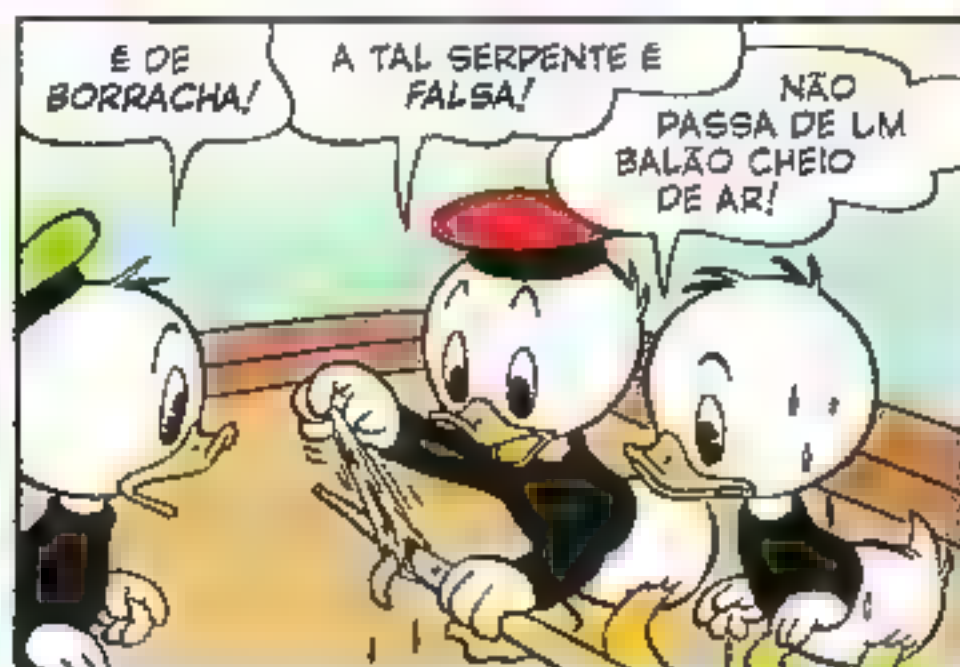




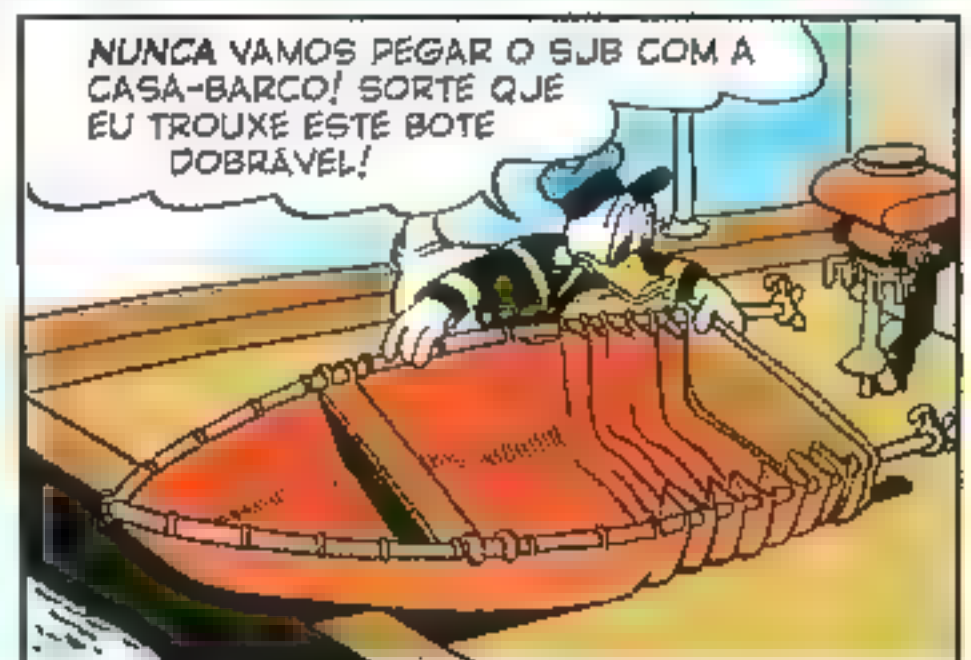
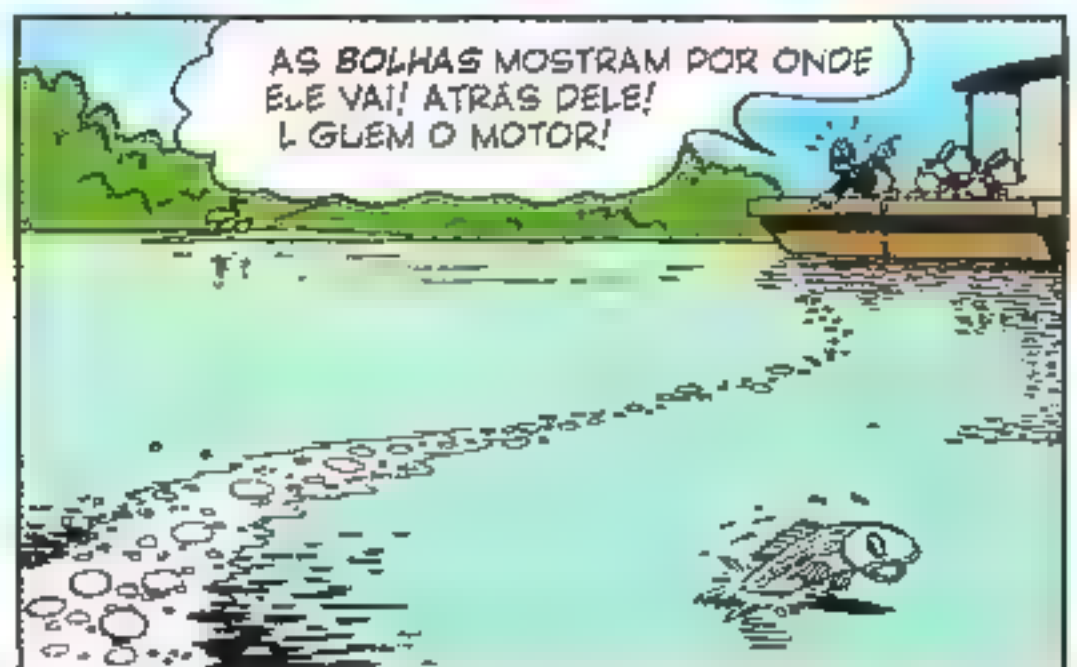
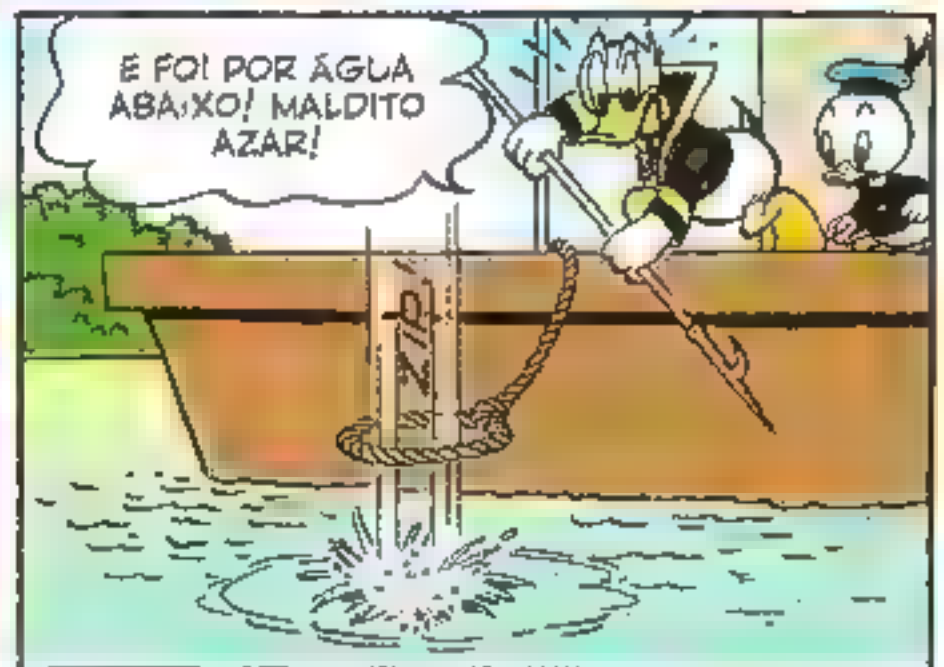


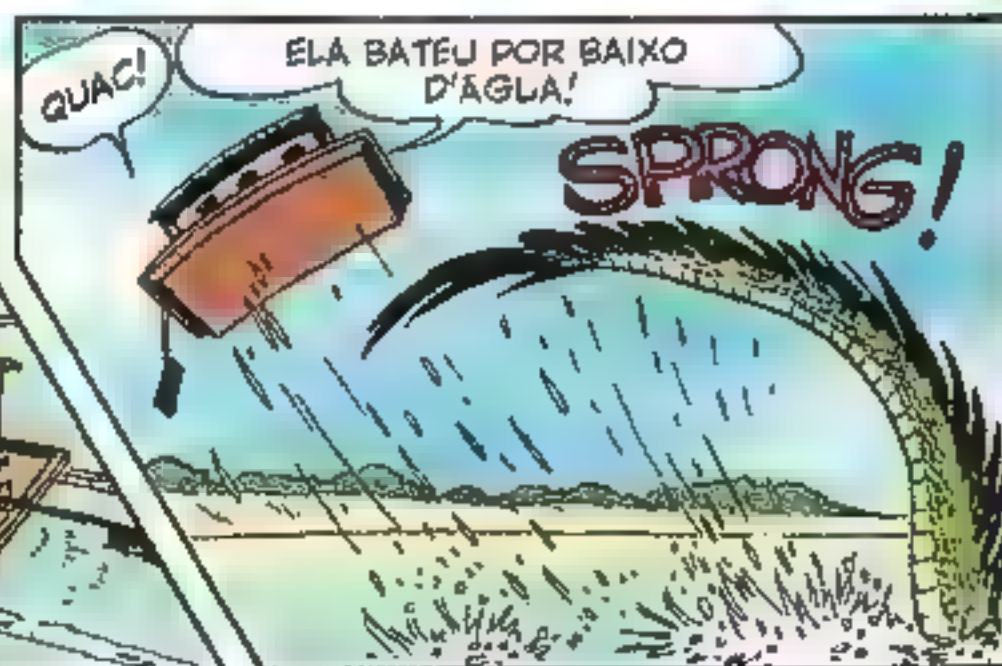
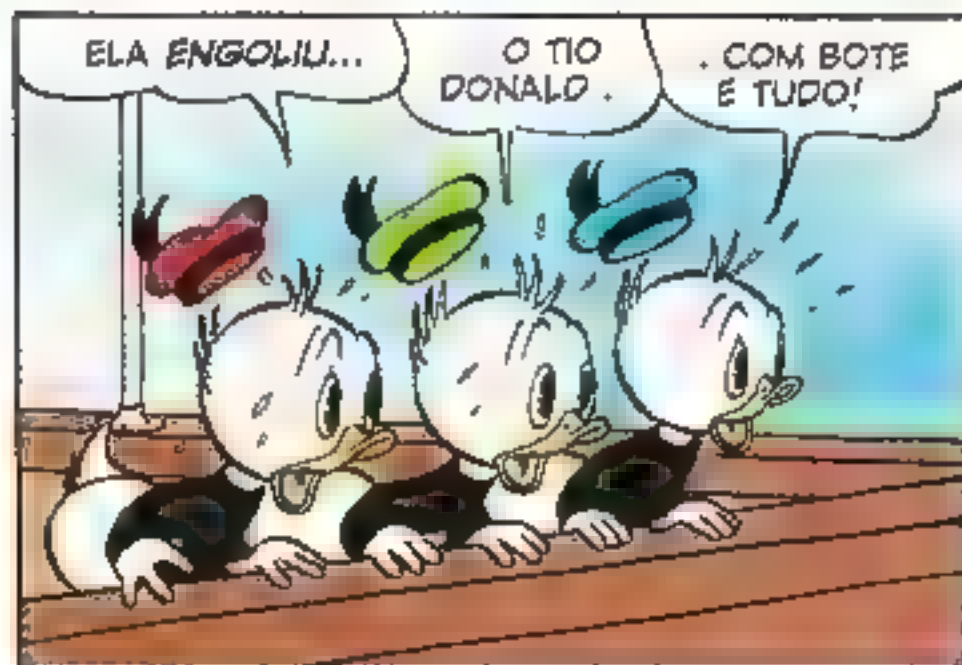
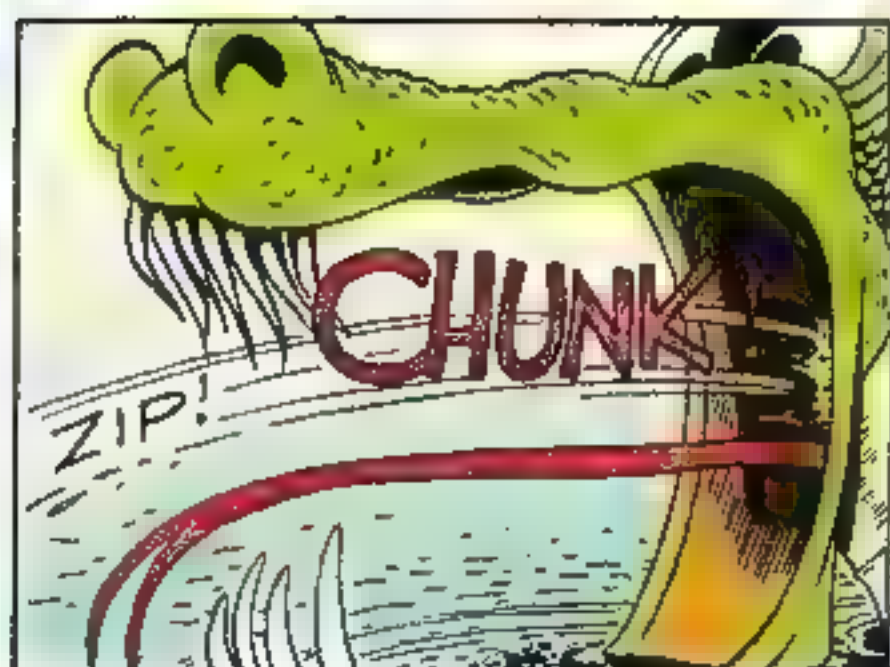
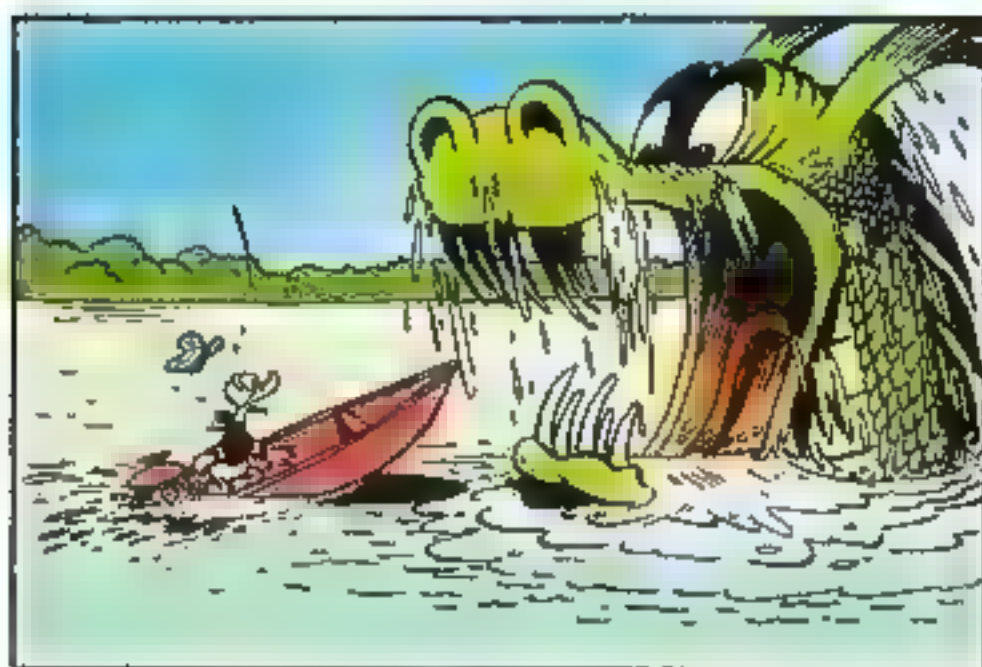


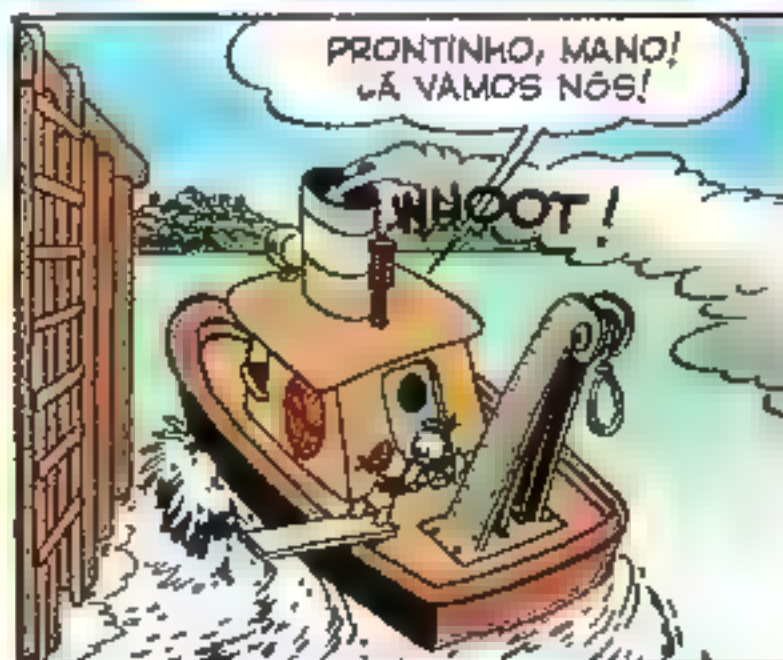
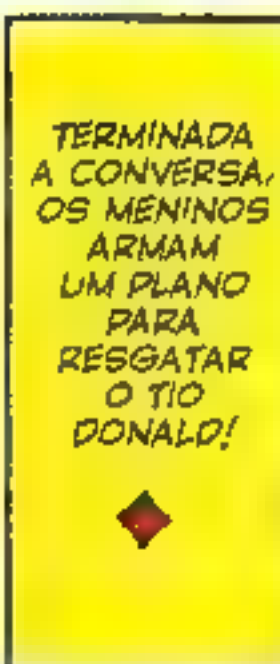
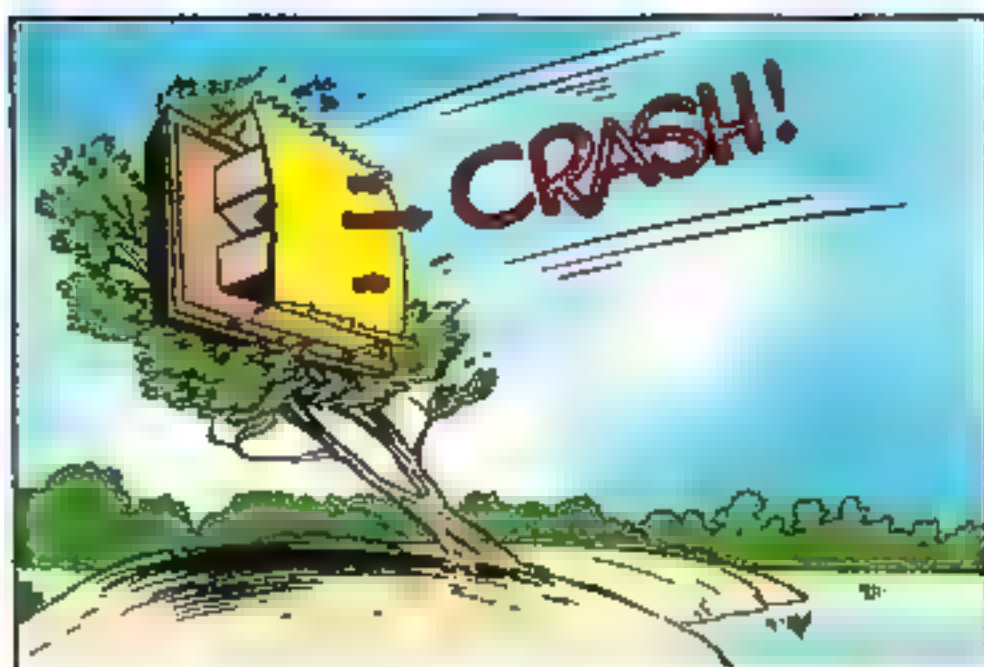




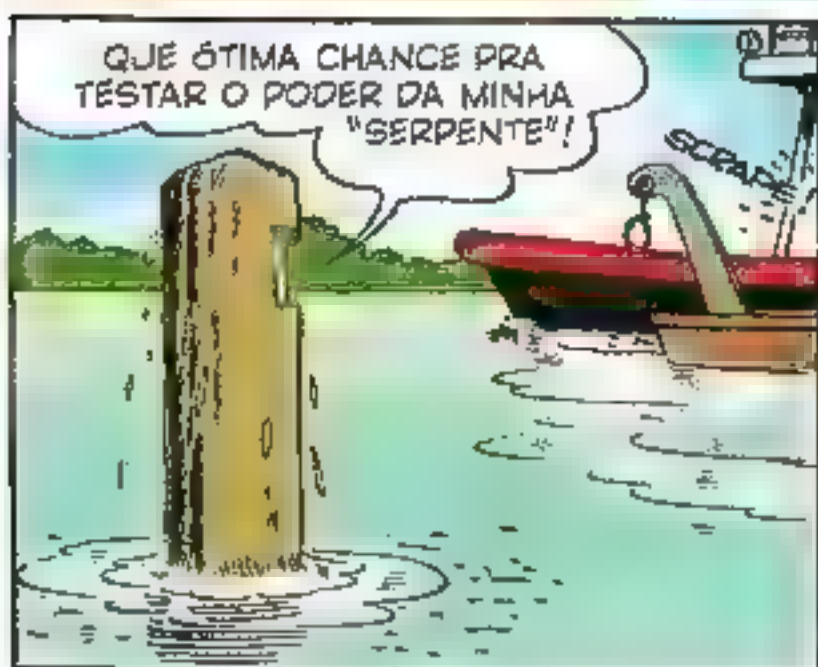
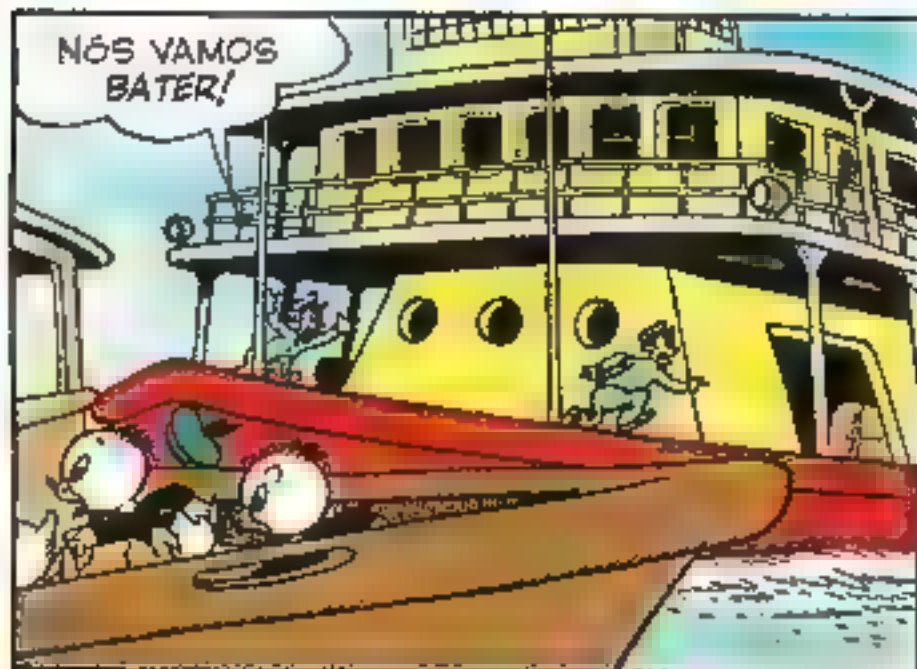
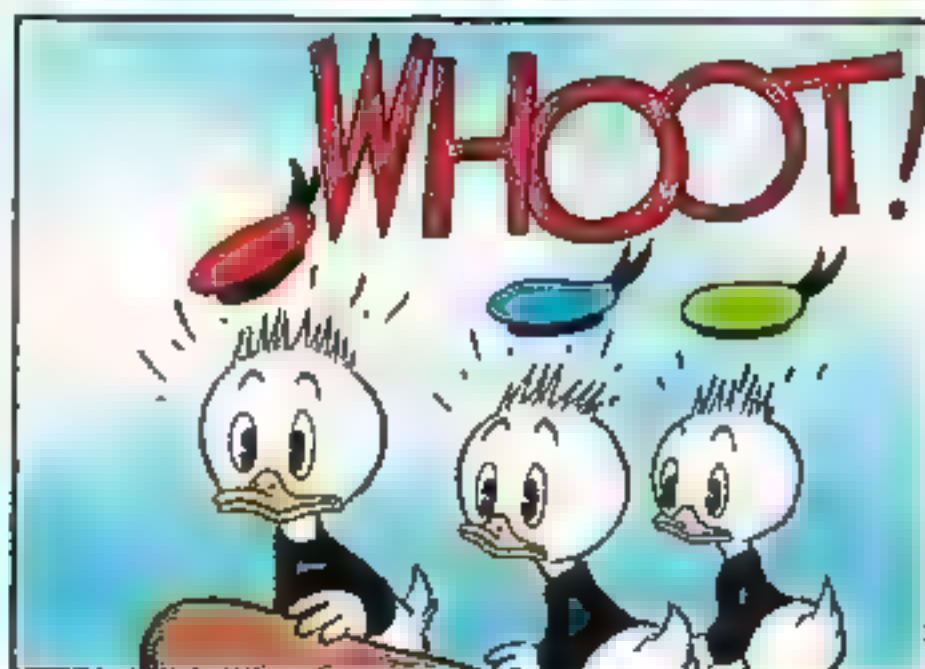


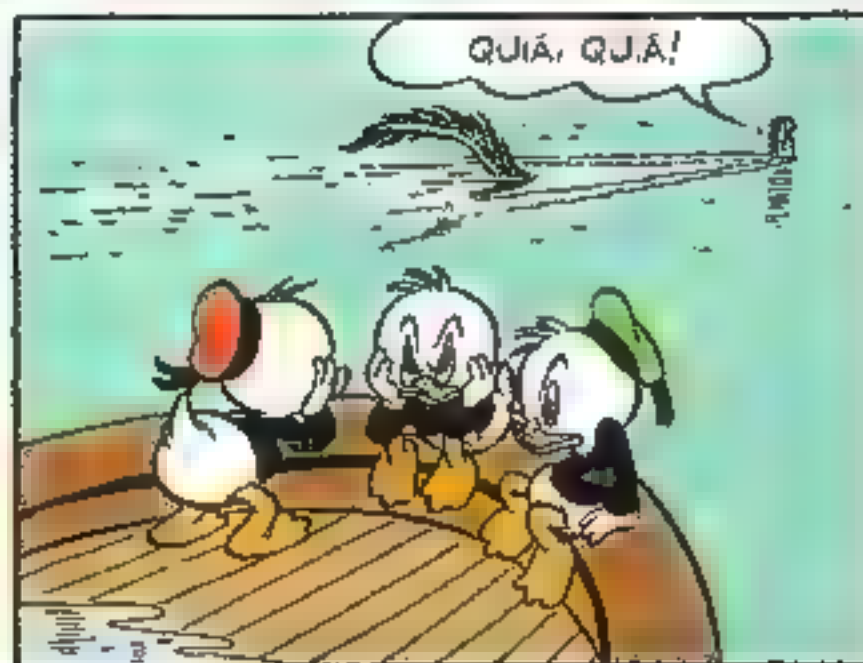
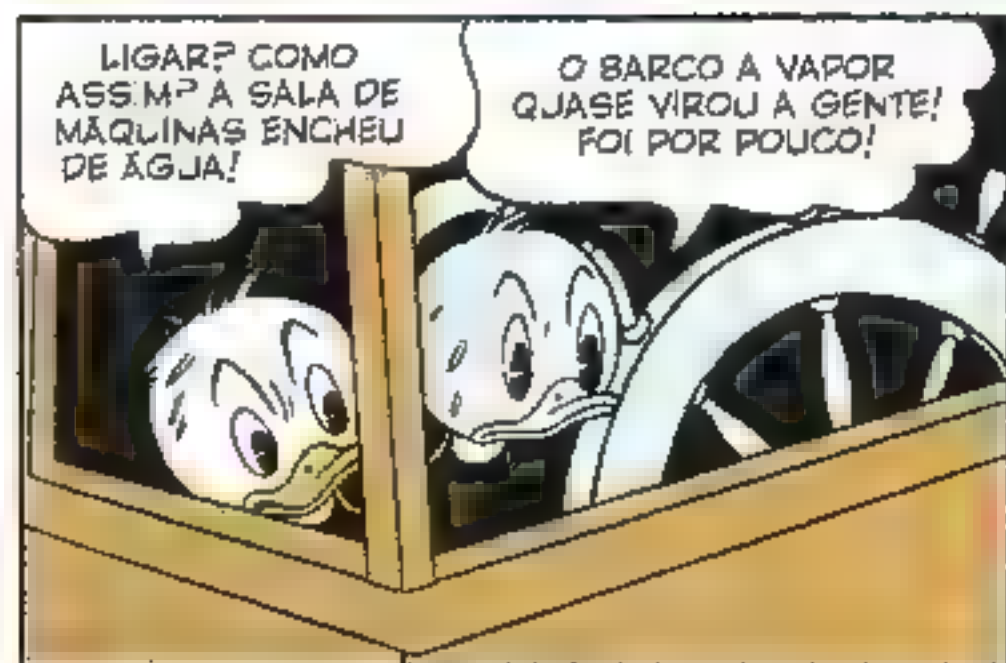
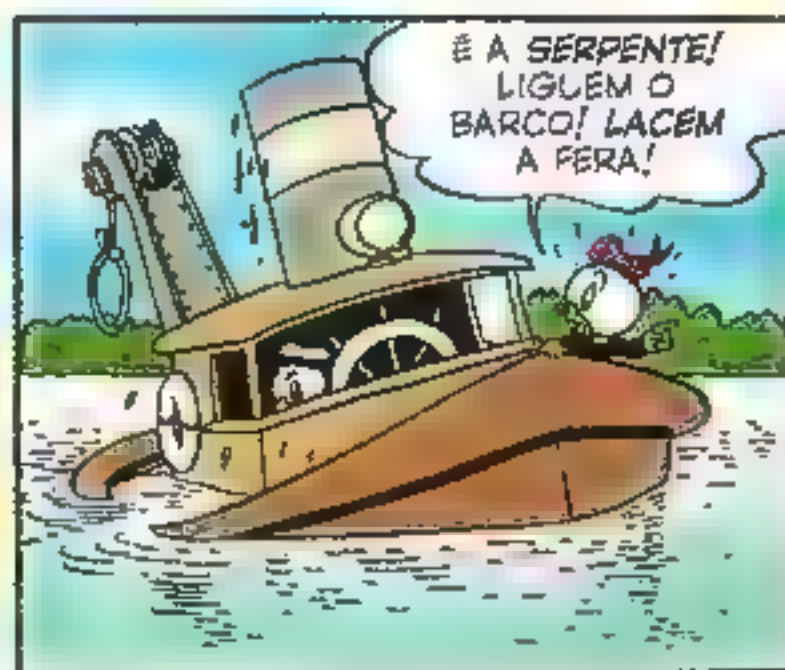
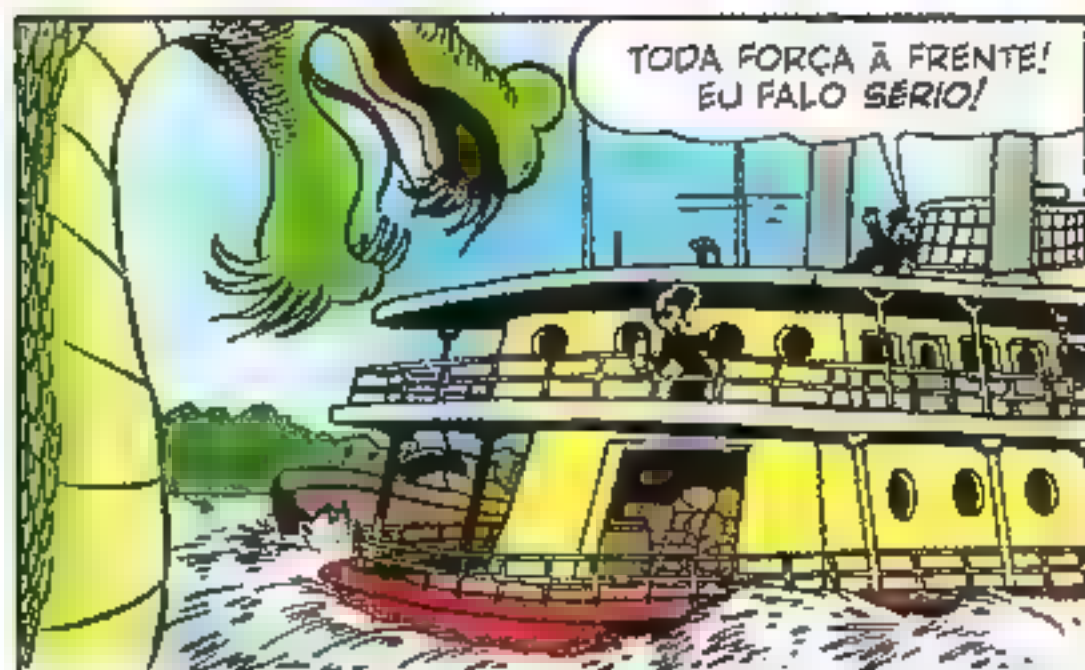
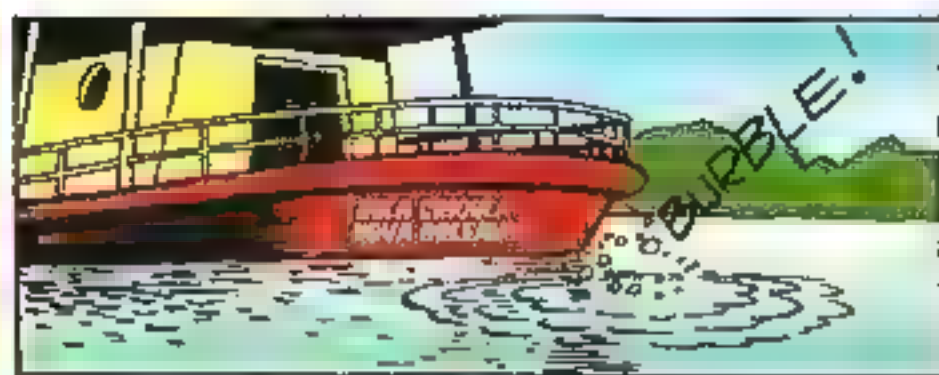


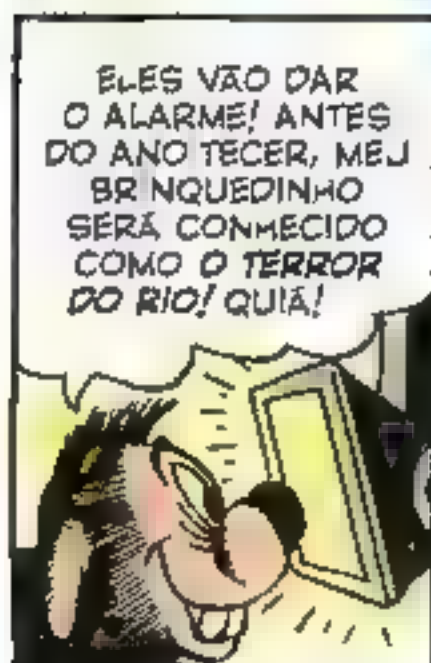




* NAVIO DE GUERRA AMERICANO







OS MENINOS BOTAM O REBOCADOR PARA NAVEGAR DE NOVO!

NOSSA AMIGA SERPENTE ESTÁ SE MOVENDO .. R.O ABAIXO!

VAMOS PRA LÁ TAMBÉM!

FIQUEM DE OLHO NAS BOLHAS!

OS DIAS SEGUINTE SÃO REPLETOS DE TERROR PARA QUEM VIAJA PELO RIO! OS MENINOS ENCONTRAM O RASTRO DA "SERPENTE", MARCADO POR CENAS DE DESTRUÇÃO!

UMA SERPENTE MARINHA G GANTE ESMAGOU MEU IATE COM UM GOLPE DE CALDA!



GRANDES PAQUETES FLUVIAIS NAUFRAGAM QUANDO SUAS TRIPULAÇÕES FRENÉTICAS TENTAM ESCAPAR DA APAVORANTE SERPENTE DE BORRACHA!

TUDO MUNDO CORREU PRA ESTIBORDO E O BARCO TOMBOU PRO LADO!



A GUARDA COSTEIRA ENTRA EM CENA, ARMADA ATÉ OS DENTES!

A SERPENTE DEVE AFLUNDAR NA LAMA QUANDO A GENTE APARECE! NÃO ACHAMOS NADA COM A DRAGA NEM O RADAR!



A GENTE DEVE CONTAR COMO RASTREAR PELAS BOLHAS?

NÃO! ELES LANÇARIAM BOMBAS NELA ..

...E SERIA O FIM DO TIO DONALD!



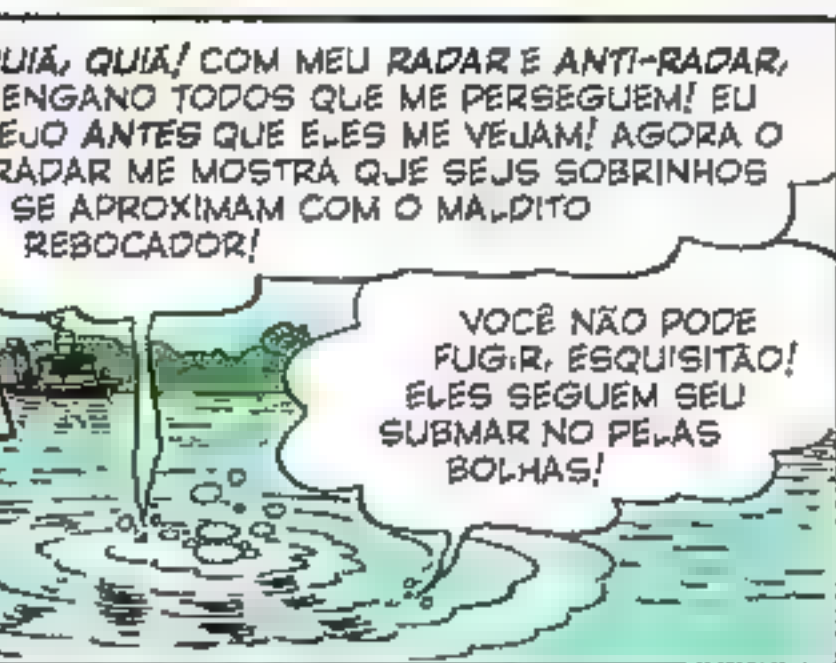
TEMOS QUE TORCER PRA NINGUÉM ENCONTRAR A SERPENTE ANTES DA GENTE! ALÉM DO MAIS, ESTAMOS EQUIPADOS PRA ACABAR COM ELA MAIS RÁPIDO QUE QUALQUER UM! FIQUEM DE OLHOS ABERTOS E BICO CALADO!



SOB A ÁGUA, TUDO CORRE BEM PRO COMANDANTE DO SUBMARINO INIMIGO!

QUIÃ, QUIÃ! COM MEU RADAR E ANTI-RADAR, ENGANO TODOS QUE ME PERSEGUEM! EU VEJO ANTES QUE ELES ME VEJAM! AGORA O RADAR ME MOSTRA QUE SEJS SOBRINHOS SE APROXIMAM COM O MALDITO REBOCADOR!

VOCÊ NÃO PODE FUGIR, ESQUISITÃO! ELES SEGUEM SEU SUBMARINO PELAS BOLHAS!



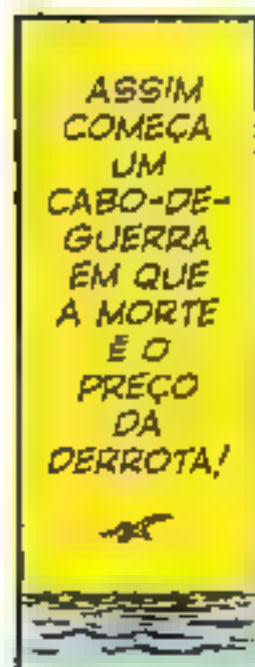
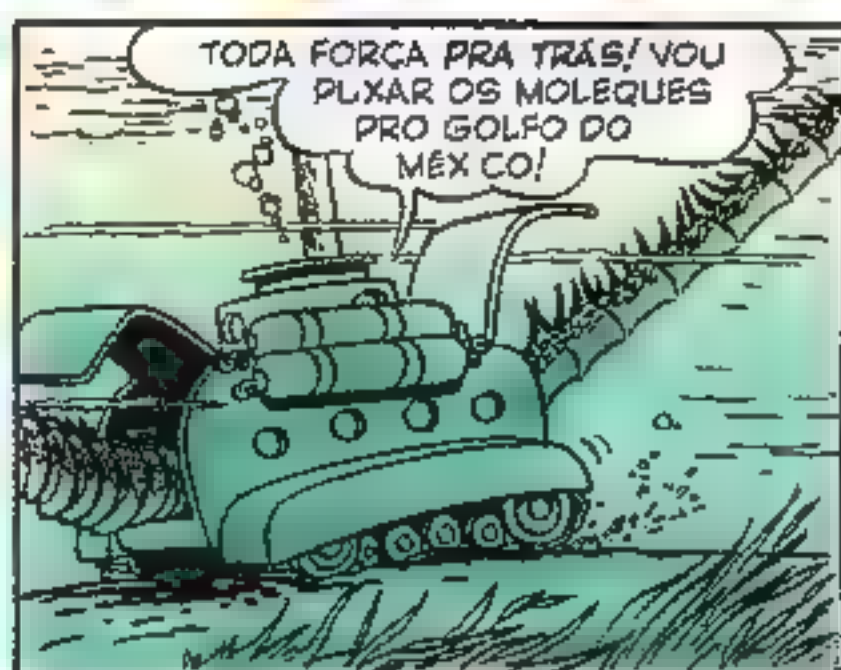
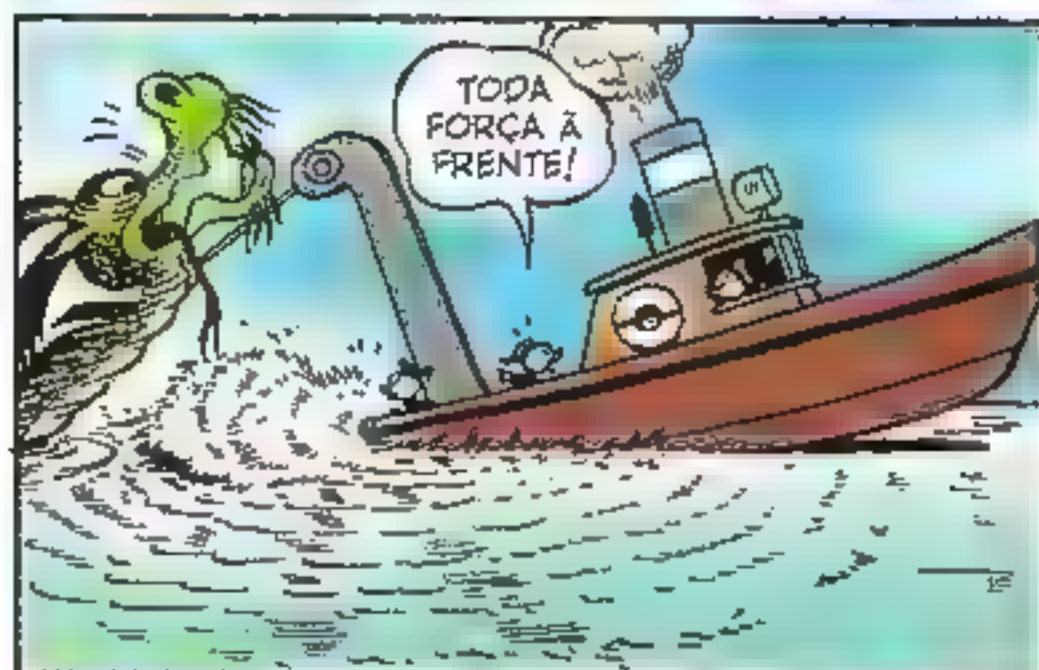
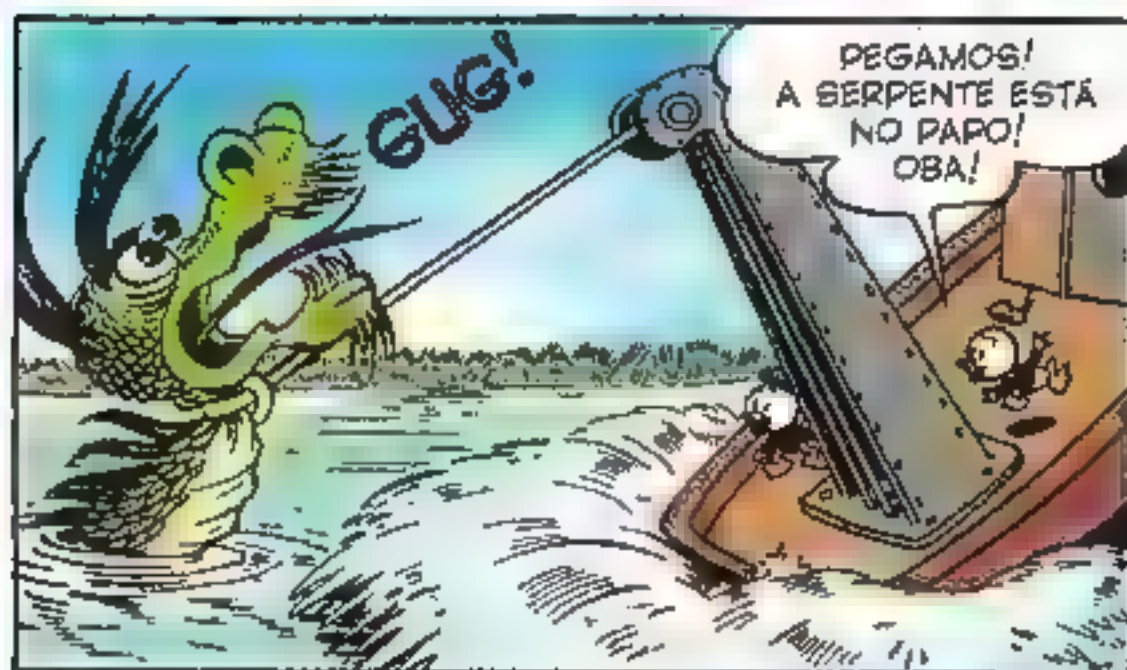
ENTÃO É ASSIM QUE ELES FAZEM? VALEU PELA DICA, LINGUARUDO! VOU ACABAR COM AS BOLHAS JÁ!



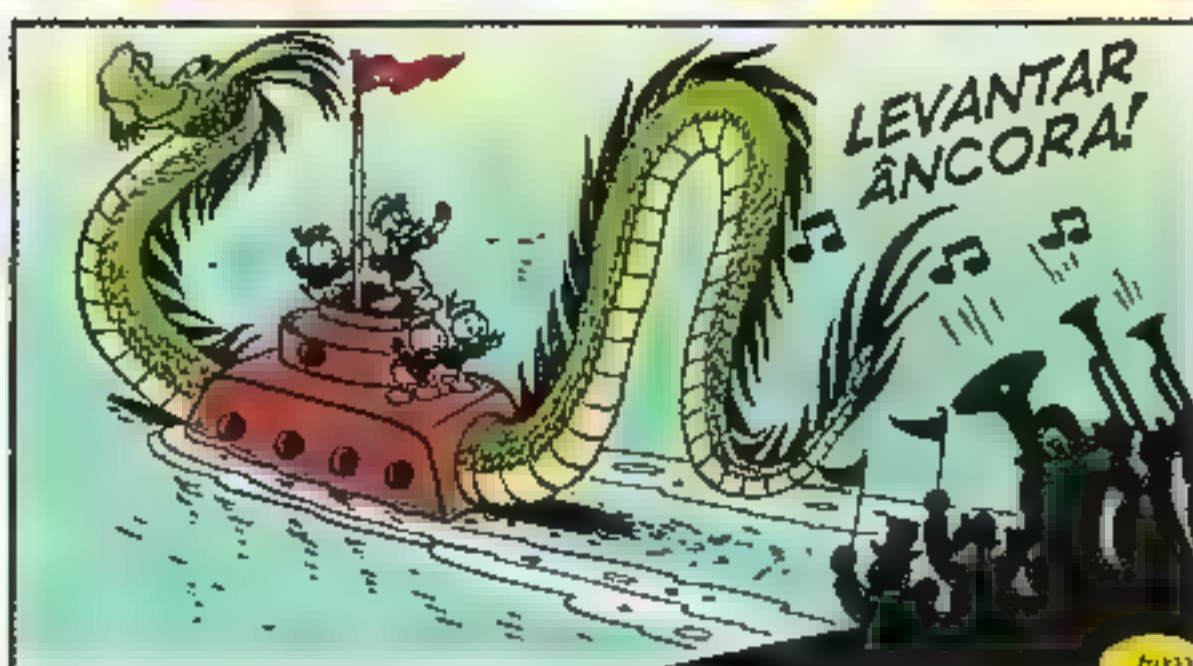
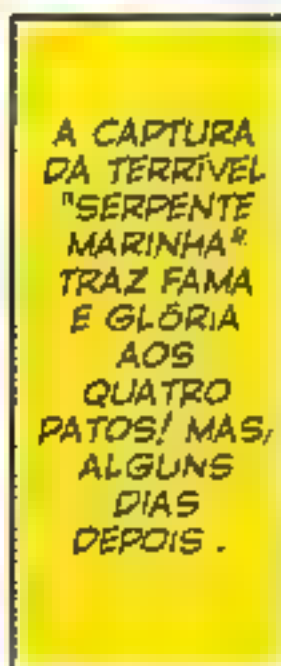
PORQUE
O DONALD
DEU COM
A LINGUA
NOS DENTES,
OS MENINOS
PASSAM
PELO
SUBMARINO
SEM NOTAR
SUA
PRESENÇA!



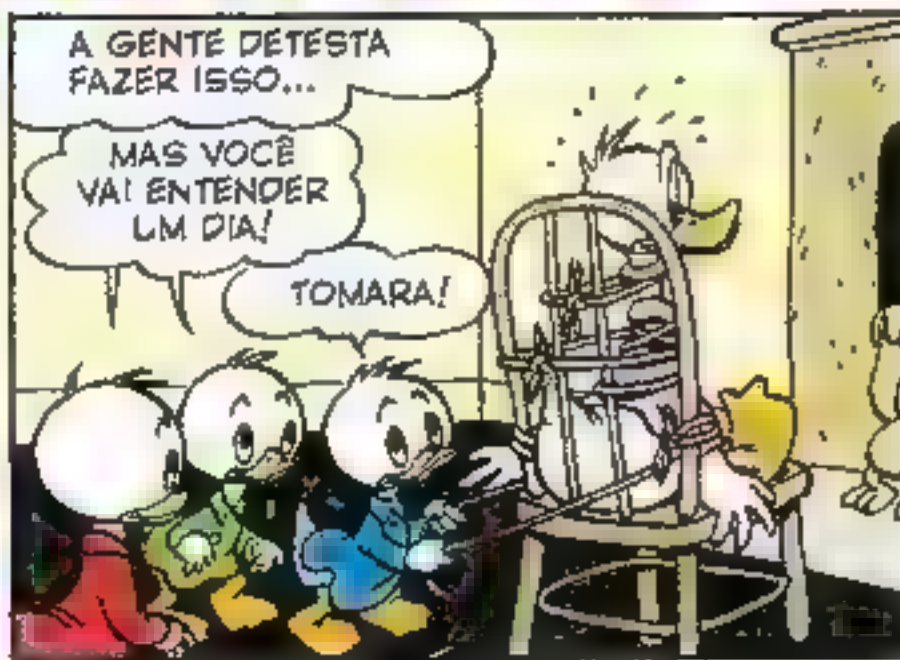
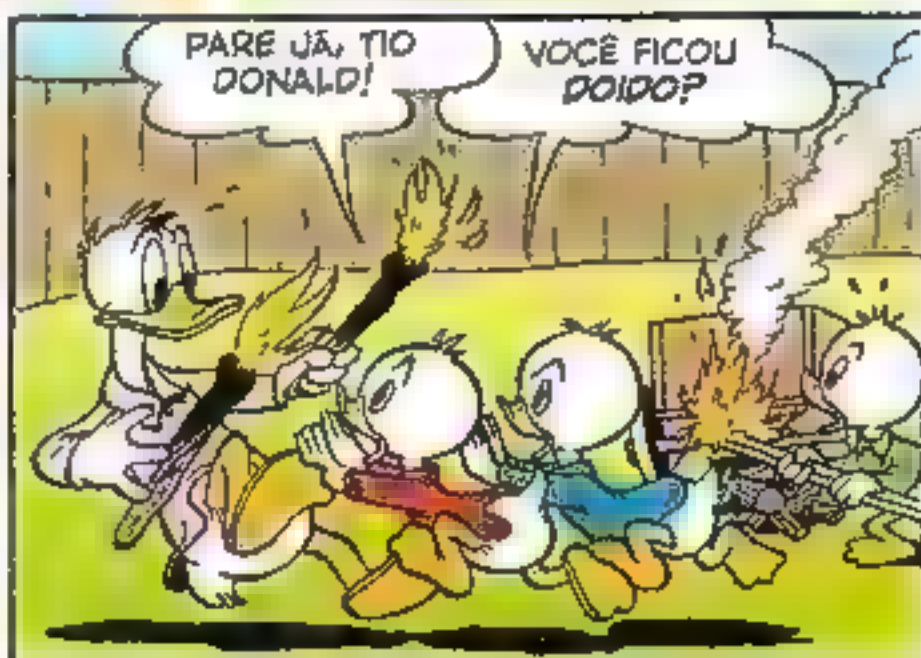


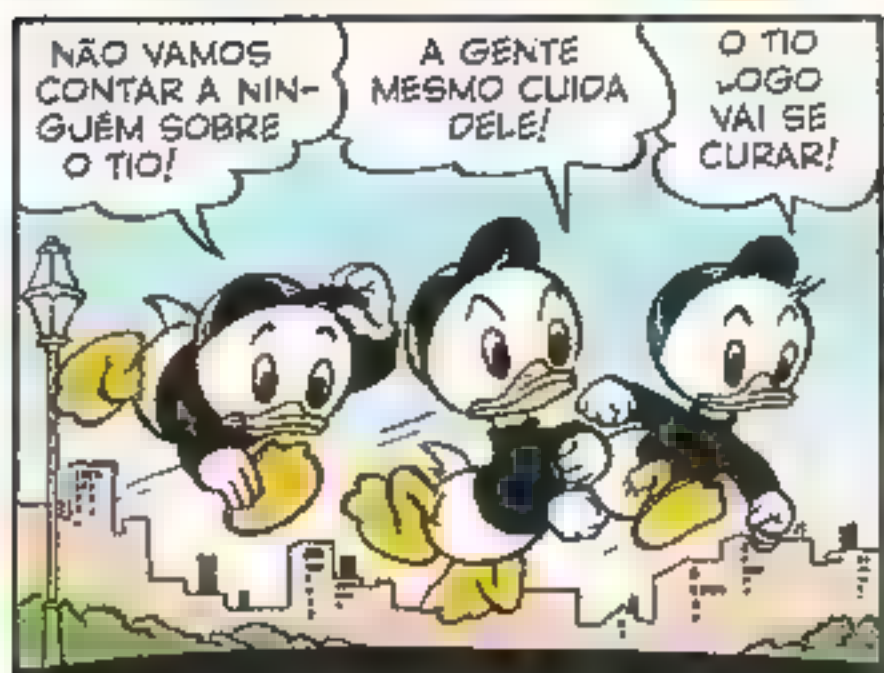


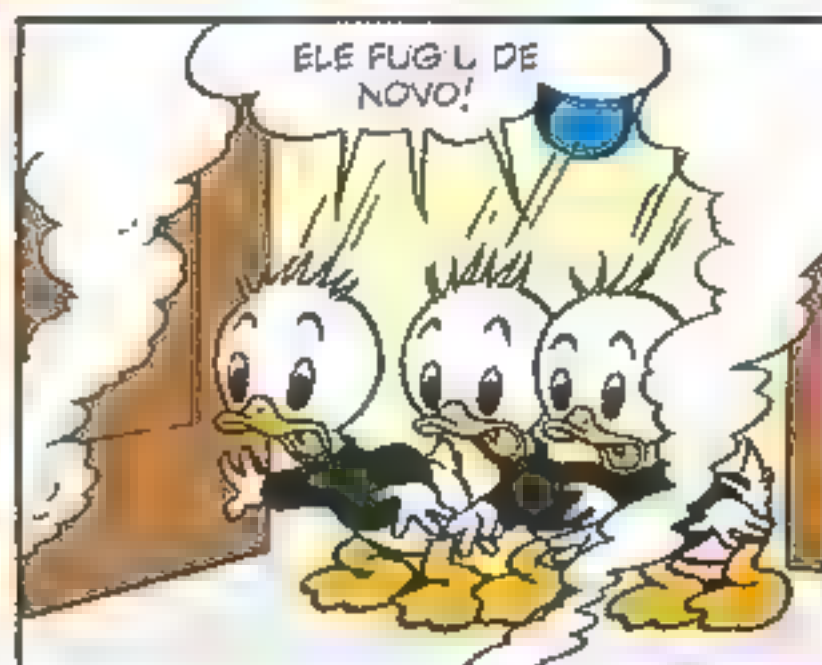
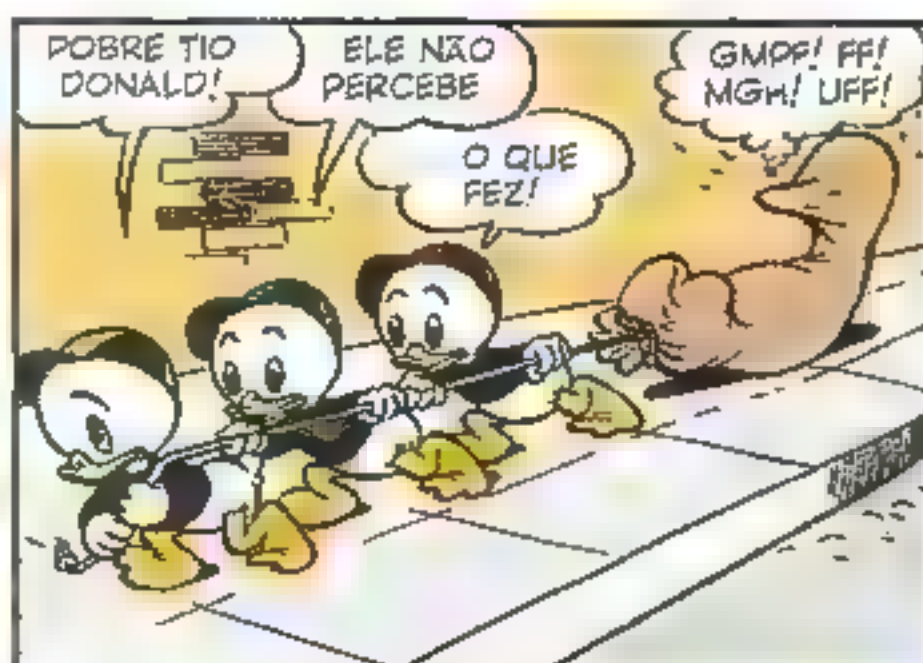


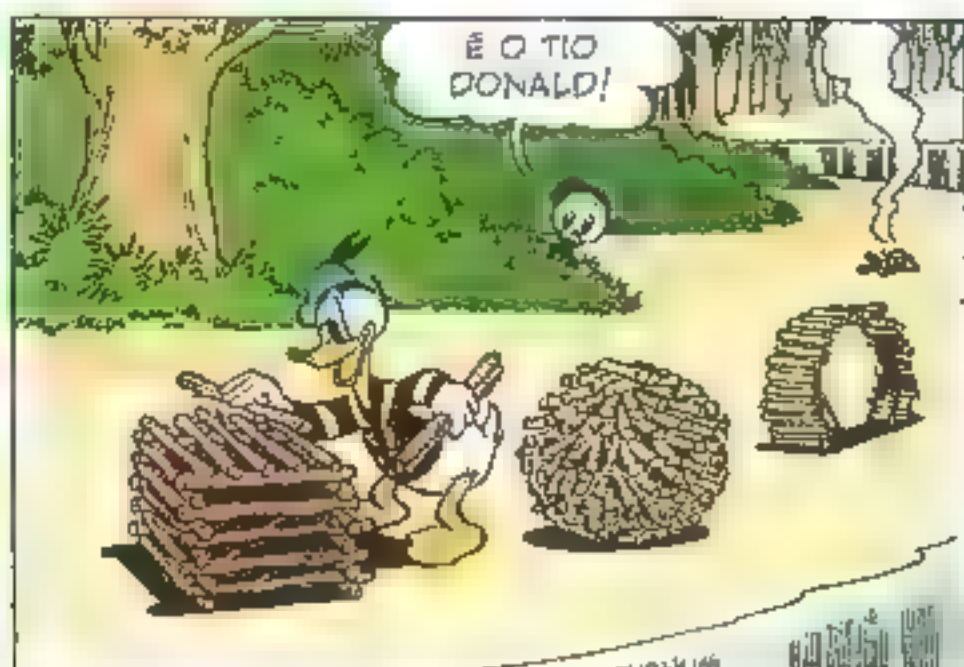
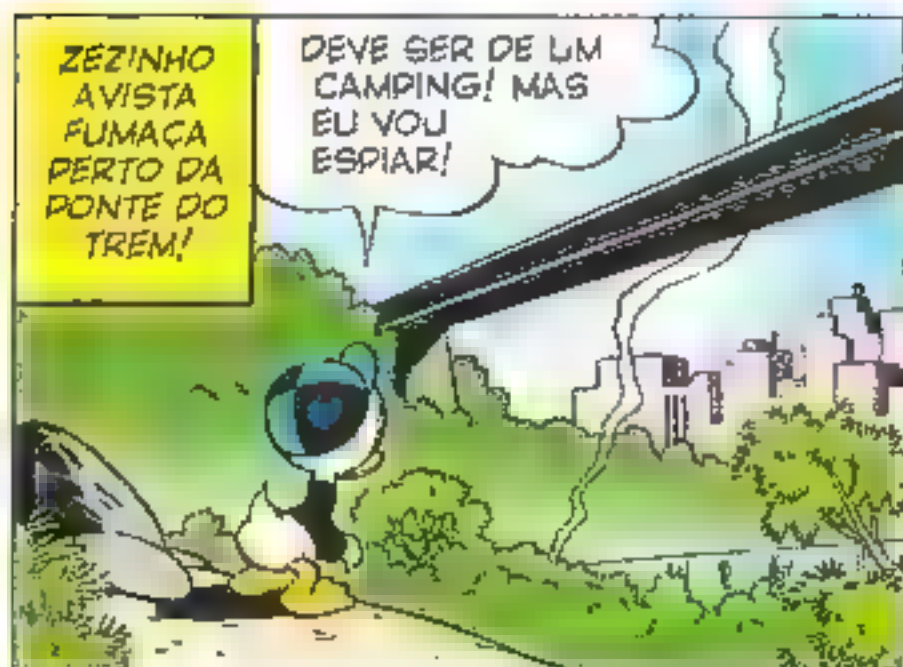












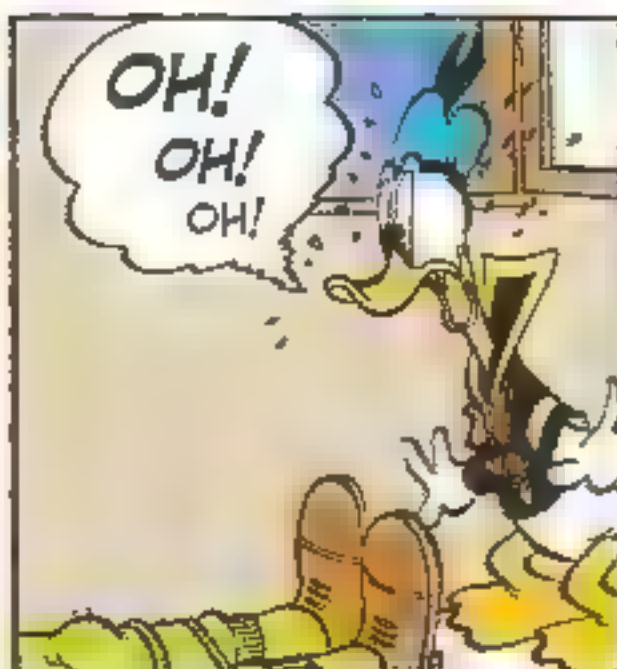




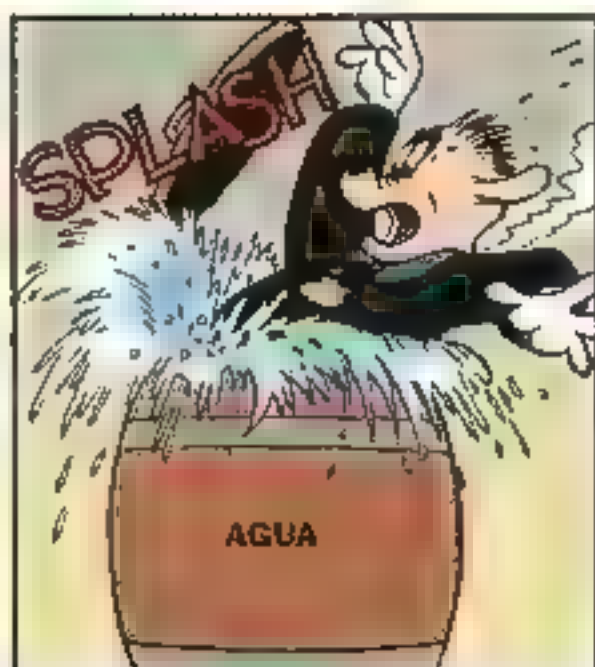
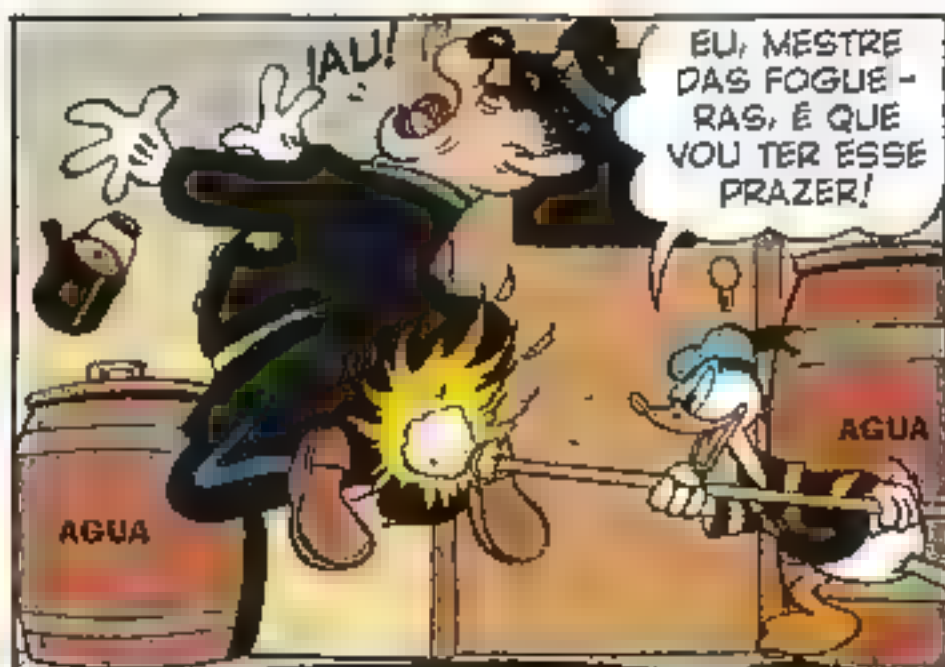


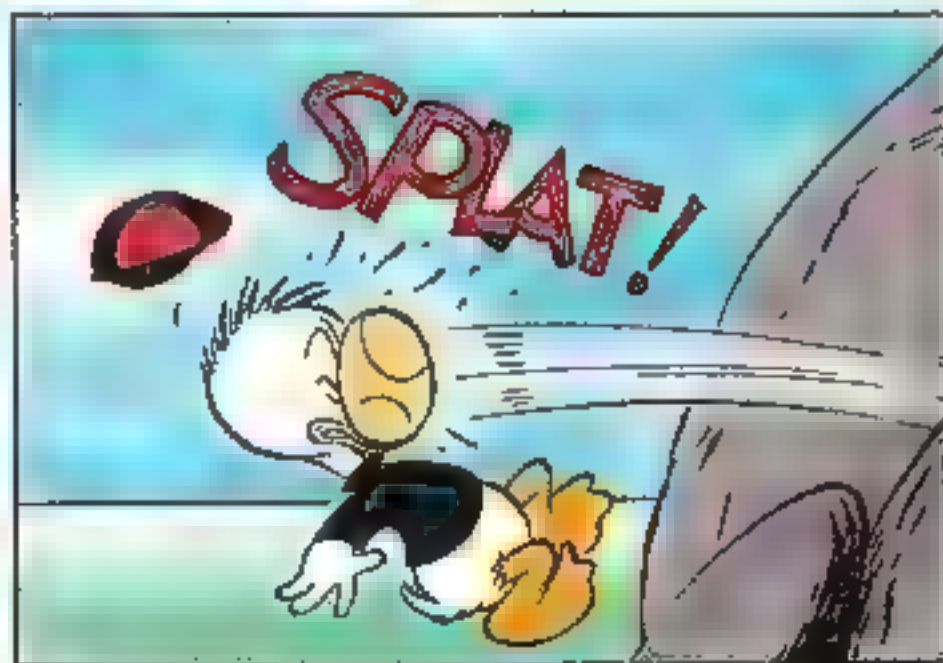
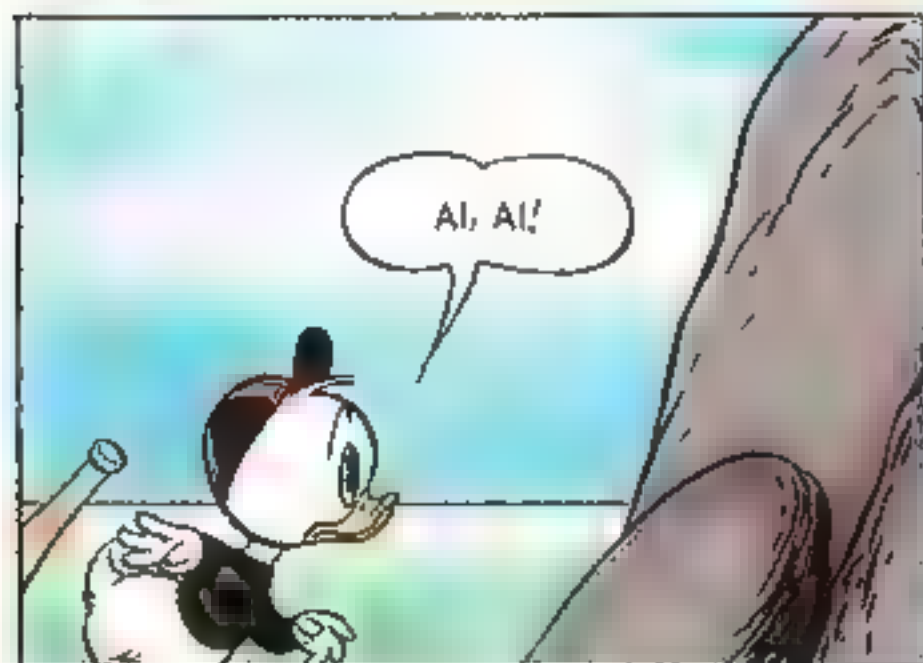
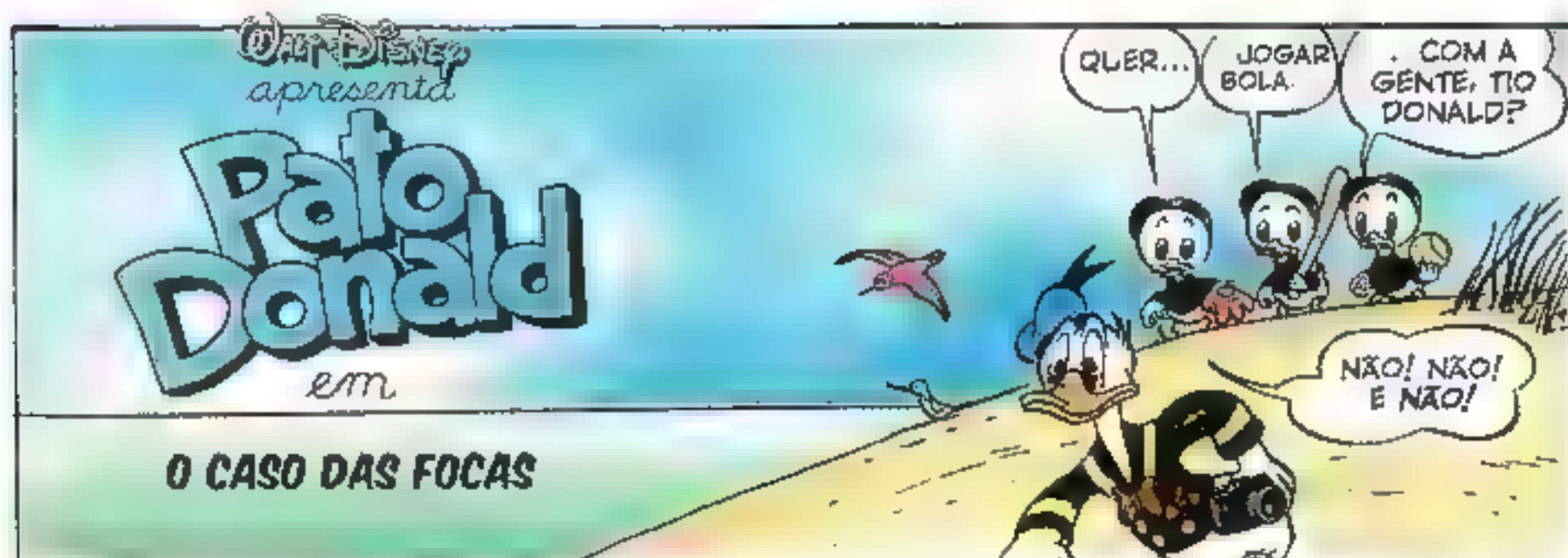


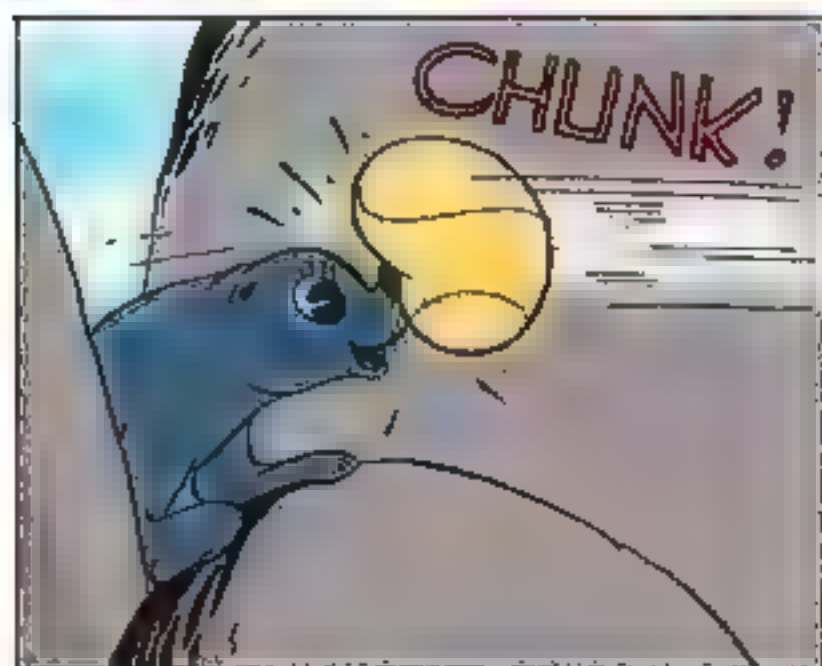
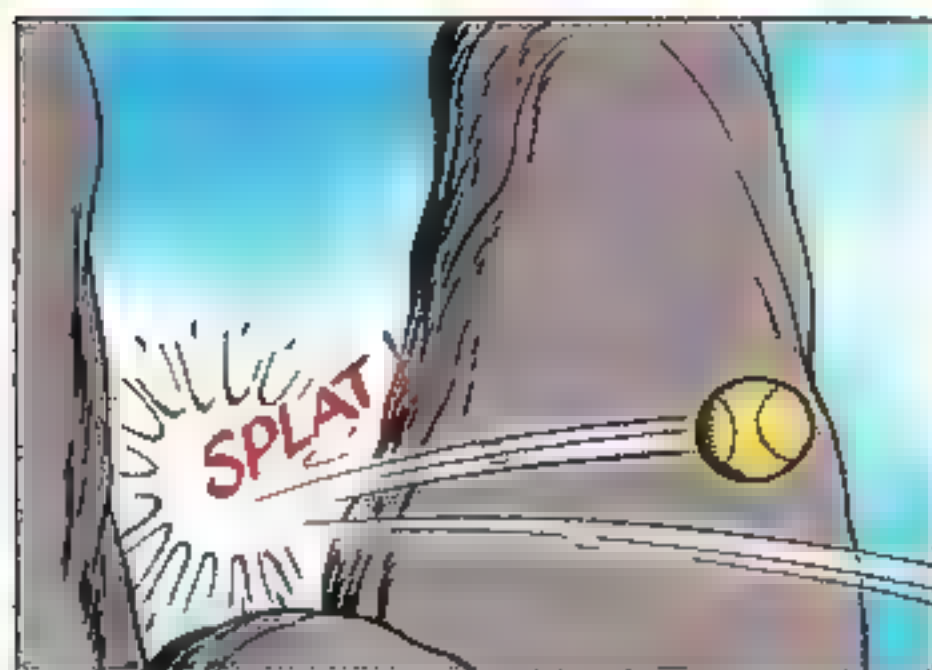


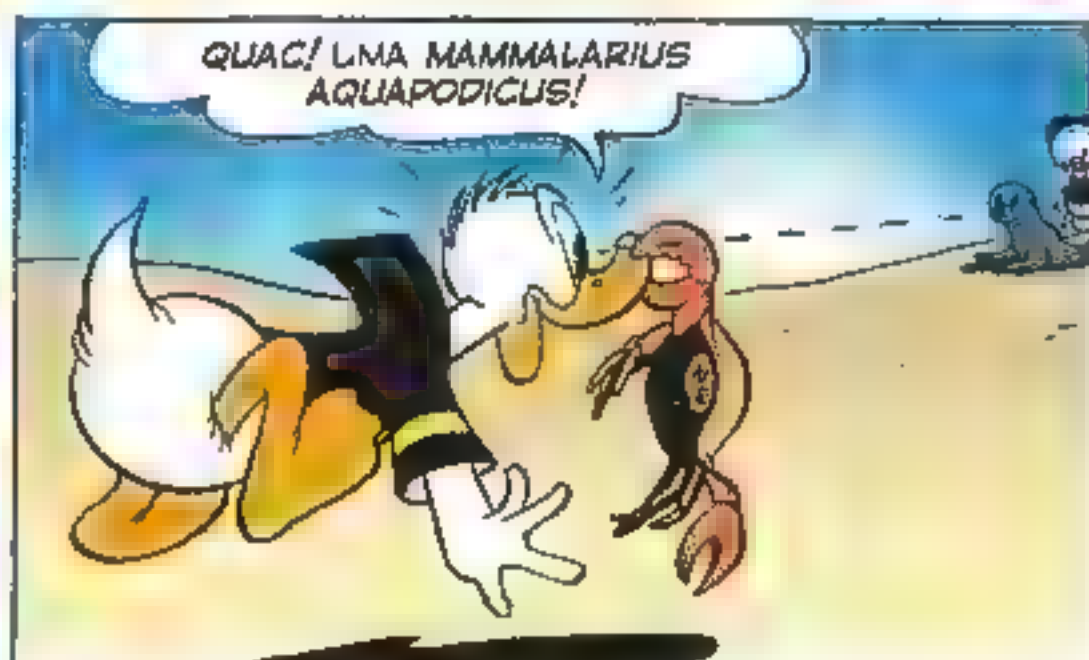
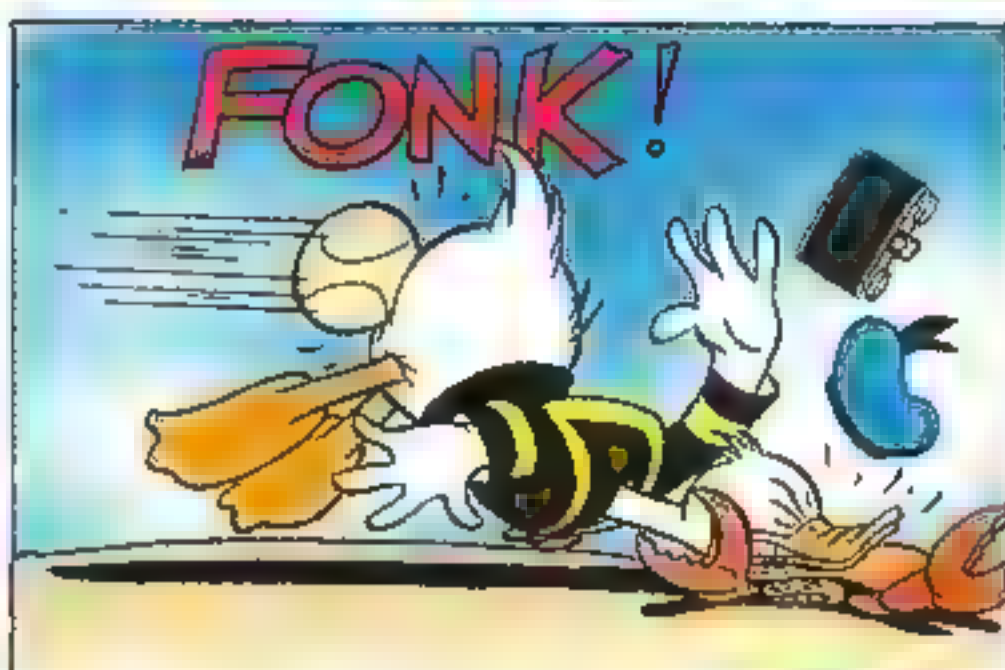
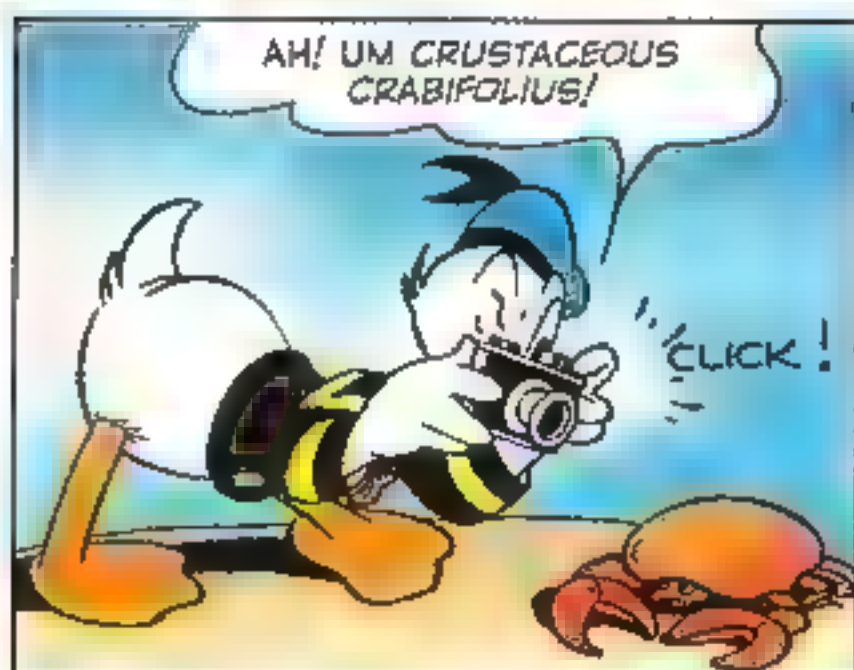


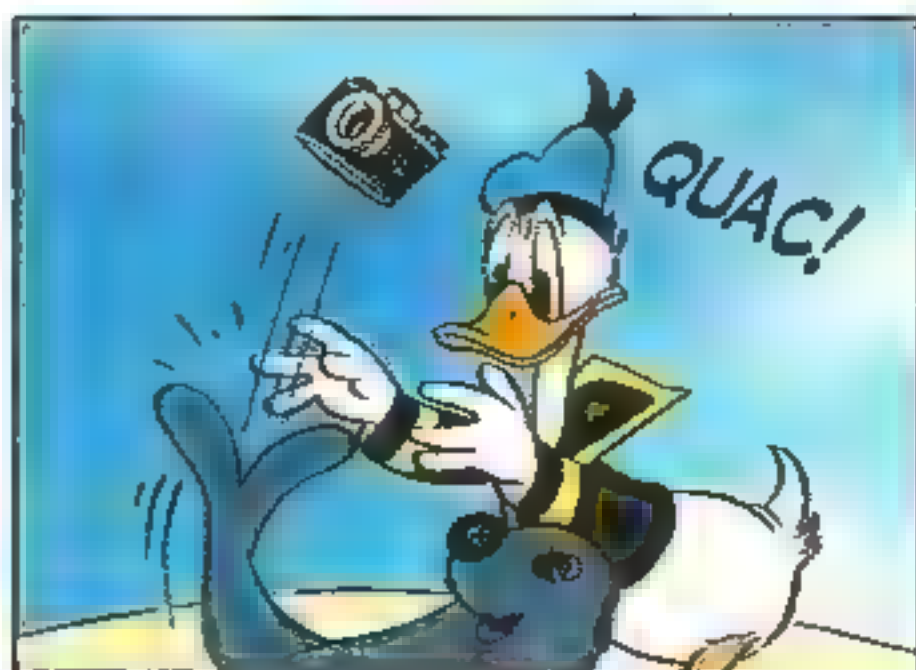
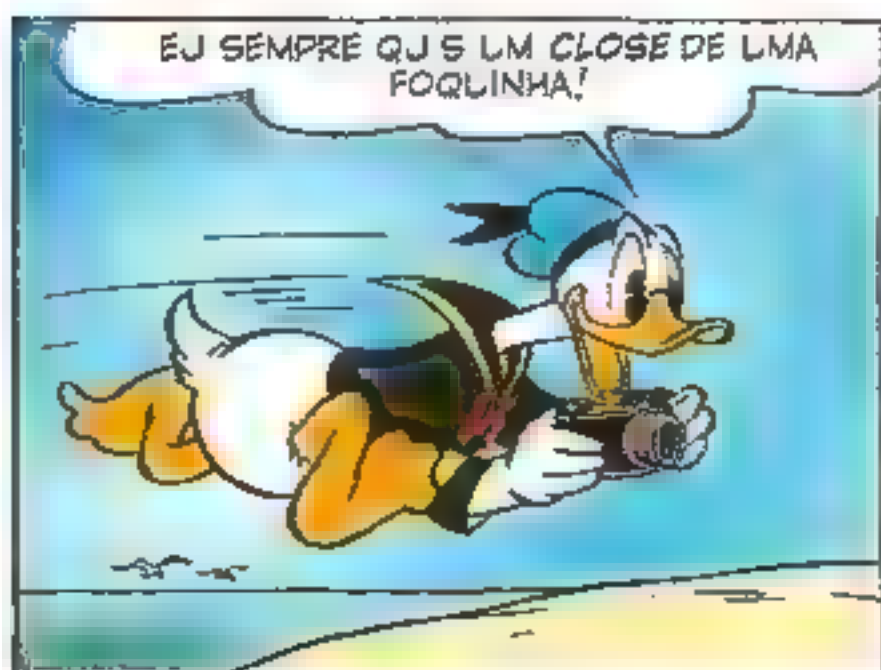




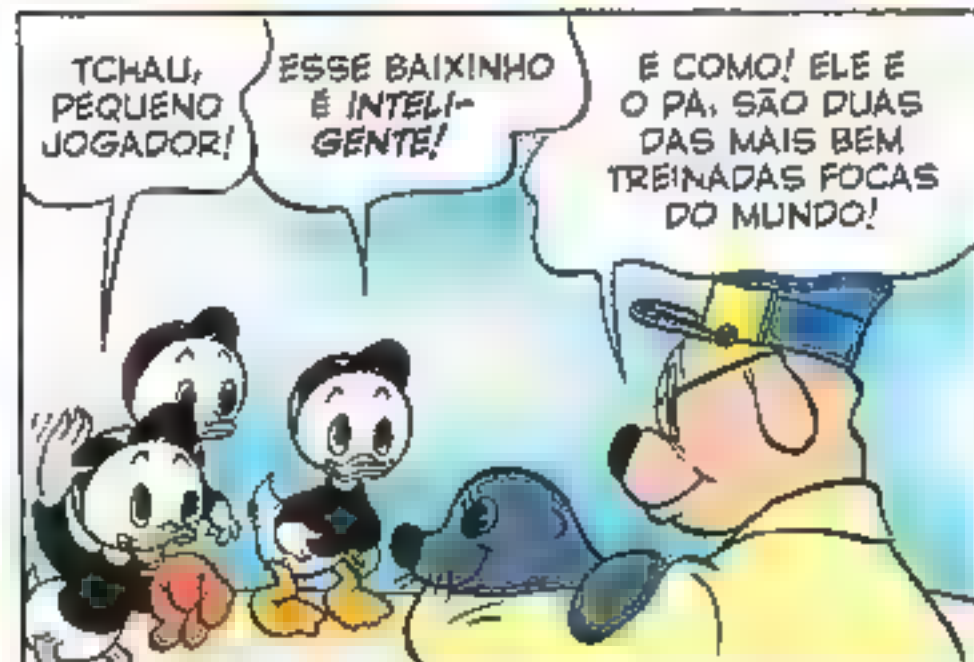




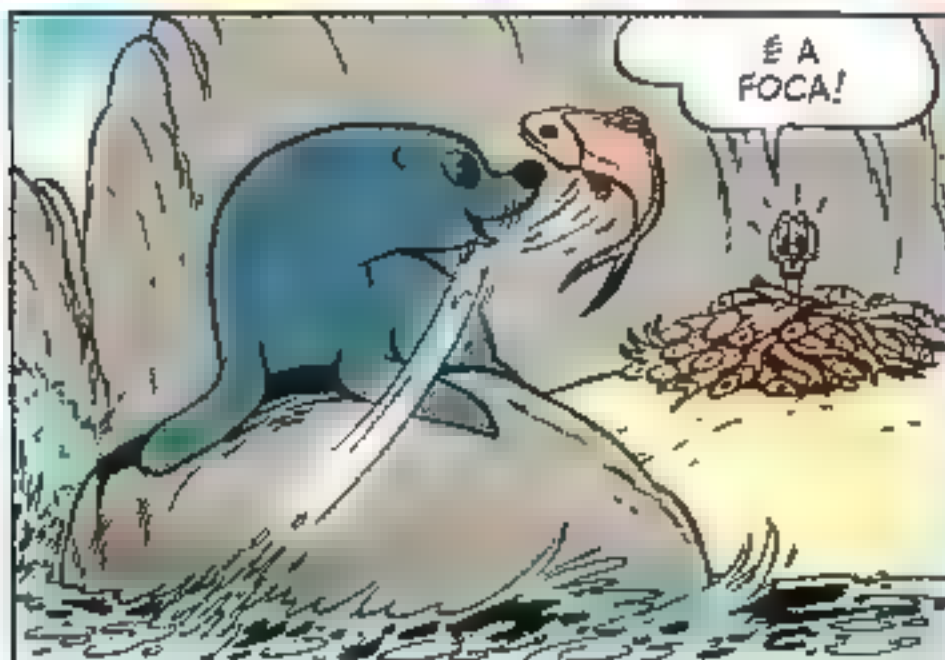
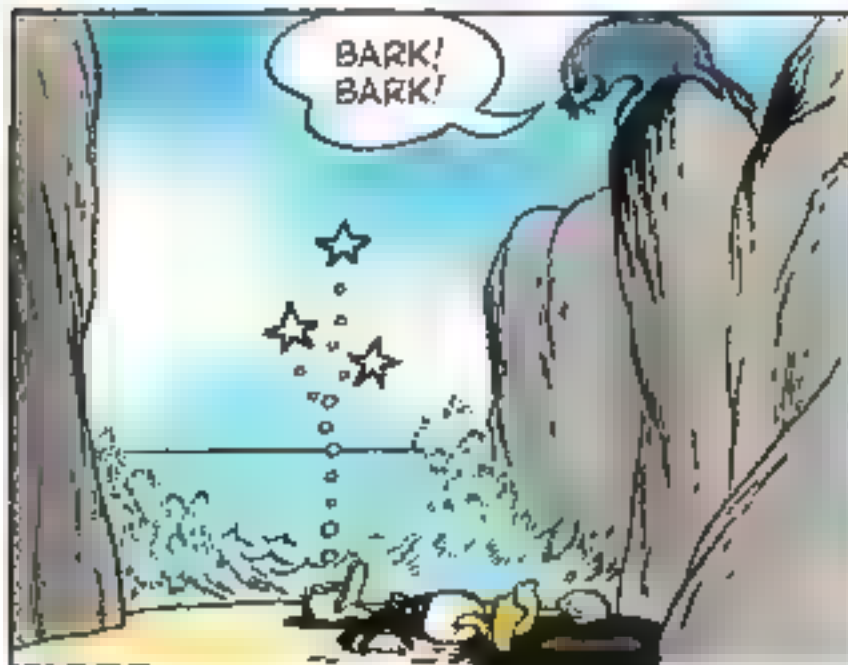


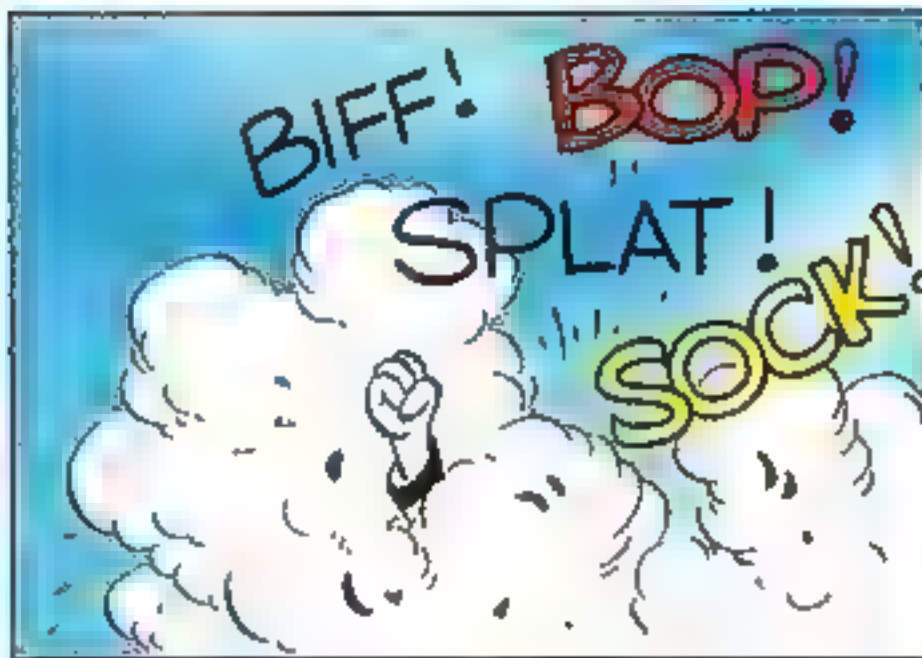
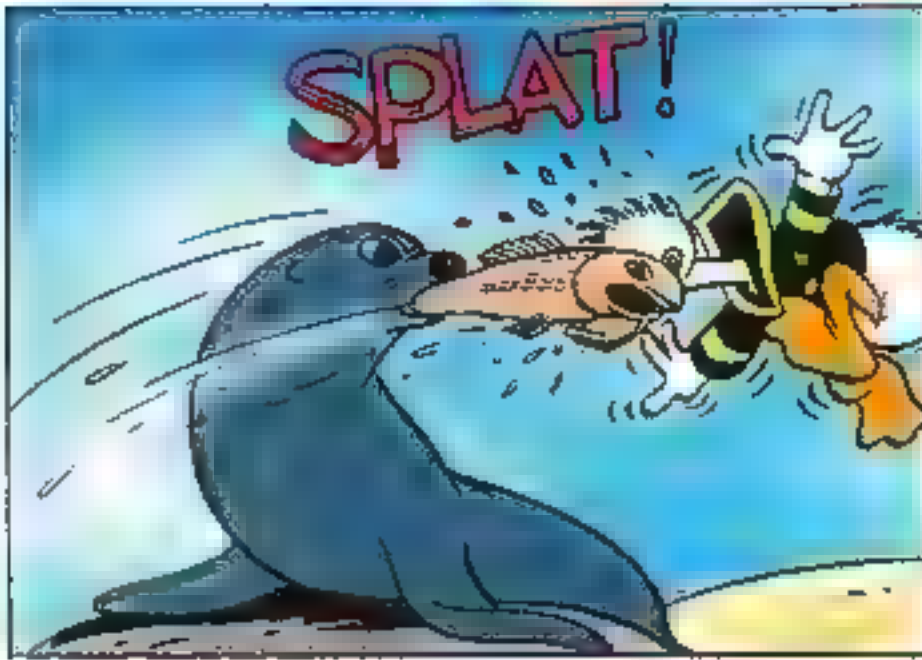




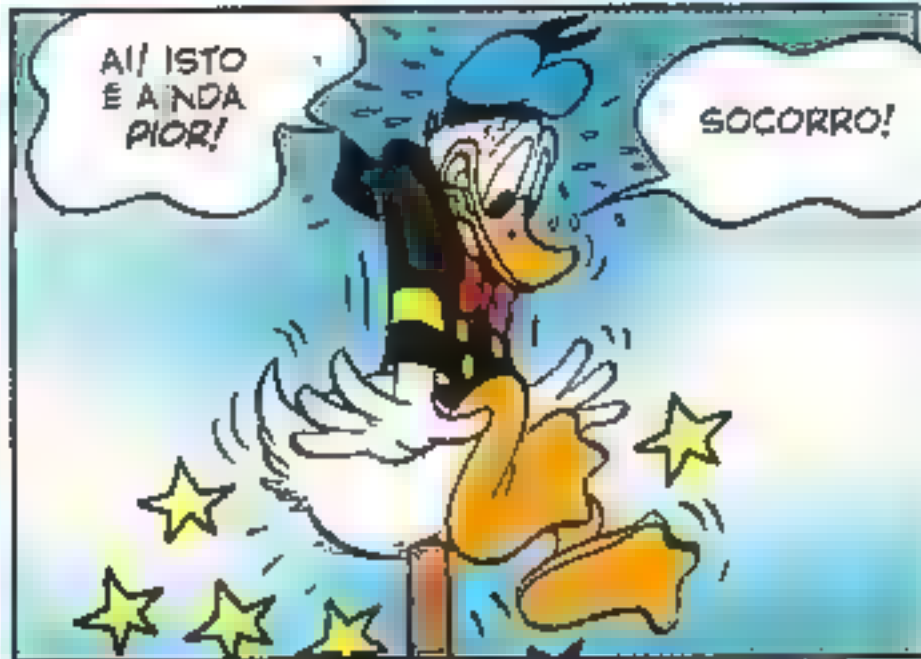


* REFERÊNCIA A HARRY HOUDINI, MÁGICO FAMOSO POR SUAS FUGAS INACREDITÁVEIS.









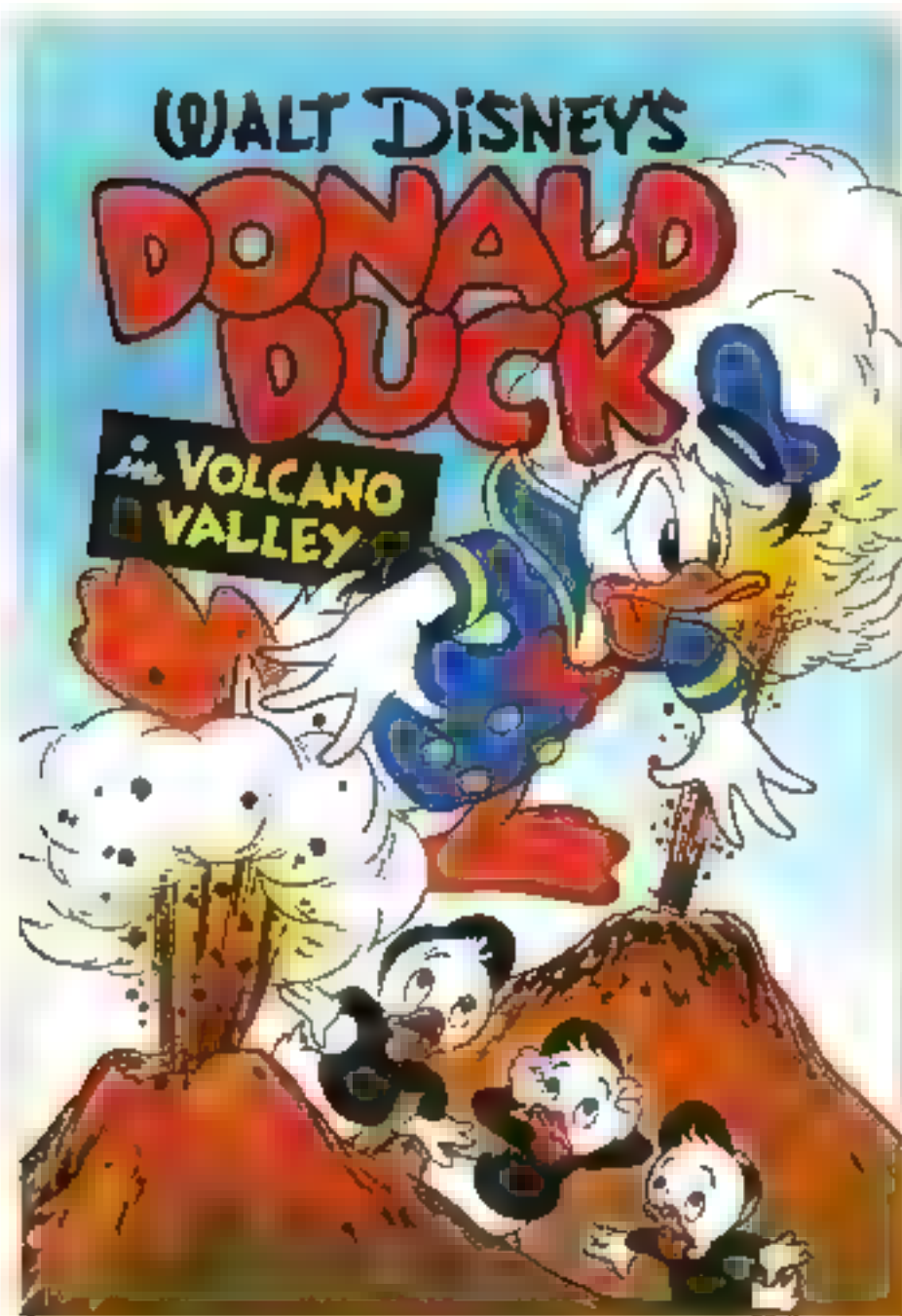
No País dos Vulcões

A crítica classifica a história que ocupa as próximas 30 páginas de “alegoria do apocalipse”. Segundo os analistas, neste conto pós-II Guerra, Carl Barks traça, de modo inconsciente, um paralelo entre o universo da fantasia e o holocausto nuclear. A exemplo de incontáveis americanos, o quadrinista acreditava em 1946 que o bombardeio das cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki tinha sido “uma grande idéia, que certamente encurtara o conflito em vários meses”. Na HQ, a solução desesperada – embora divertida – que Donald dá ao drama de Vulcanóvia acaba trocando seis por meia dúzia. No mundo de verdade, um inusitado soterramento por pipocas deixaria tantos sobreviventes quanto a erupção do vulcão El Carranca ou uma explosão atômica. Isto é, nenhum. O desastre aqui adquire proporções

ainda maiores do que na chuva de tampinhas de garrafa em *Paraíso Perdido* (*Tralla La*, lançada originalmente em *Uncle Scrooge* 6, de junho de 1954, e publicada no volume 6 desta coleção) e na avalanche de ovos em *Um Milhão de Omeletes* (*Omelet*, impressa pela primeira vez em *Walt Disney's Comics and Stories* 146, de novembro de 1952).

Os estudiosos do gênero também destacam elementos narrativos que aproximam *No País dos Vulcões* das incursões da menina Alice, de Lewis Carroll, pelo País das Maravilhas. No enredo proposto por Barks, os protagonistas são arrastados para um lugar onde o irracional dita as regras e a lógica patopolense – em tese, a mesma que conduz a realidade humana – não tem vez. Ninguém está seguro em Vulcanóvia, um vale andino cuja população vive em estado de perpétua inconsciência, uma *siesta* sem fim. Os cucarachas, encimados por sombreros que lhes tapam a visão, parecem não se dar conta de que sofrem a ameaça constante de um banho de lava. Donald e os sobrinhos, turistas acidentais, querem sair dali o quanto antes. Mas a legislação local não permite evasões, exceto de heróis nacionais. E ganhar a admiração desses latinos, estereotipados até o último fio de bigode, não é tarefa simples. Pablo Mañana (uma espécie de Gato Risonho, alienado e sempre contente) e seus parceiros de preguiça passam o tempo de olhos fechados, numa cegueira simbólica que nega a condição de refém dessa gente pacata e conformada. As várias iniciativas tomadas por Donald para virar herói têm efeito contrário e o tornam inimigo público. Então, tal como no livro de Carroll, a figura central da aventura é submetida a um julgamento sumário e surreal. De fato, o título em português conferido à história faz jus à sua referência literária.

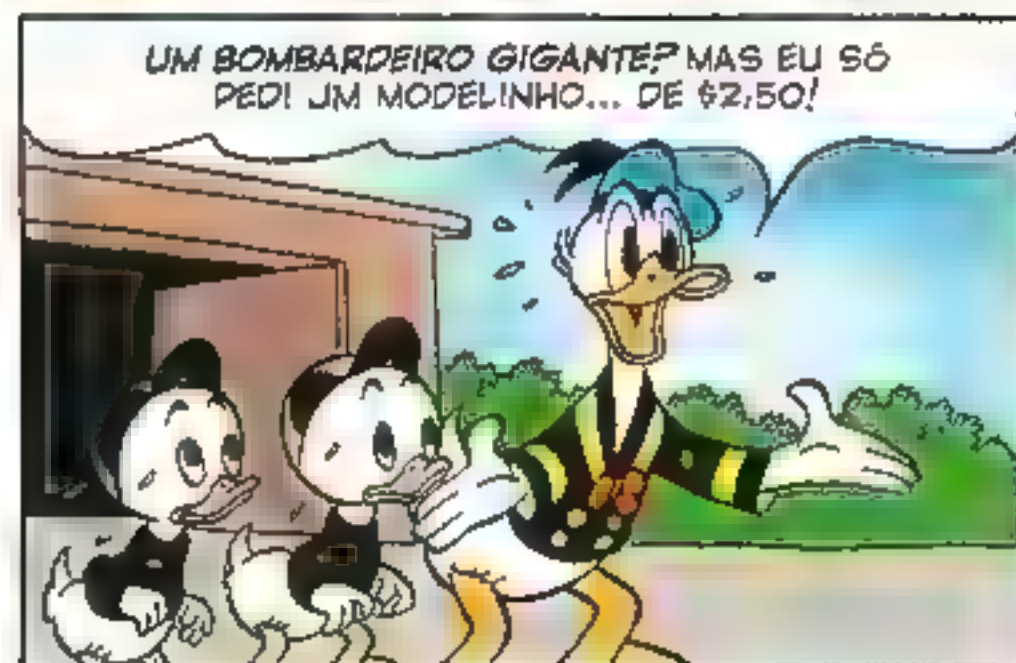
No País dos Vulcões (Volcano Valley),
W OS 147-02, escrita e desenhada
por Carl Barks em dezembro de 1946



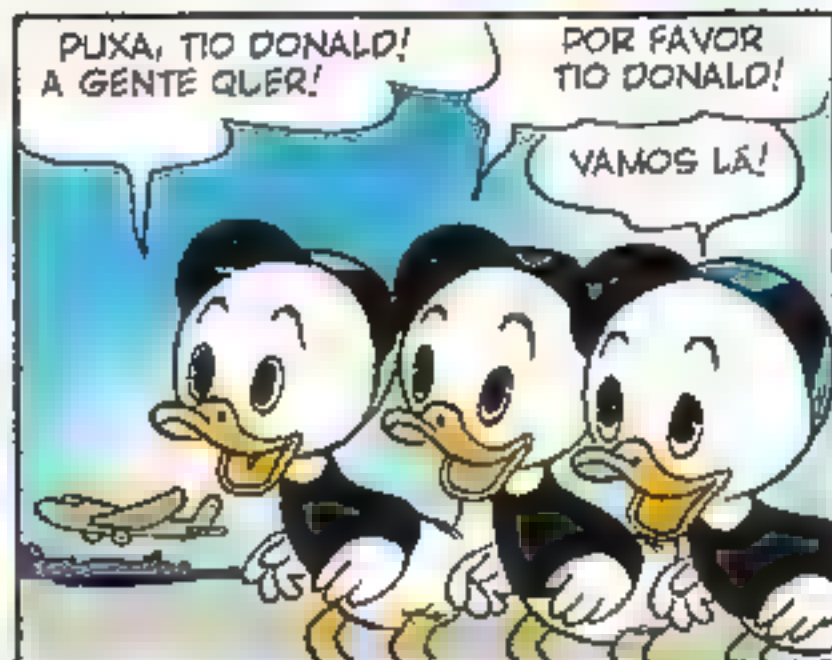


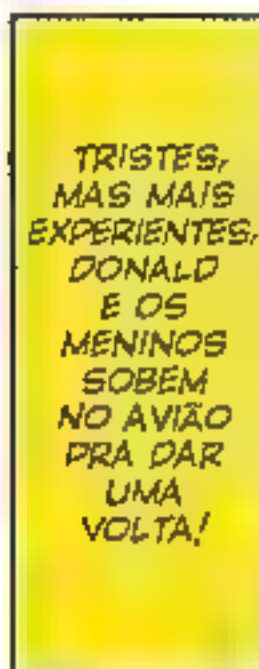
História publicada originalmente na revista Four Color 147 em maio de 1947

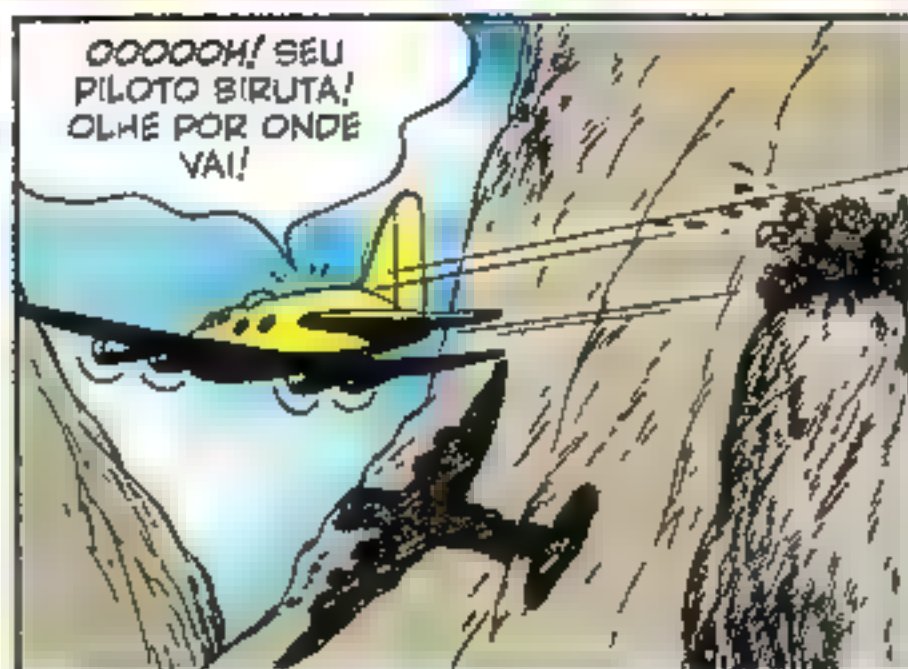
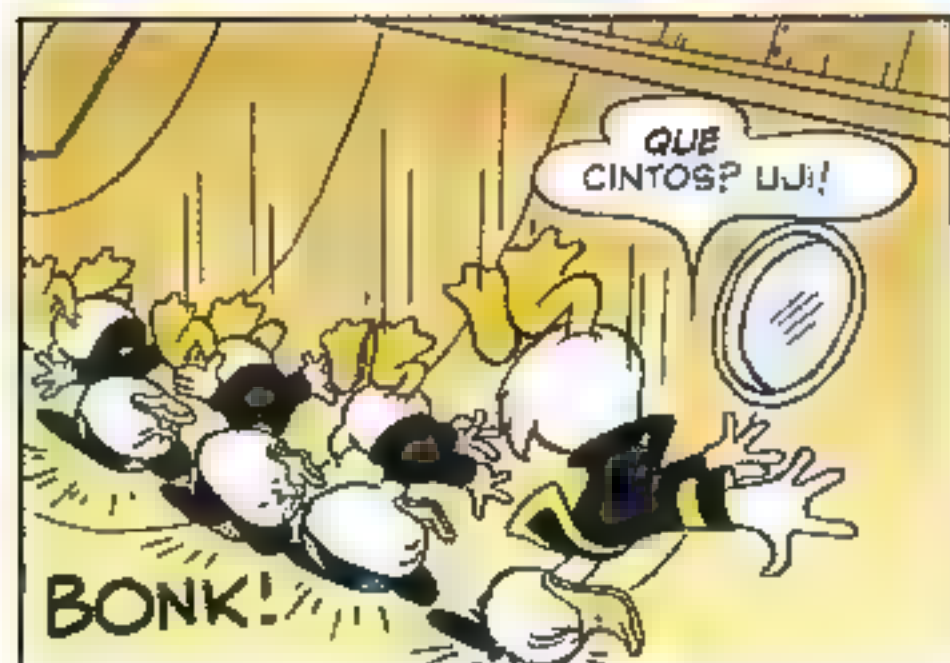
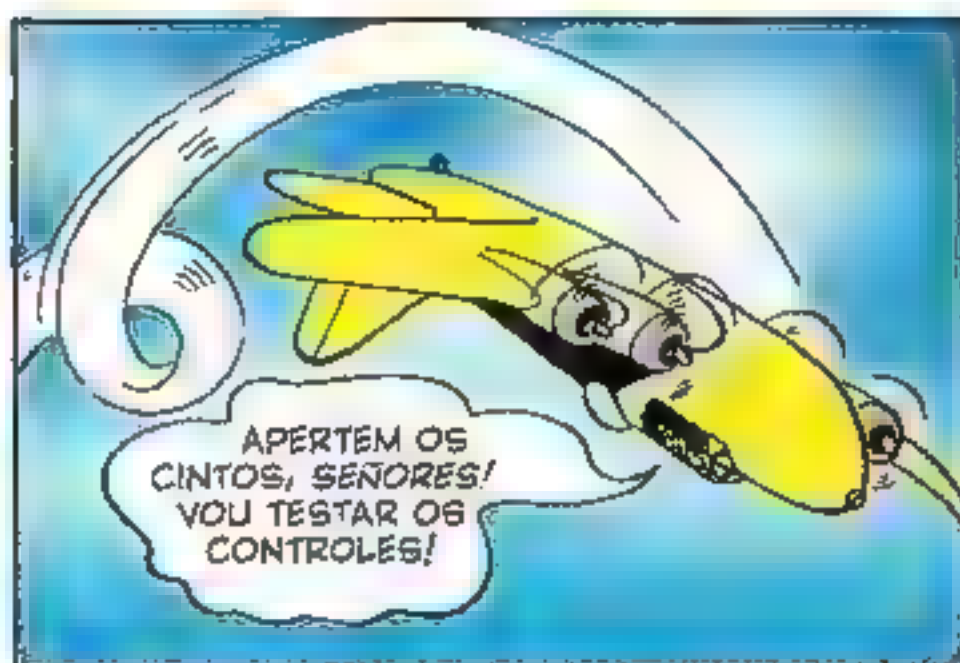
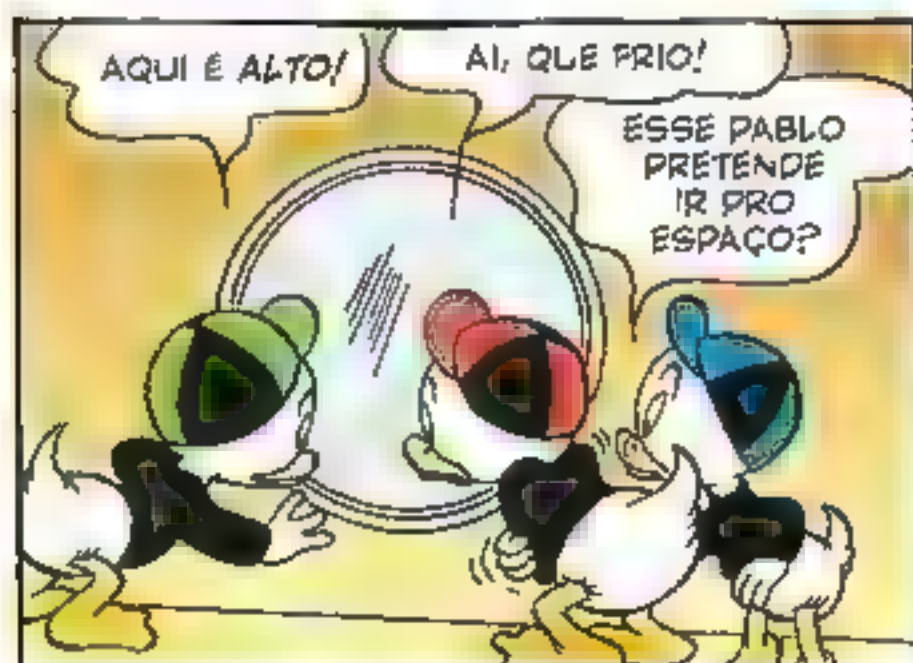
No País dos Vulcões (volcano valley) No Brasil: Pato Donald 3, 4 e 5 (1950) Especial: (Capa Dura) 1 (1975) Almanaque Disney 121 (1981) e Viva Donald! 1 (1984)

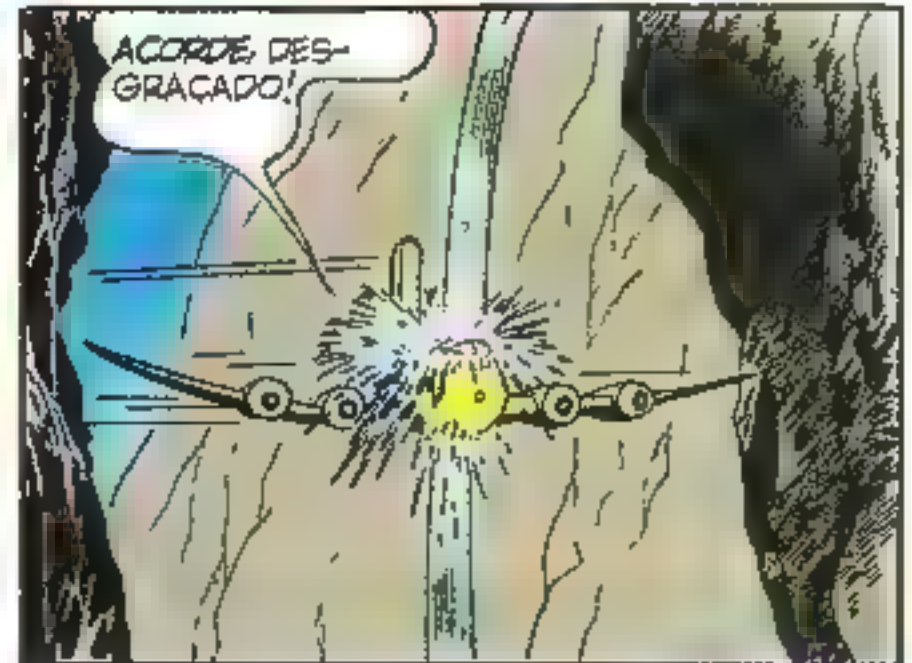


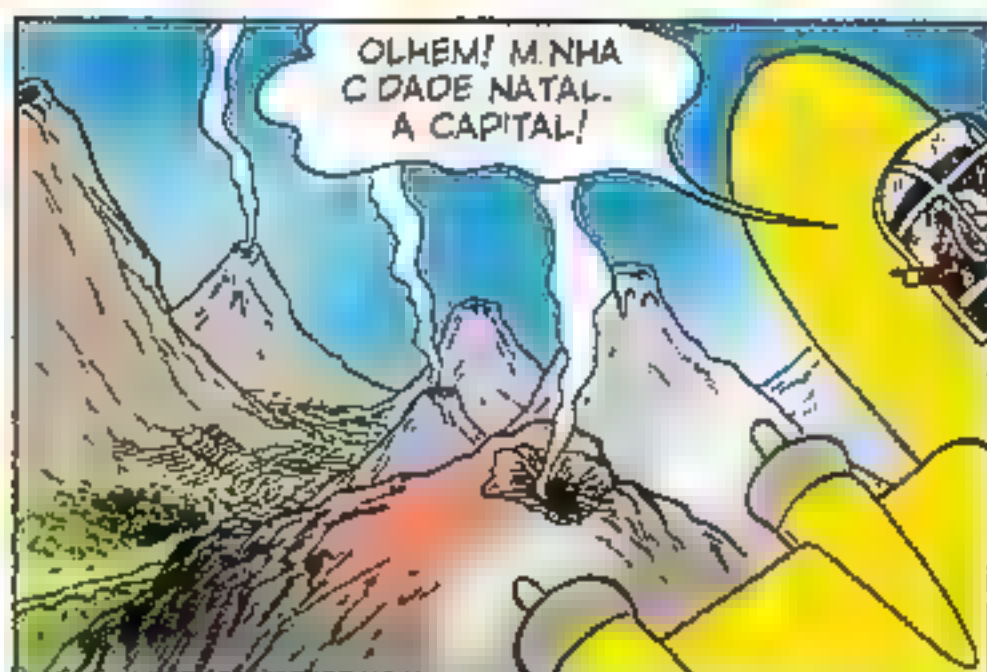
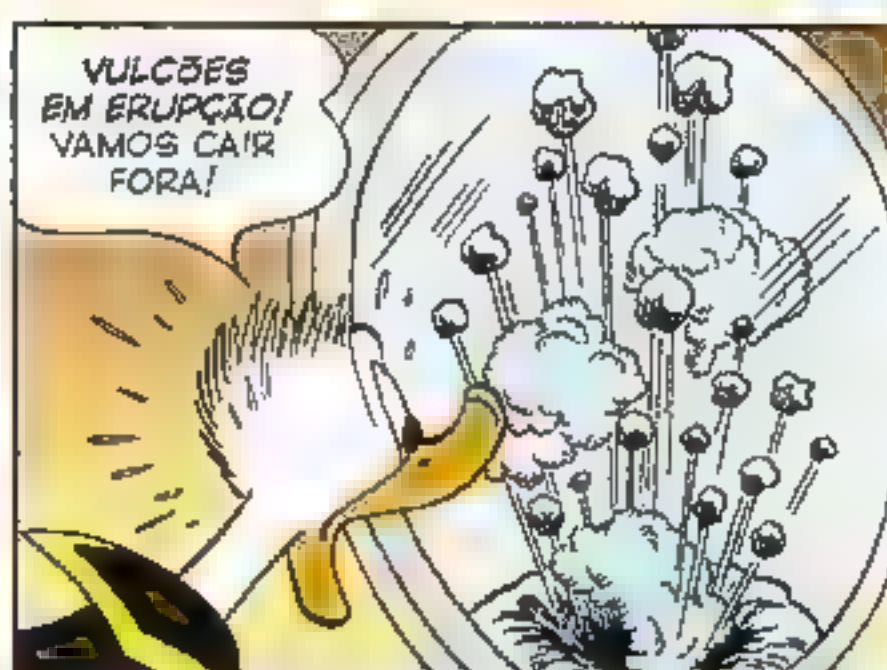


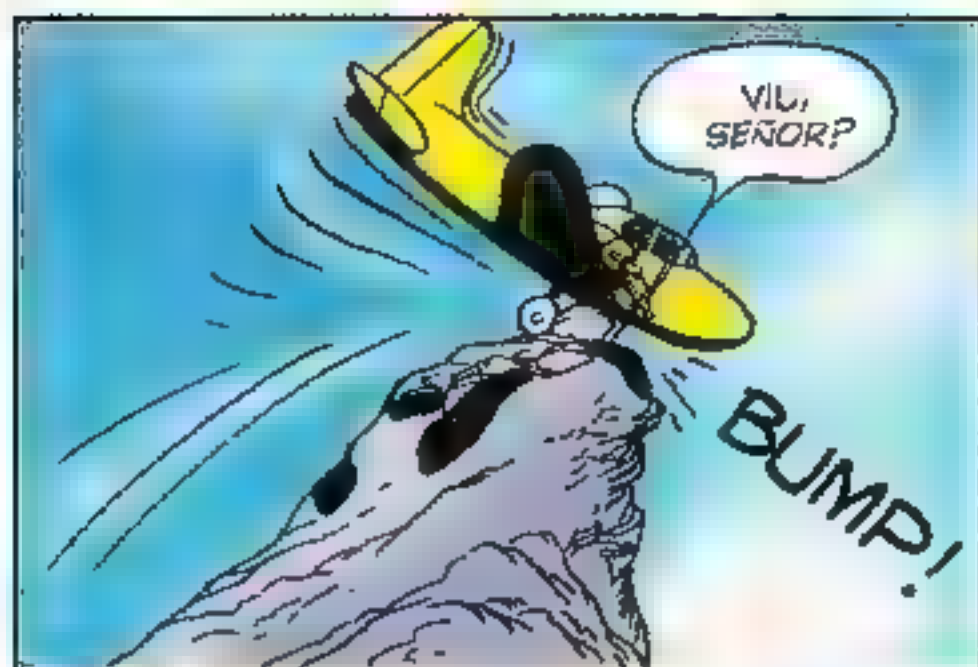


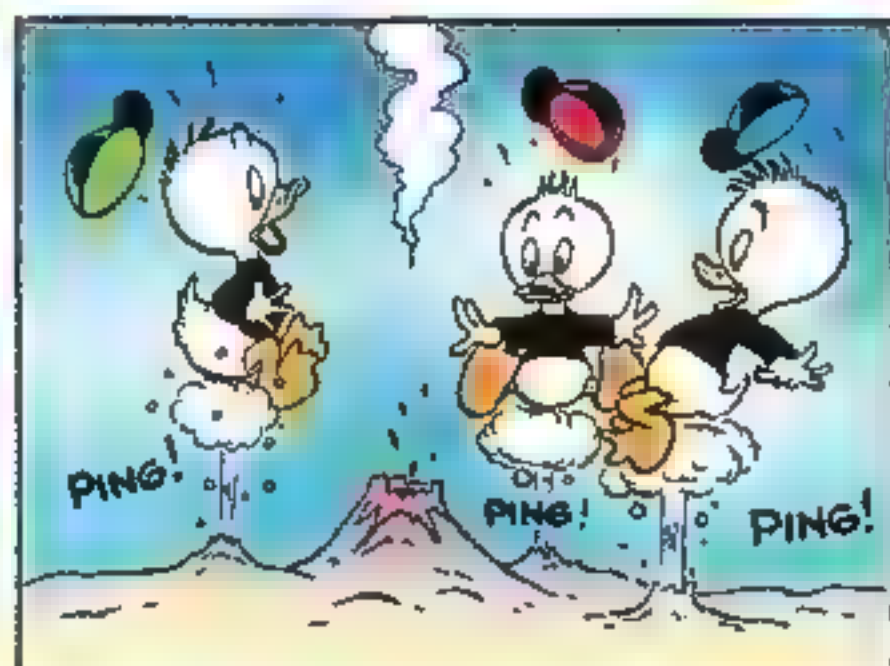
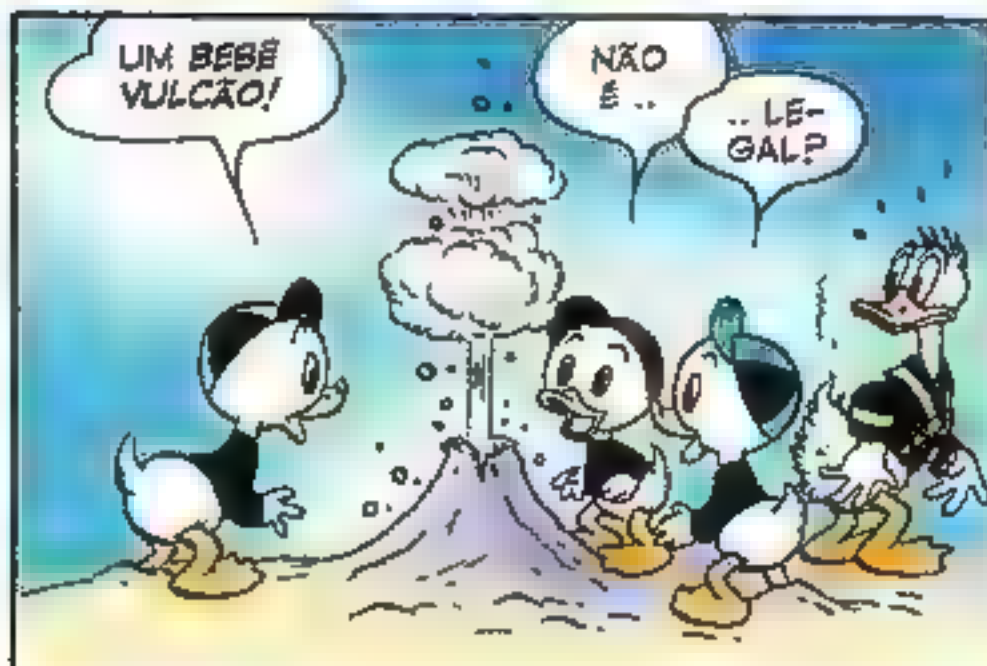
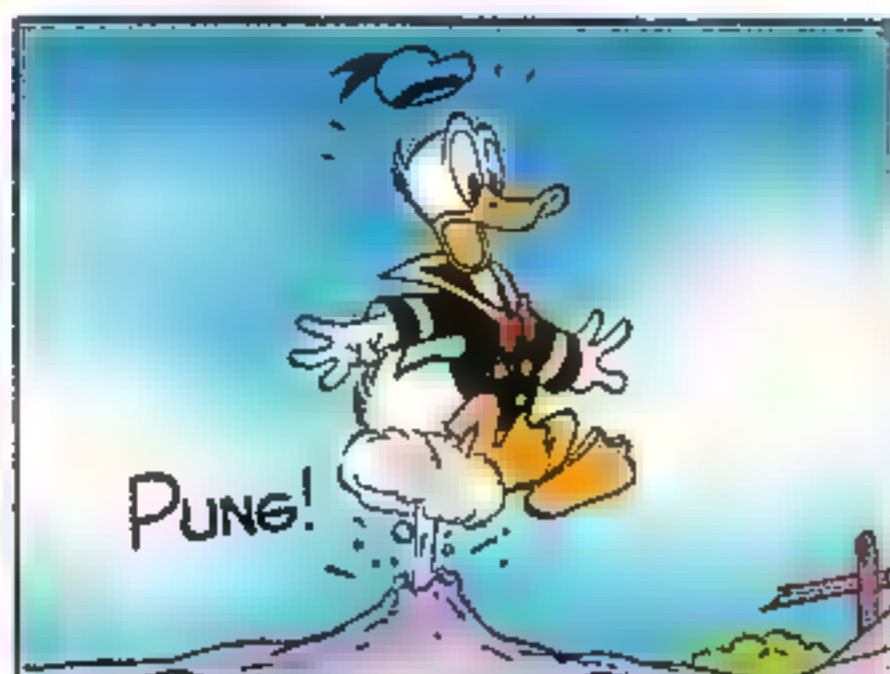
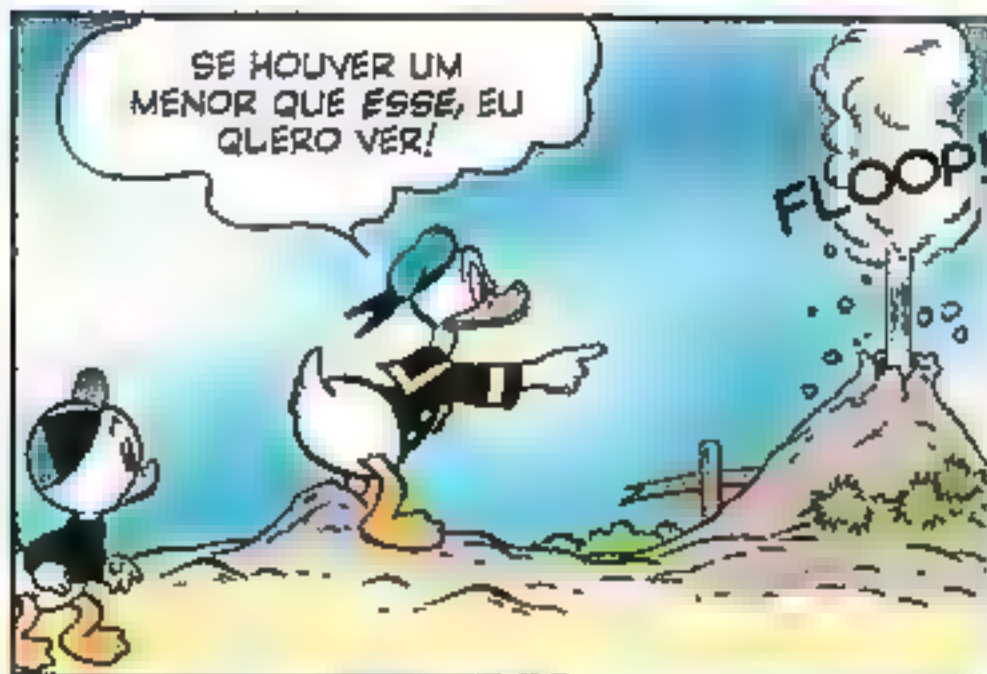


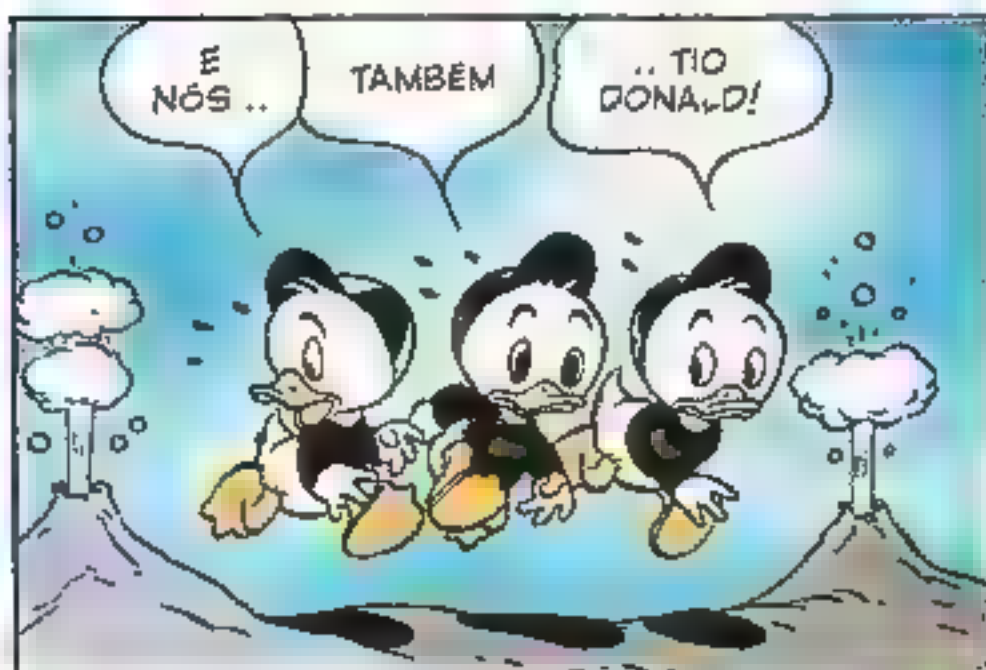




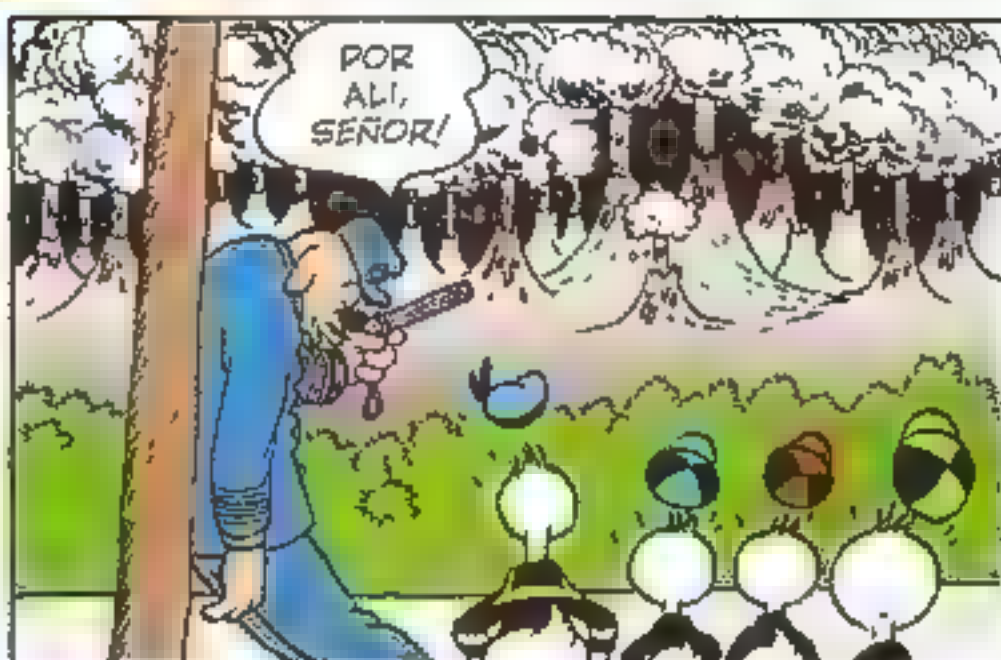
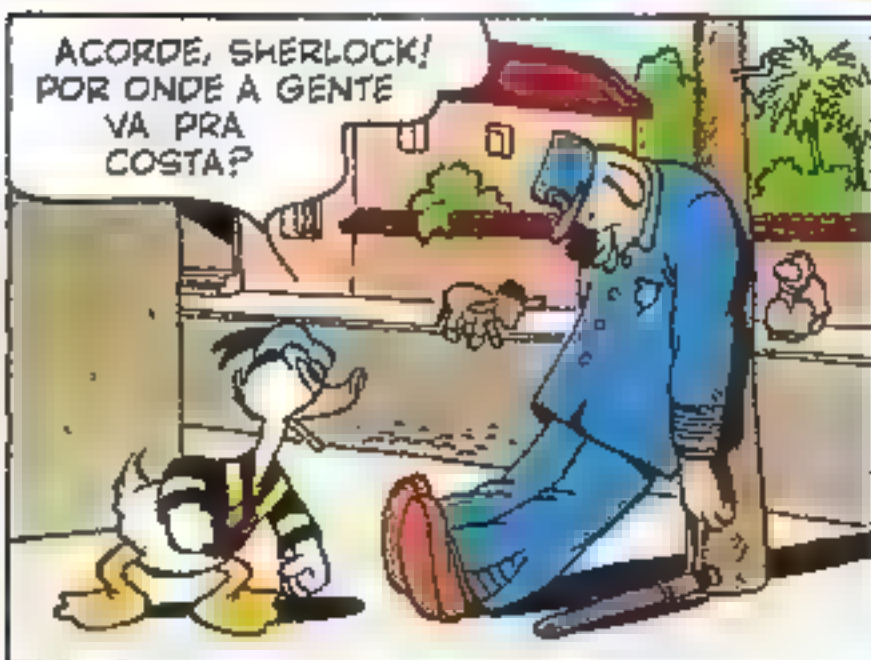
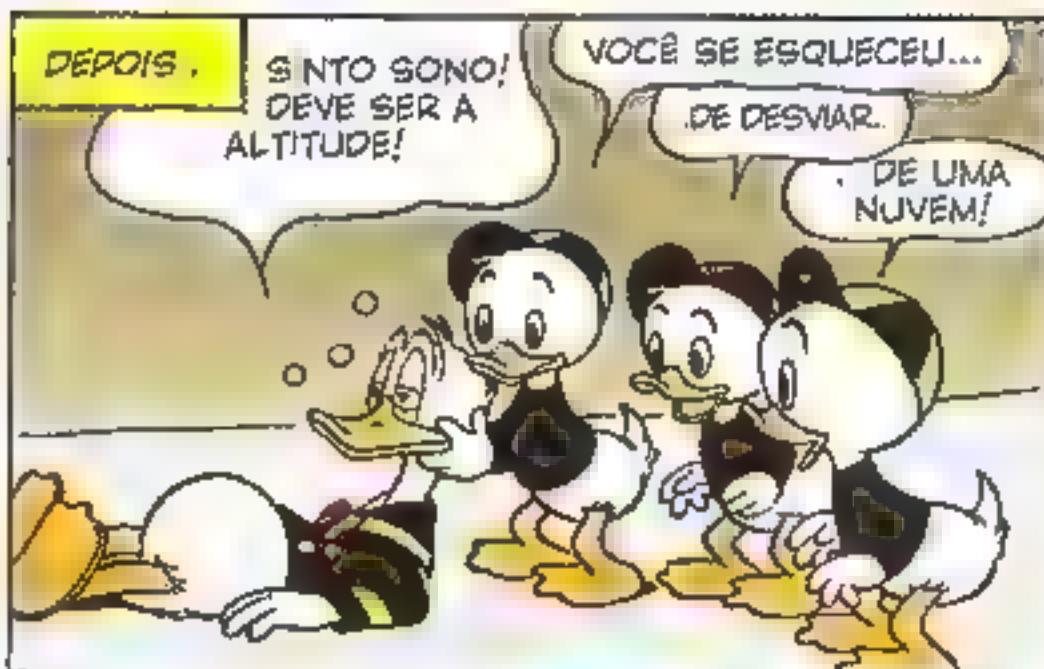


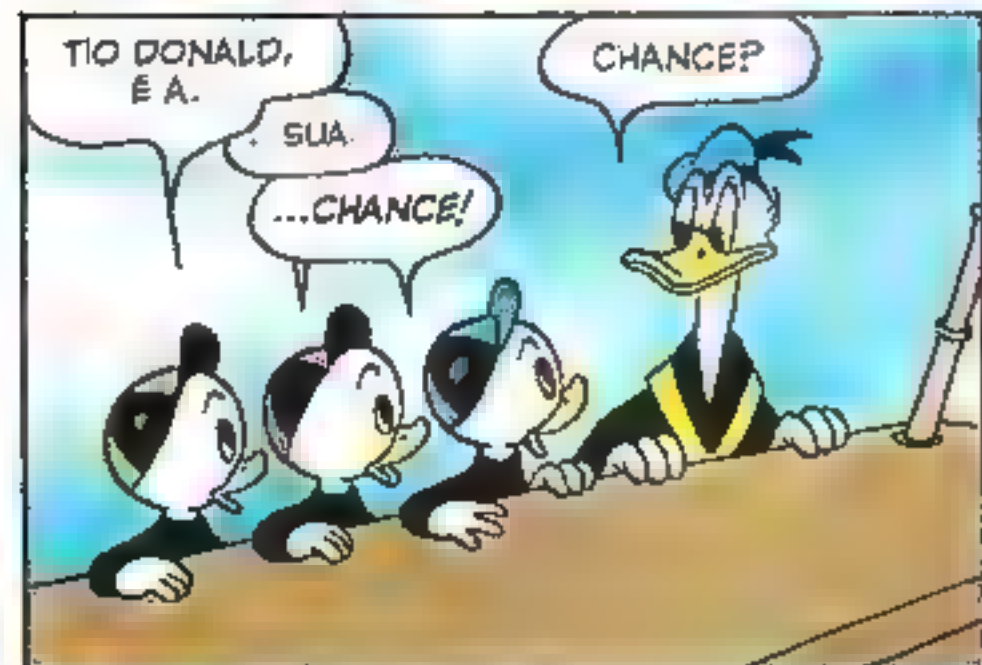


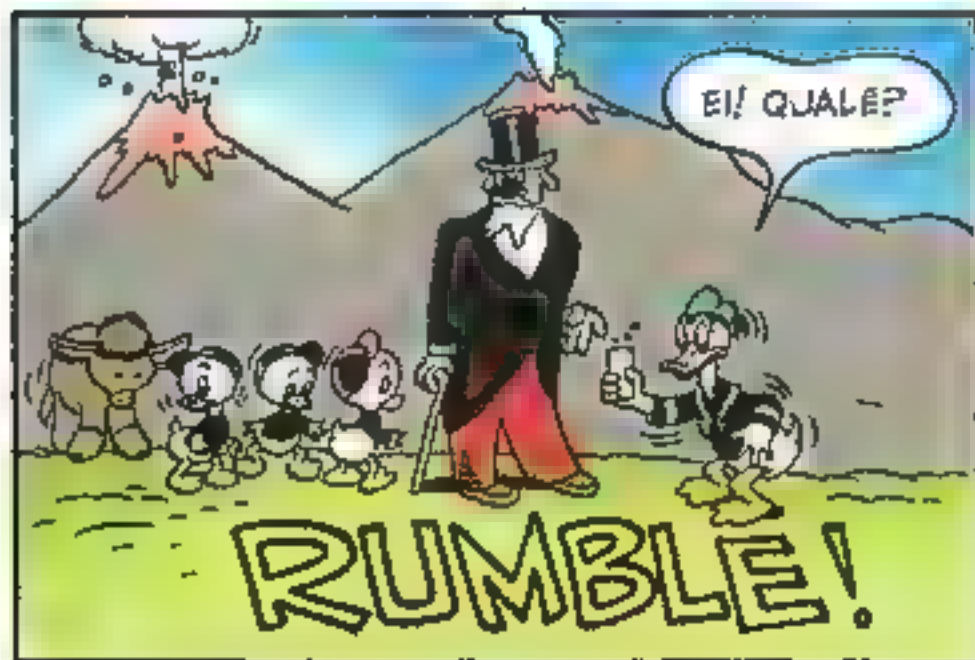


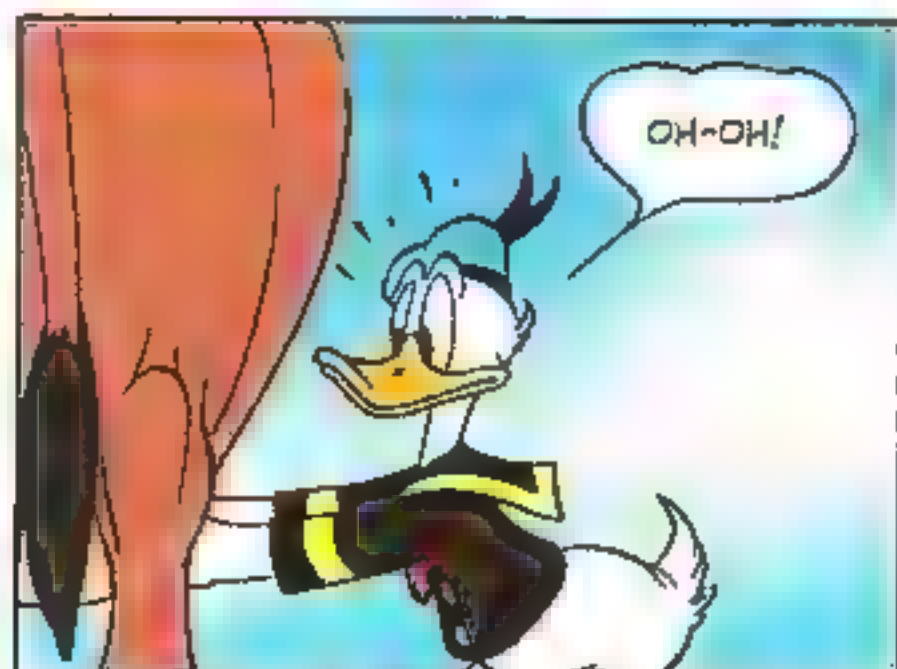
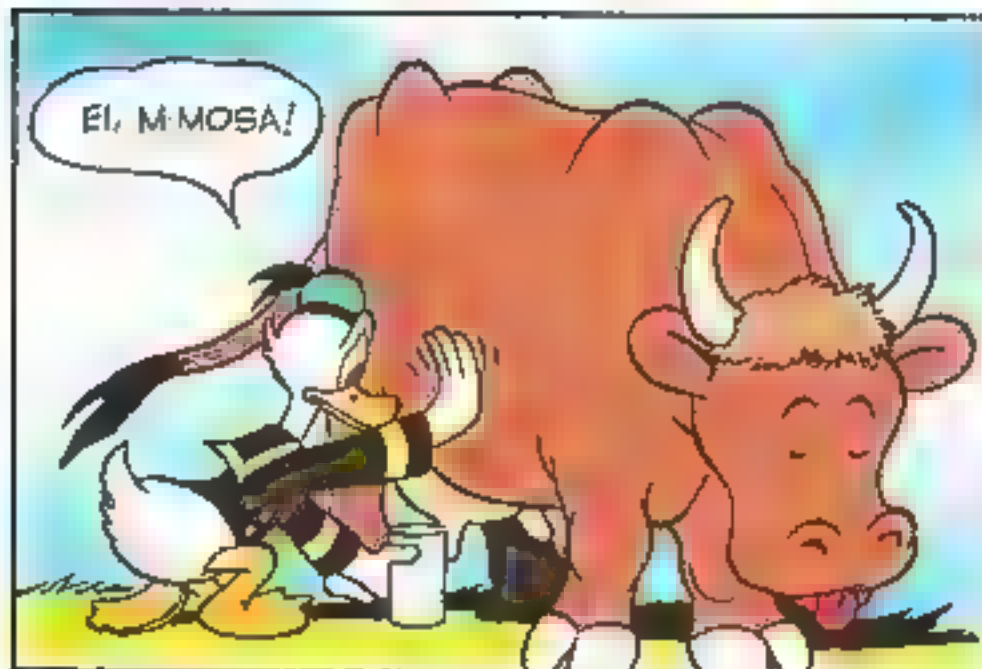






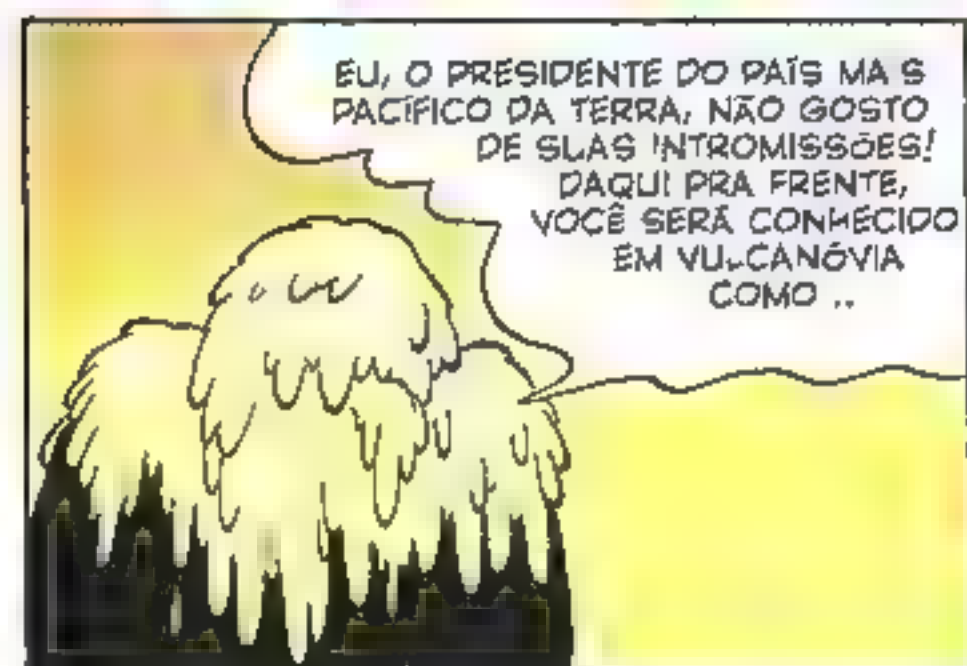
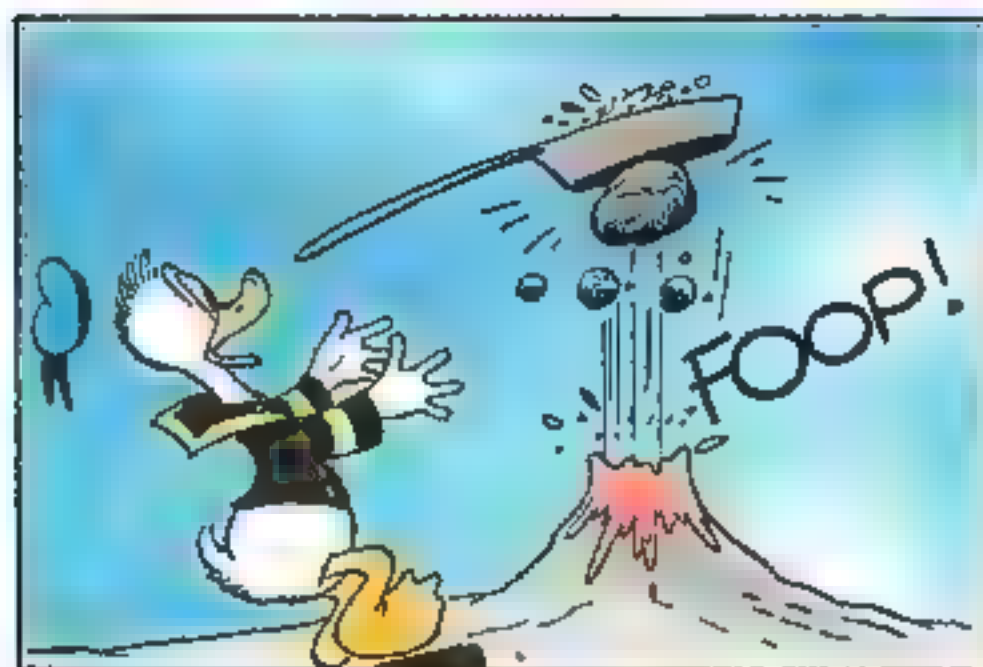




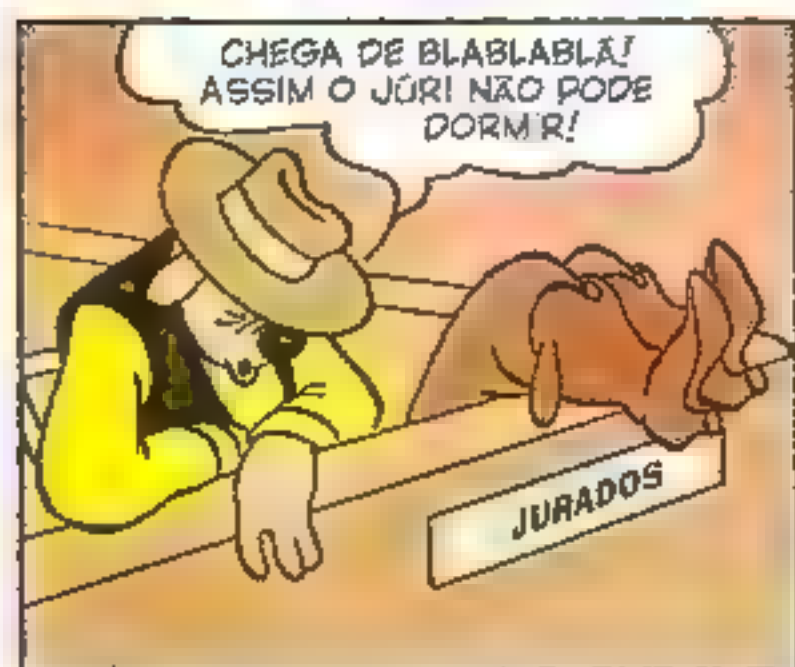


FALEM EM
"AGITAR" DE
NOVO E EU
DEPENHO VOCÊS!

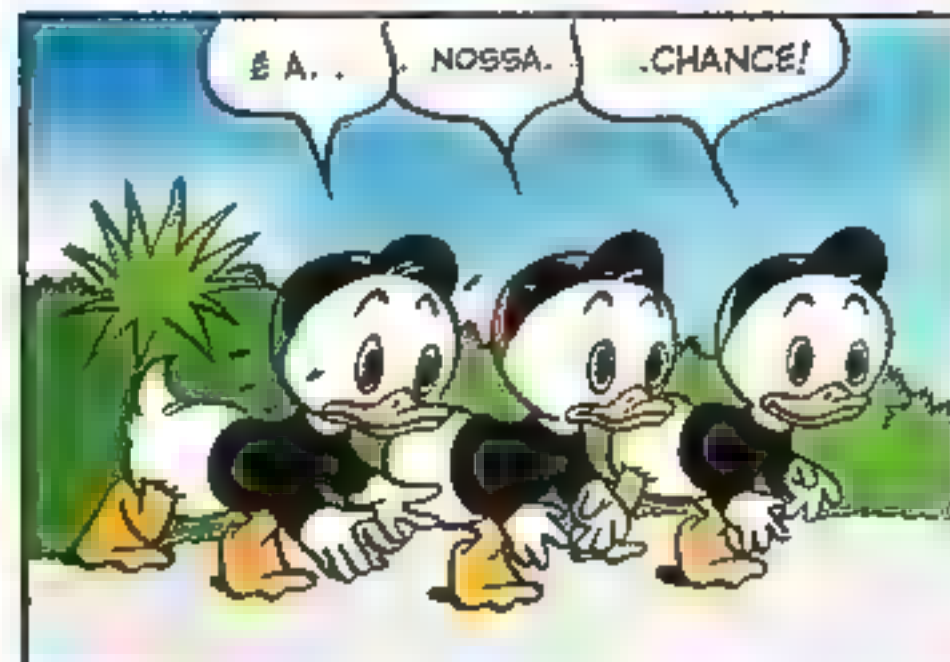
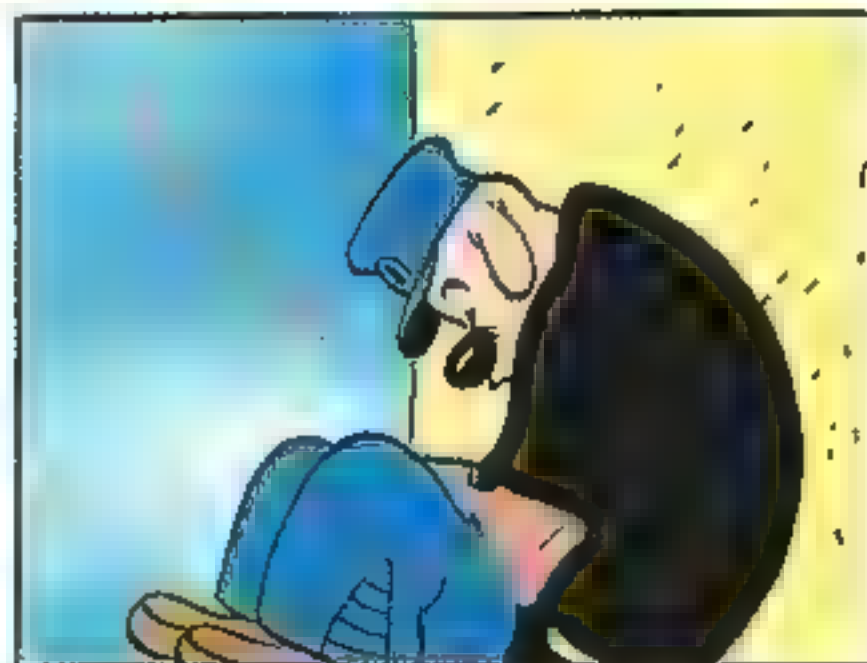




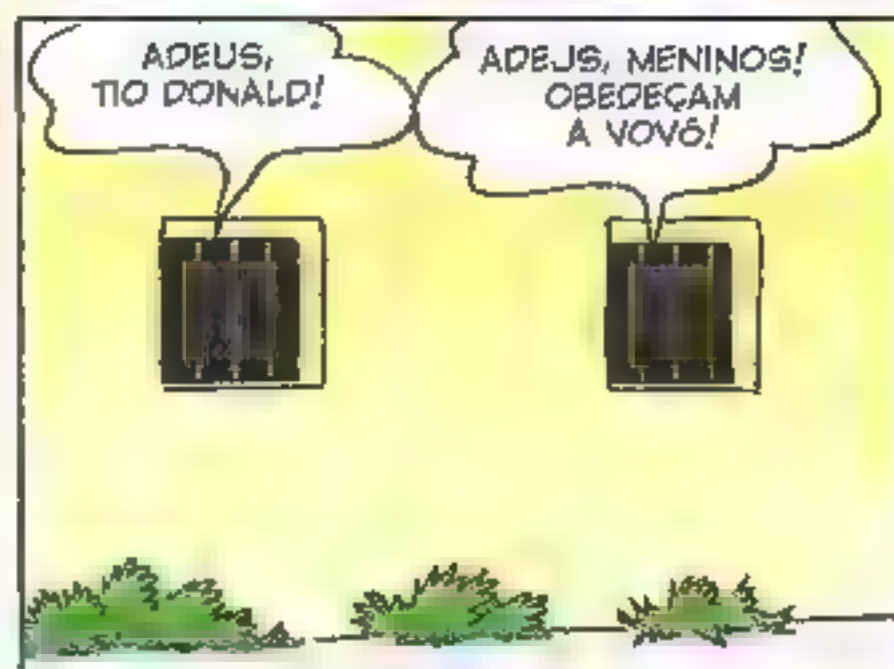




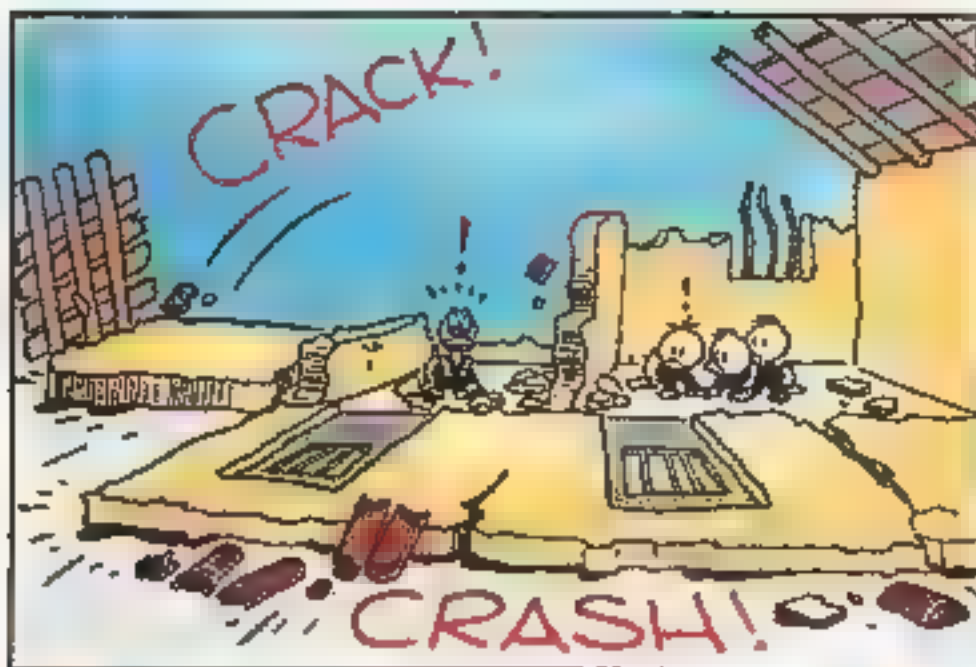




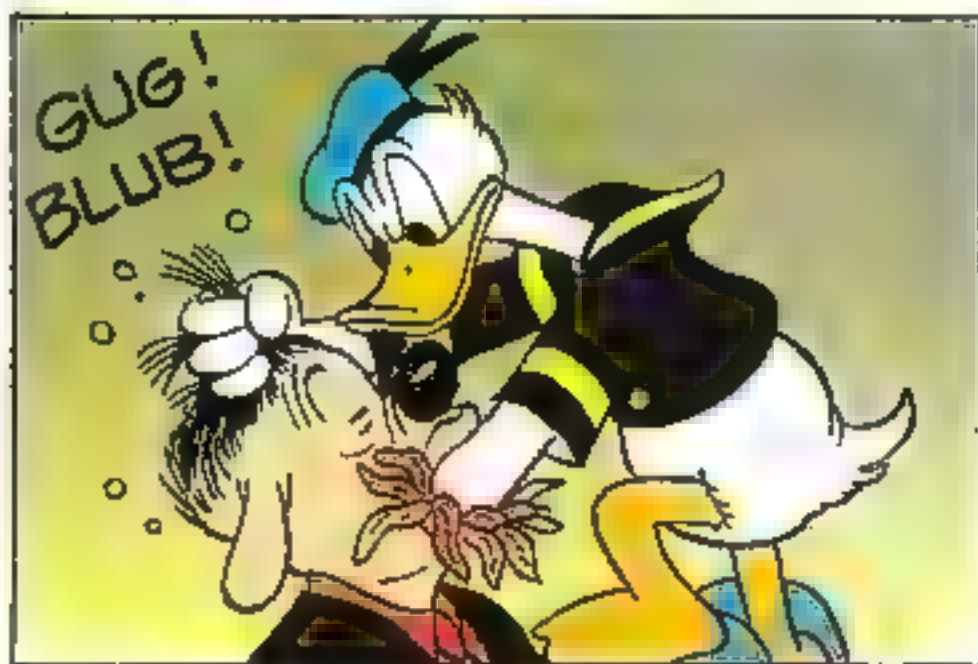
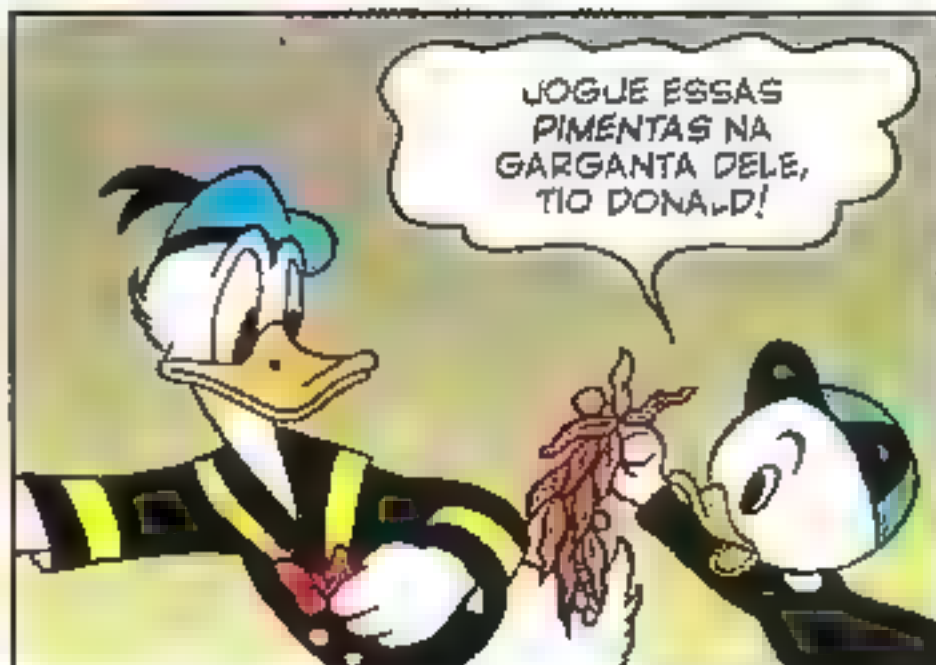


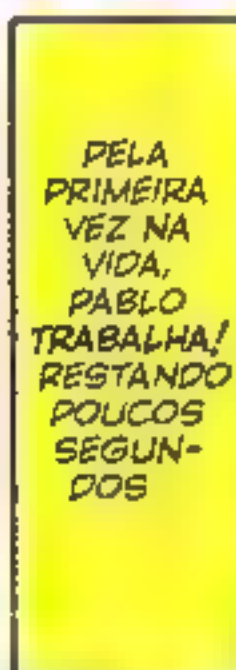
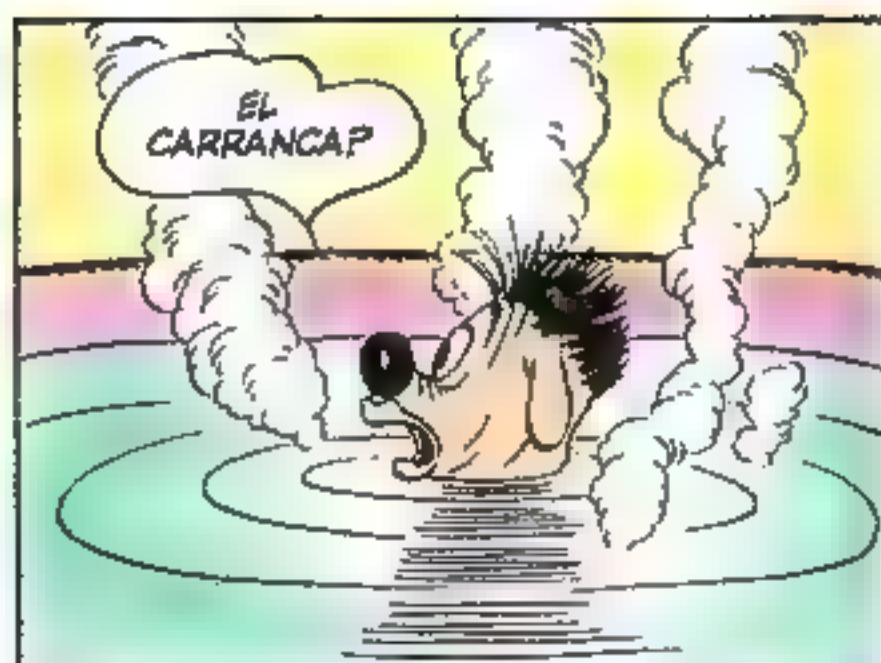


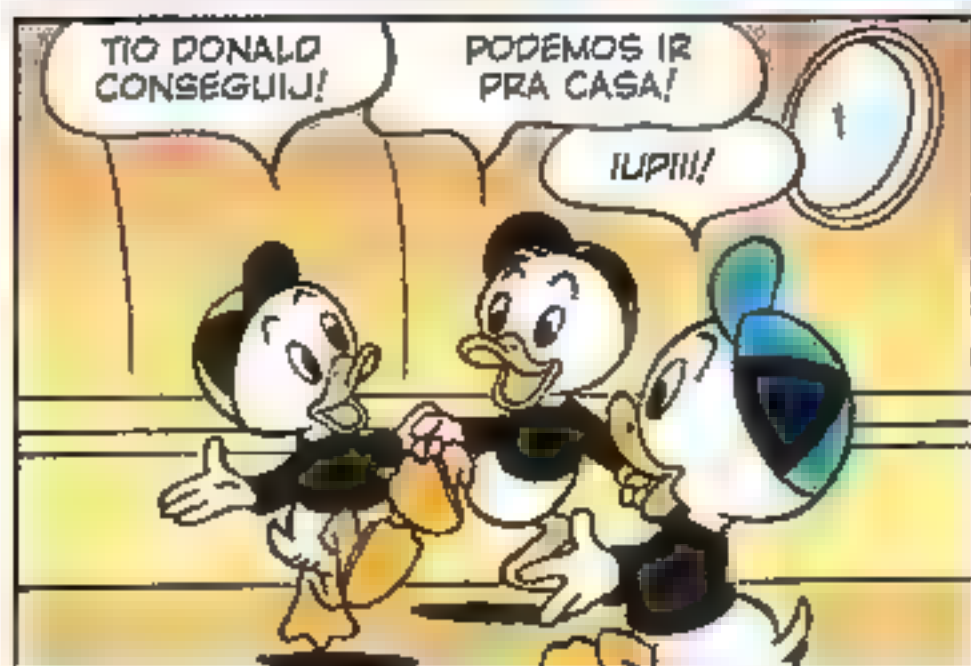
* BARKS AINDA NÃO HAVIA CRIADO OS ESCOTEIROS-MIRINS











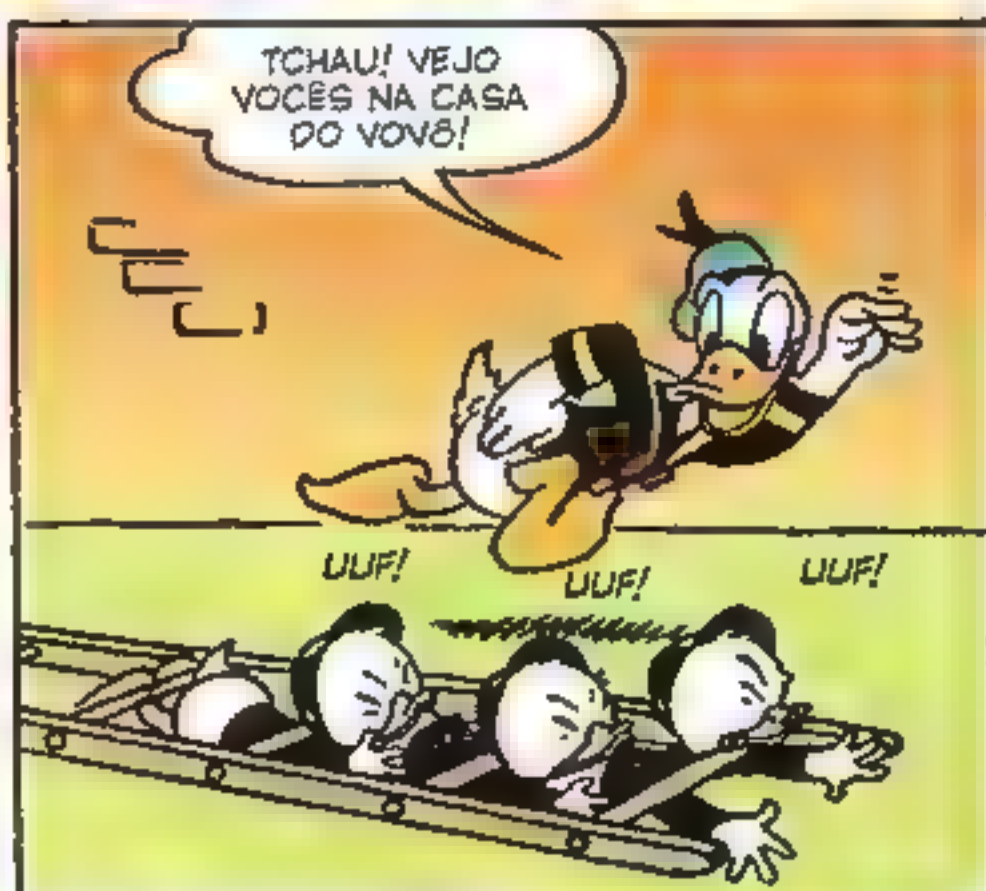
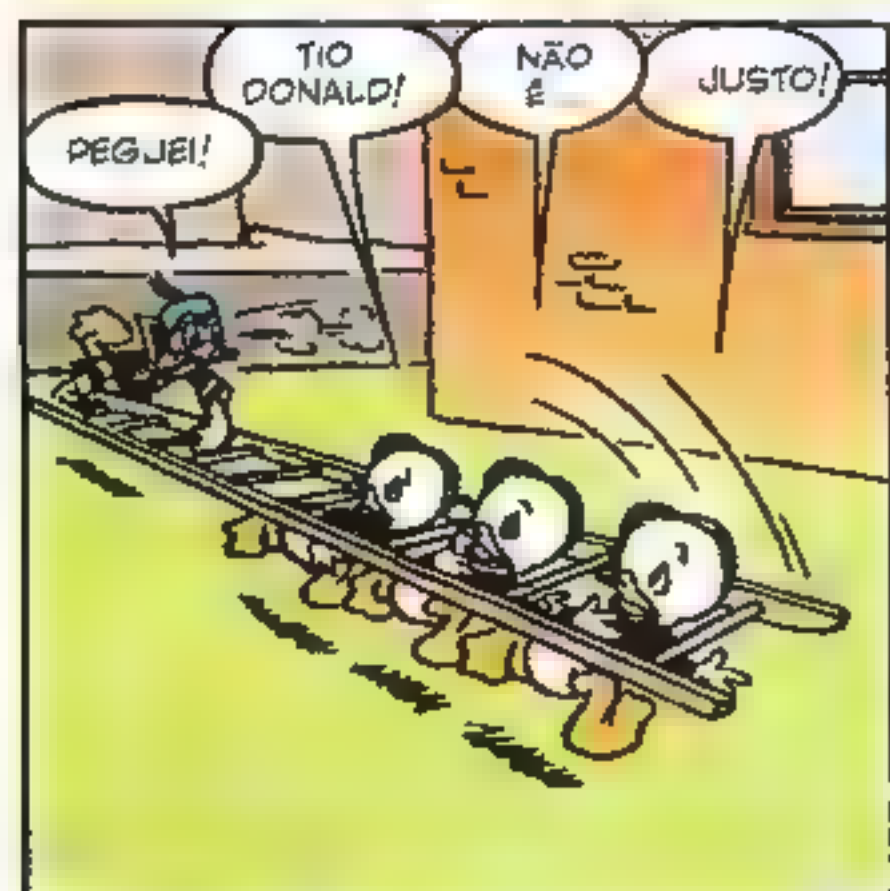




História publicada originalmente na revista *Four Color* 29 em setembro de 1943

O Mau Perdedor (*The Hard Loser*) No Brasil: inédita

* VOVÔ MESMO! O CONCEITO DO SÍTIO DA VOVÓ DONALDA AINDA NÃO HAVIA SIDO INTRODUZIDO



ESCUTEM, EU SEI TUDO SOBRE ESSA CORRIDA! CÁ ENTRE NÓS, O HAMILTON É O TIPO DE CAVALO QUE LEVA O TROFÉU!

DEPOIS DE INSCREVER O CAVALO DO VOVÔ NA PROVA, DONALD INSTALA O BICHO NOS ESTÁBULOS DA FEIRA! PRA SUA SURPRESA, O PATO OLHA PRA BAIA AO LADO E VÊ..

TA! A GENTE FICA COM ELE!

VOCÊS!

NÃO D GAM QUE INSCREVERAM ISSO NA CORR DA!

O HAMILTON É UM BOM CAVALO! VAMOS PROVAR!

ELE TEM ÓTIMAS CHANCES DE VENCER!

O LIXEIRO ZÉ GARANTE!

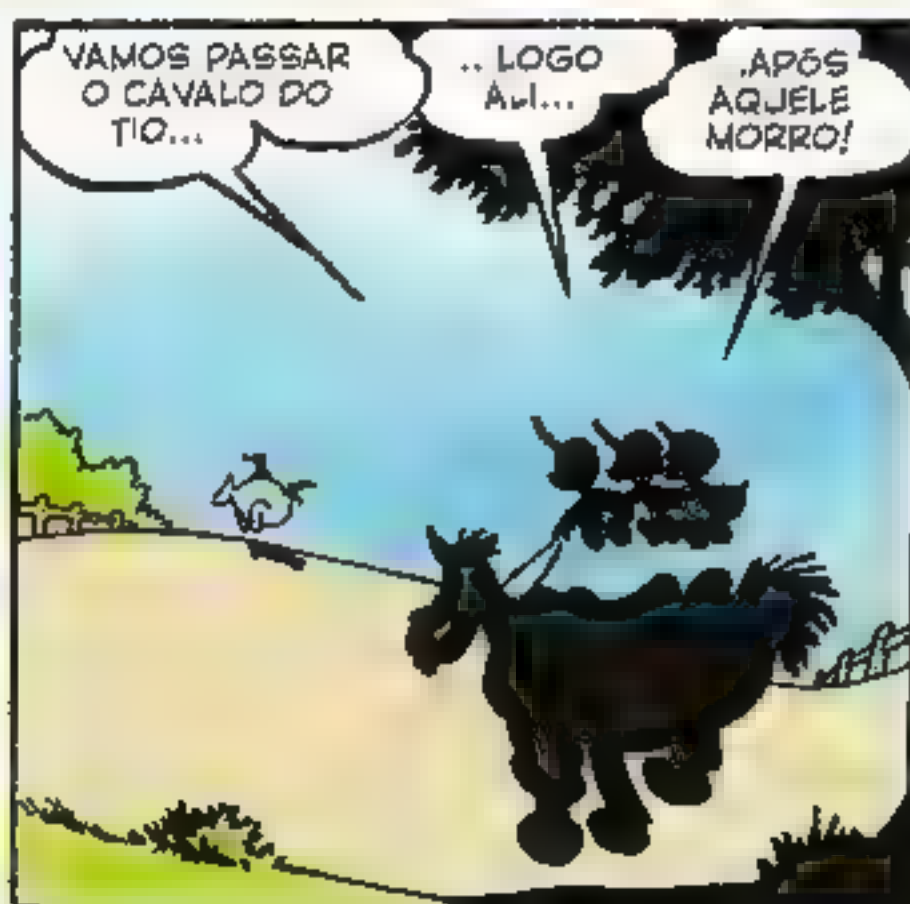
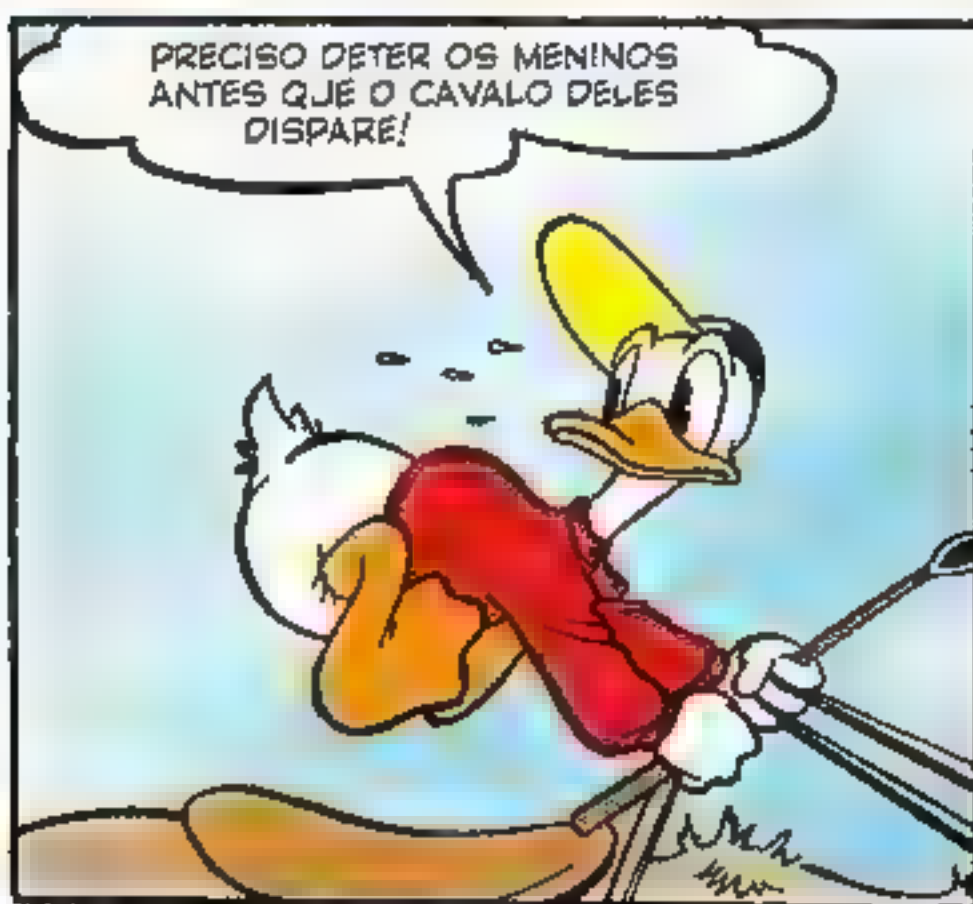
QUÊ! QUÊ! QUÊ!

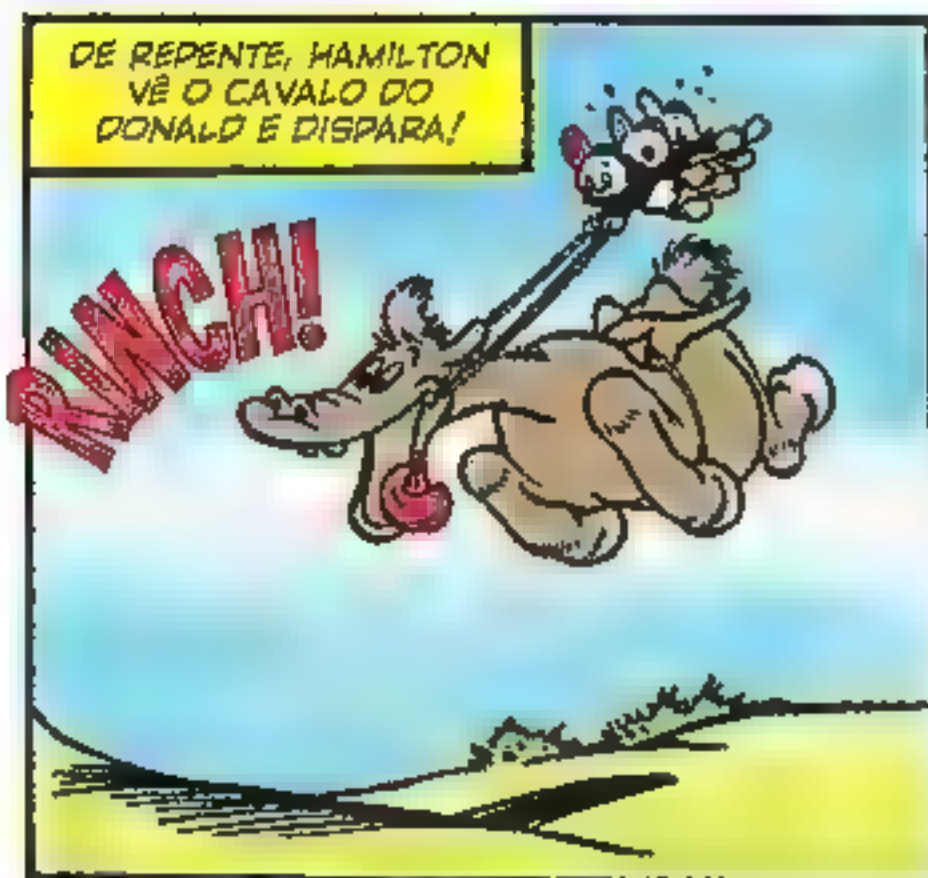
MAS, NESTA NOITE...

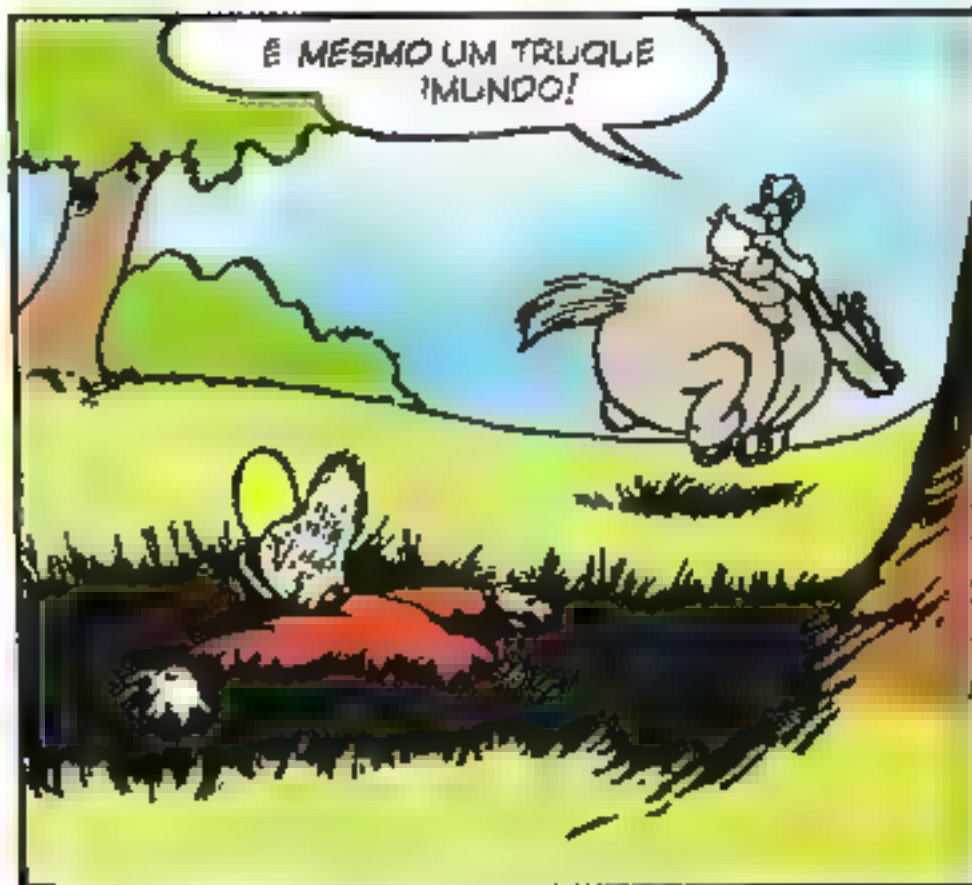
POR QUE OS MENINOS TÊM CERTEZA DE QUE SEJ PANGARE VAI GANHAR? O QUE O ZÉ DISSE A ELES?

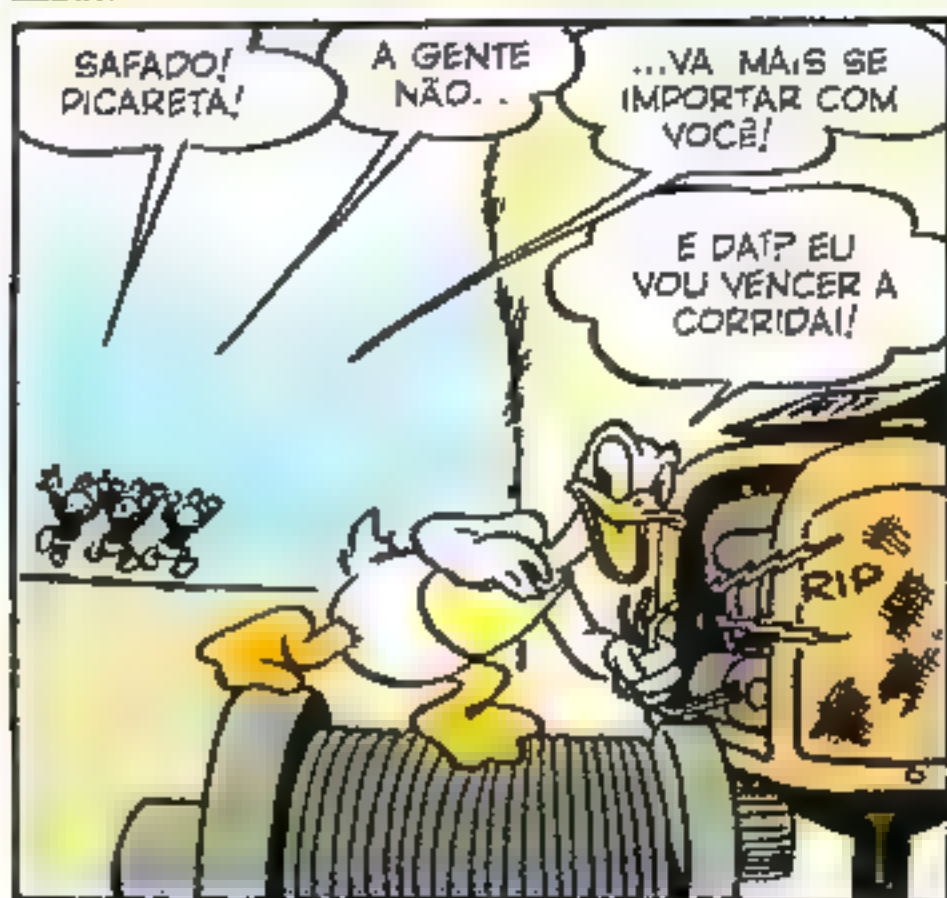
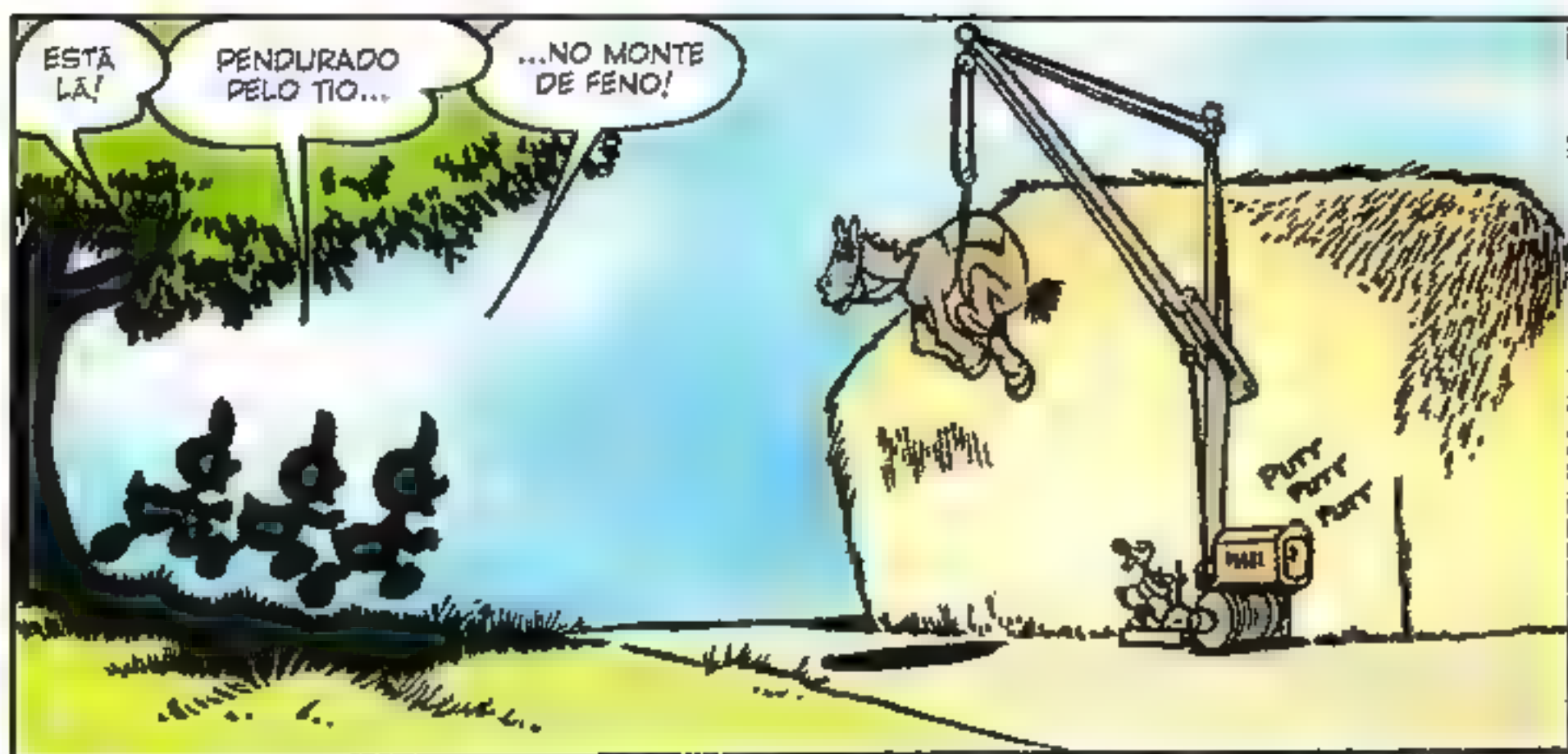


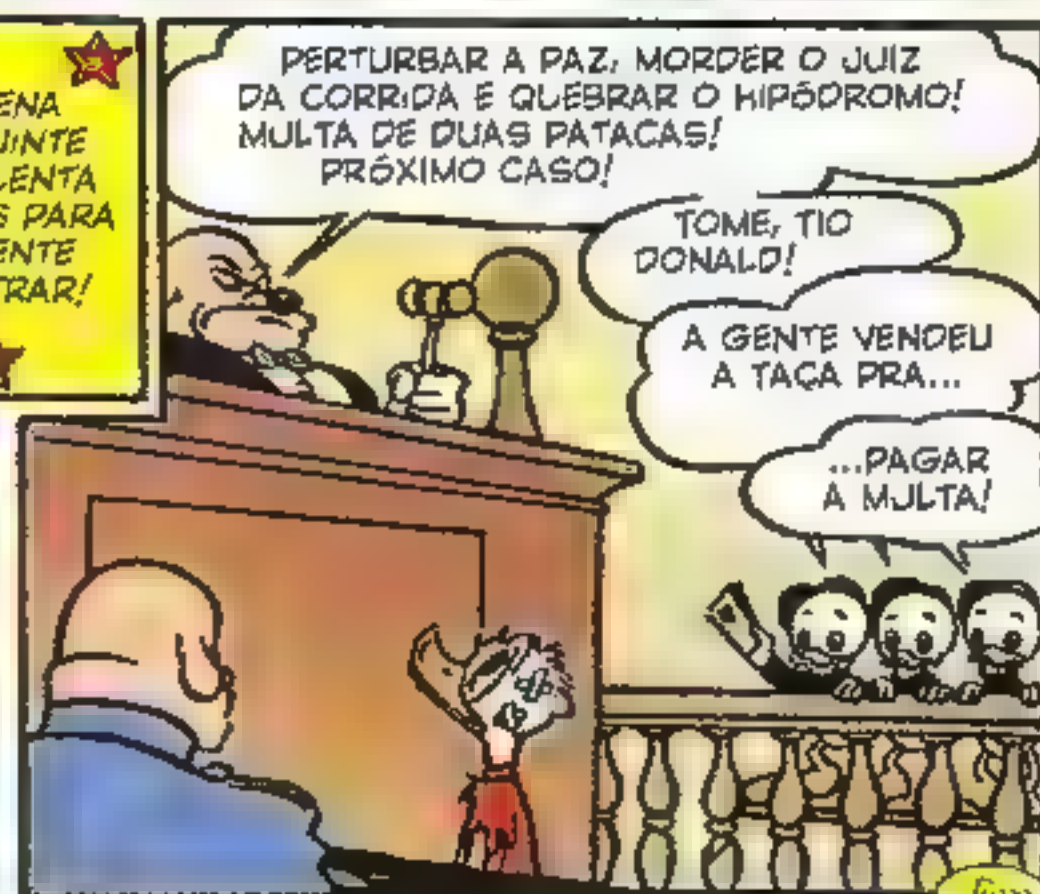
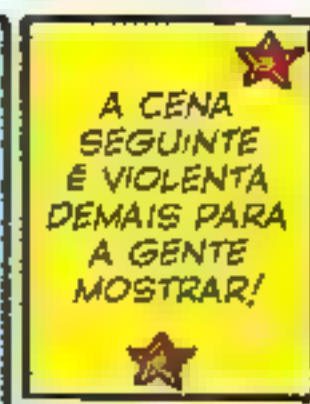
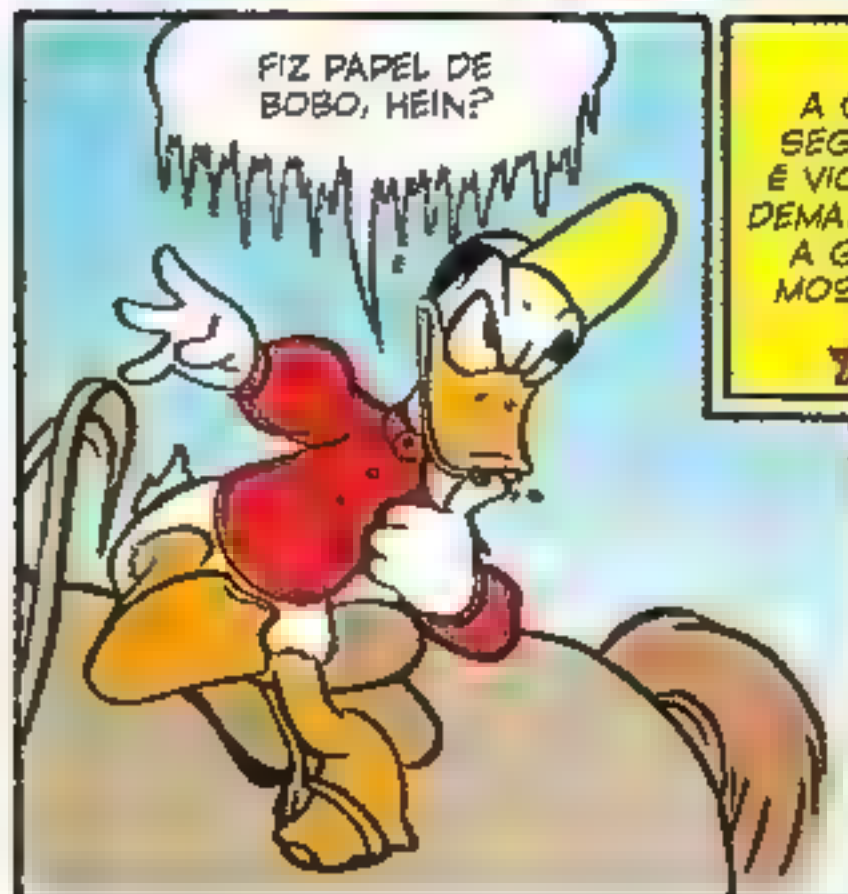












Fun

O Fantasma da Caverna

Foi longa a gestação da aventura que você vai ler a seguir. Carl Barks concebeu o argumento como uma comédia de 10 páginas, como as que criava para o gibi *Walt Disney's Comics and Stories*. Inclusive, ele já havia ambientado histórias curtas em paisagens aquáticas naquela publicação e estava feliz com os resultados. “Meu primeiro passo foi pensar no Donald navegando e extraindo algas do mar para depois vendê-las. Isso me daria uma porção de piadas... Eu me animei e, conforme fui desenvolvendo a trama, percebi que tinha muito mais material do que o necessário. Precisaria tirar várias coisas da história”, lembrou-se o autor numa conversa com o biógrafo Michael Barrier em 1981. Então, veio o impulso de aumentar as páginas: “Eu queria escrever um tipo diferente de roteiro. (...) As tiras do Mickey feitas por Floyd Gottfredson iam além do drama pesado. Elas tinham cava-

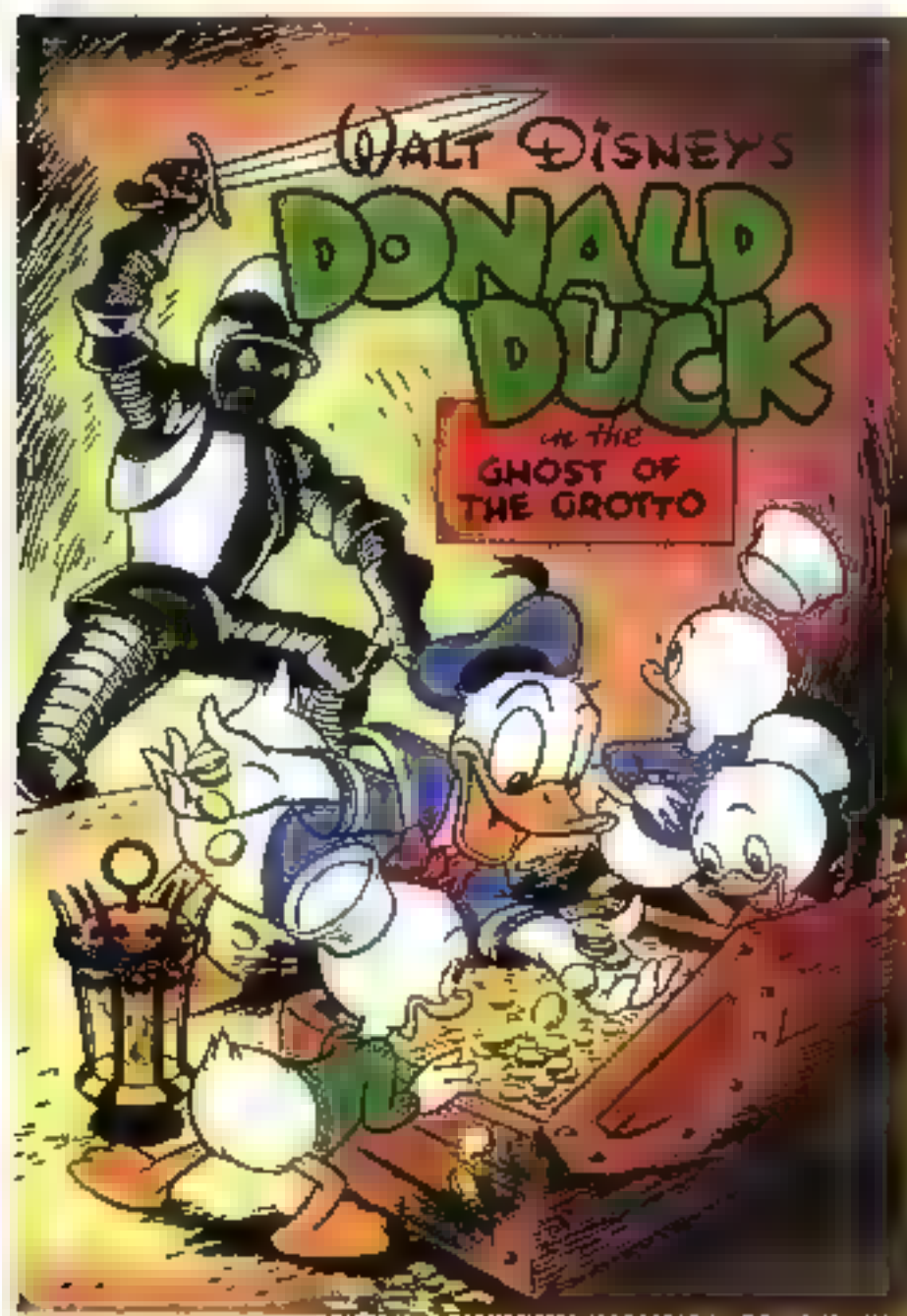
los e tiroteios engraçados e, mesmo assim, eram sérias de alguma forma”. Barks apelou, então, para a velha coleção da revista *National Geographic*, na qual achou o que procurava — uma reportagem sobre um cemitério de navios nos corais da costa da Flórida. Pesquisadores haviam localizado ali o canhão de um barco inglês do século 17. Estimulada, a imaginação do artista alçou voo. Que tal se os destroços fossem de um vaso de guerra da frota do almirante britânico Sir Francis Drake? E se a embarcação estivesse recheada de ouro espanhol? Depois de mais pesquisas, o artista transferiu o enredo para as Índias Ocidentais e bolou uma explicação para o fantasma do título.

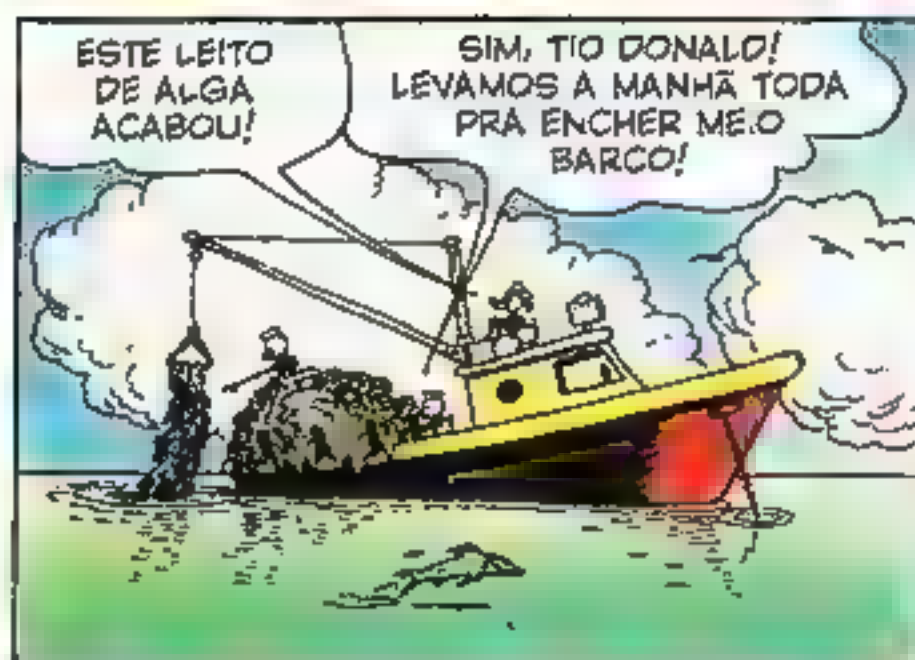
Na página 117, aparece ainda, pela primeira vez na obra do Homem dos Patos, um quadrinho de meia página. “Eu precisava de um painel enorme, que explodisse na cara das pessoas. E colocaria nele tantos detalhes quanto eu pudesse”, contou. Dessa vontade de experimentar, nasceu uma apoteose: a cena em que, impulsionado por uma refeição à base de pimenta, o polvo gigante emerge do navio naufragado. A partir de então, os painéis de meia página tornaram-se constantes nos trabalhos do quadrinista. E ele os explorou com maestria.

Eu Fui um Canguru!

Esta aventura, produzida por Carl Barks alguns dias antes de concluir *O Fantasma da Caverna*, apresenta uma estrutura simples e tem como mérito a economia de cenários e de diálogos em prol da fluência narrativa. Nessa trama movimentada, Donald se perde no deserto australiano e os sobrinhos partem para o resgate. Barks impõe urgência ao ritmo da leitura ao deixar os patos sem água e à mercê de canibais. Ecologicamente questionável nos dias de hoje, a história ainda assim tem um desfecho justo e amigável.

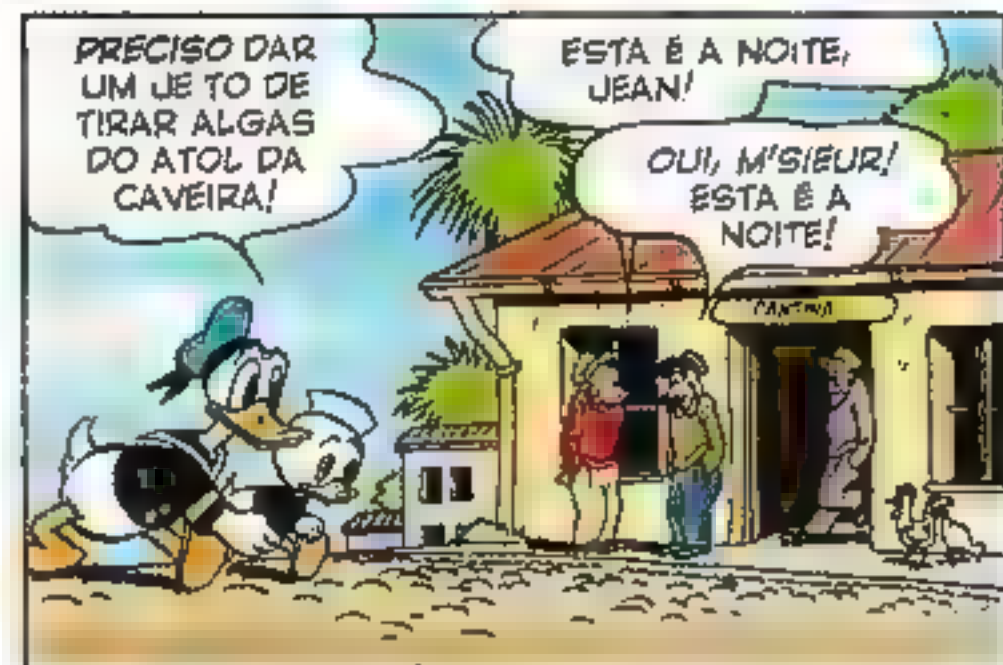
O Fantasma da Caverna (The Ghost of the Grotto), W OS 159-01, e *Eu Fui um Canguru! (Adventure Down Under)*, W OS 159-02, escritas e desenhadas por Carl Barks em abril de 1947

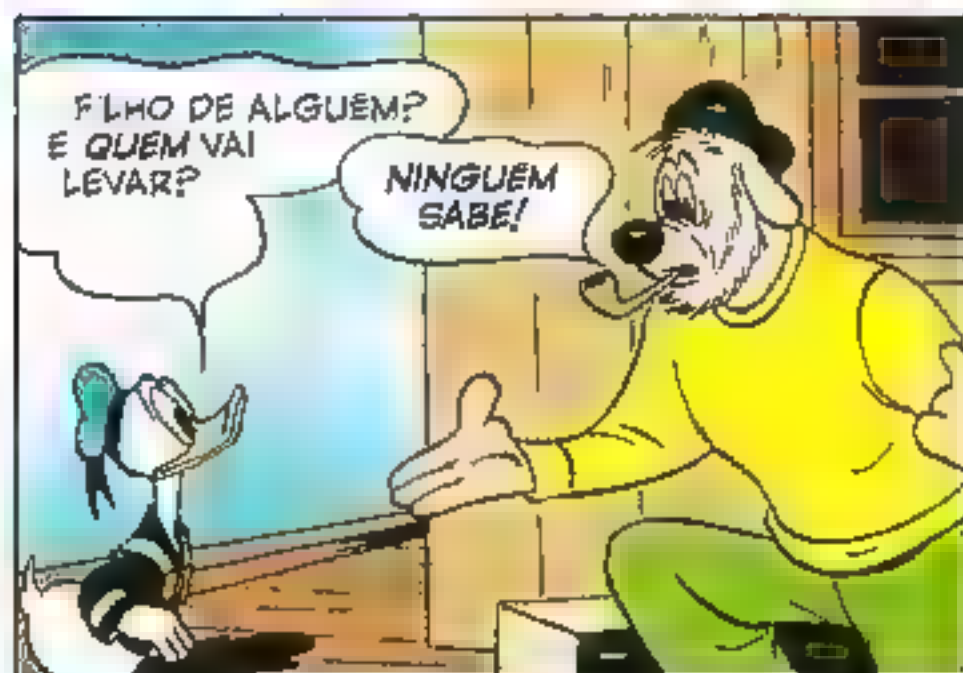




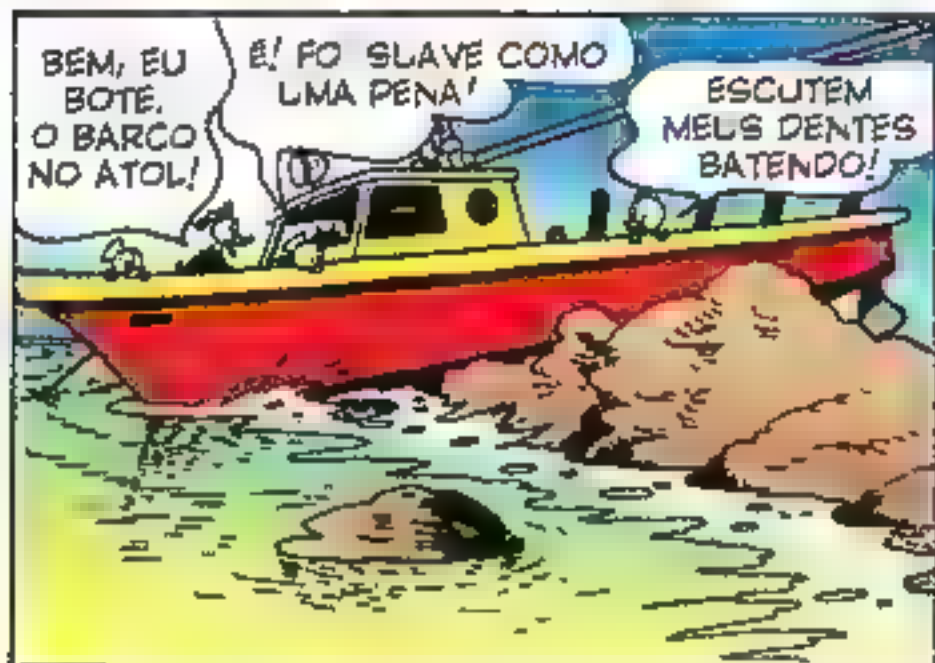
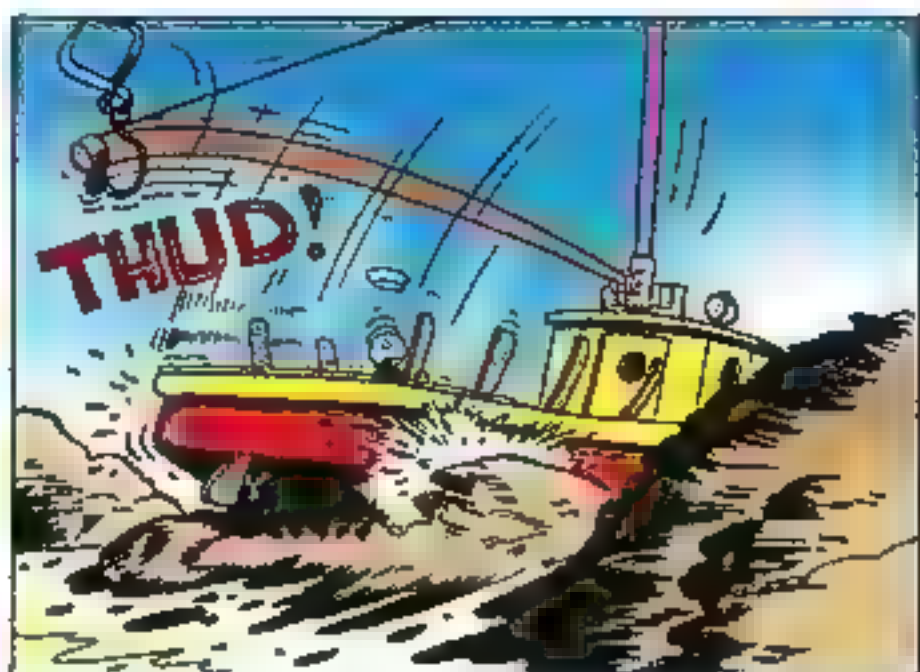
Histórias publicadas originalmente na revista *Four Color* 159 em agosto de 1947

1- O Fantasma da Caverna (The Ghost of the Grotto) No Brasil: Almanaque Disney 4 (1971, Seleção Disney 8 (1986) e SOS Titanic 1 (1998) 2- Eu Fui um Canguru! ou Donald e o Canguru (Adventure Down Under) No Brasil: Pato Donald 6 e 7 (1950 e 1951) Tio Patinhas 53 (1969) e Almanaque de Férias 2 (1983)

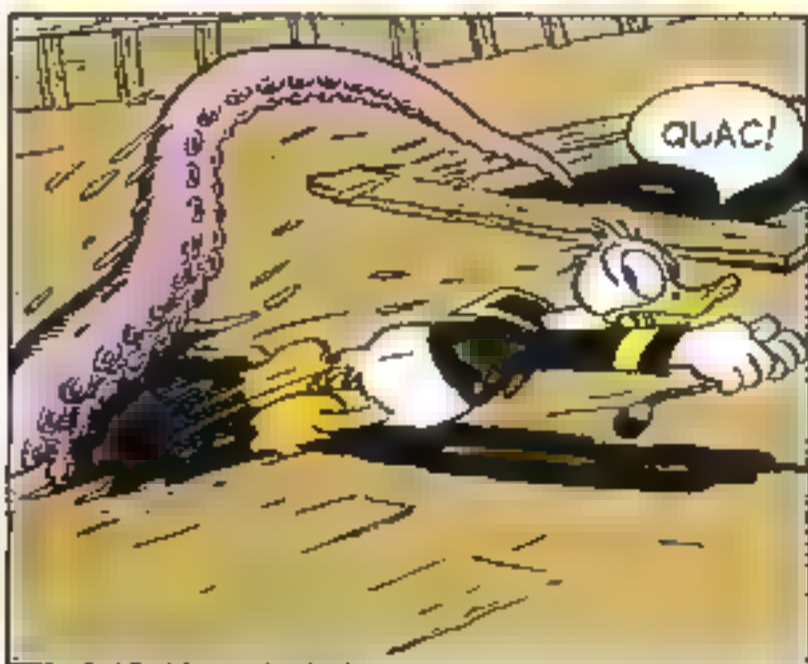
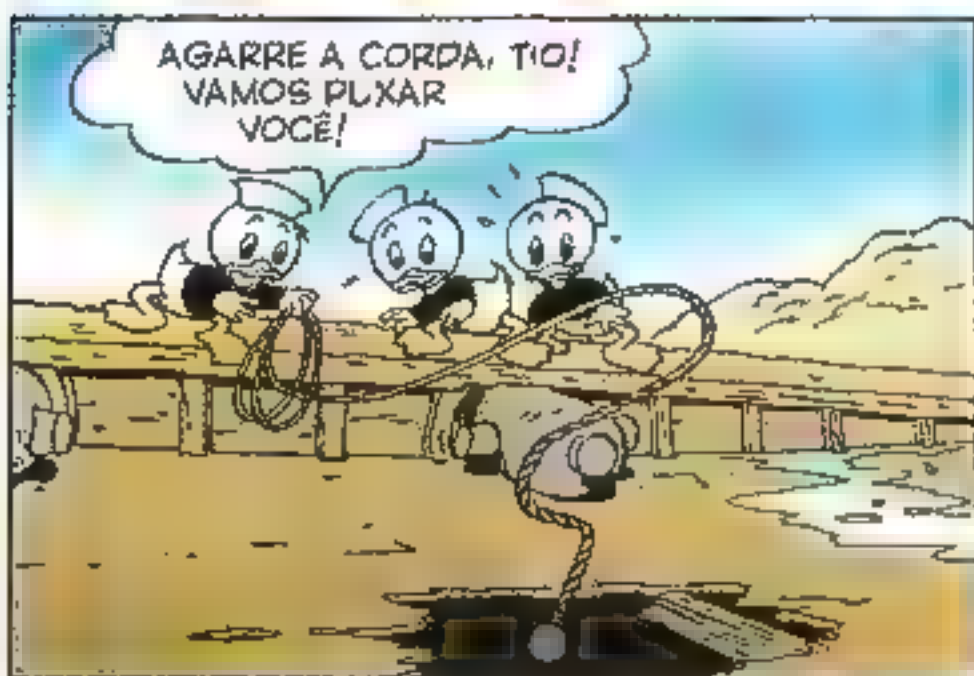
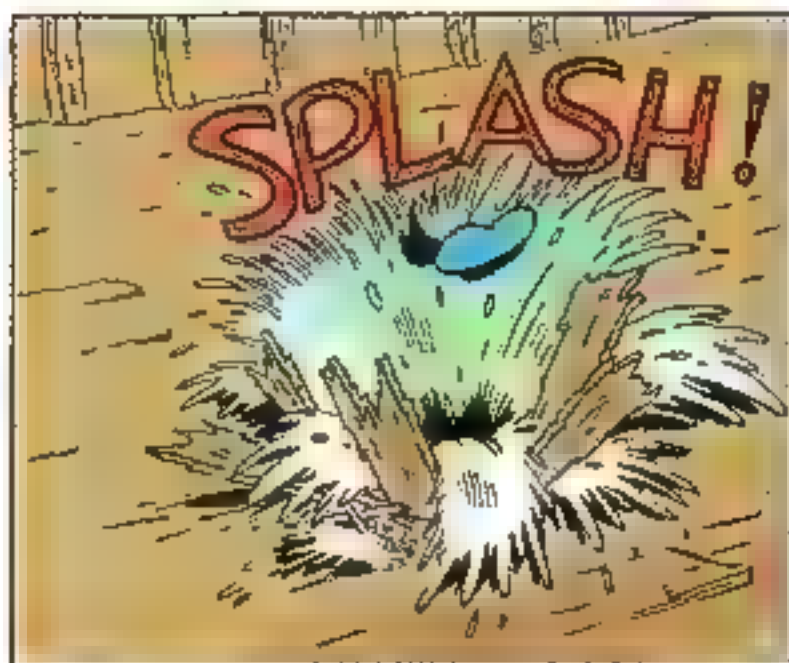
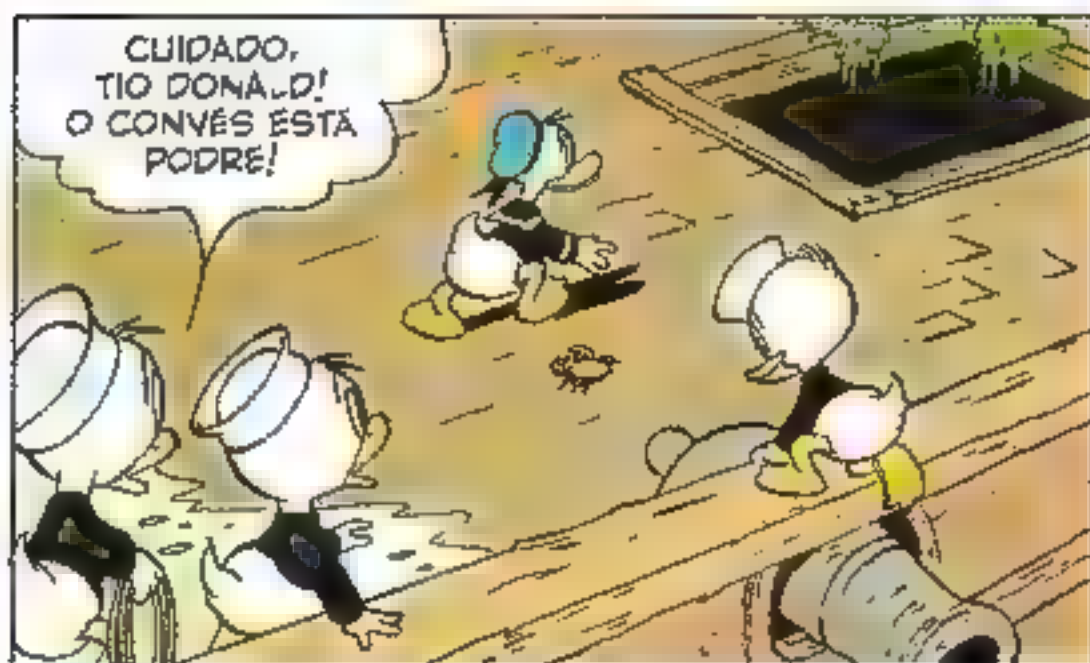


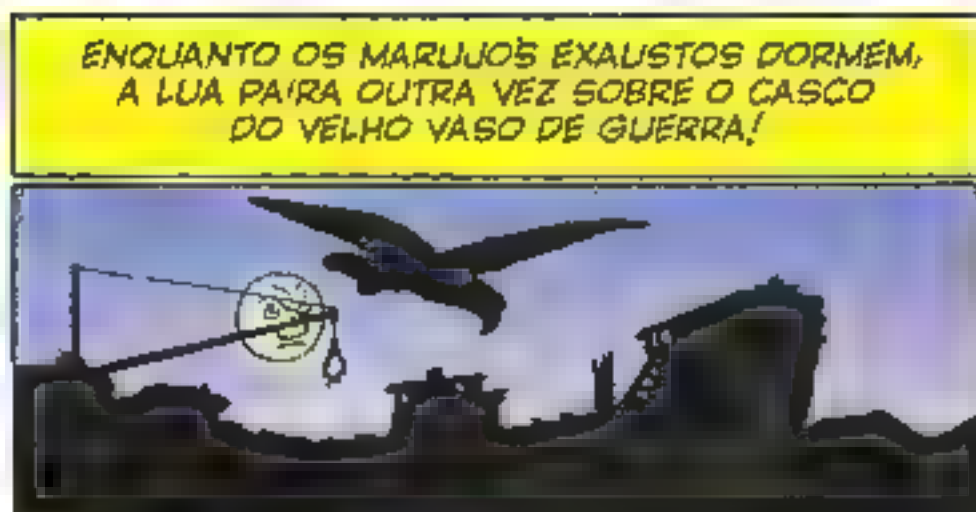
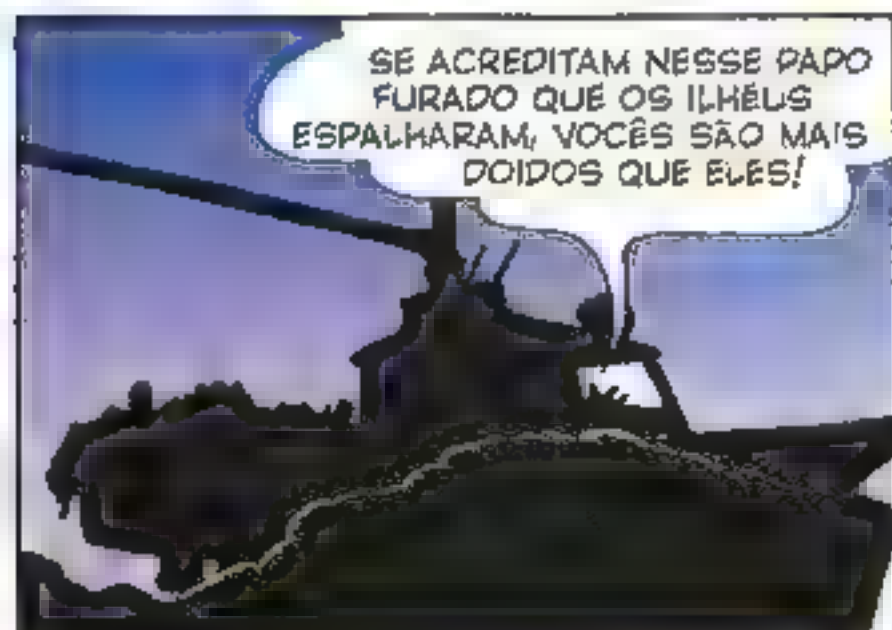








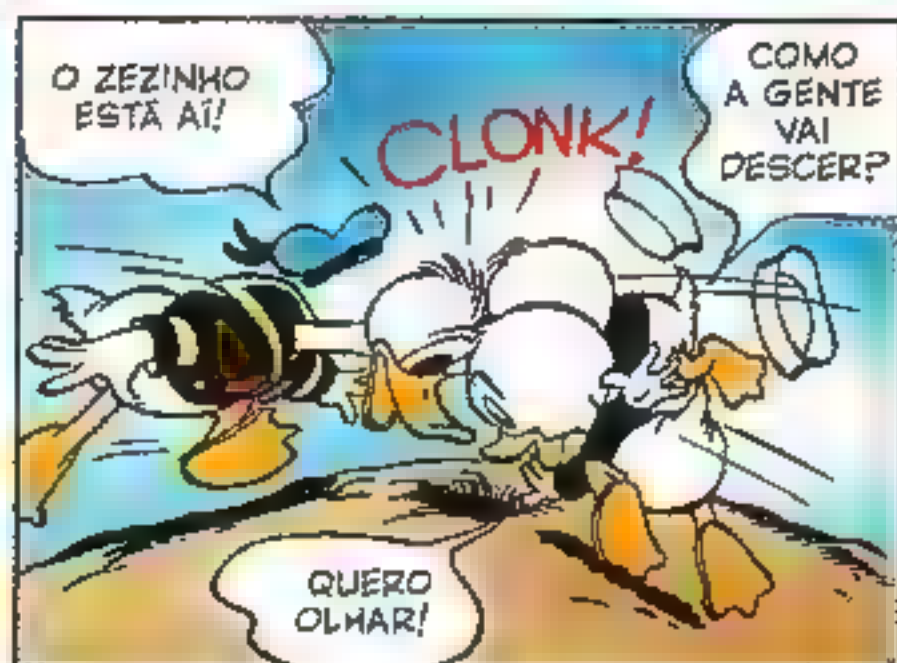
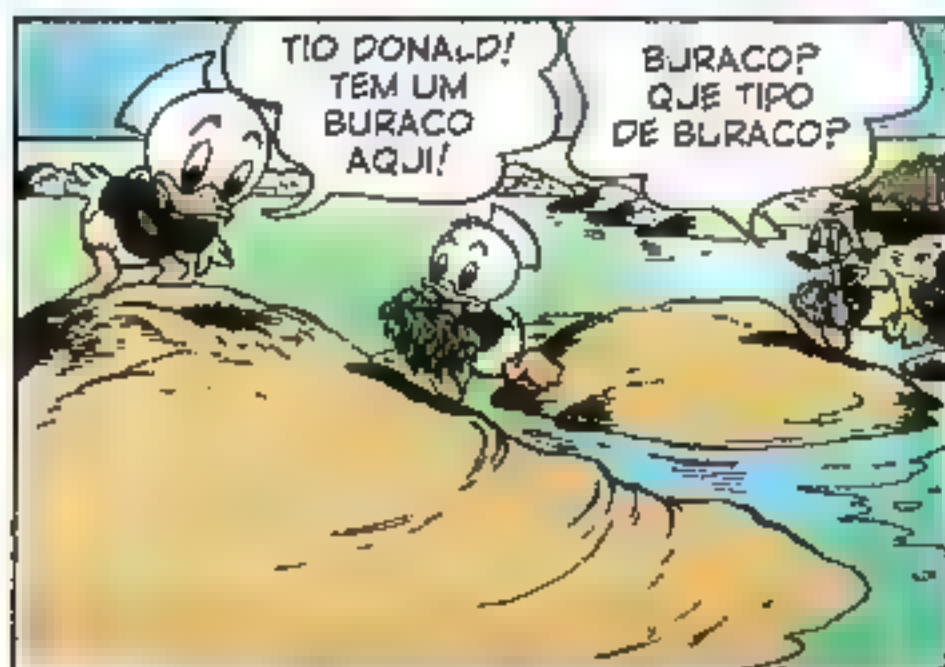




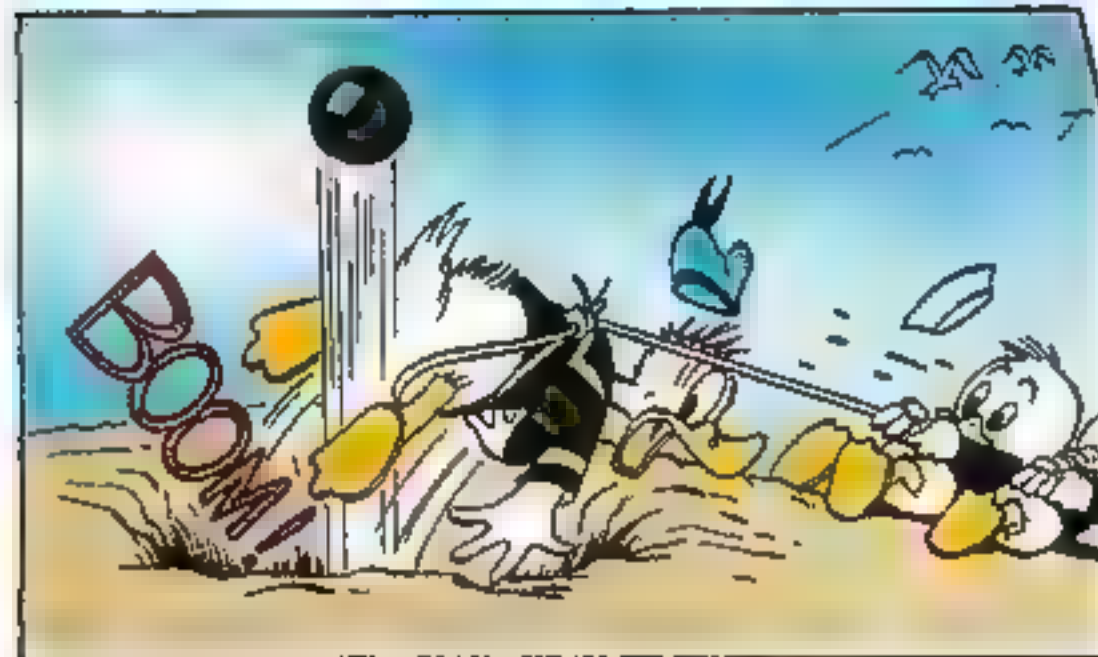
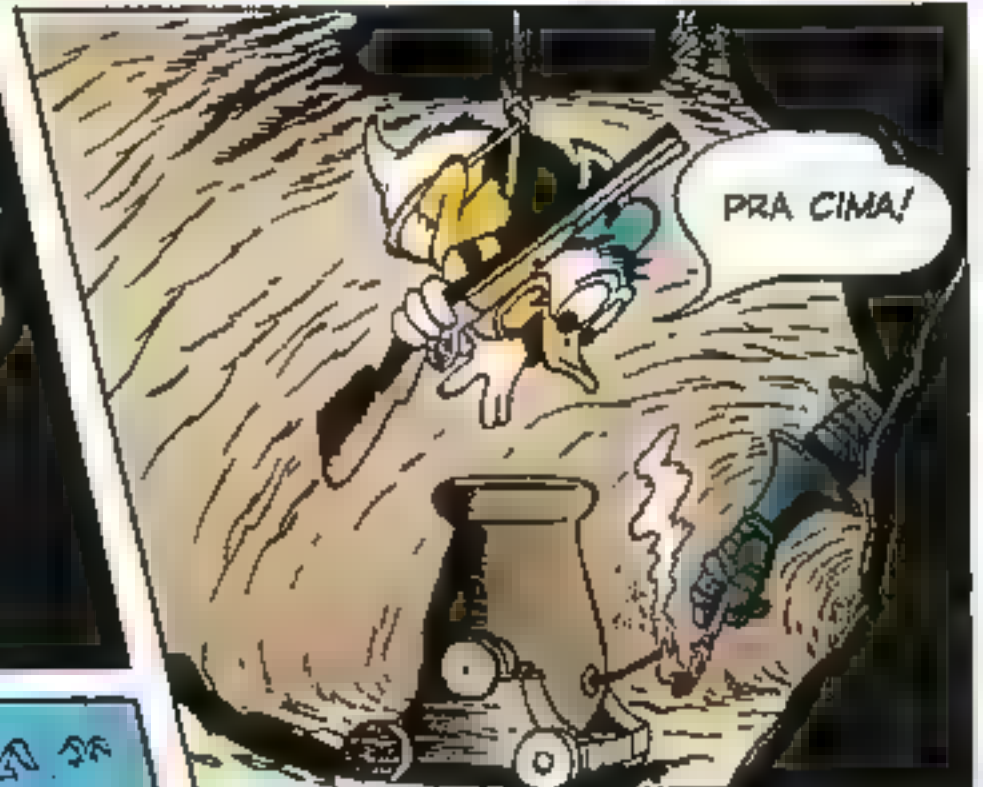


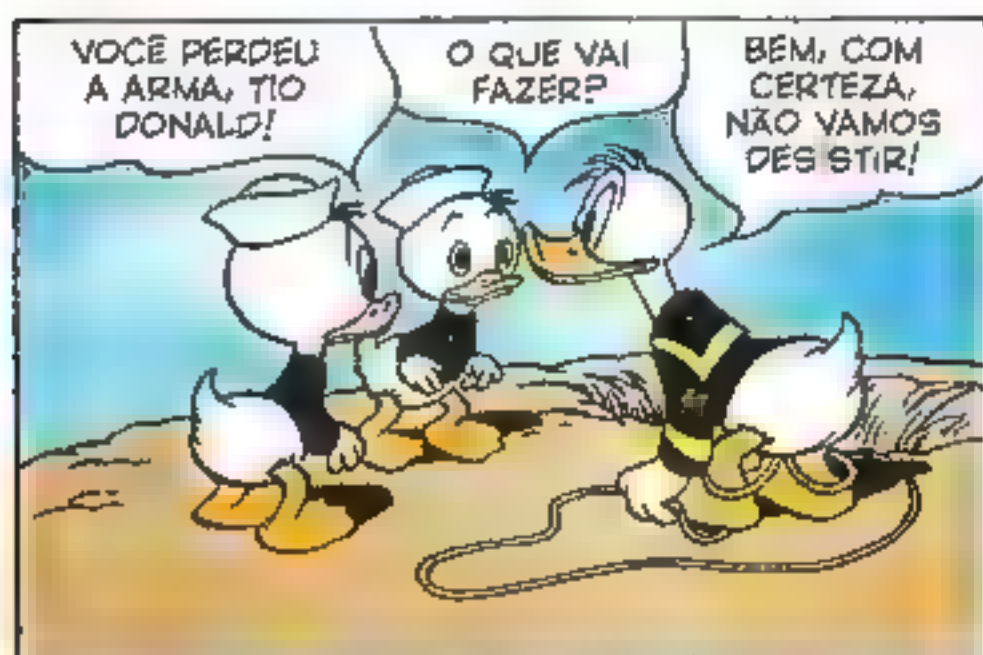








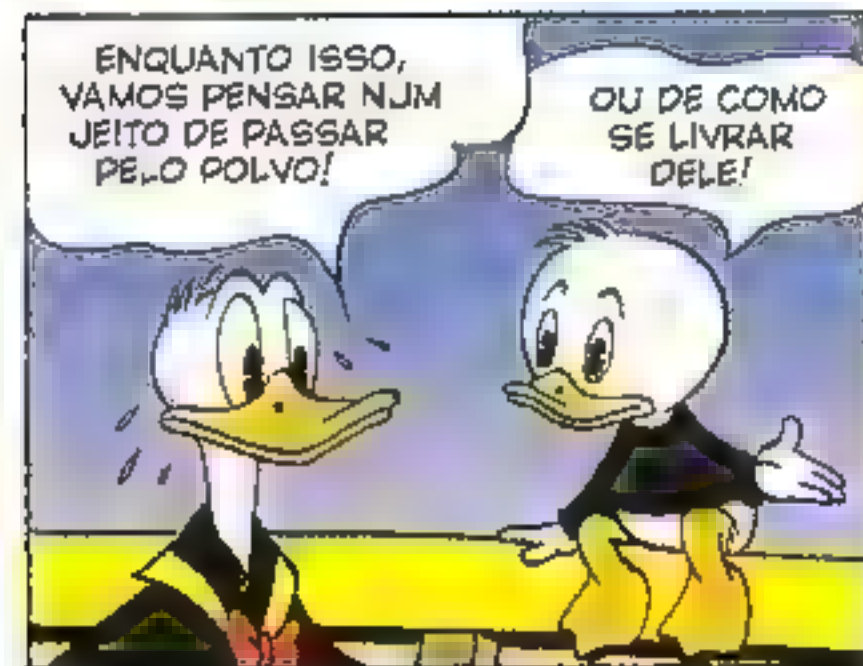
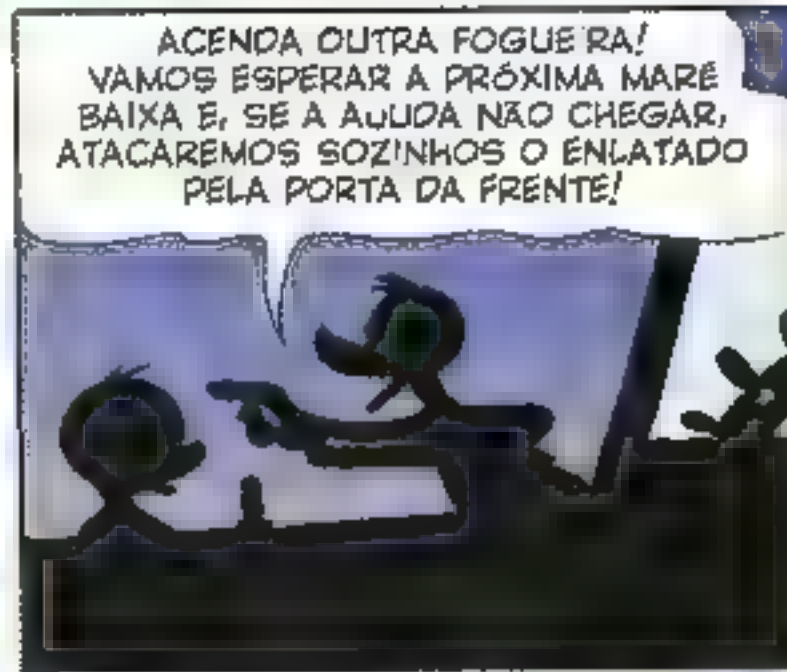


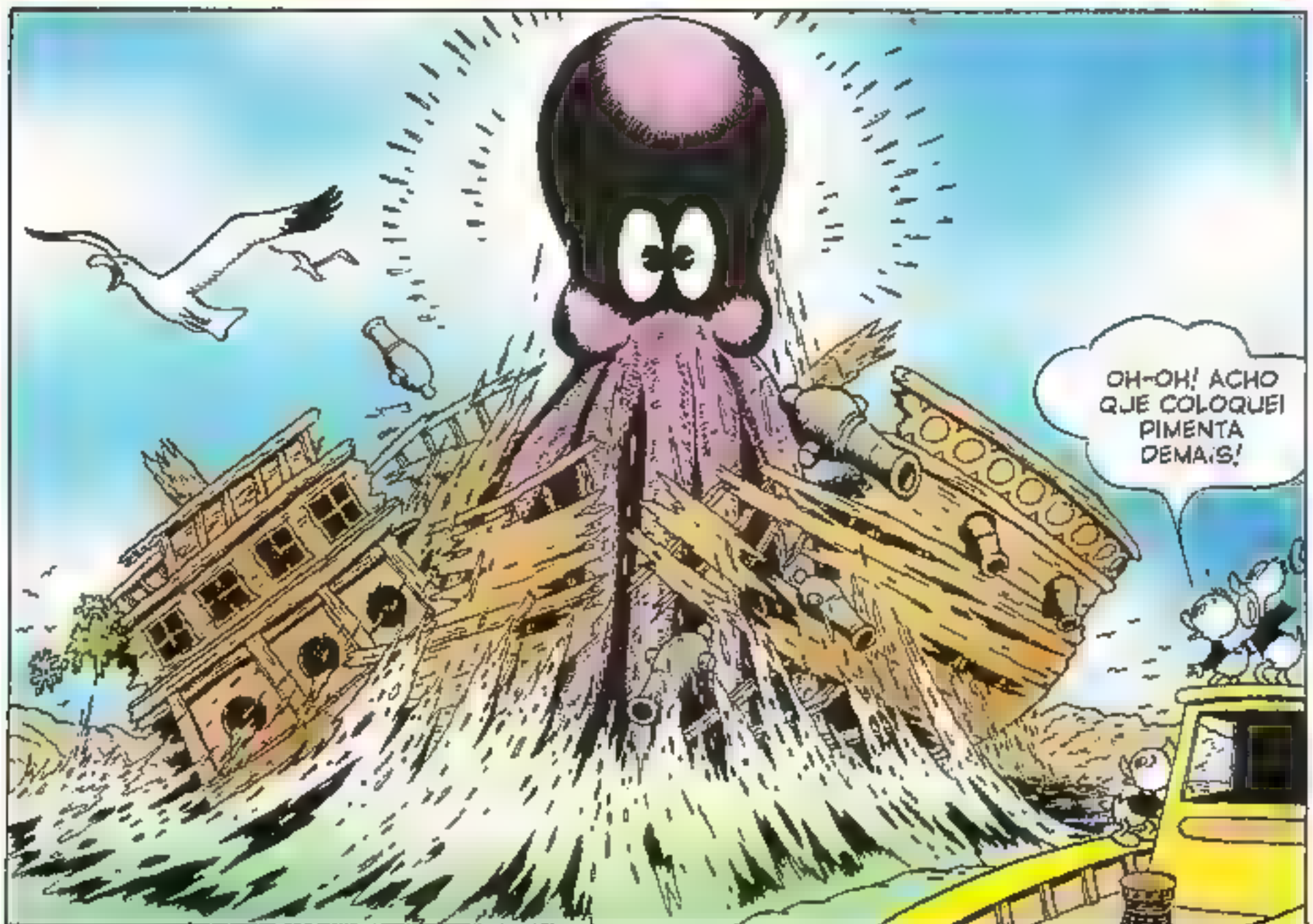
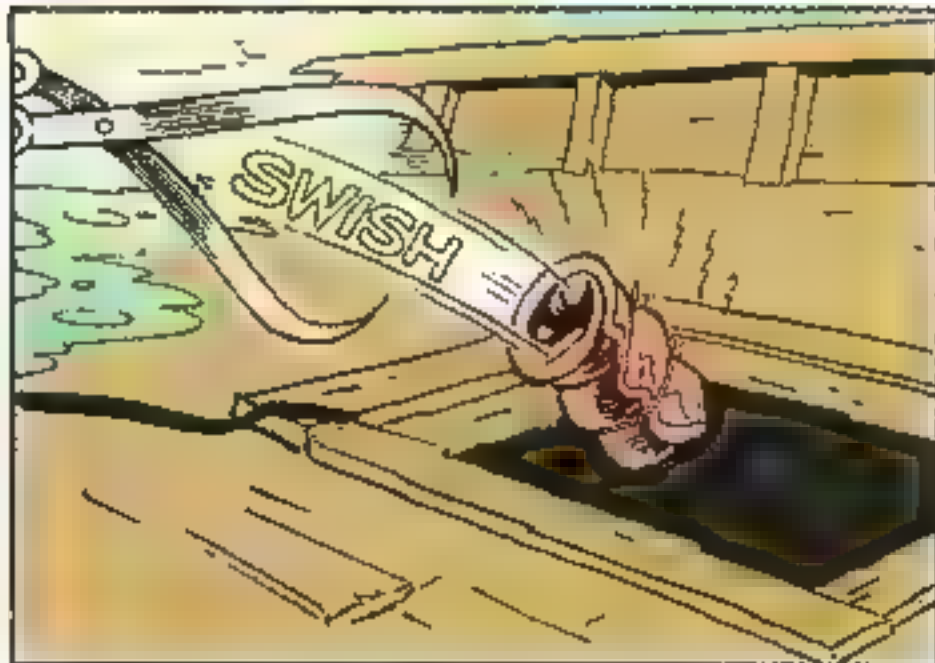
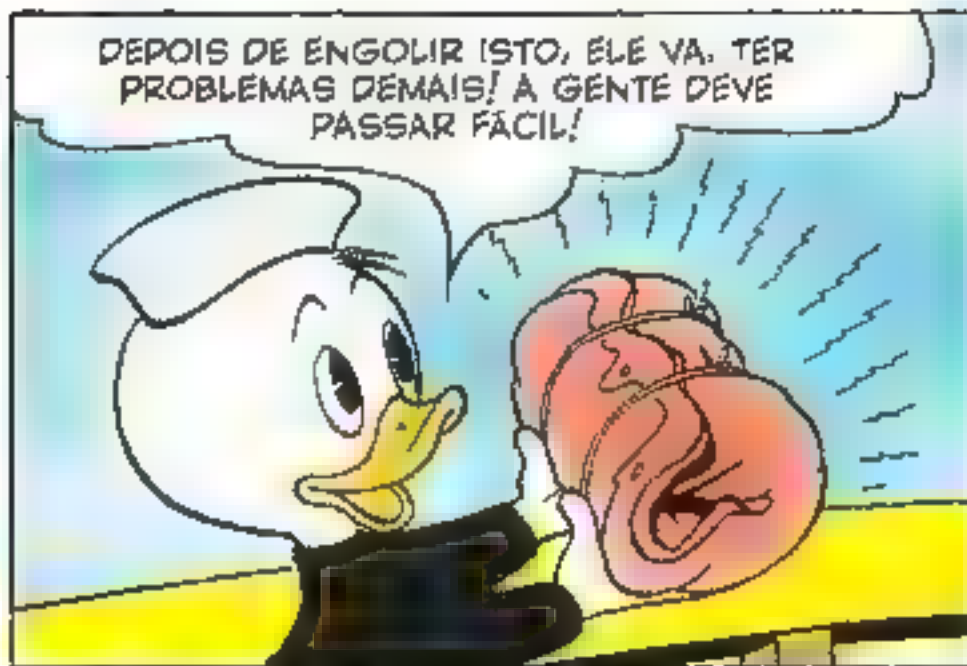


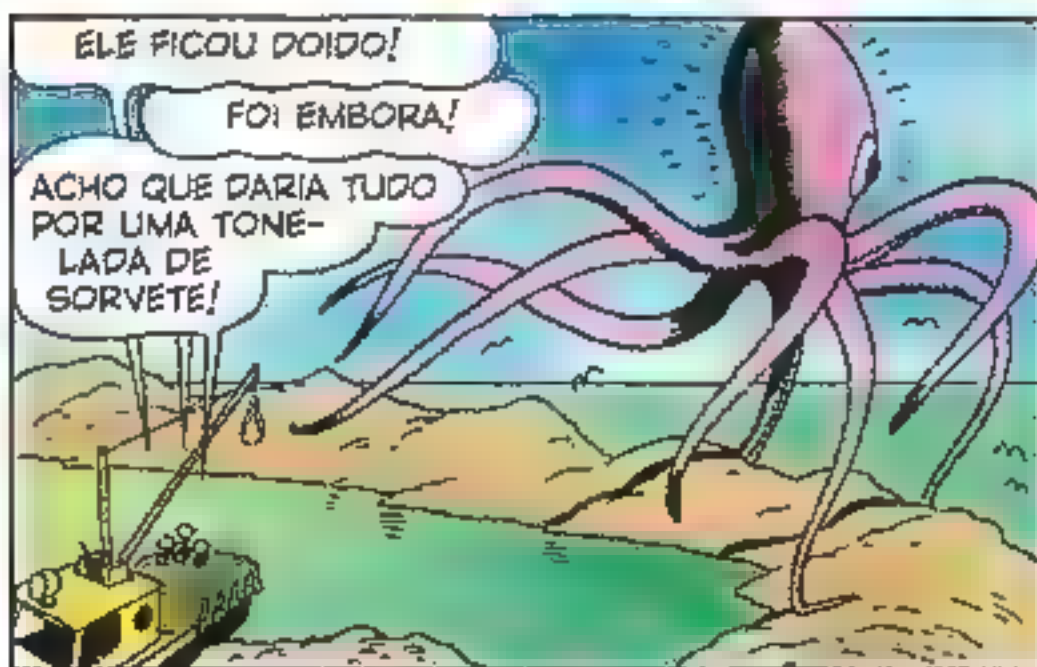


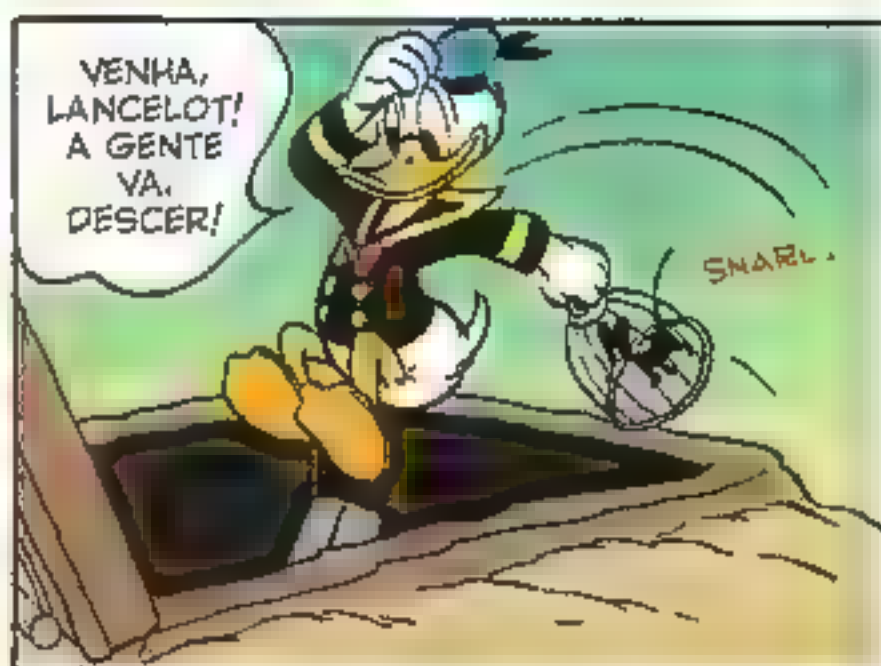
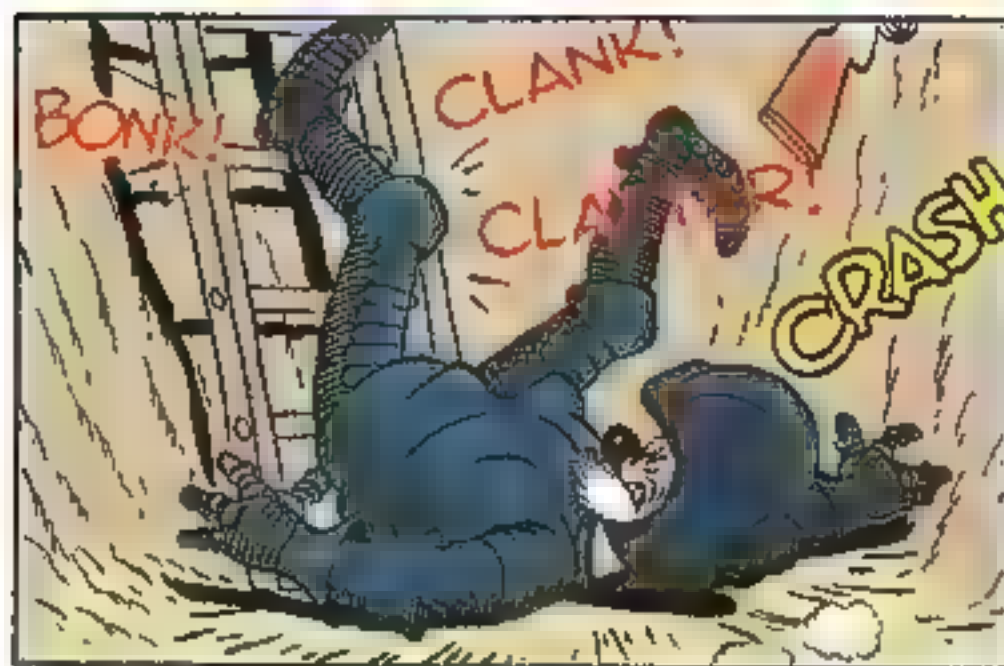
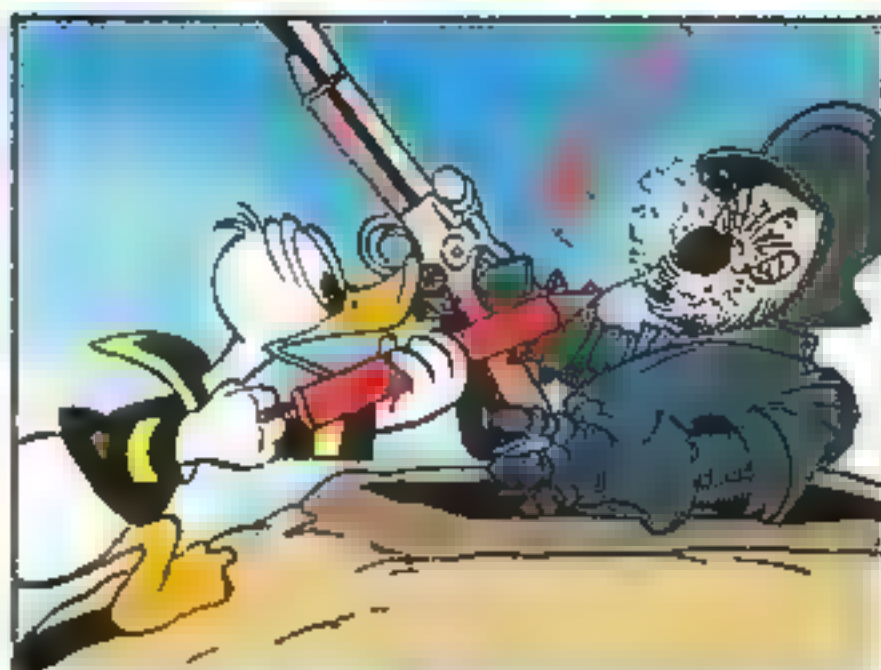
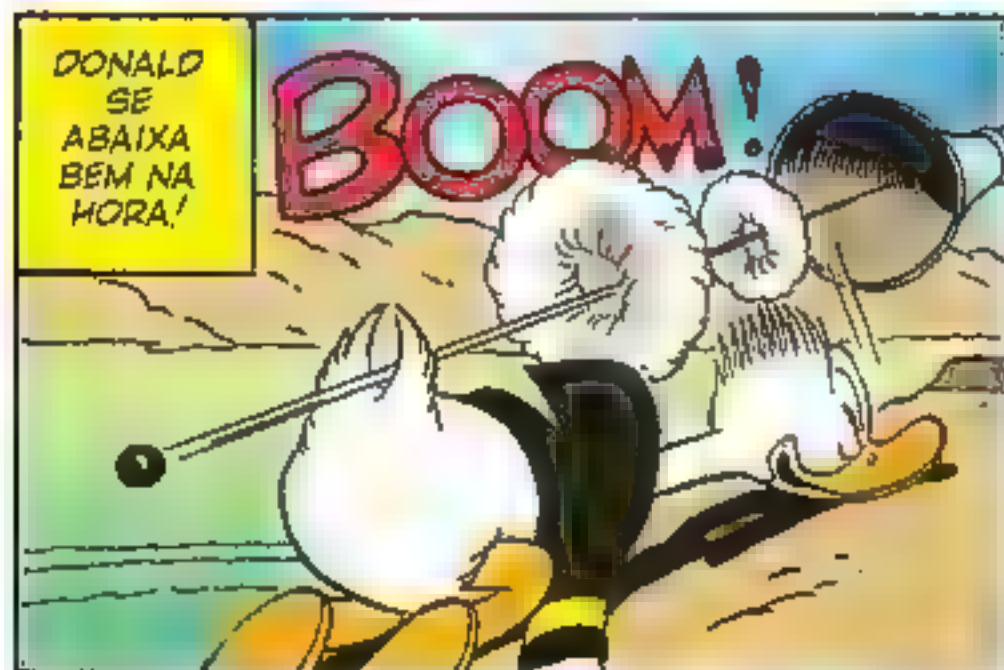
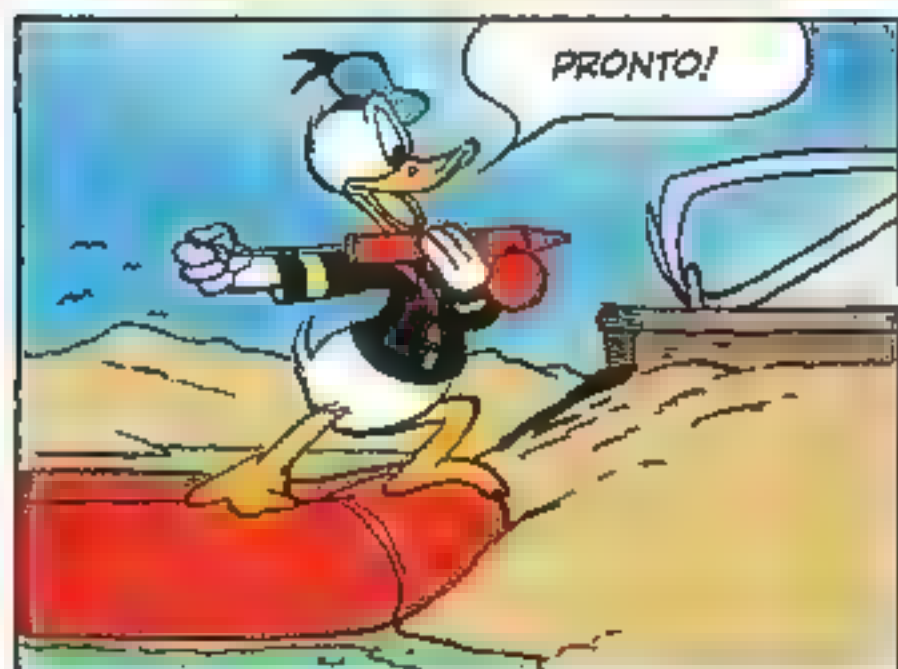


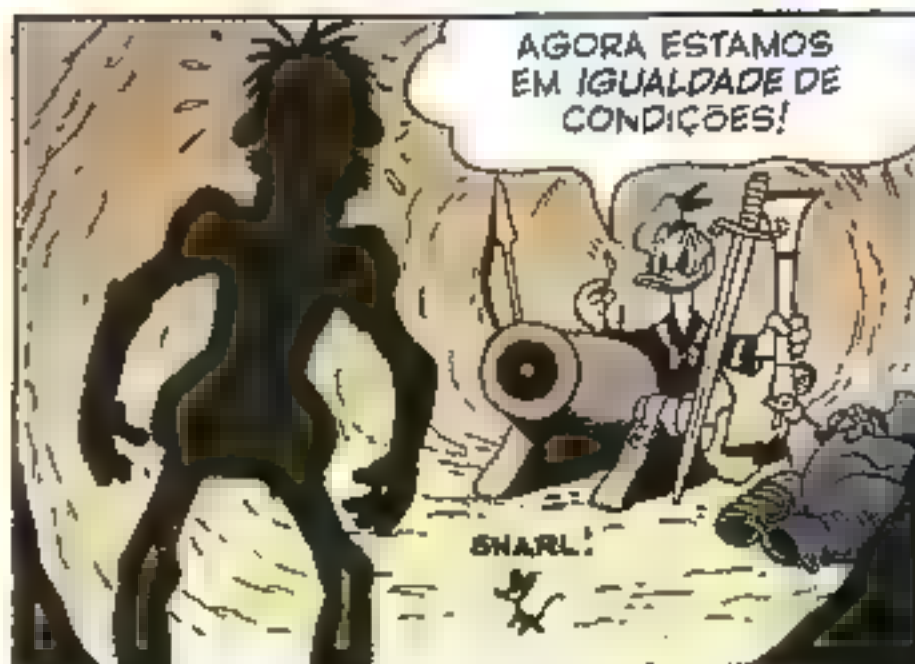
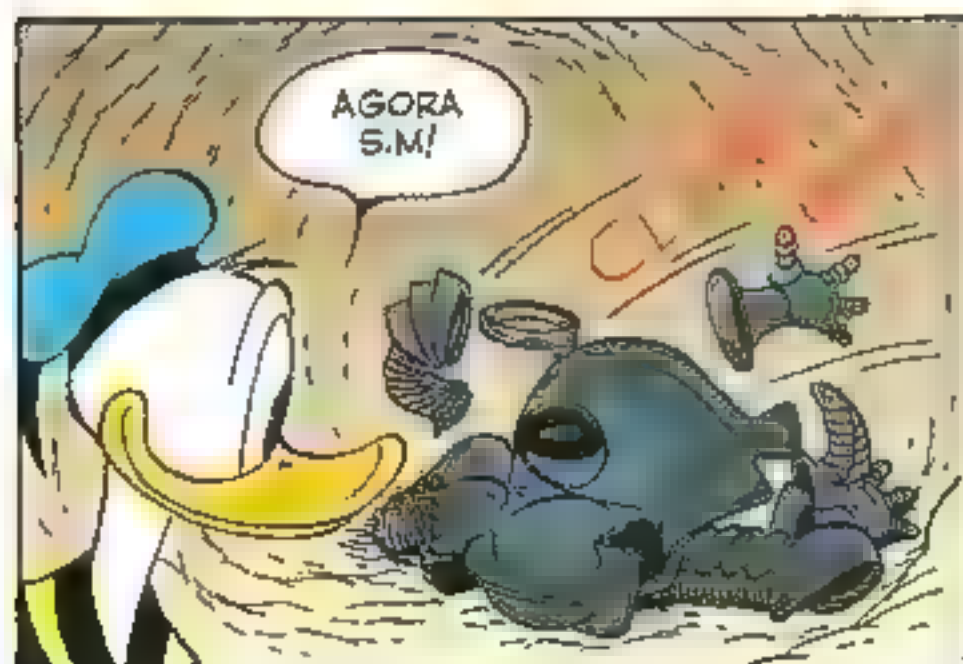
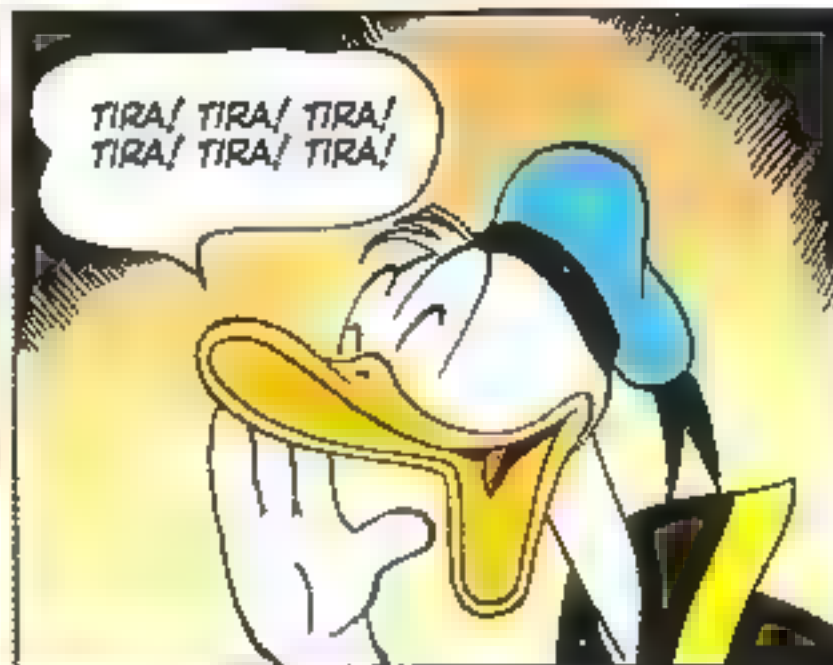
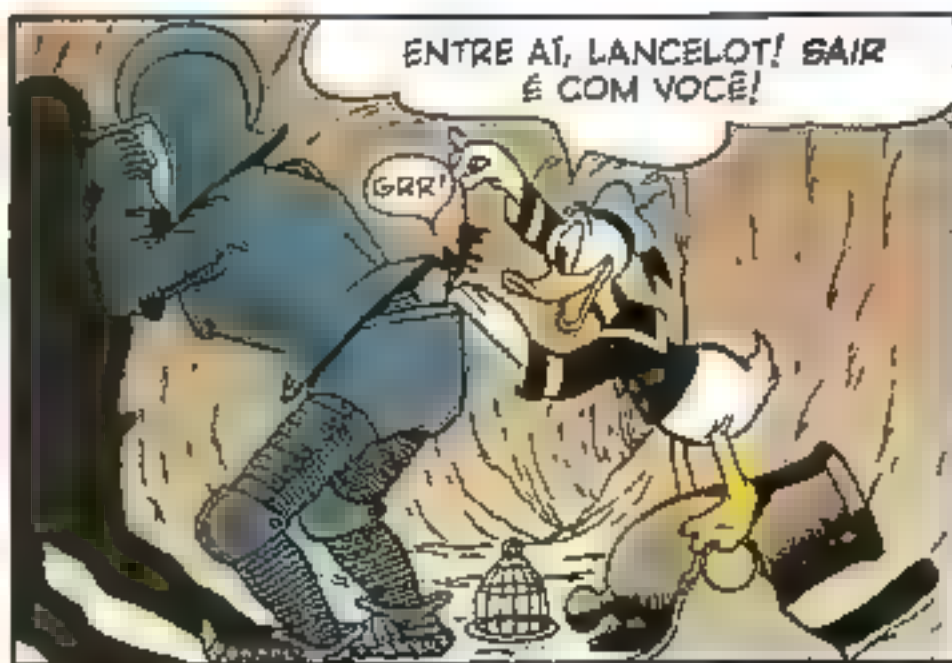






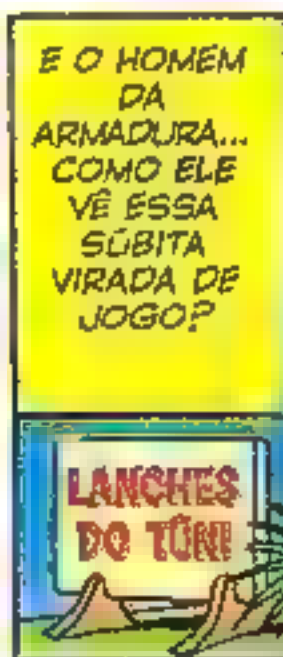
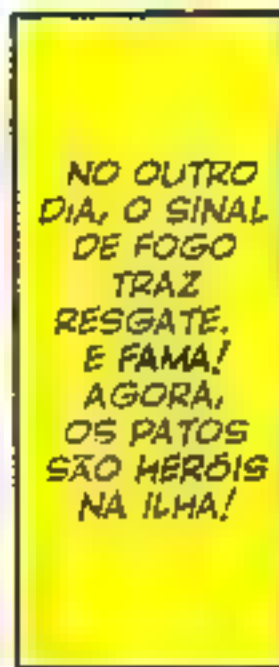






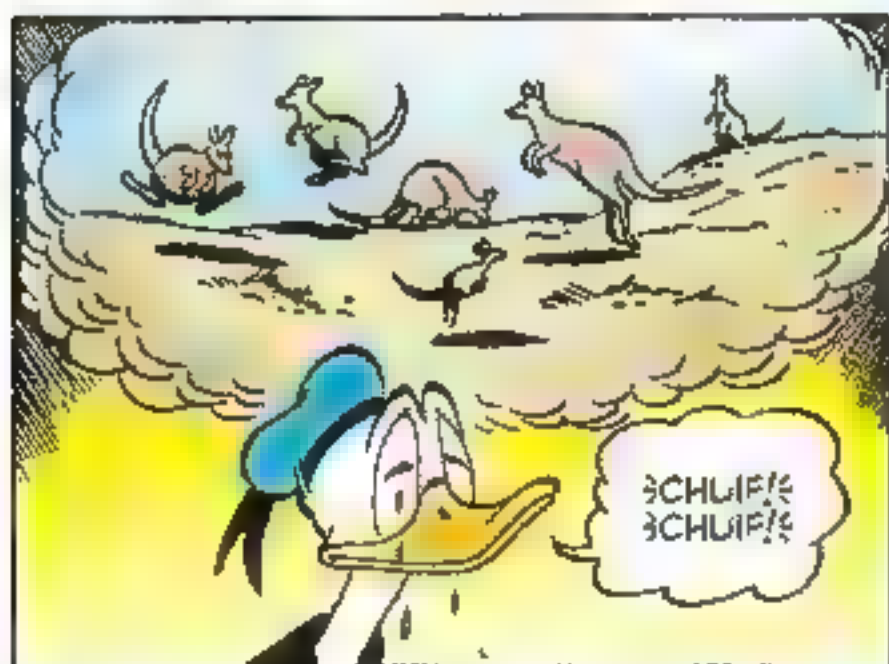


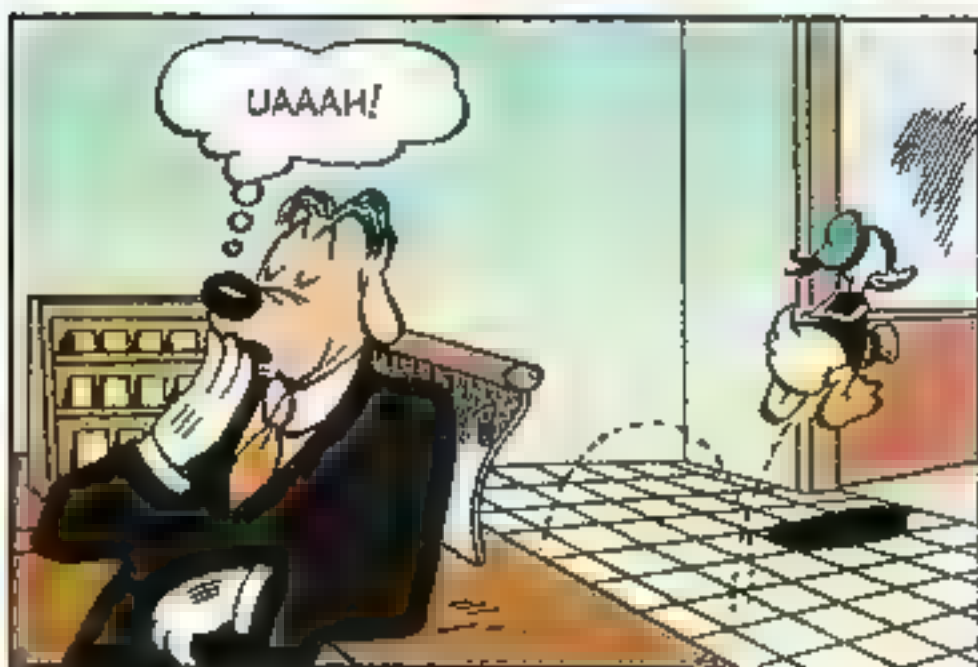
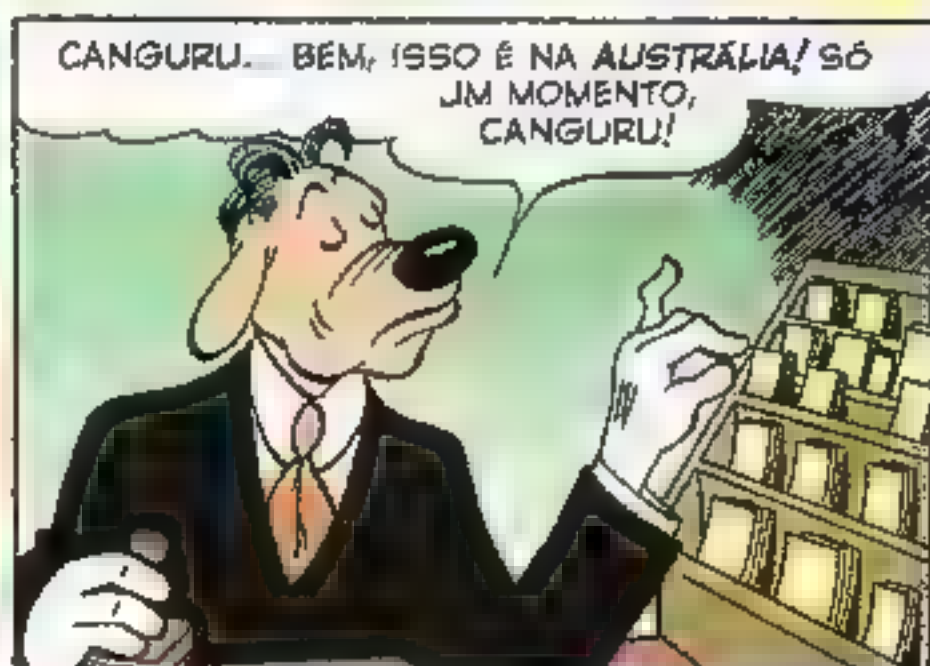


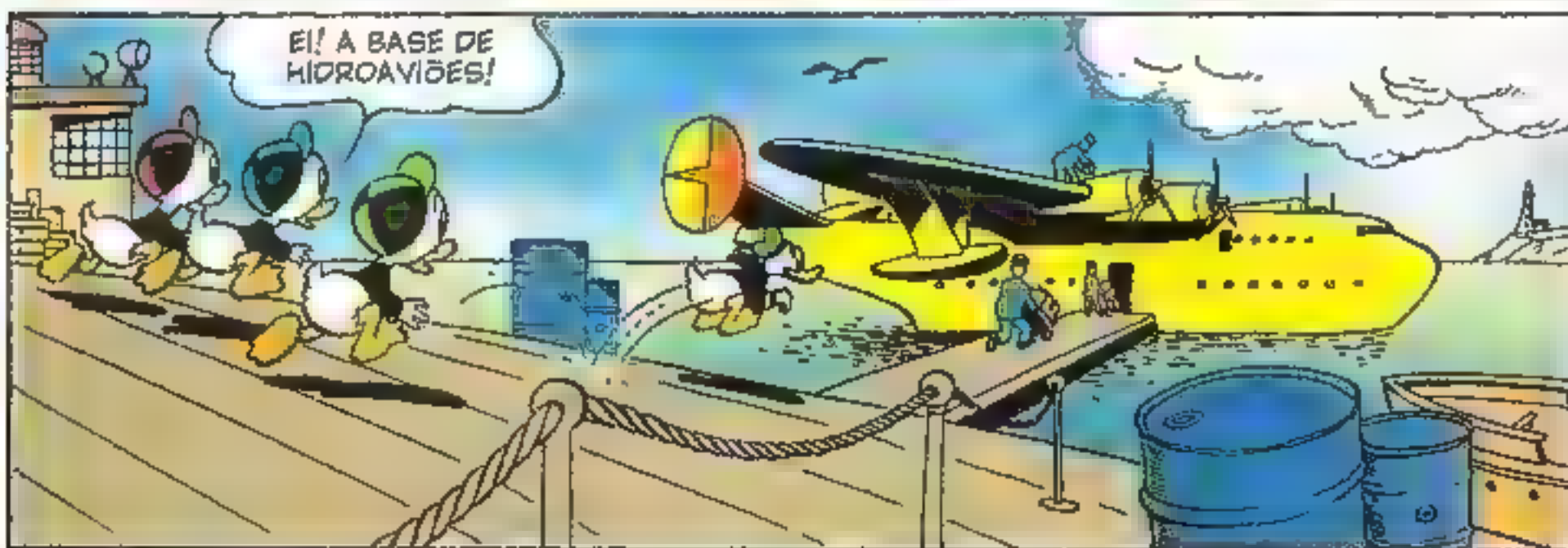
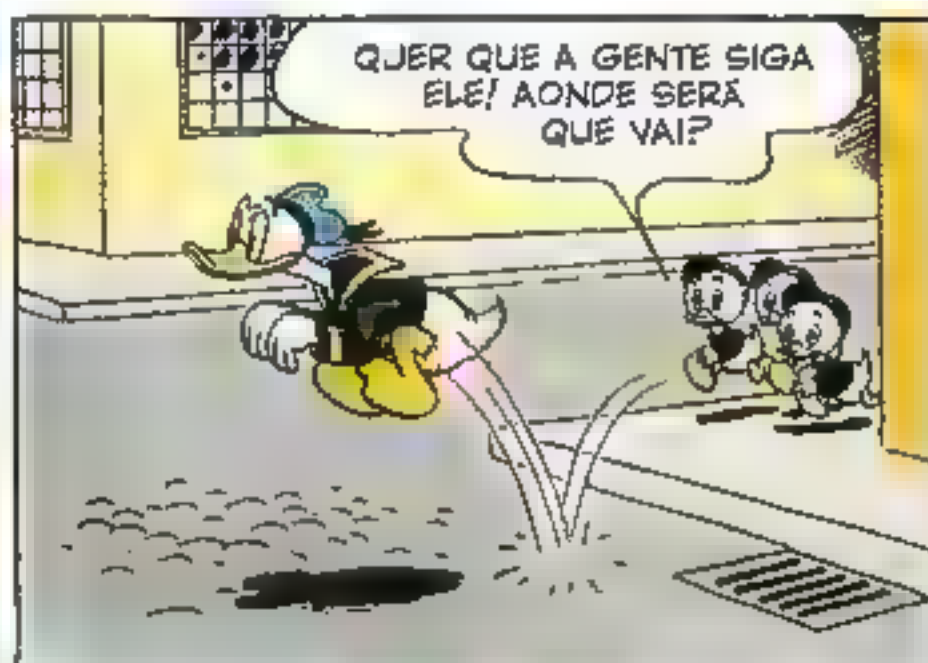


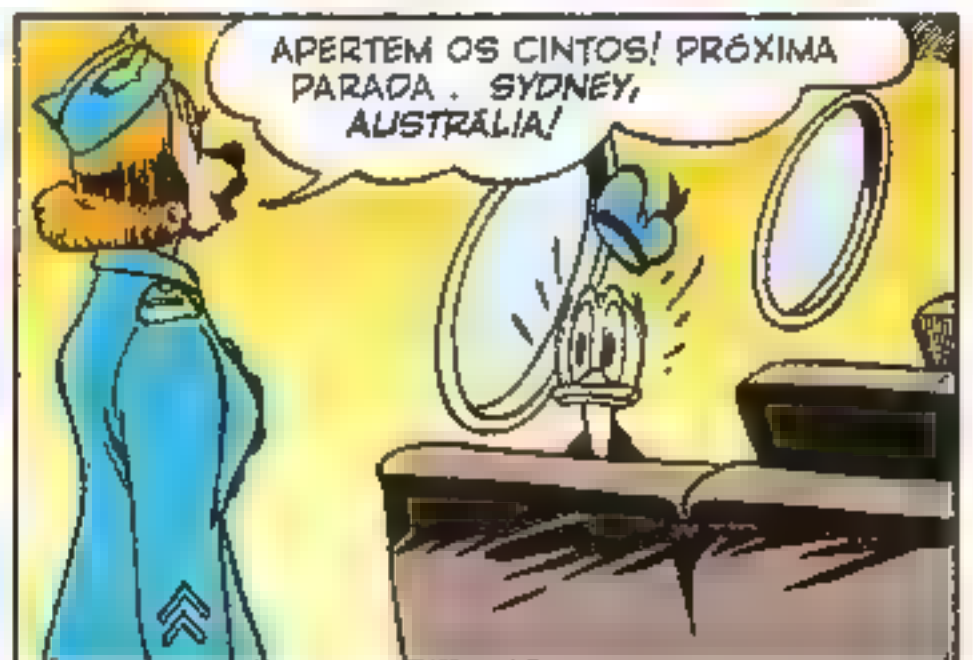
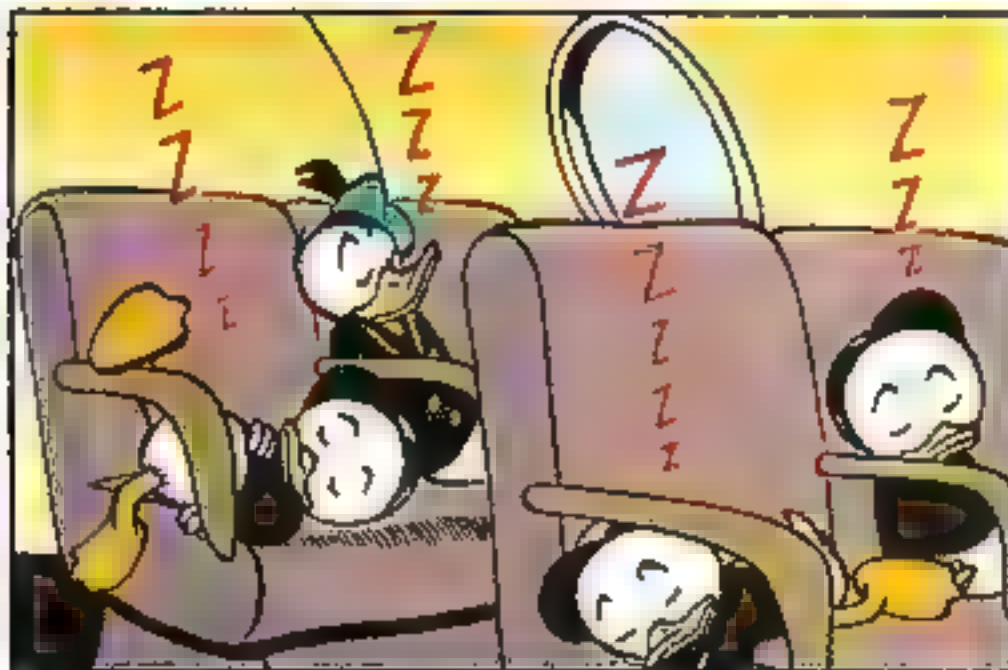
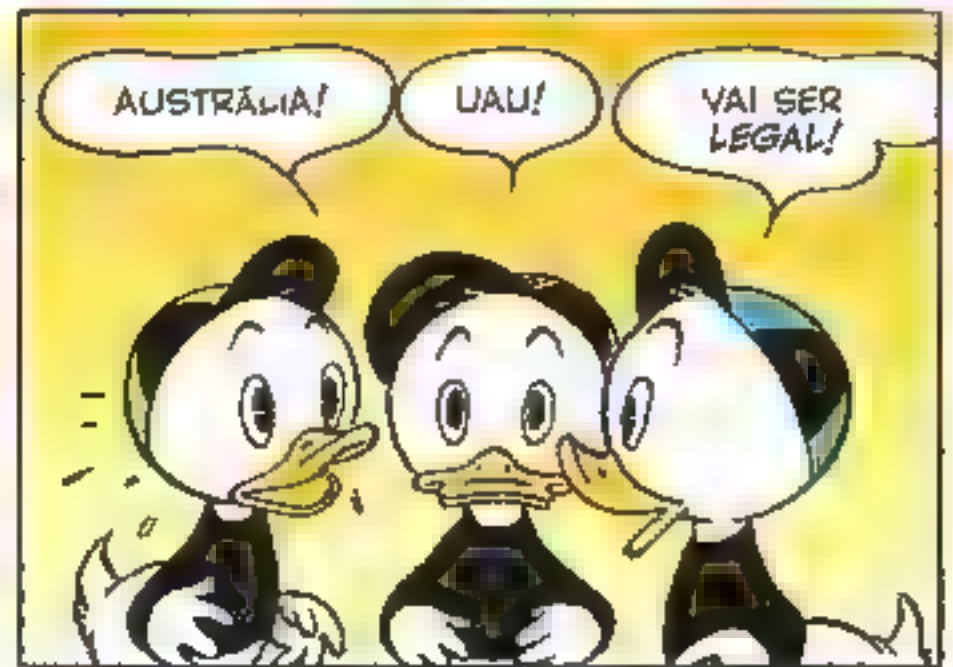






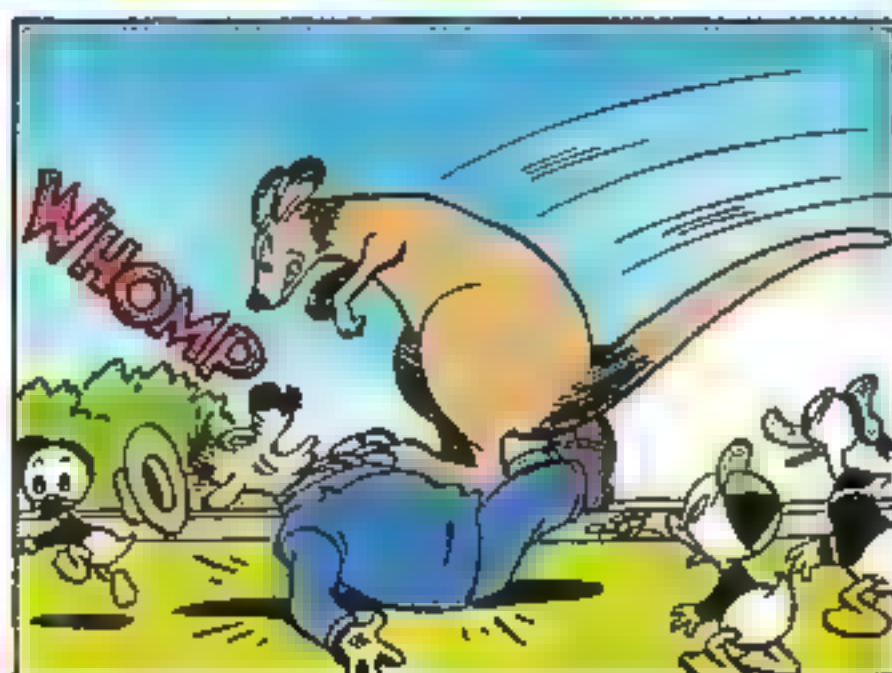
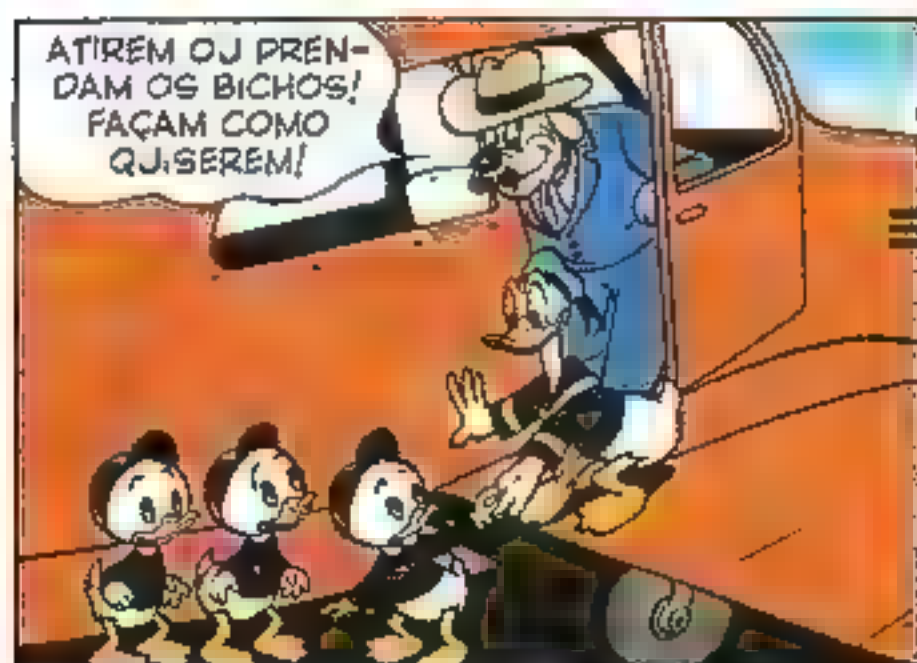






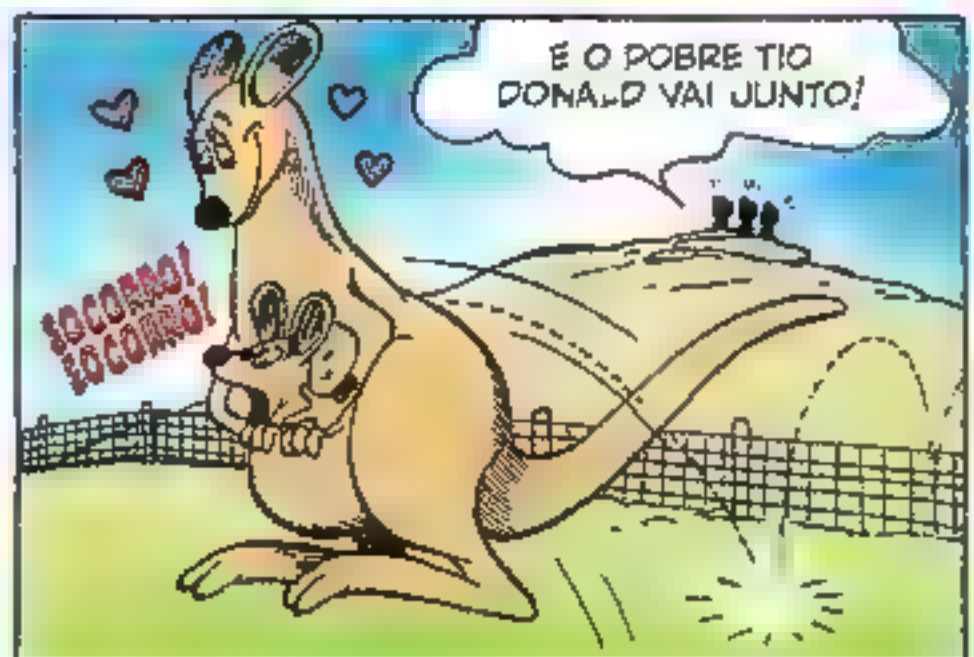
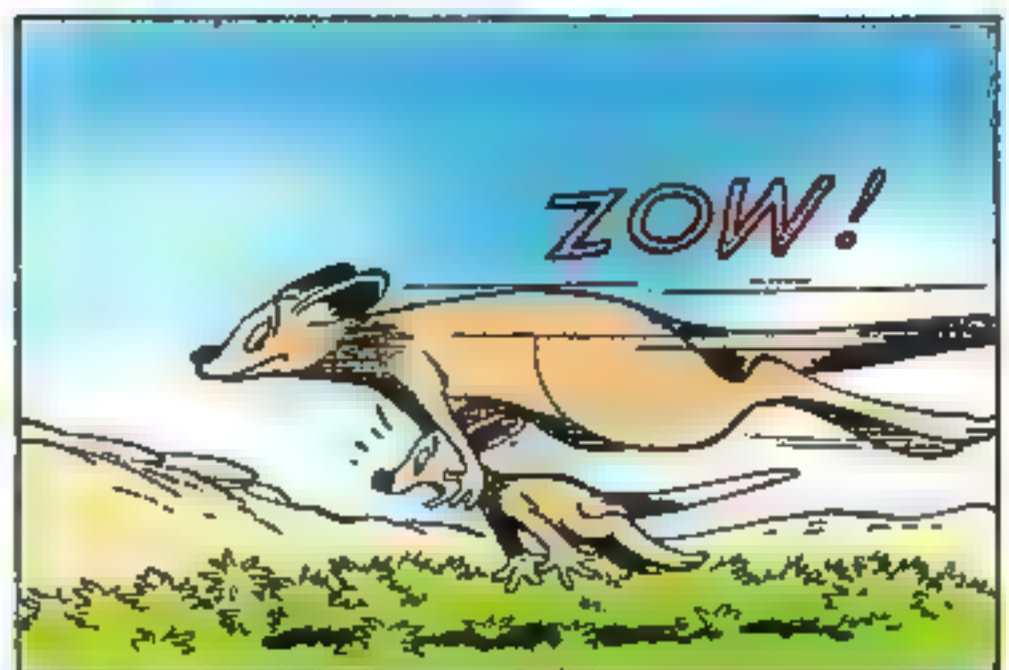
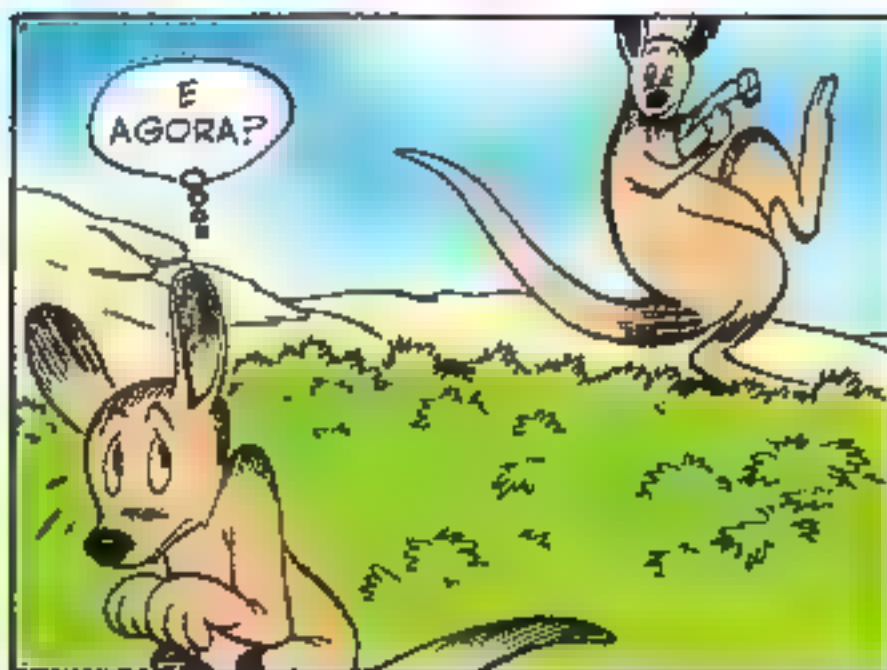


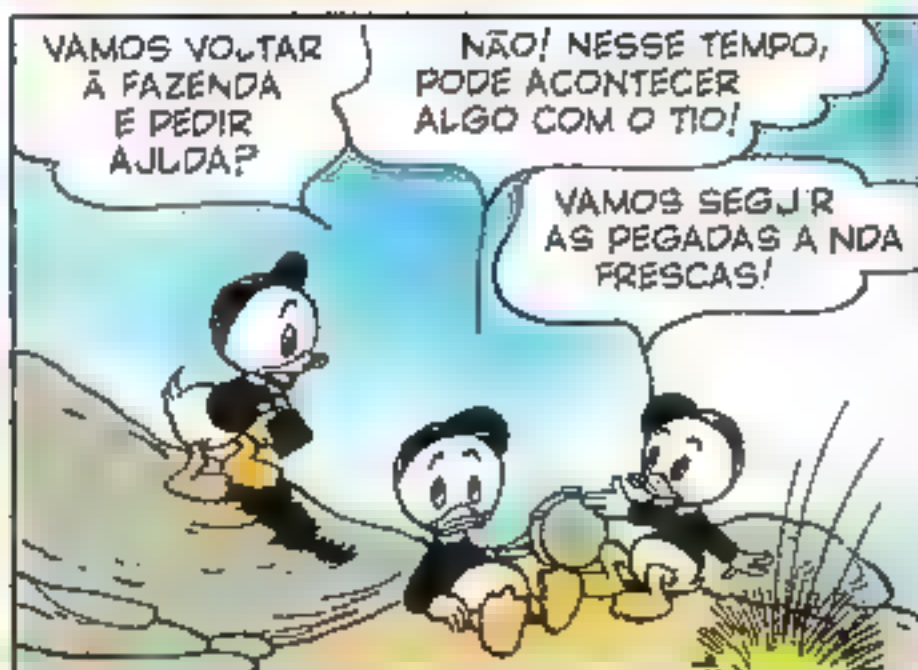
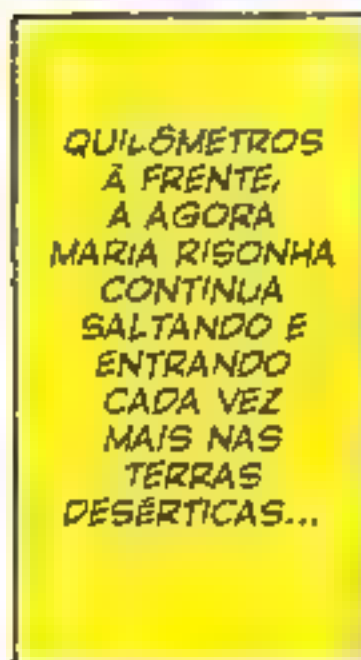
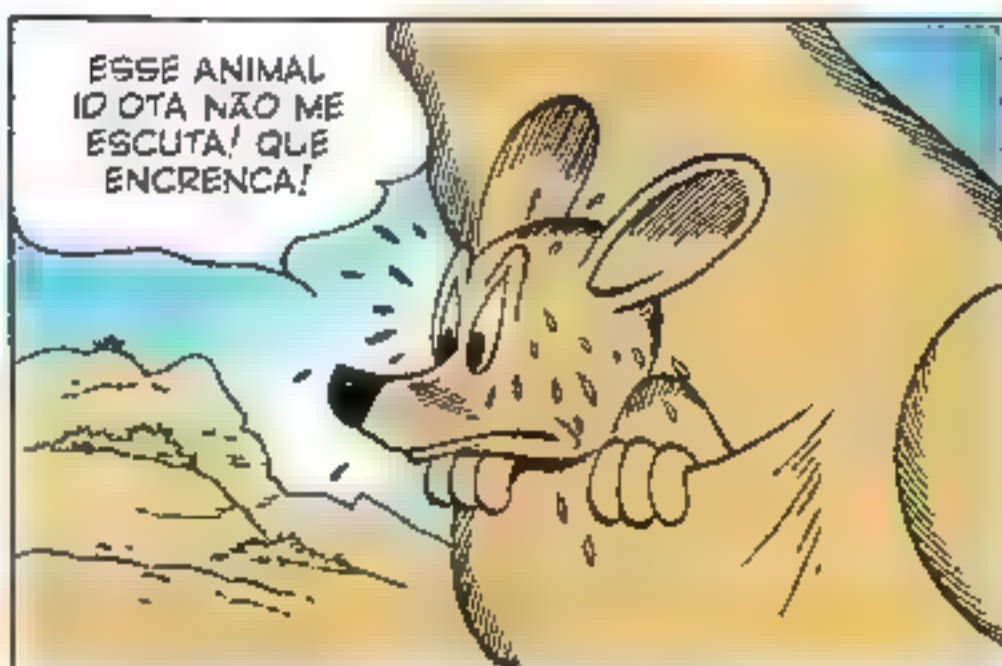
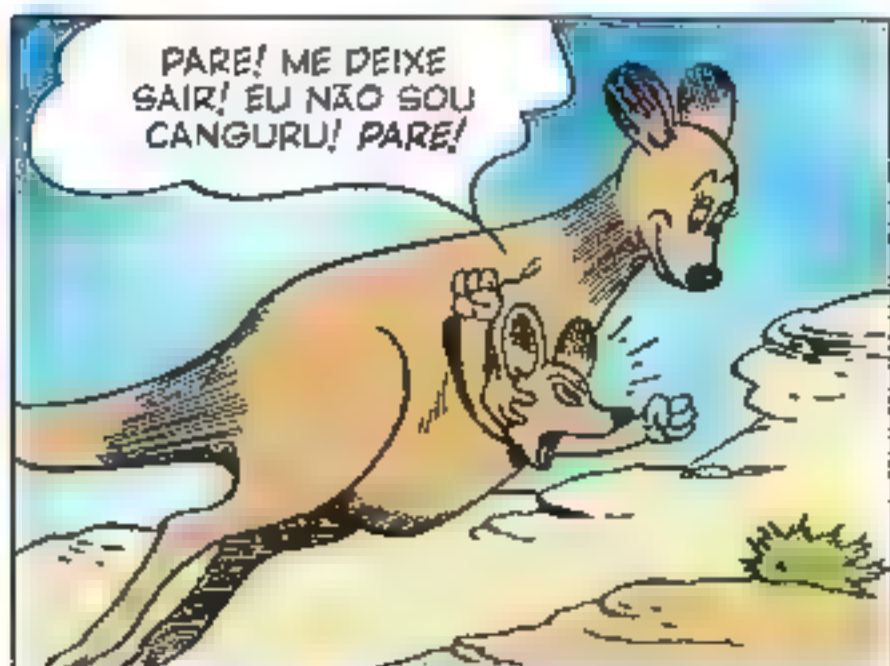


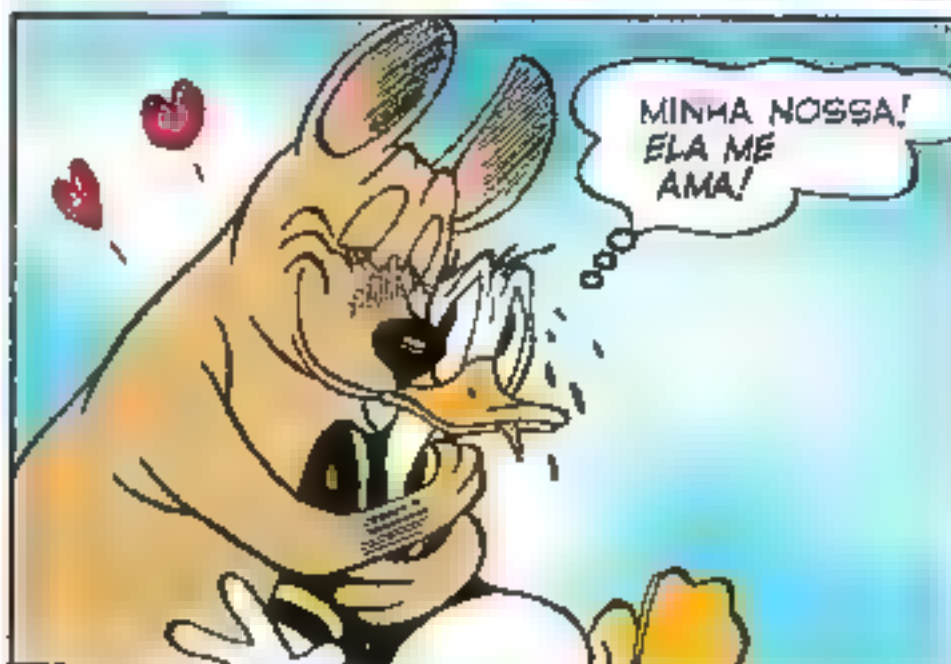
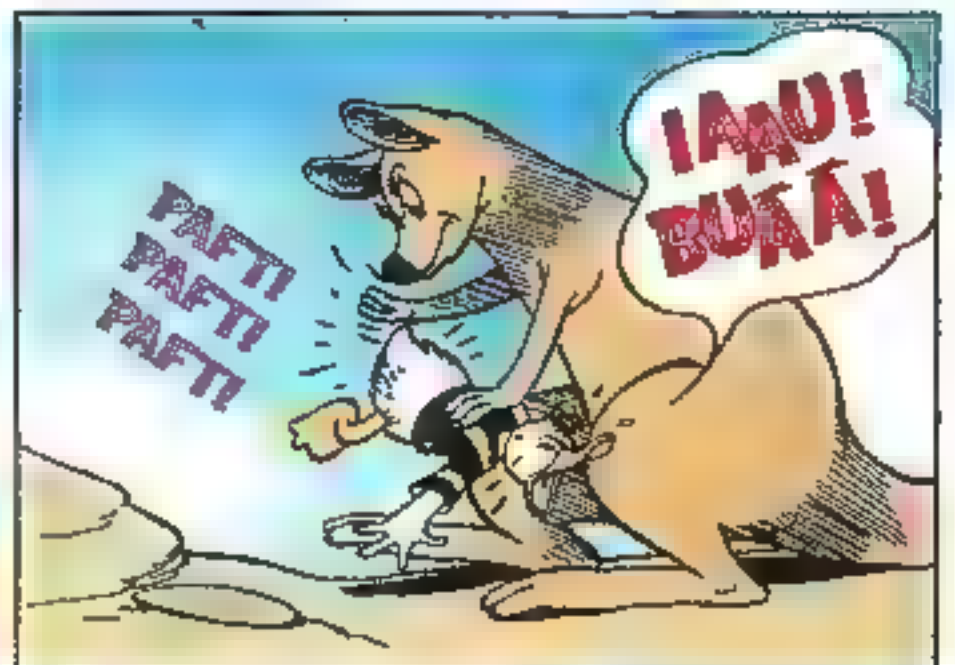


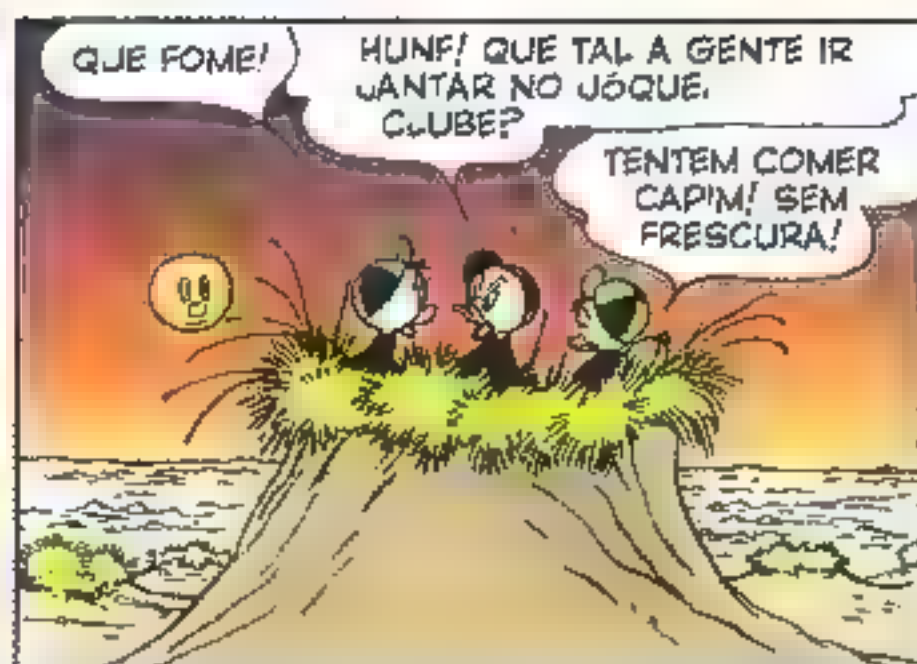


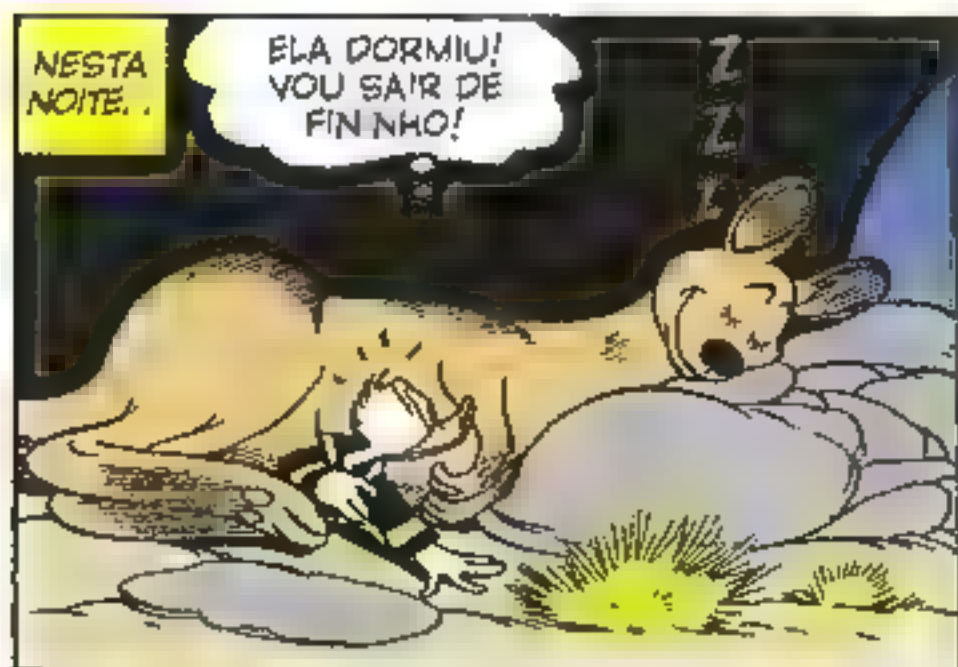




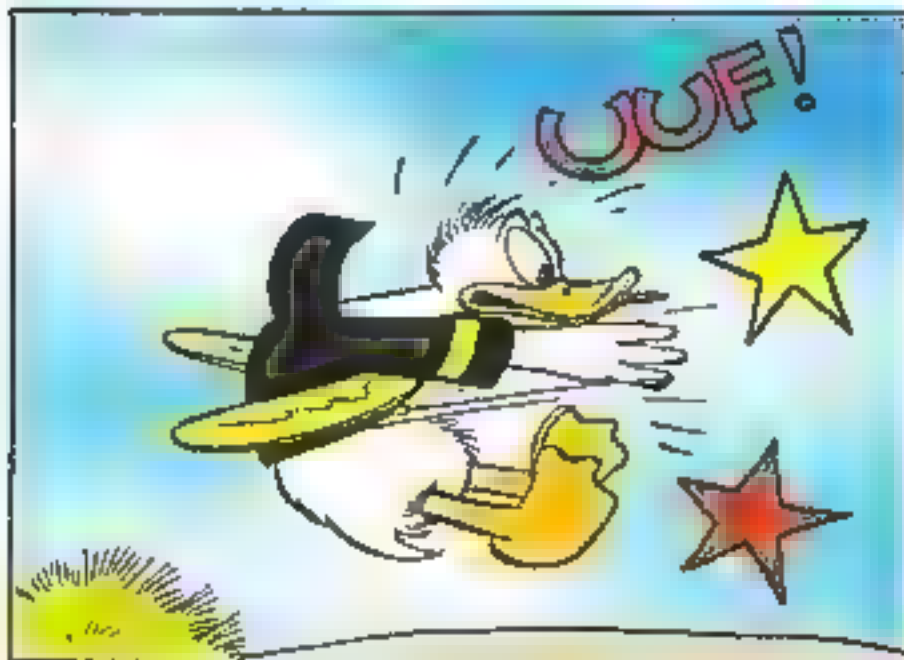
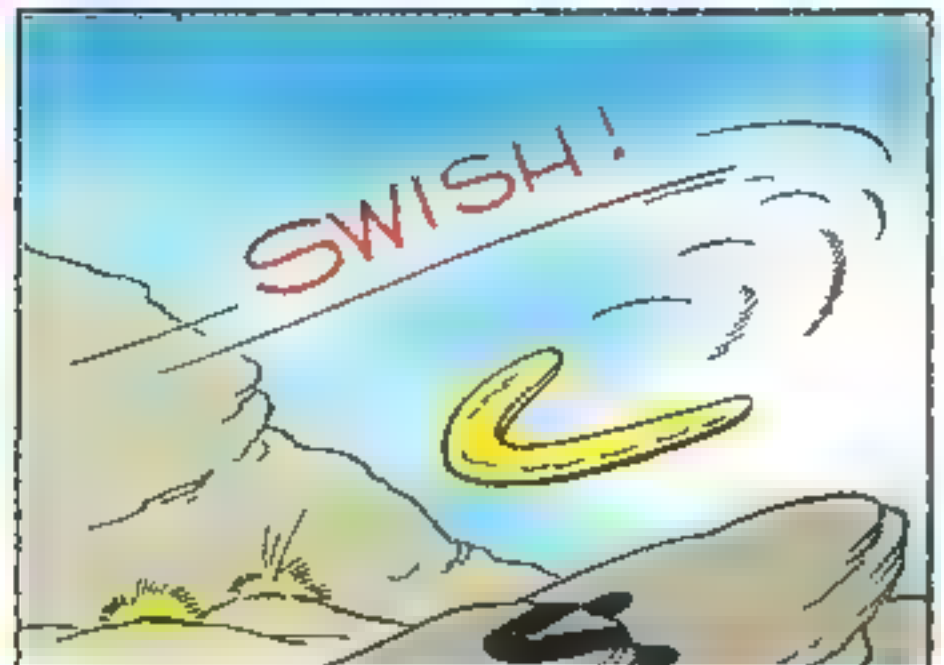


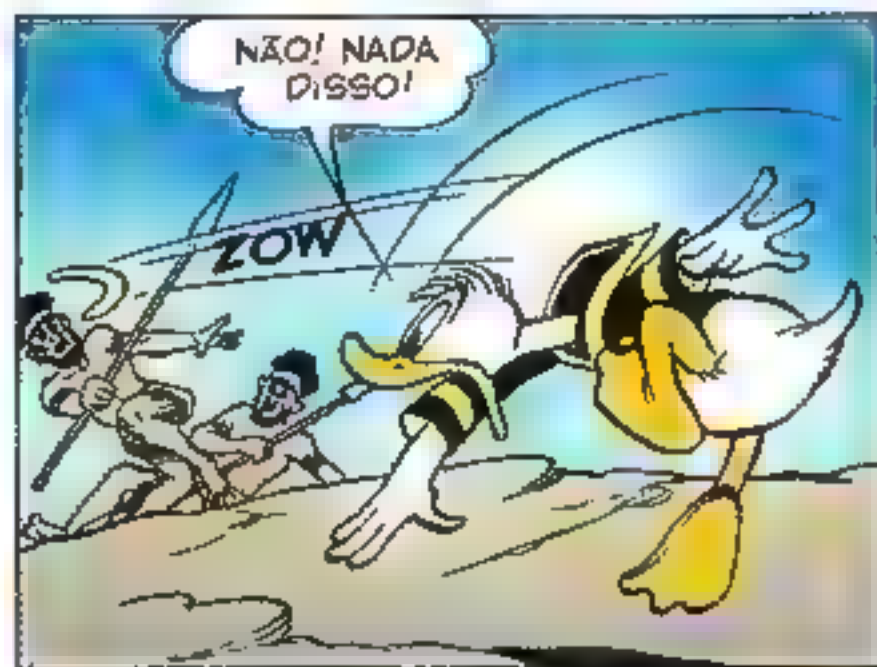


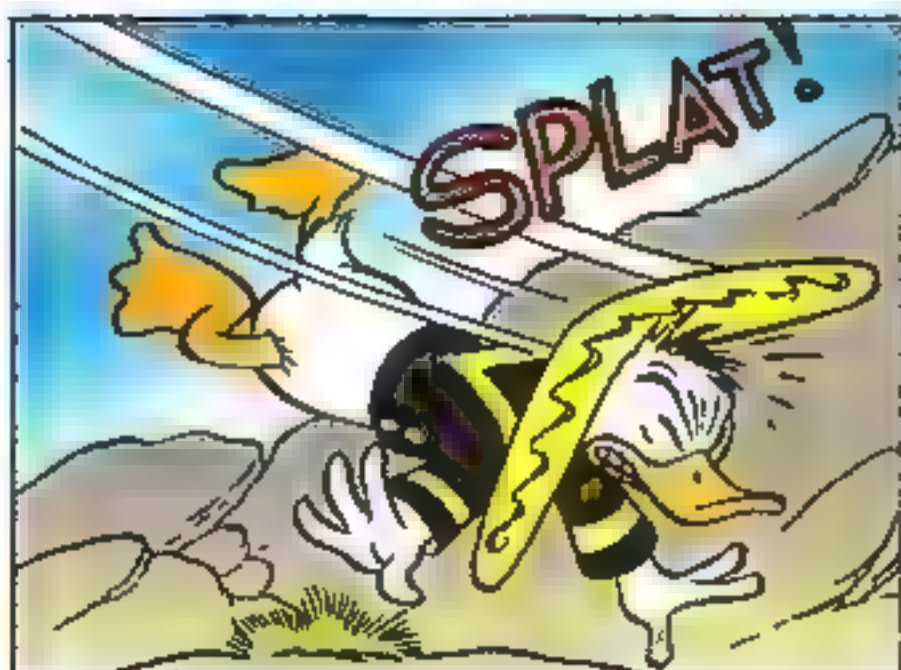




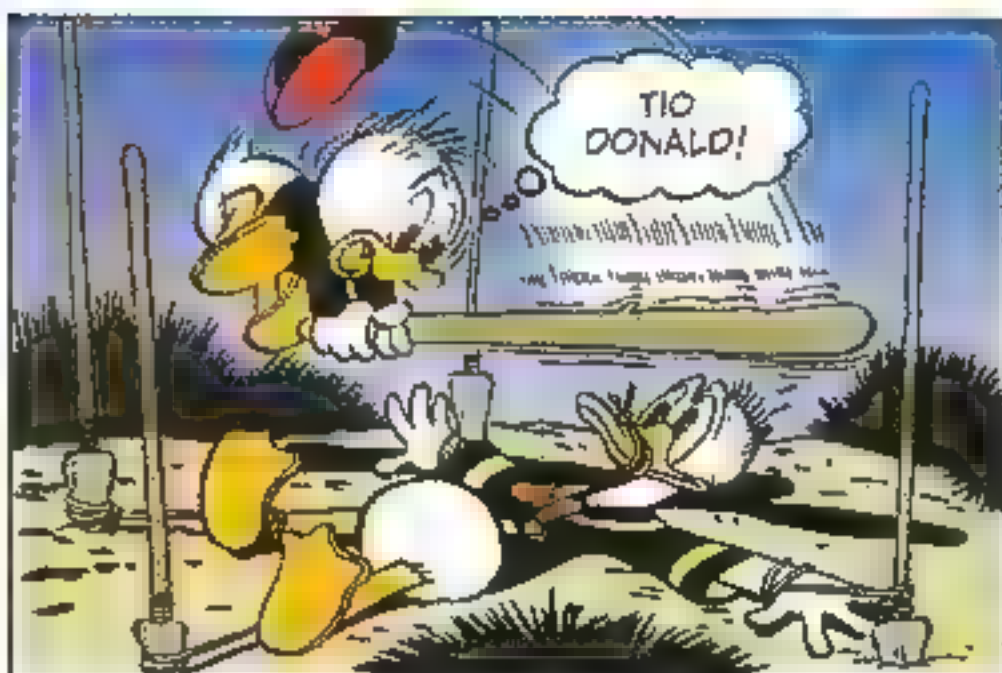


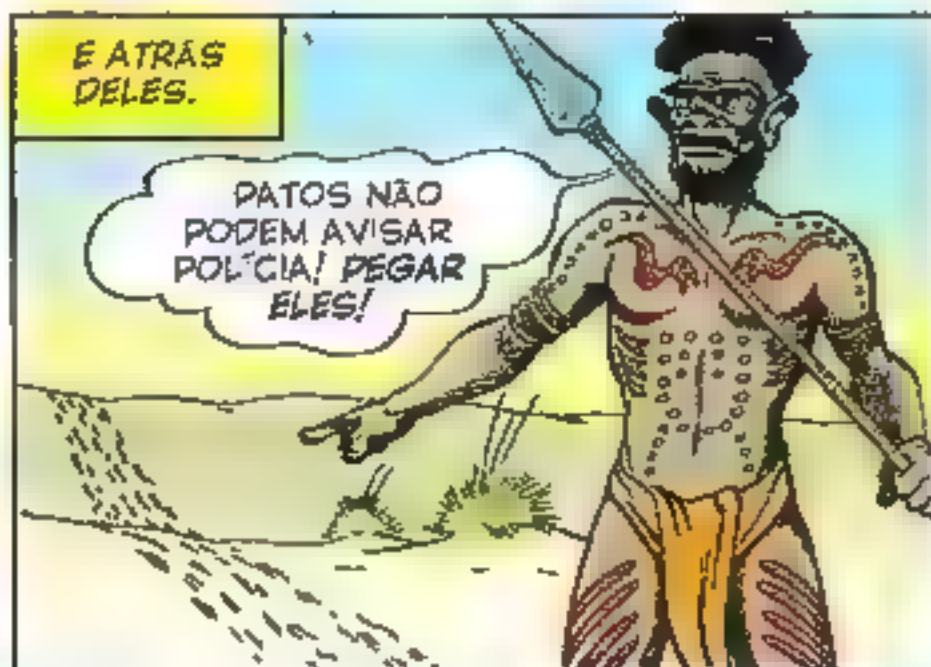
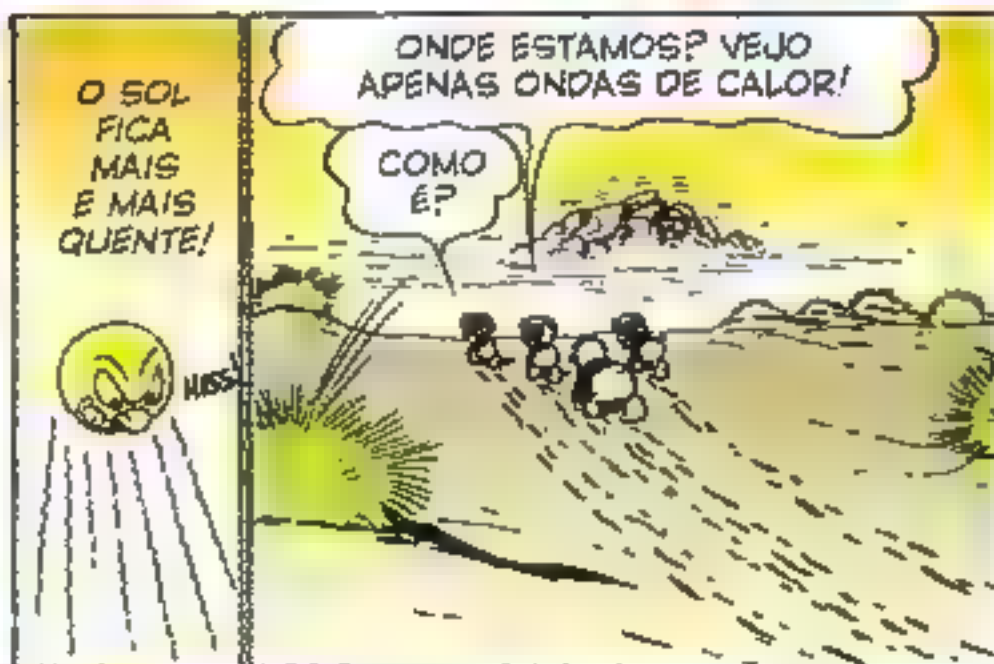


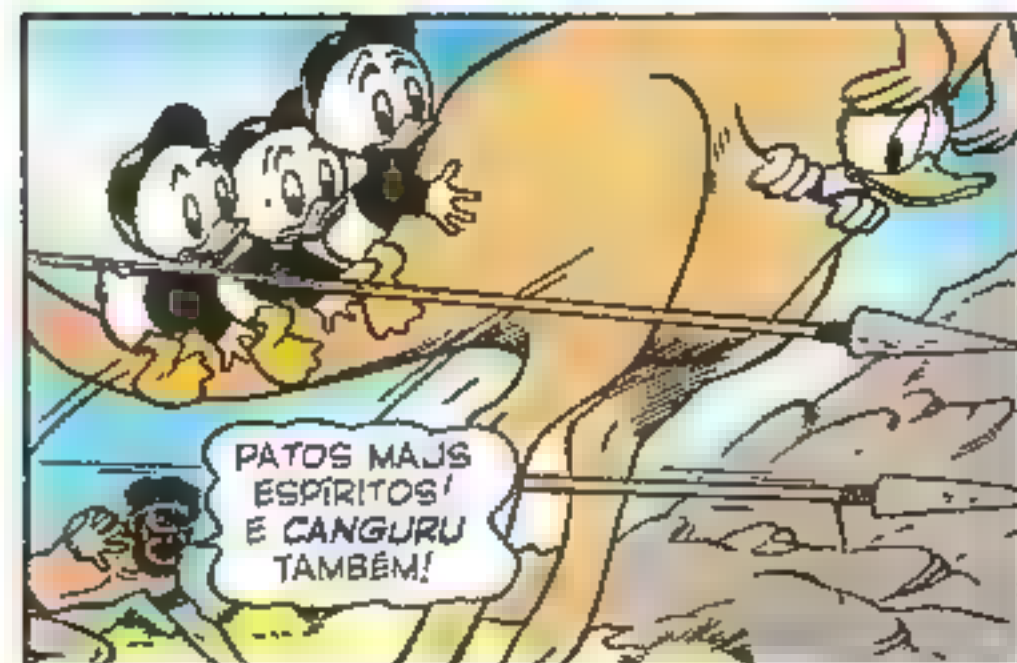
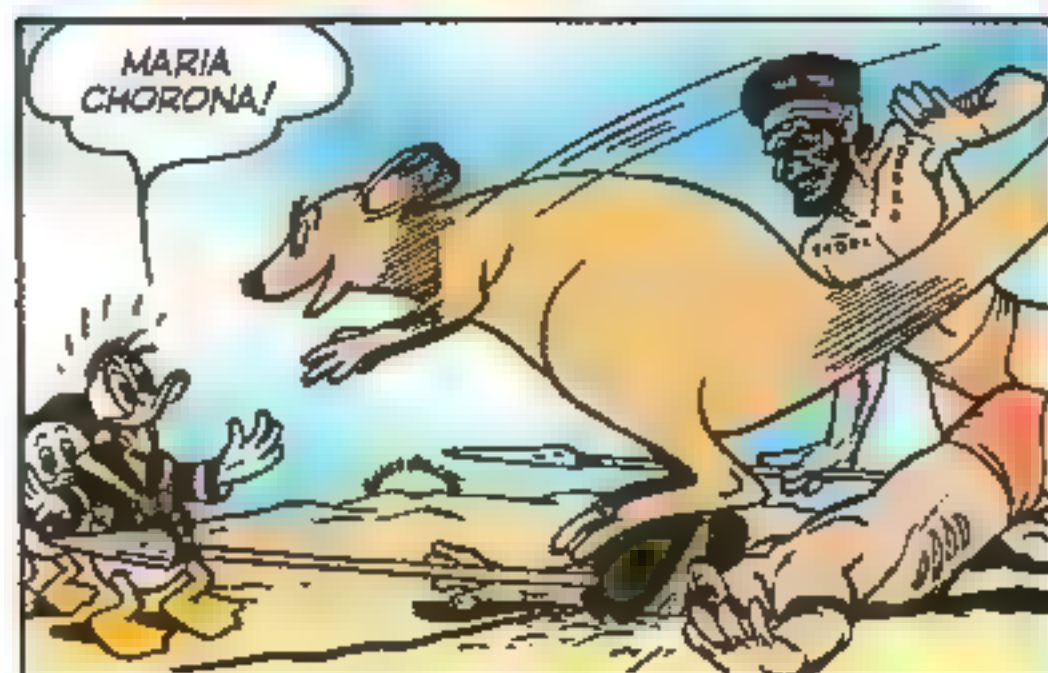
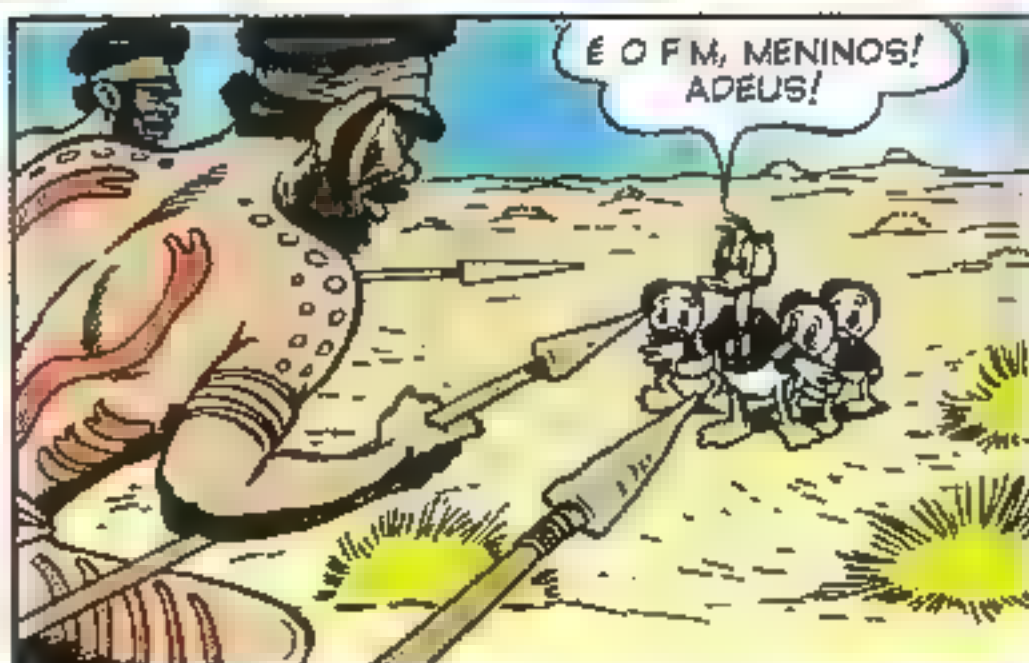
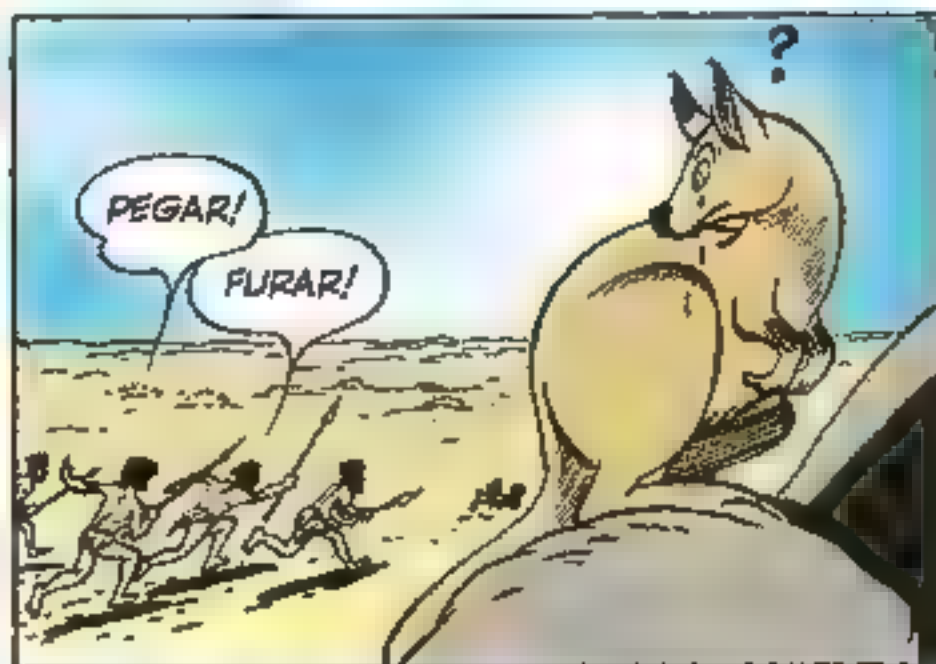


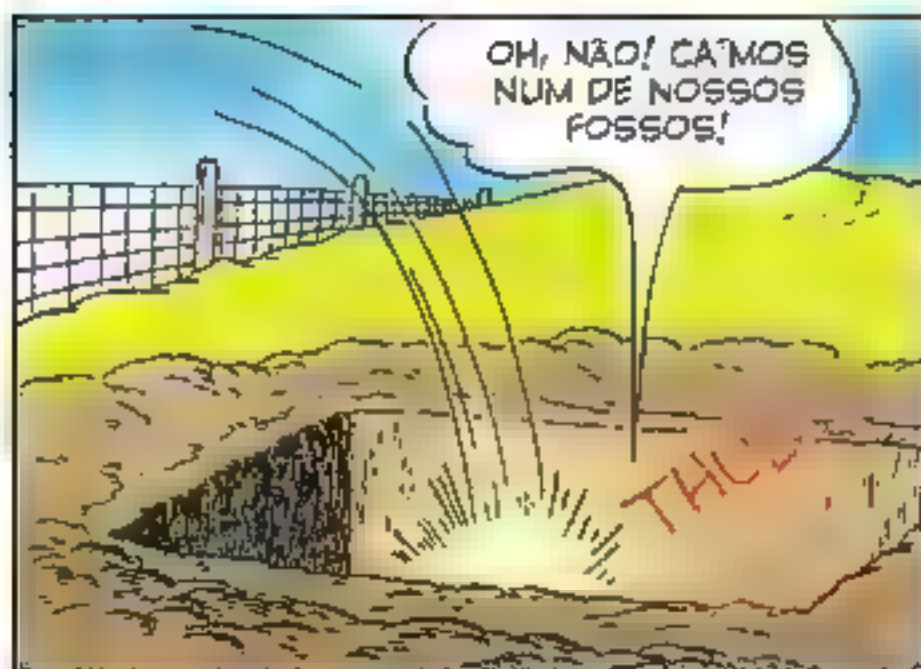
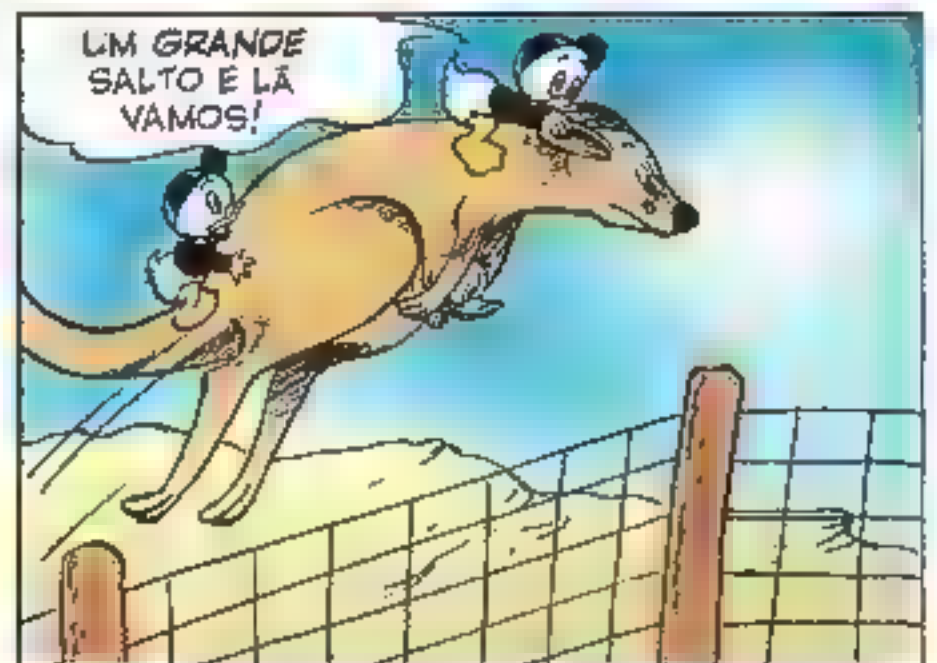


* AVE SEMELHANTE AO AVESTRUZ











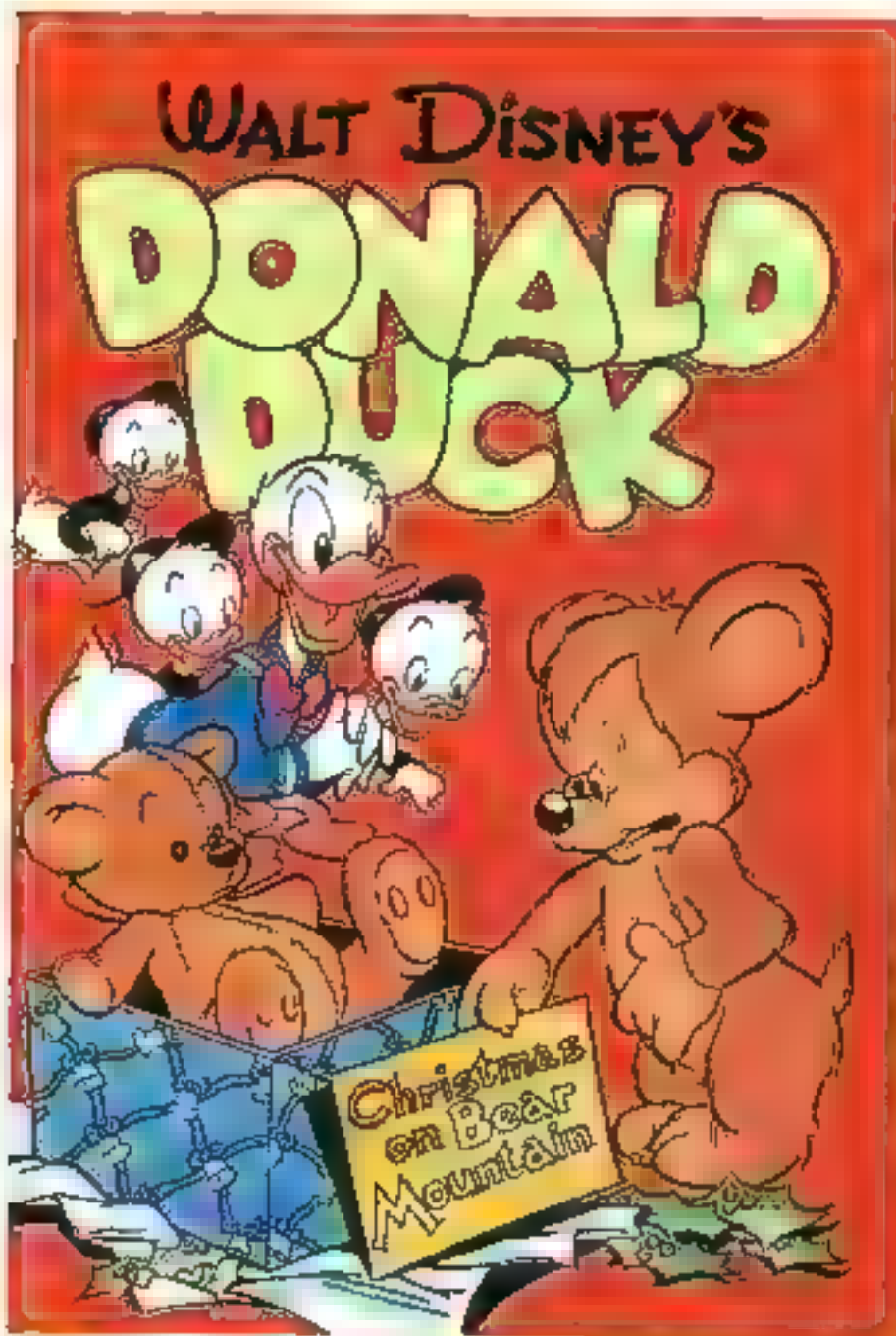
Natal nas Montanhas

Uma forte onda de calor assolou a Califórnia em julho de 1947. Mas Carl Barks, que vivia na região, não entrou no clima do verão. Ele estava concentrado na elaboração de uma história natalina estrelada pelos patos – atribuição que havia recebido do escritório da Western, em Nova York. “Remexendo aqui e ali, comecei a pensar em *Um Conto de Natal*, de Charles Dickens, sobre o sovina Ebenezer Scrooge. Então, fui larápio o bastante para roubar um pouco dessa idéia e dar um tio rico para o Donald”, o artista admitiu numa conversa gravada por amigos em 1975. Em sua primeira aparição, na HQ *Natal nas Montanhas*, Patinhas Mac Patinhas revela-se um miserável cheio de más intenções. Logo de cara, enfurnado em sua mansão, ele confessa em pensamento que detesta o Natal e retribui o ódio que todos sentem por ele. No melhor estilo de Dickens

Mas o conto do escritor inglês não foi a única influência acolhida pelo quadrinista ao idealizar o Tio Patinhas. Nas palavras do próprio Barks, o velho pão duro resulta de “uma espécie de cruzamento” entre o Scrooge da literatura e um certo Uncle Bim, excêntrico ajuntador de dinheiro que frequentava a tira de jornais *The Gumps* – criação do cartunista Sydney Smith e do empresário Joseph Patterson, homem-forte do Chicago Tribune Syndicate. A série de quadrinhos, praticamente desconhecida dos brasileiros, circulou entre 1917 e 1957 em diversos periódicos americanos. Ao tomar emprestada a figura desse tio rico, o Homem dos Patos promoveu várias mudanças antes de moldar seu quaquilionário unha-de-fome. O Uncle Bim de Smith e Patterson era um filantropo, sempre disposto a ajudar financeiramente os parentes e colegas em dificuldade, e tinha como motivação principal a busca pela esposa ideal. Barks, como se sabe, optou por incluir na Família Pato um patriarca avesso ao sentimentalismo cujo objetivo único é se manter no topo da lista dos magnatas.

Em *Natal nas Montanhas*, Patinhas ainda não deixa transparecer todas essas facetas, que seriam incorporadas à sua personalidade posteriormente. Seu criador, porém, desde o início percebeu que tinha nas mãos um diamante em estado bruto, só esperando pela lapidação. Nesta sua estréia, o tio do Donald marca presença em mirrados 43 quadros – e em boa parte deles esconde-se sob uma pele de urso. Mas foi o bastante para convencer o autor de que valia a pena apostar no personagem. Já na edição seguinte de *Donald Duck* (*Four Color 189*), o poderoso zilionário escocês vai assumir o comando de uma caça ao tesouro. Mas isso é assunto para o próximo volume desta coleção.

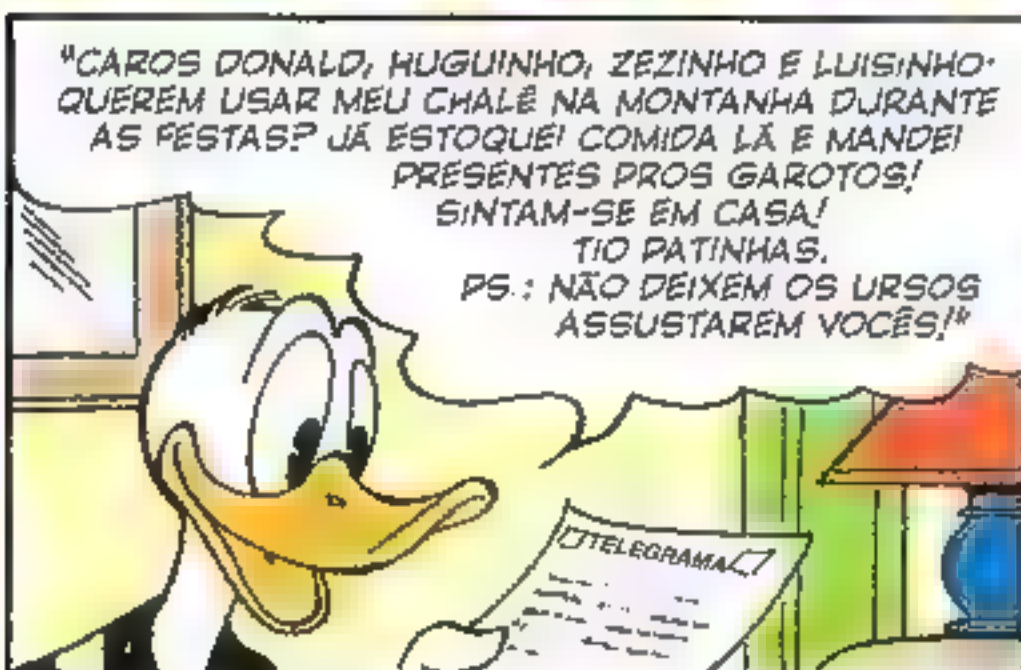
Natal nas Montanhas (*Christmas on Bear Mountain*), W OS 178-02, escrita e desenhada por Carl Barks em julho de 1947

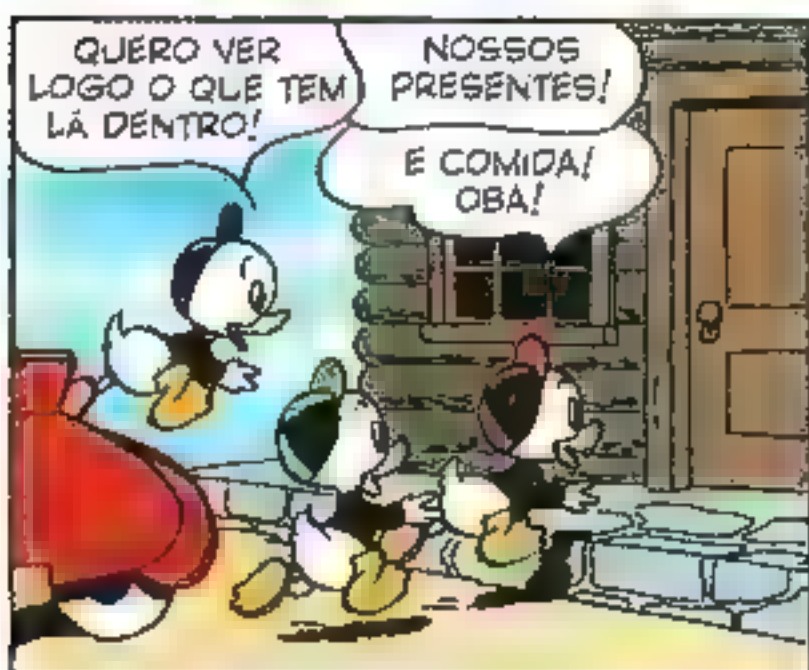


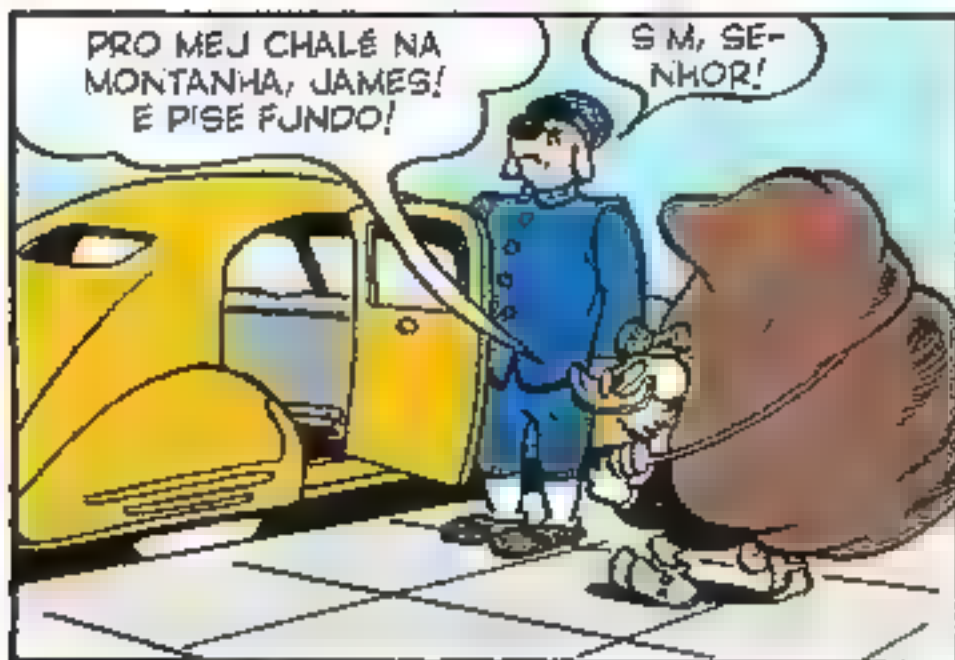


História publicada originalmente na revista *Four Color* 178 em dezembro de 1947

Natal nas Montanhas (Christmas on Bear Mountain) No Brasil: Mickey 15 (1953), Tio Patinhas 137 (1973), Natal Disney Ouro 2 (1980) e Tio Patinhas Especial 5 (1987,



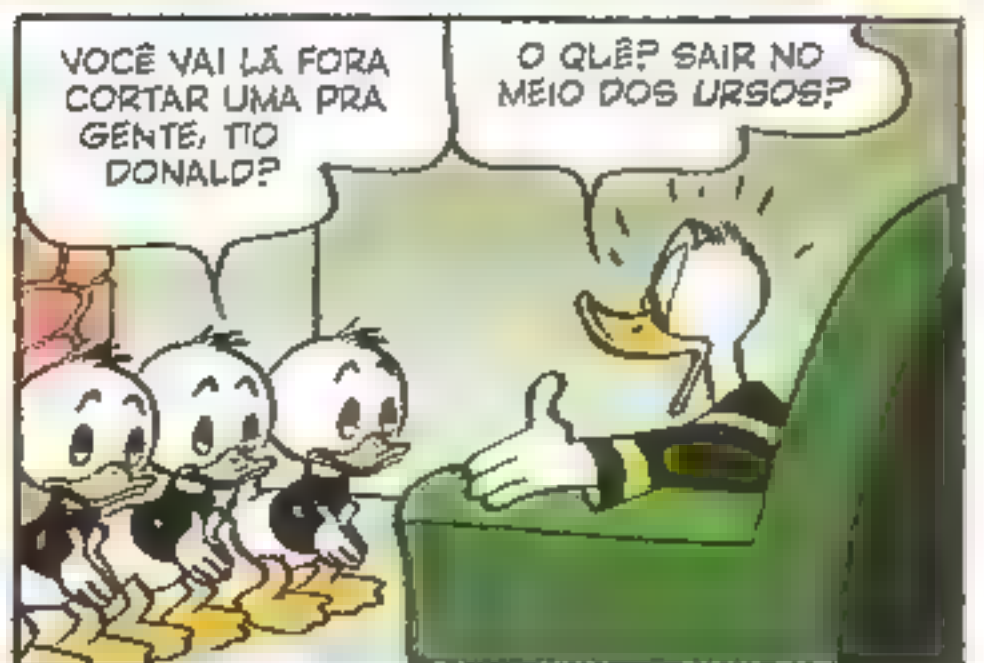
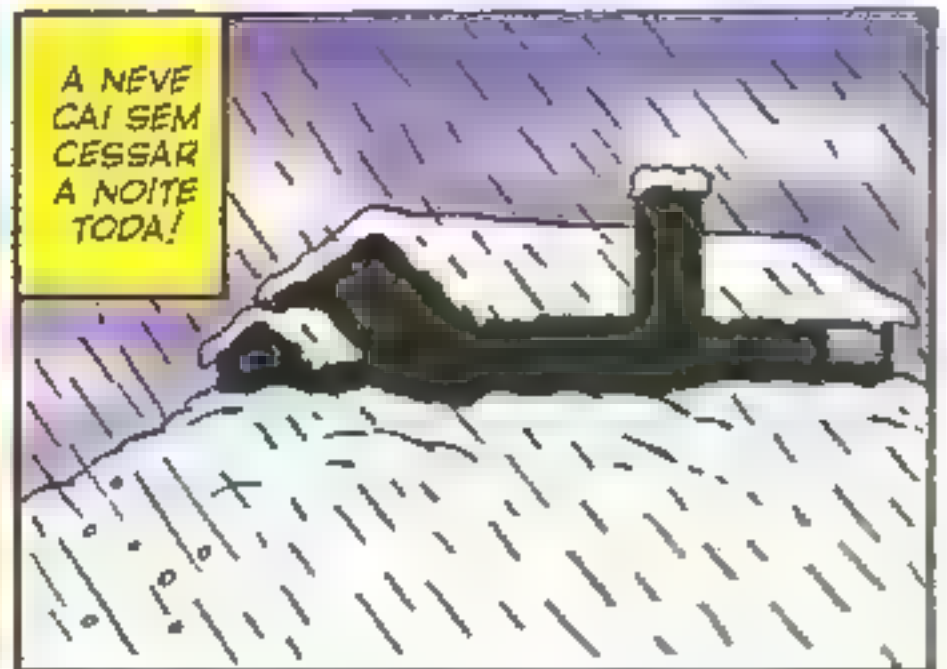


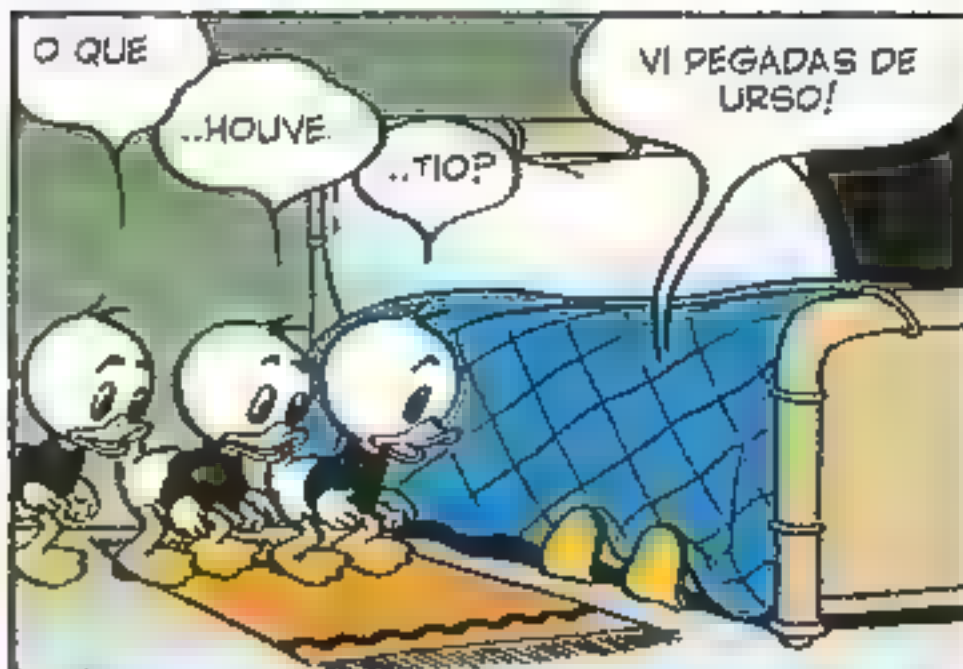
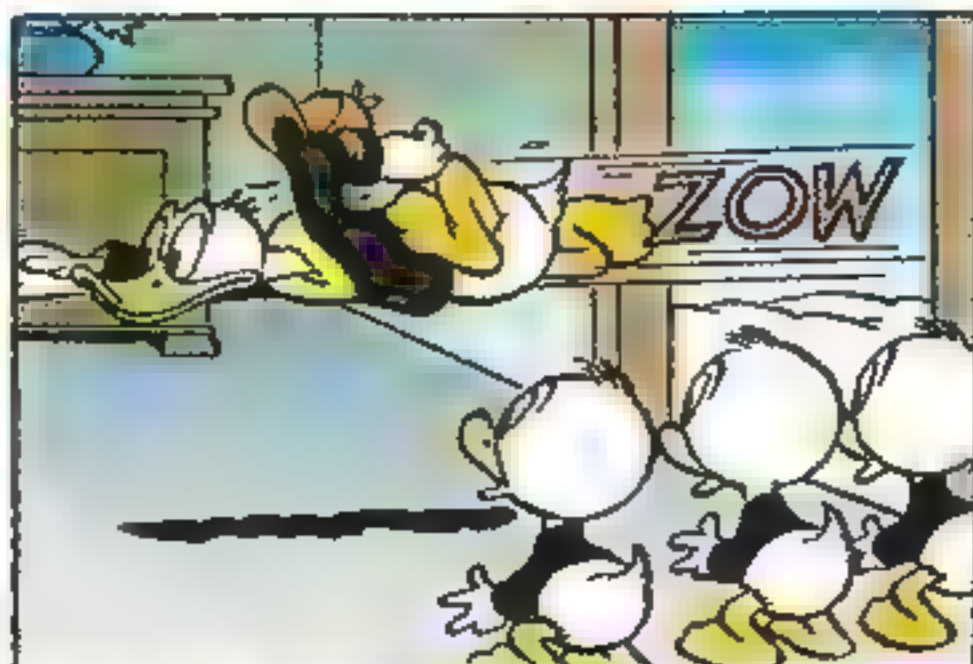
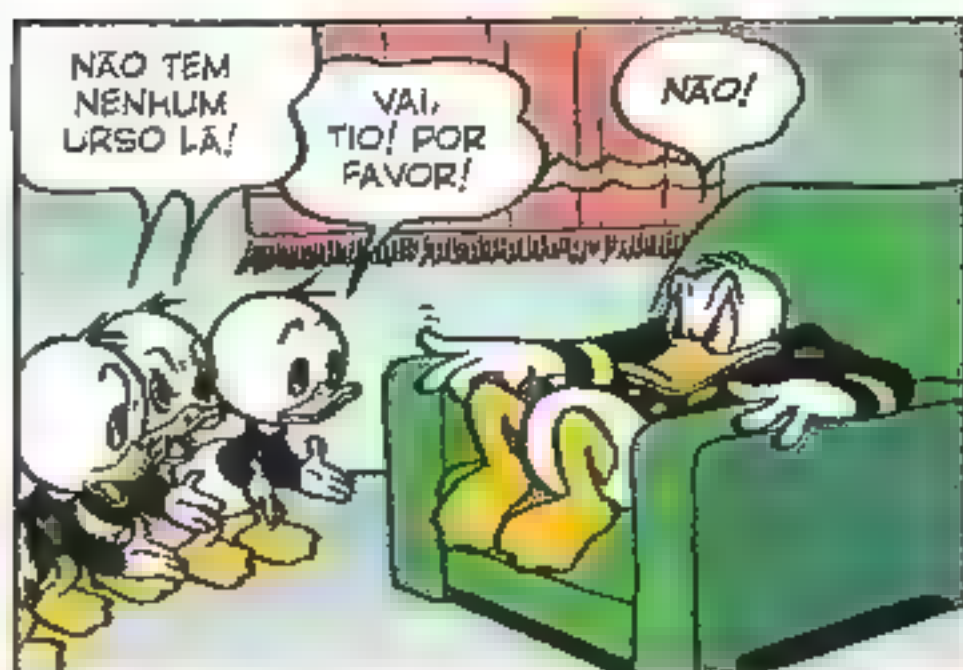


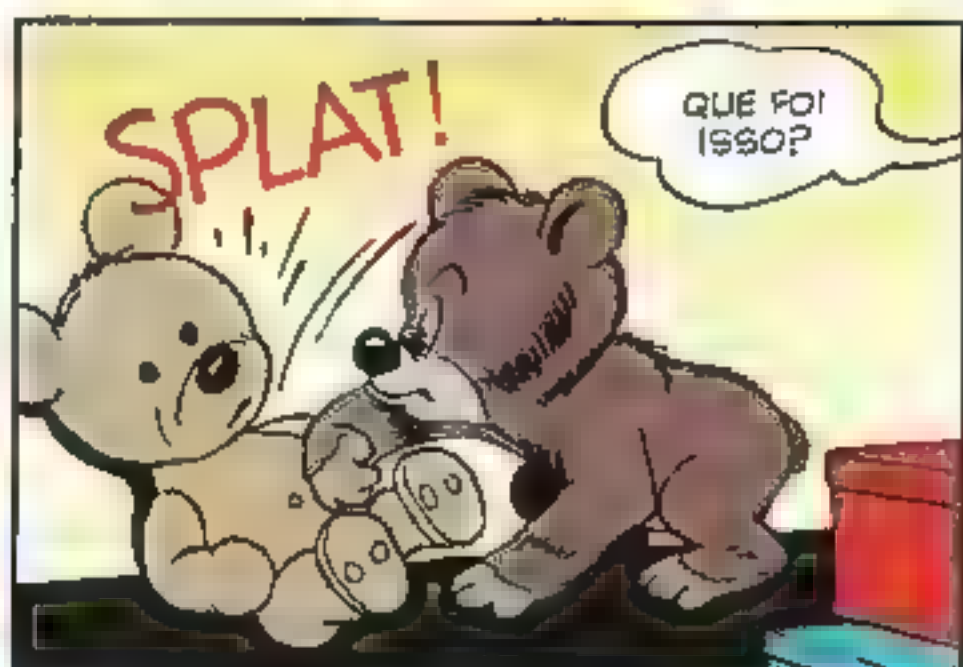


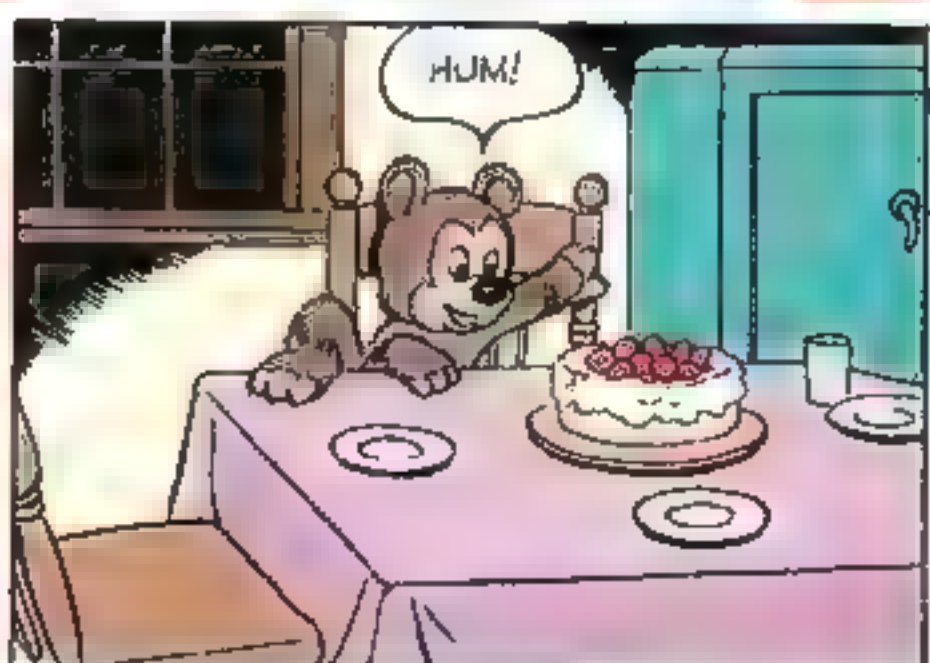
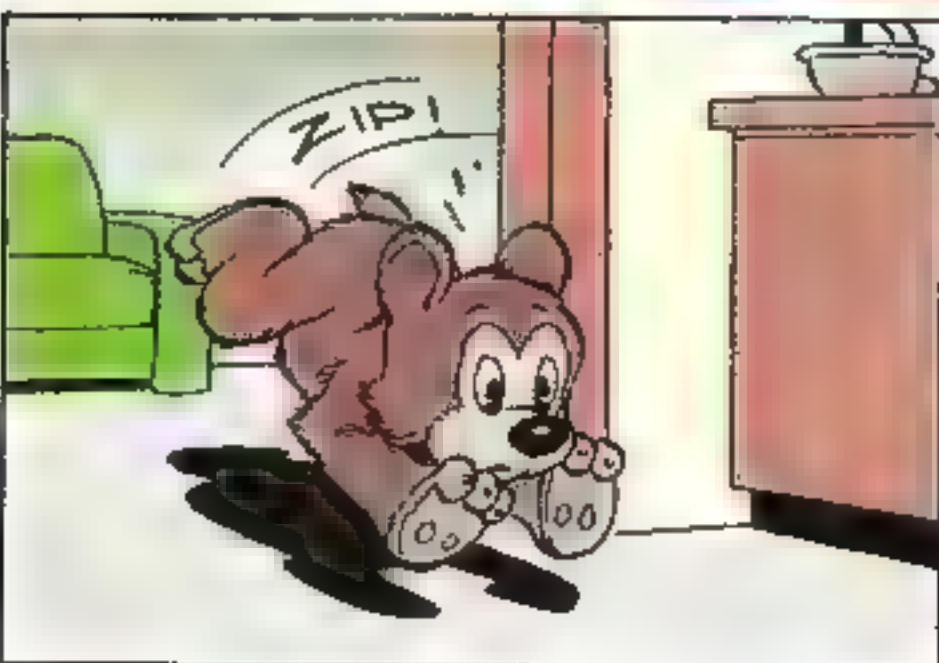
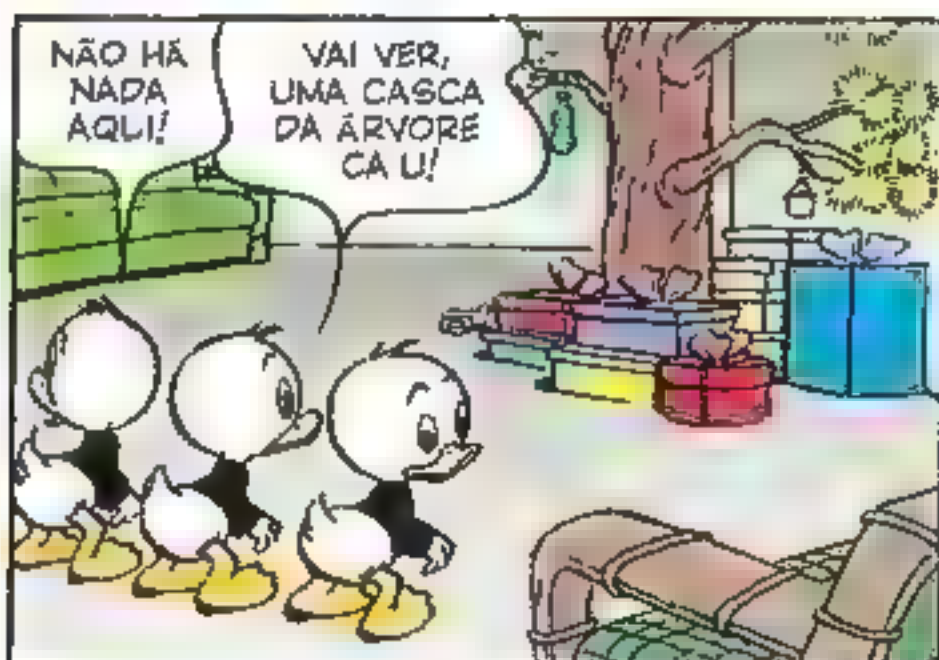
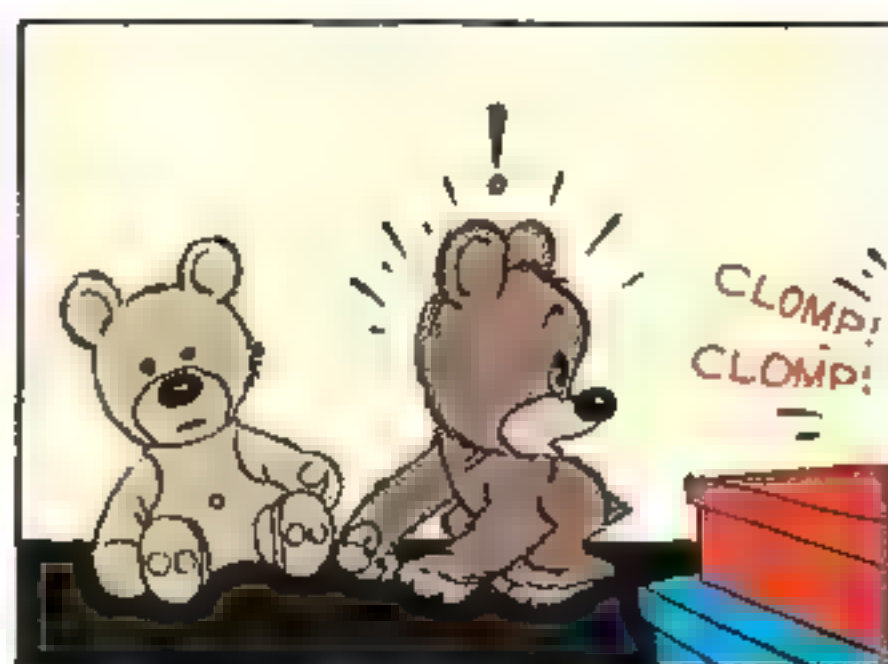
ENQUANTO ISSO, TIO PATINHAS SE APROXIMA DO CHALÉ COM SUAS INTENÇÕES PAVOROSAS! MAS A NATUREZA TEM OUTROS PLANOS!



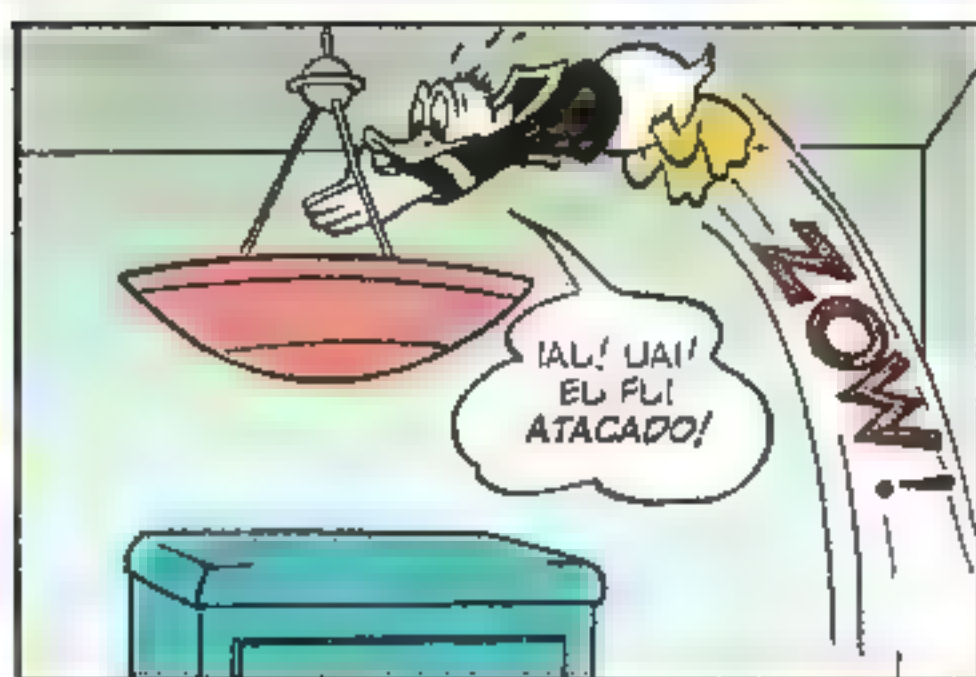
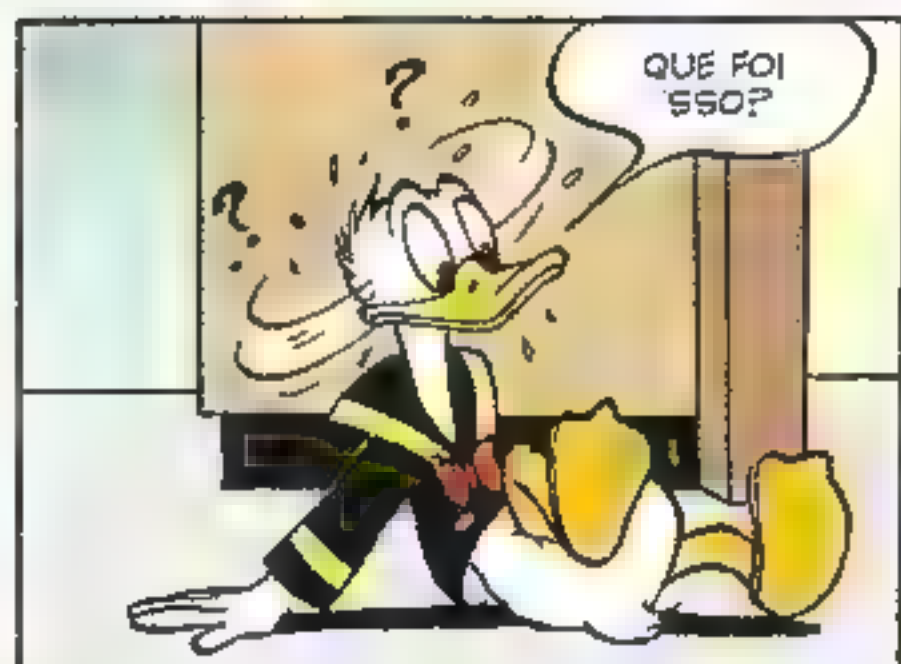
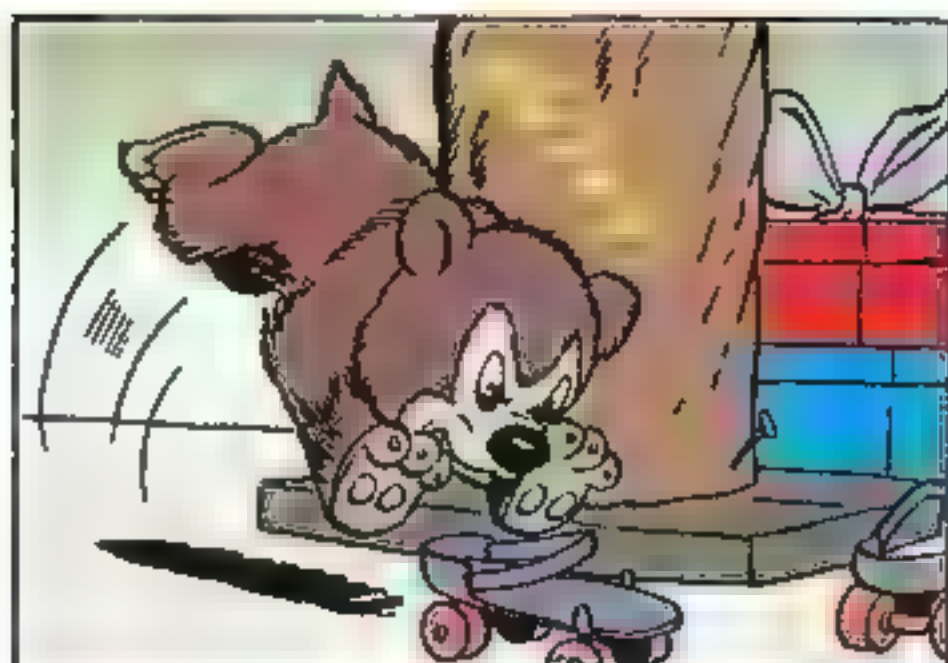


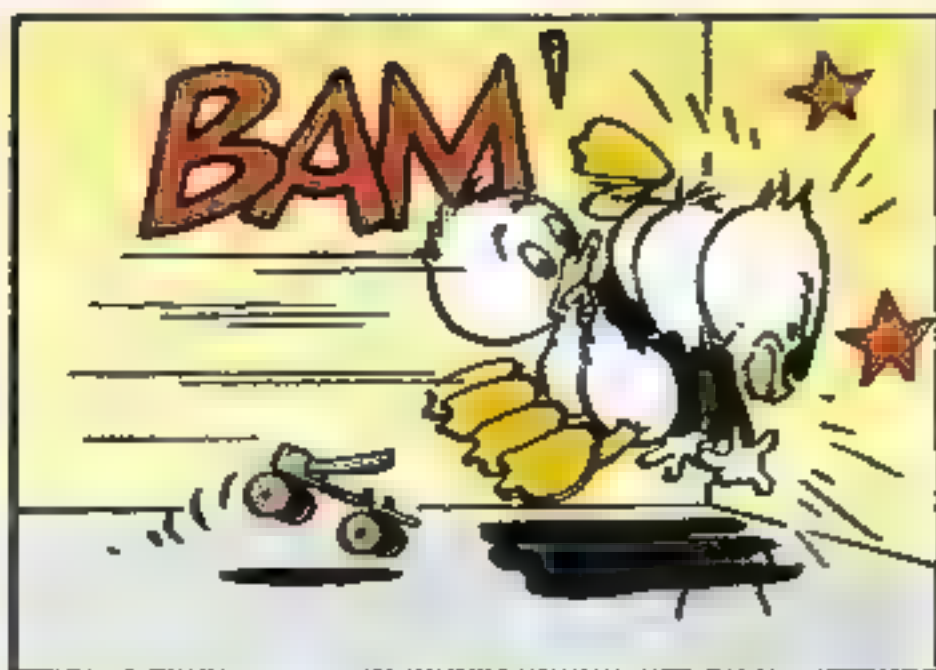
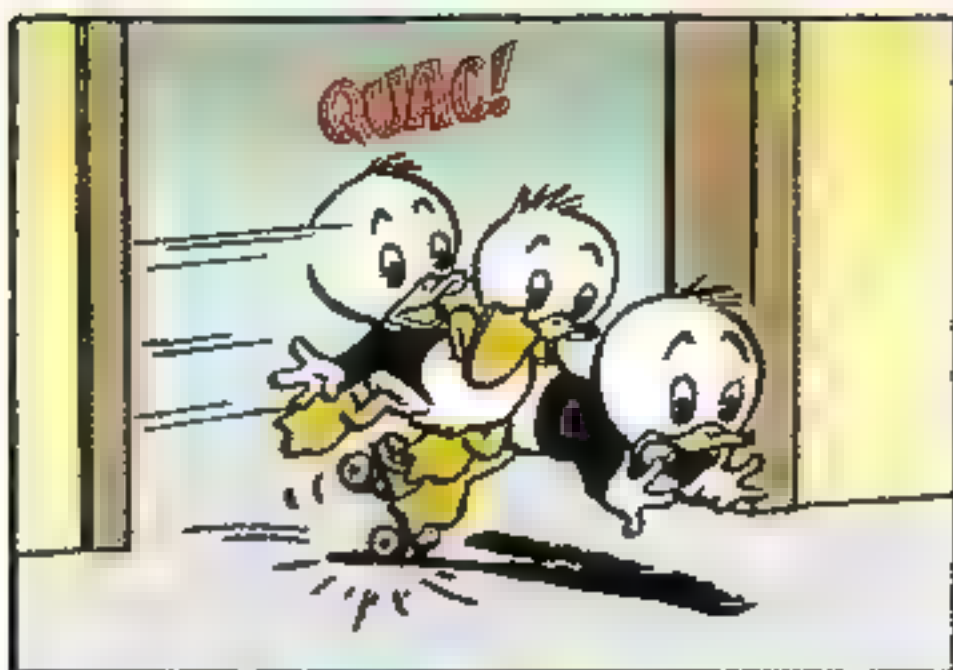


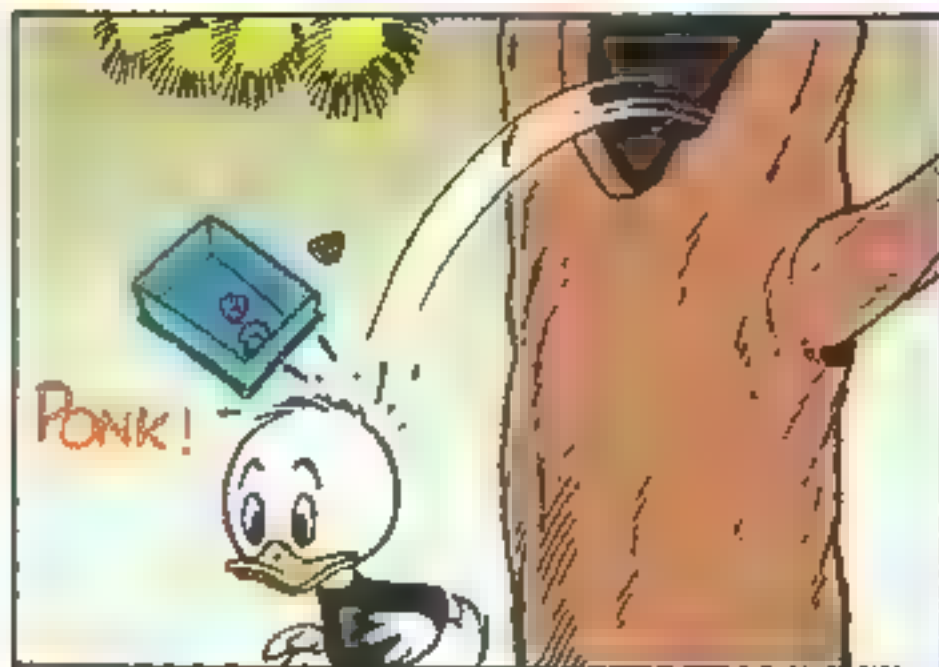
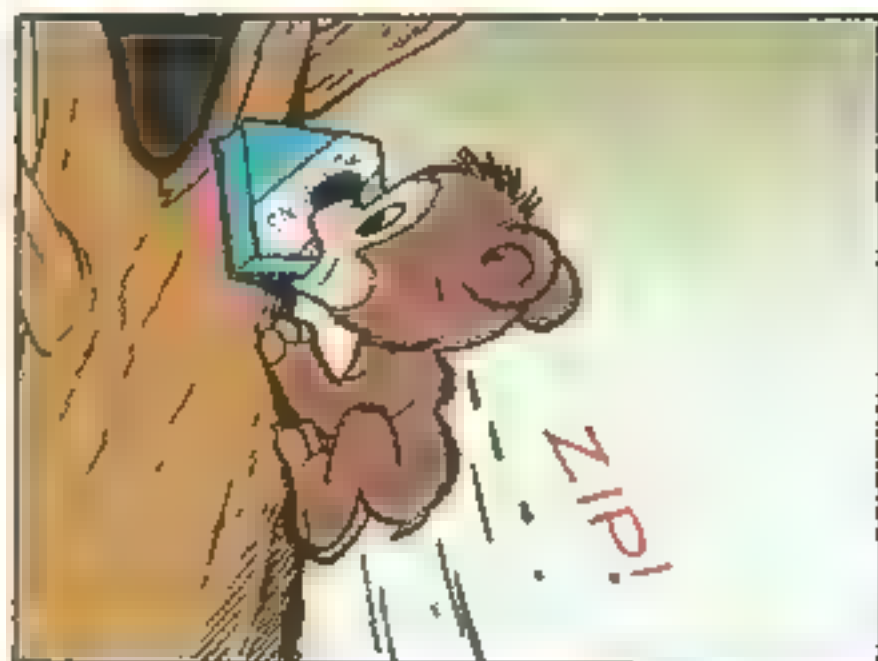


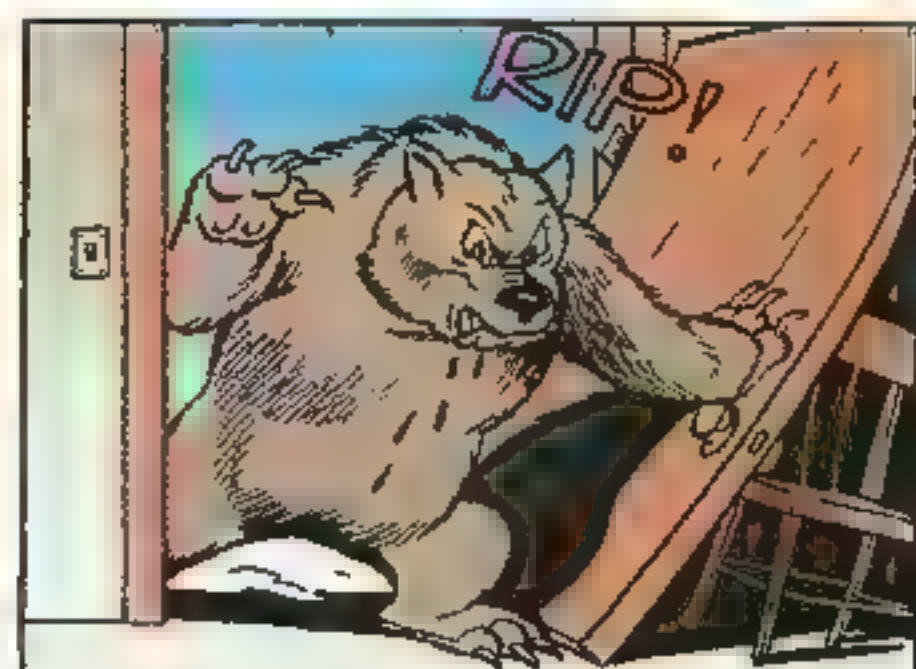
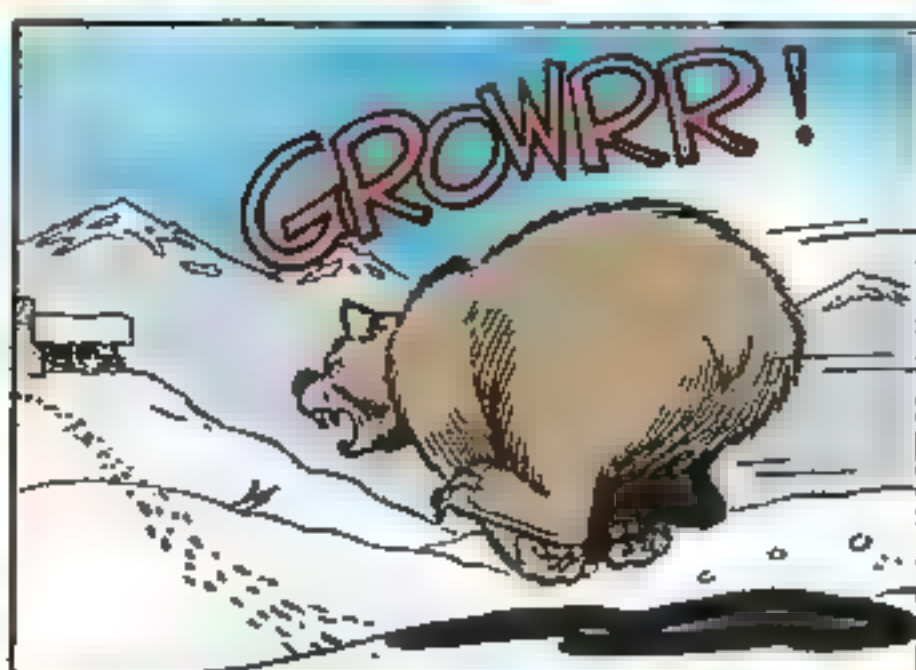
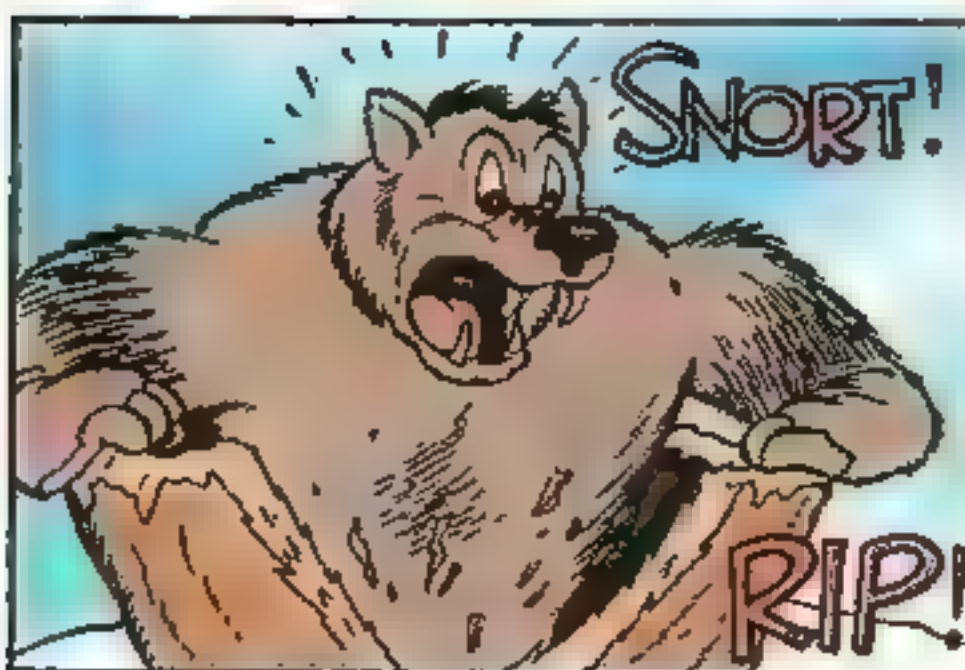


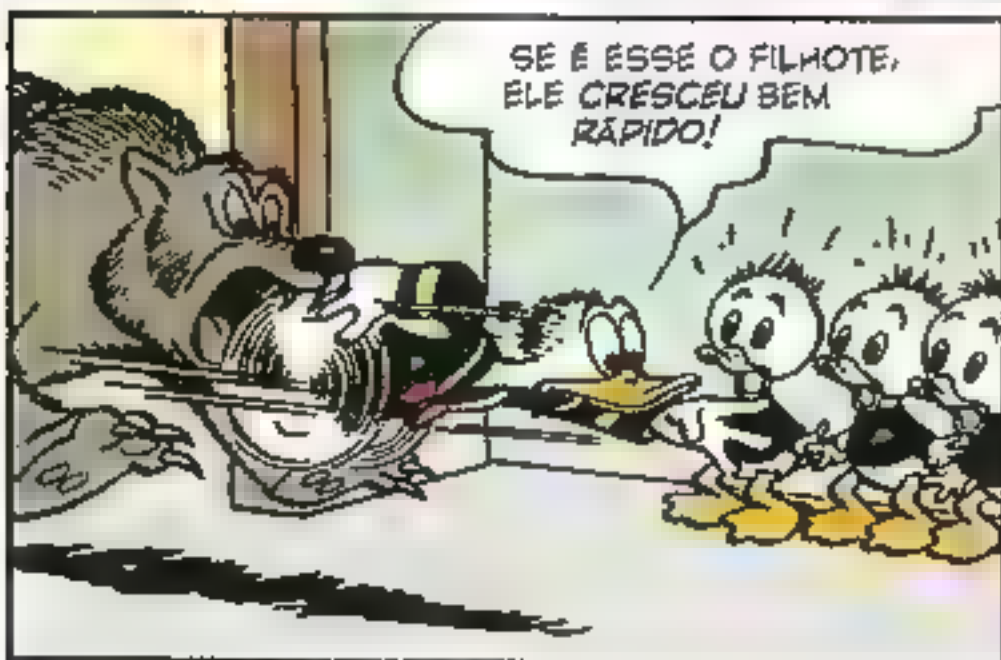
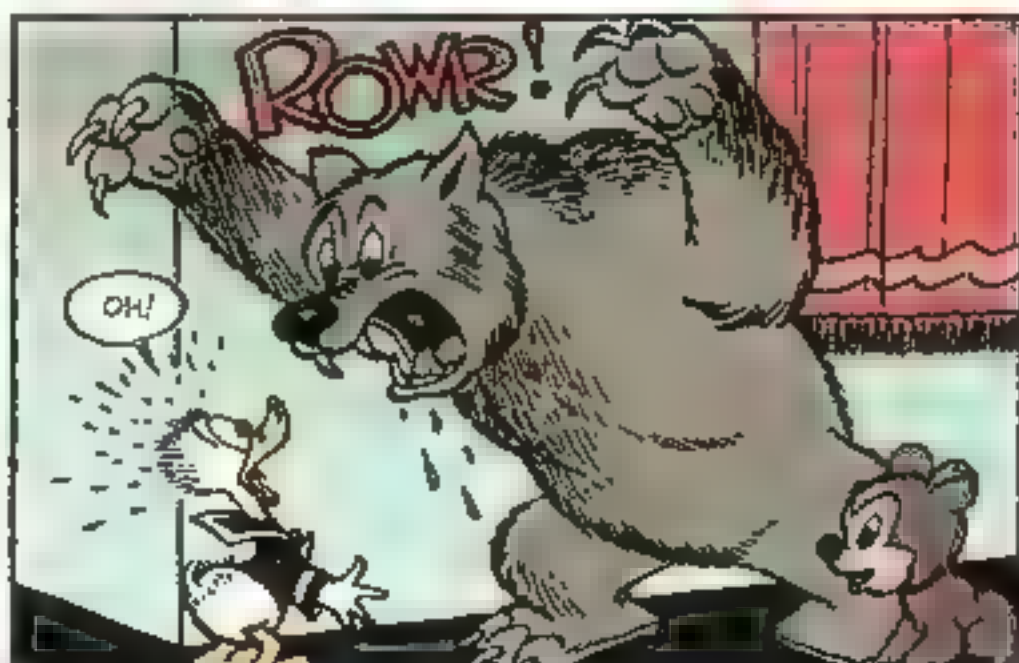
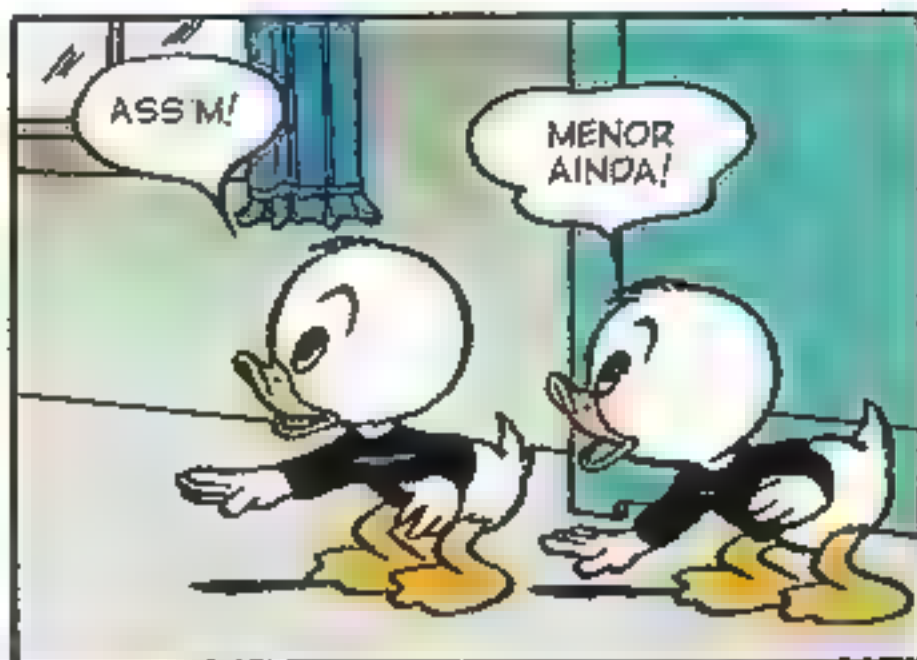


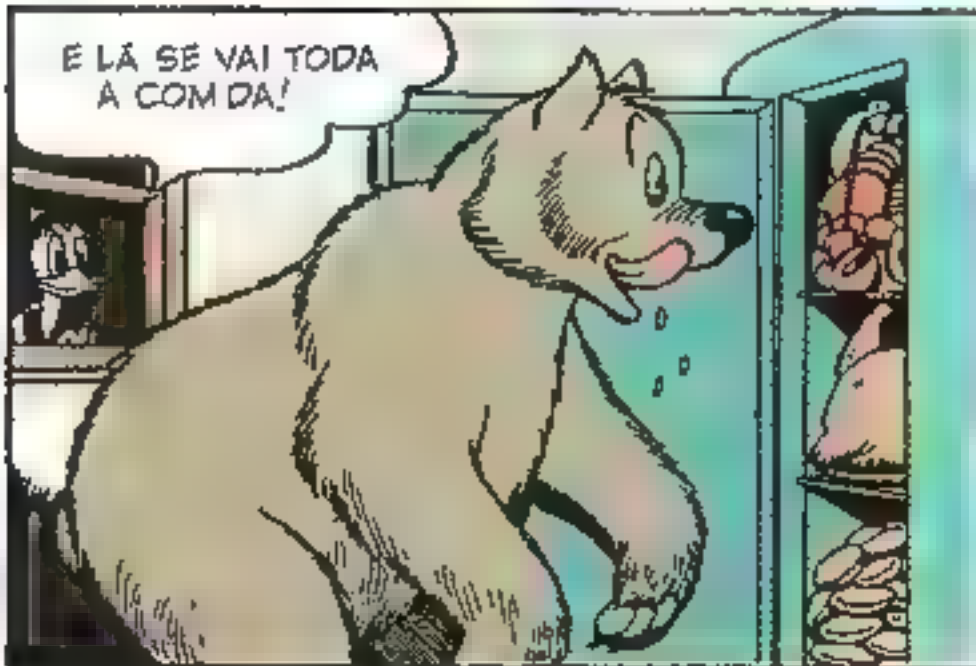
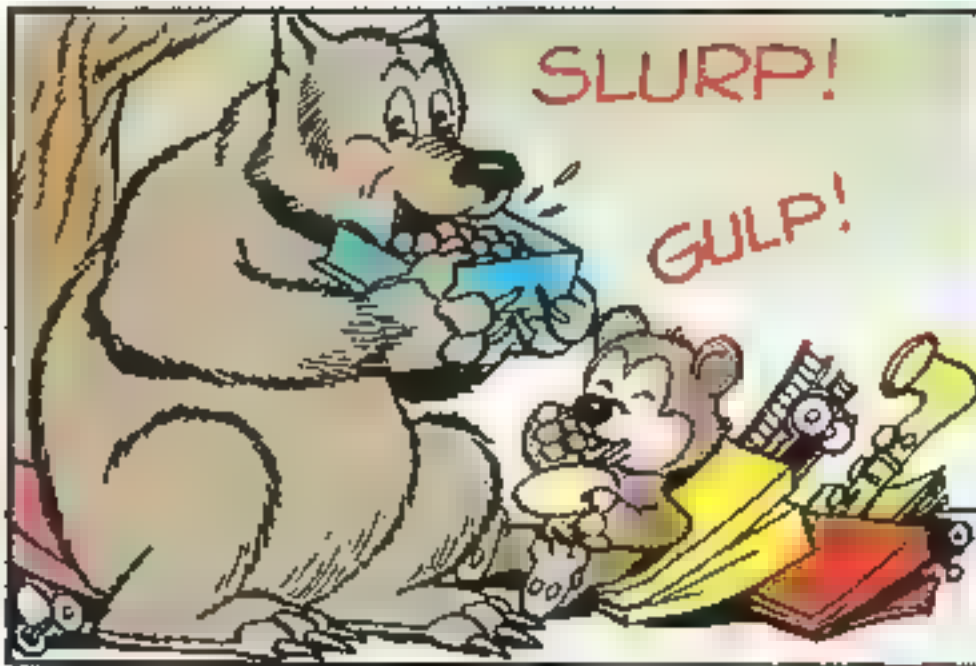
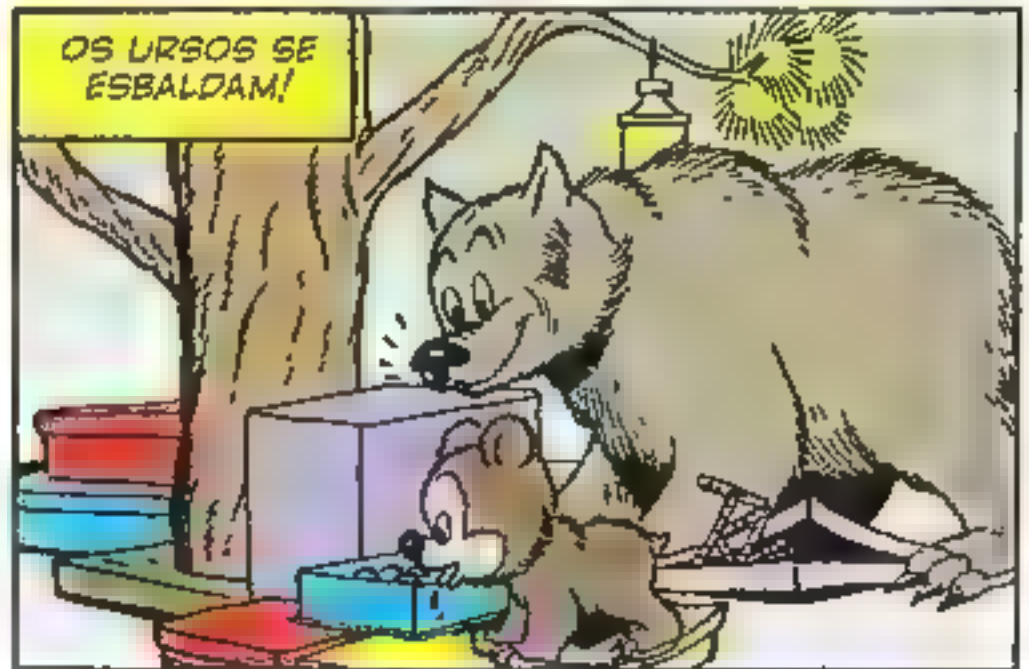


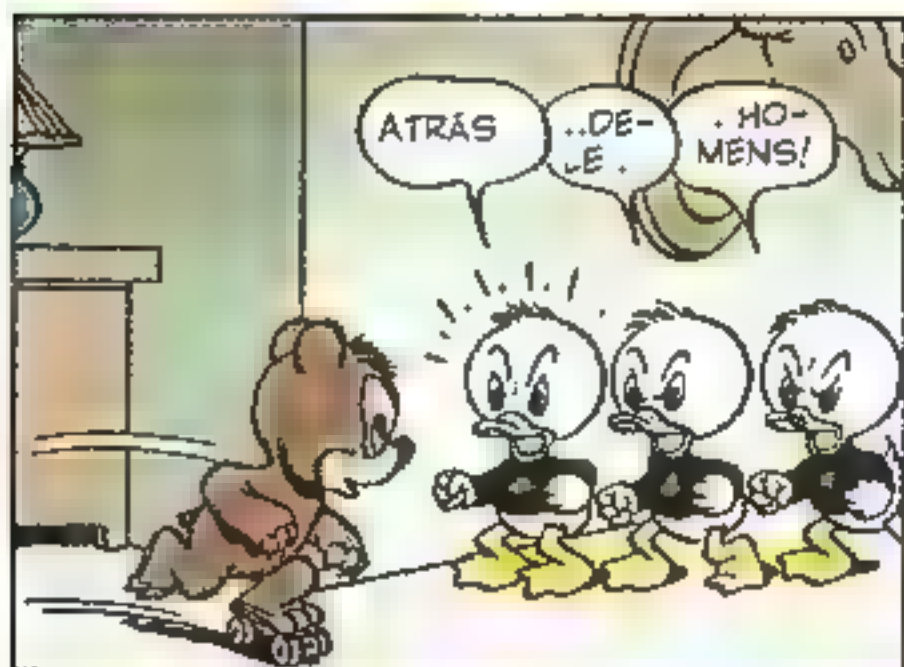


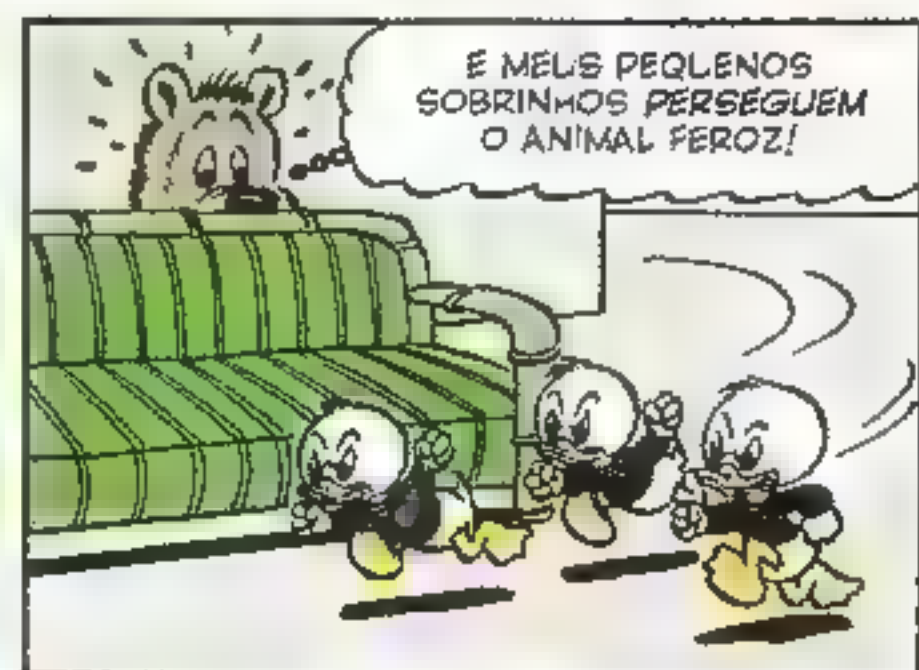
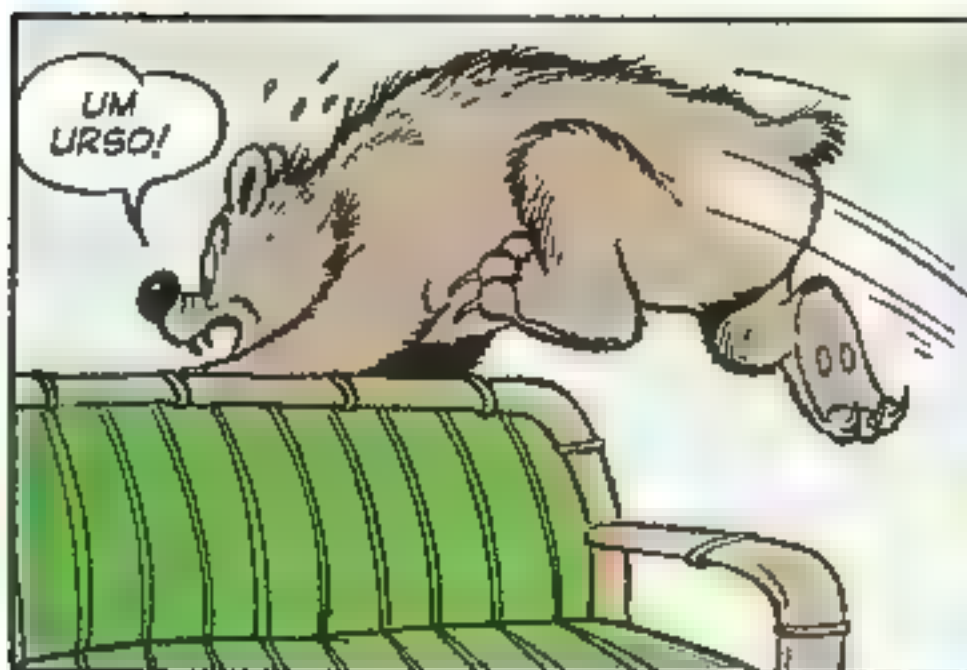


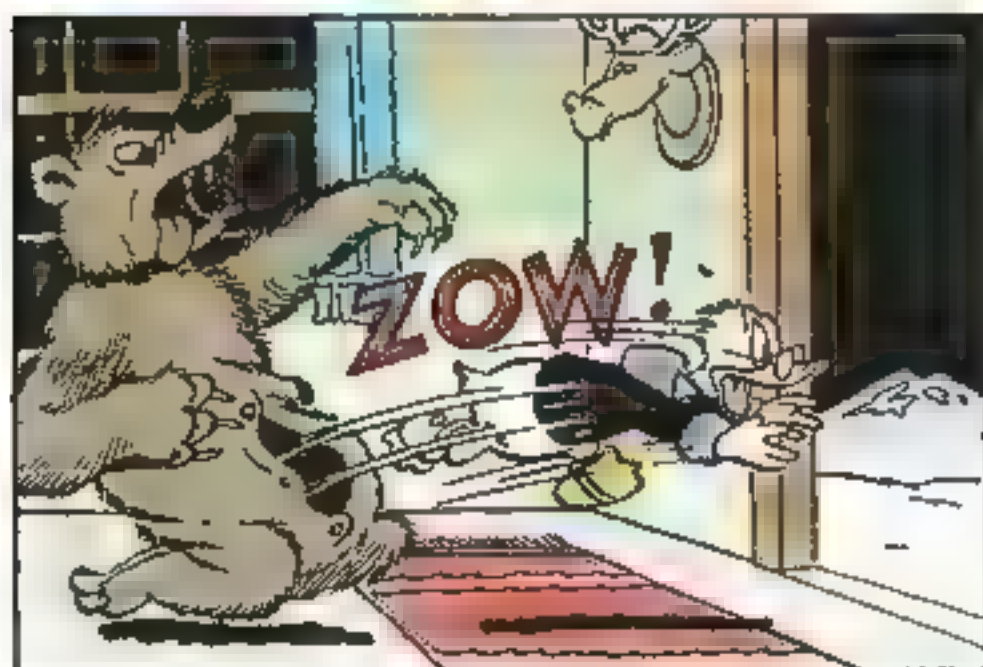






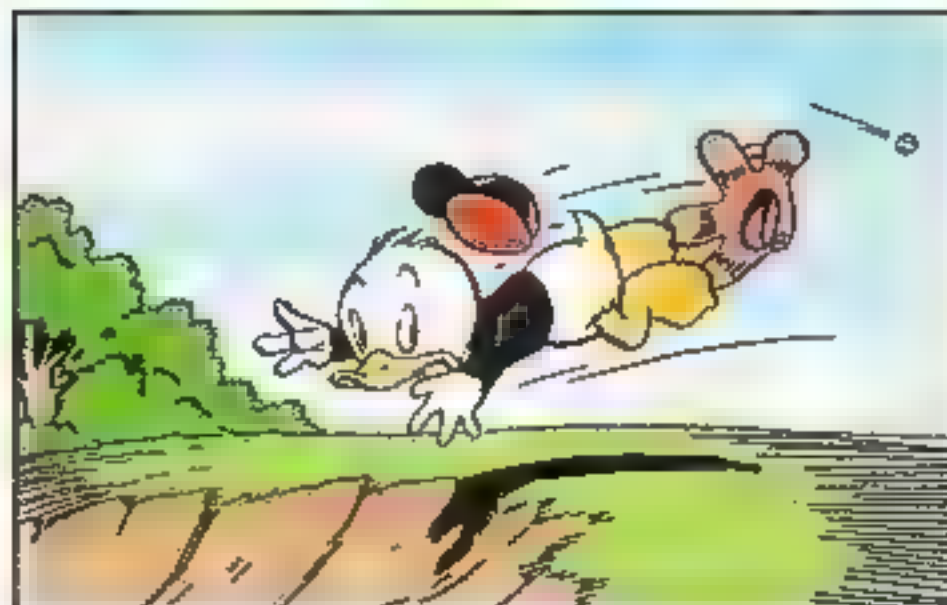
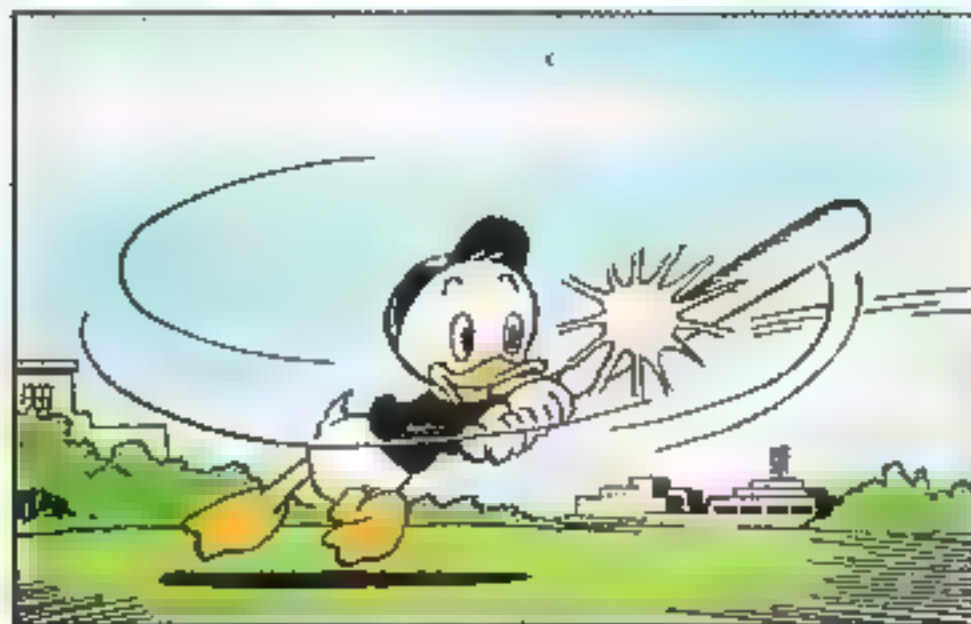






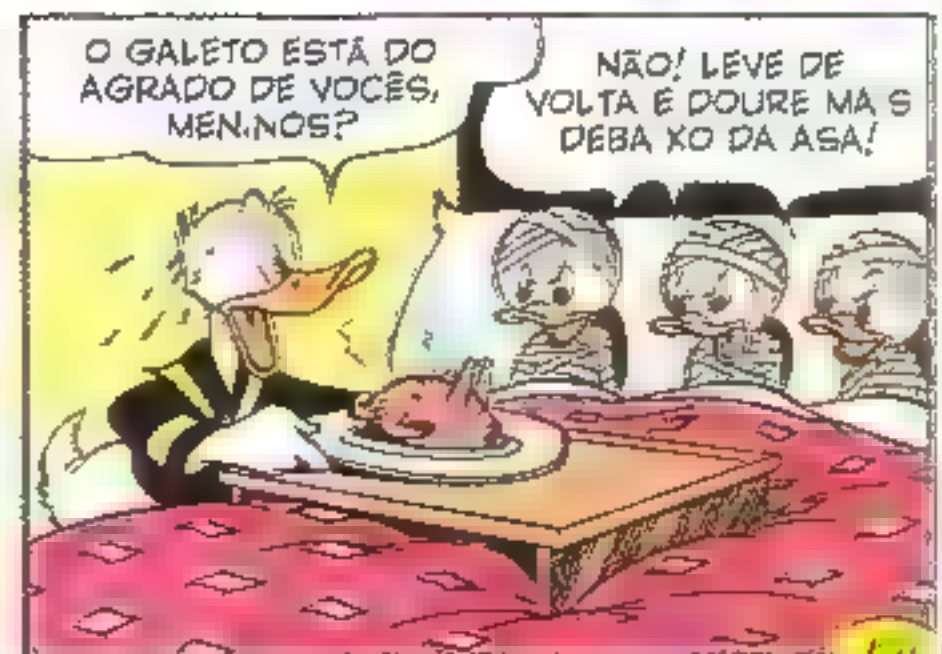
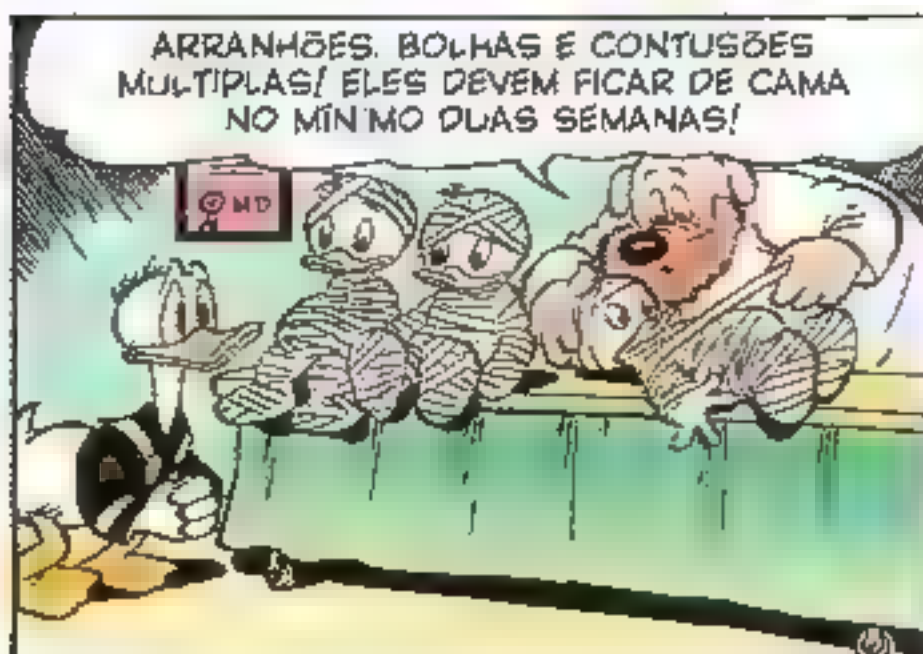


Walt Disney
apresenta
Pato Donald

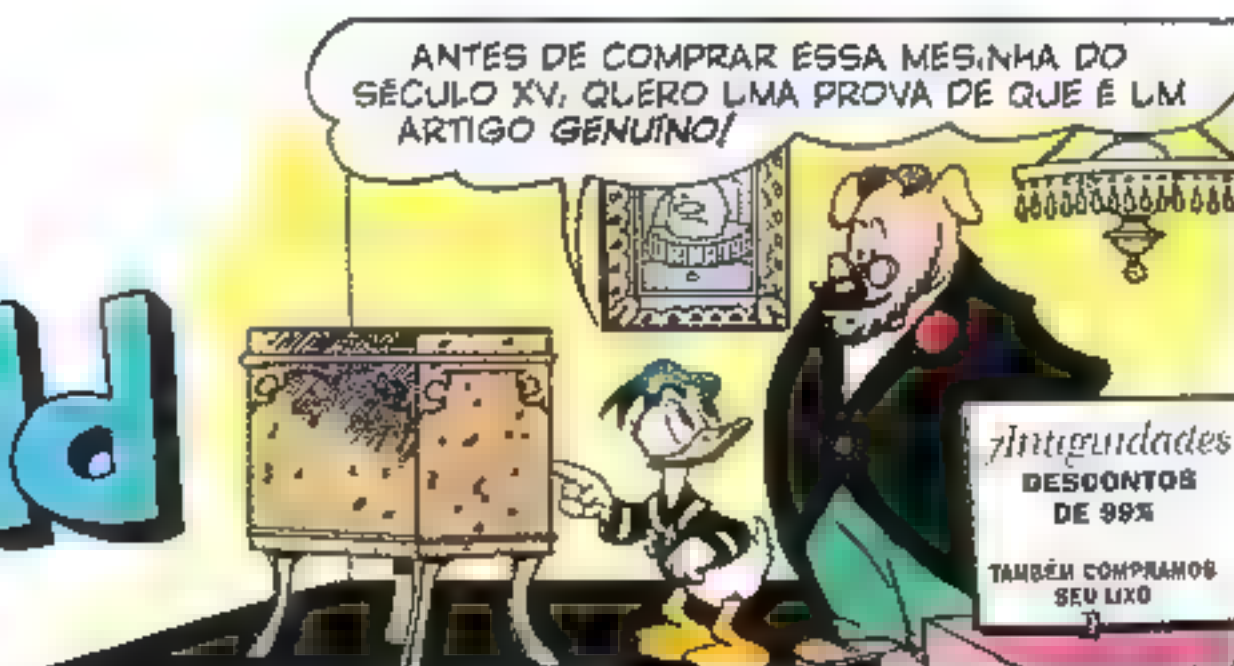


Capa interna FC 199

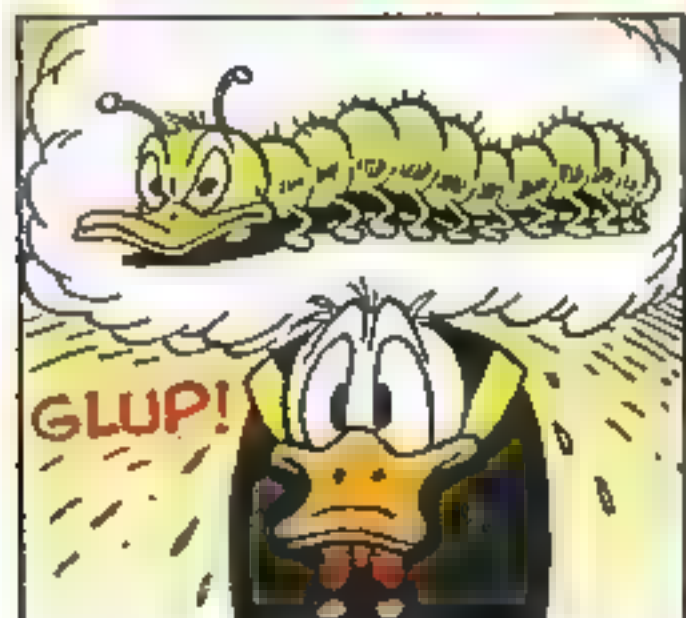
Walt Disney
apresenta
Pato Donald



Walt Disney
apresenta
Pato Donald

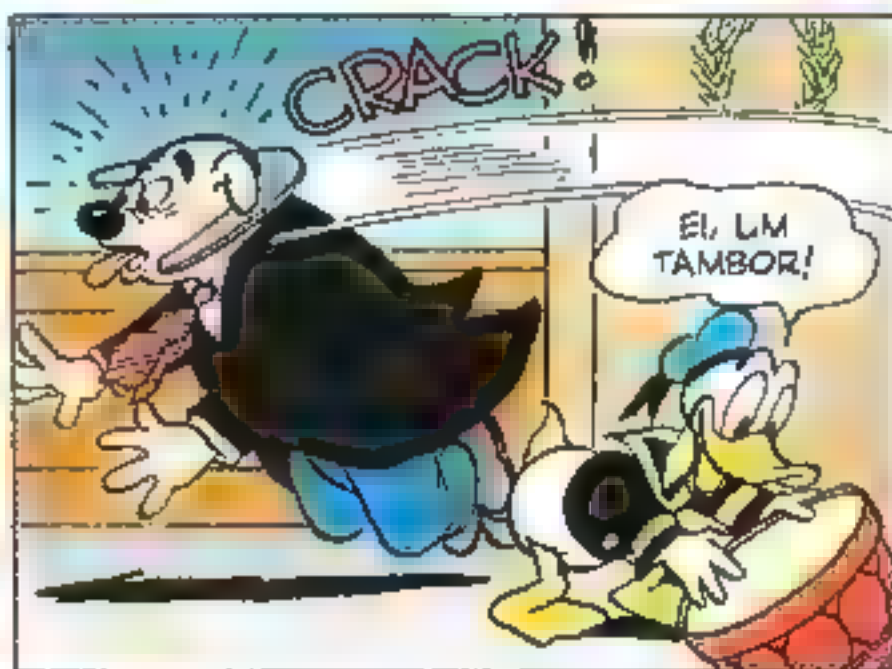
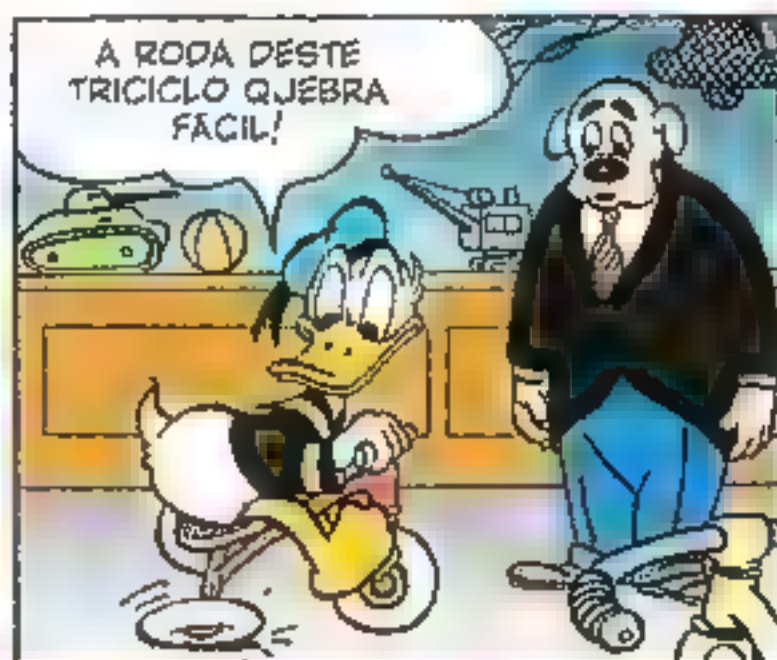


Walt Disney
apresenta
Pato Donald

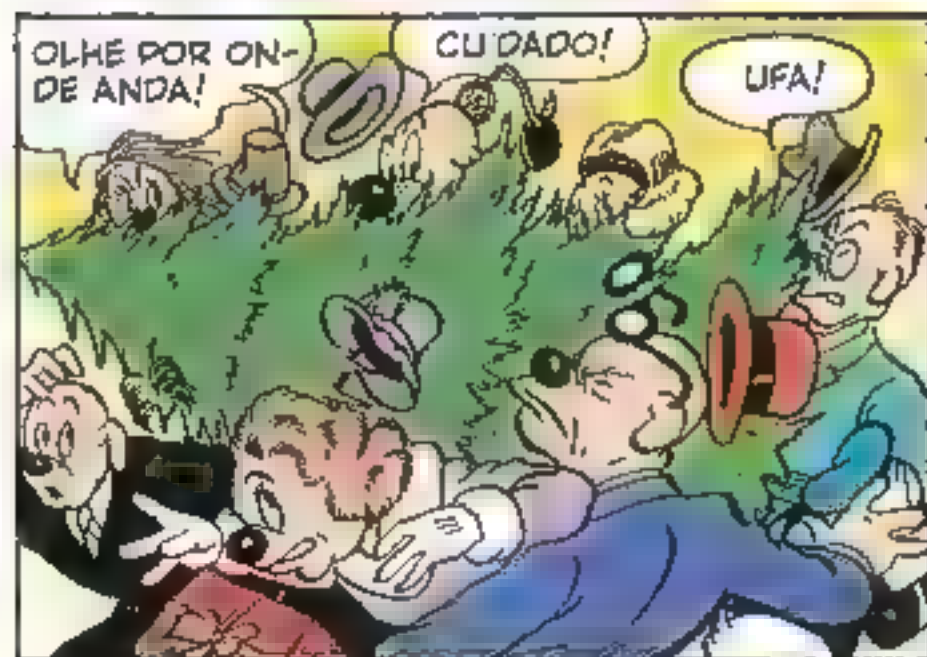


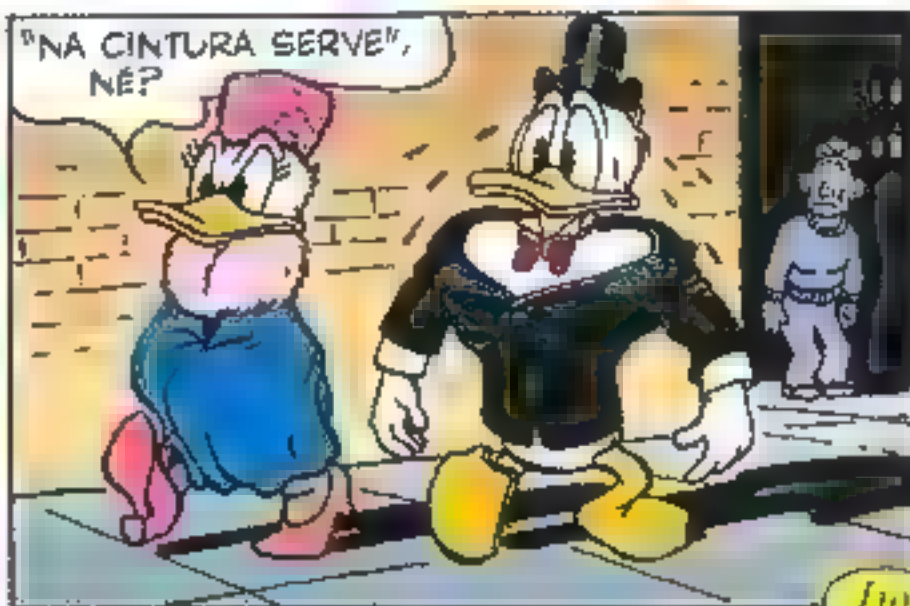
Capa interna FC 203

Walt Disney
apresenta
Pato Donald



Walt Disney
apresenta
Pato Donald





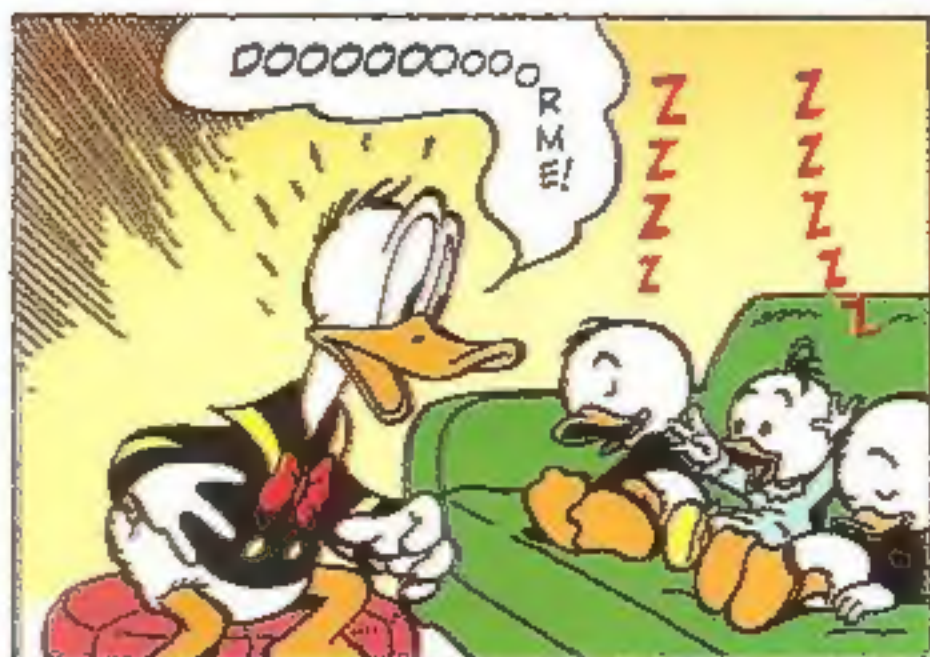
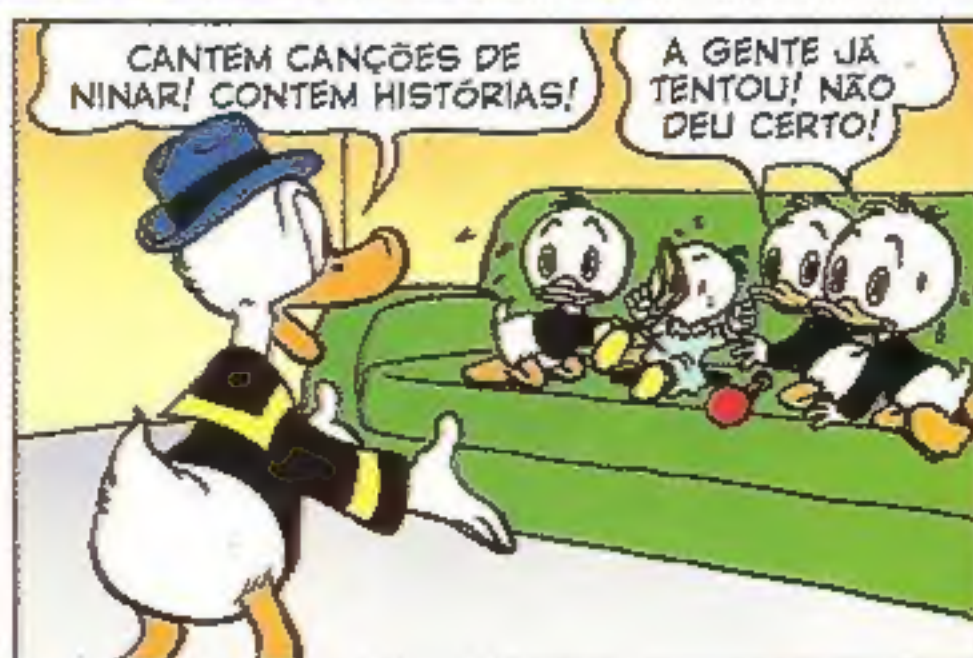
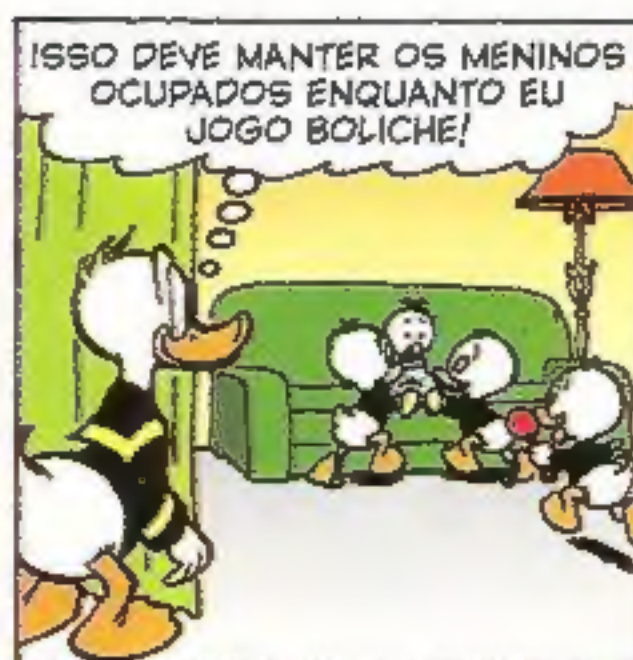
Capa interna FC 223

Walt Disney
apresenta
Pato Donald



Contracapa interna FC 223

Walt Disney
apresenta
Pato Donald



EDITORIA
Abril
Fundador: VÍCTOR CIVITA
(1907-1990)

Editor: Roberto Civita
Conselho Editorial:

Roberto Civita (Presidência), Thomas Sousa Corêa (Vice-Presidente),

José Roberto Guzmán, Maurício Marmo

Presidente Executivo: Maurício Marmo

Diretor Secretário Editorial
e de Relações Institucionais: Sídney Bosile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora Corporativa de Publicidade:
Thais Chale Soares B. Barreto

Diretor-Geral: Jaim Mendes Leal
Diretor Superintendente: Luiz Felipe D'Ávila
Diretor do Núcleo: René Agostinho

O Melhor da Disney
As Obras Completas de
Carl Barks

Abril de 2005 - Volume 10

Redator-Chefe: Sérgio Figueiredo

Editor: Menck Aires Editora Assistente: Luise Takashina
Repórteres: Emerson Aguiar, Mariana Melo Editores de Arte: Fábio
Figueiredo, Mário Lucchini Designer: Gustavo Bazon Preparador
Digital: Dinai Balleiro Assistente de Produção: Edêdo Souza
Assistente Administrativo: Alan Múli Atendimento ao Leitor:
Luciana Gomes, Silmara Lange Colaboraram nesta edição: Luciana
Guerra (arte), Lillian Mitsunaga (letras), Marcelo Alencar (texto),
Paulo Medeiros (pesquisa)

Apoio Editorial: Beatriz de Caxias Mendes, Carlos Grassetti Serviços
Editoriais: Wagner Barreto Depto. de Documentação e Abril Press:
Gisele de Souza Correspondente Internacional: Tullio de Aguiar

PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores: Eduardo Leite, Maurício Ortiz,
Sandra Sampaio, Sérgio R. Amaral Escritores de Negócios: Eliseu Padua,
Letícia De Lalla, Maria Luiza Mout, Marcelo Cavallotto, Maurício Dória, Nilo
Rosen, Pedro Bonaldi, Roberto Monte, Rodrigo Toledo, Sueli Cozza, Vladimir
Aderaldo, Walmir Gonçalves PUBLICIDADE REGIONAL: Diretores:
Jaques Bazzi Ricardo PUBLICIDADE RIO DE JANEIRO: Diretor: Paulo
Renato Simes PUBLICIDADE UM JOVEM/CULTURA: Gerente de
Publicidade: Fernando Salgado Escritores de Negócios: Andréia
Bertello, Adriana Dantas, João Dória, Neri Bragança, Renato Mazzacurati,
Renato Bortolin MARKETING E CIRCULAÇÃO: Gerente de Marketing:
Valeska Scharzinski Consultoria: Mônica Votto Esquilão: Giselle
Gentil Gerente de Circulação Avulsas: Francisco Assafim Gerente de
Circulação Assinatura: Bárbara Miklavic PUBLICIDADE PLANEJAMENTO, CONTROLE
E OPERAÇÕES: Diretores: Auro Lasi Gerente: André Vasconcelos
Consultor: Thiago Carnevali Promotor: Jussara Raminis, Roberto Falcão
ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:
Ana Djalma Diniz da Vanda; Rosamaria Costa

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Veja, Vipe, Vipe São Paulo, Vipe Rio,
Vipe Regional Negócios: Razon, Vipe 5/A Consumo/Comportamento:
Núcleo Consumo: Boa Forma, Elle, Elle, Mazinga Nucleo Comportamento:
Clássica, Nova Nucleo Ben-Estar: Boa Forma, Saúde, Vida Simples
Tecnologia: Nucleo Tecnologia: Nucleo Turismo: Guia Quatro Rodas, National Geographic,
Viagem e Turismo Nucleo Músicas: Placar, Playboy, Quatro Rodas, Vipe
Nucleo Tecnologia: Info, Info Corporate Cultura/Jovem: Nucleo Jovens:
Capicela, Mundo Estranho, Superinteressante Nucleo Talenti: Atividades,
Disney, Tereza Nucleo Outros: Almanaque Abril, Guia do Estudante,
Arquivos da História, Revista das Religiões Casa/Residência: Nucleo Casa e
Construção: Argenteira e Construção, Casa Clássica, Clássica Corleia Nucleo
Colecionáveis: Contigo! Nucleo Semanas: Ana Maria, Foco e Verão, Minha
Novela, Tênis, Viva Minha Fundação Victor Civita: Nova Escola

O MELHOR DA DISNEY - AS OBRAS COMPLETAS DE CARL BARKS (EAN 789-3084-027008) é uma publicação da Editora Abril S.A. Redação, Publicidade, Administração e Correspondências: Av. das Nações Unidas, 7221 - 8º andar - CEP 05425-902 - São Paulo - SP. Distribuída em todo o país pela Disney S.A. O MELHOR DA DISNEY - AS OBRAS COMPLETAS DE CARL BARKS não admite publicidade redacional.

Atendimento ao Leitor: Cartas: Av. das Nações Unidas, 7221, 8º andar - CEP 05425-902 - São Paulo - SP. Tel.: (0__11) 3037-4131 ou 3037-4673, de 2ª a 6ª, das 10 às 12h e das 14 às 16h Fax: (0__11) 3037-4124 E-mail: disneyabril@leitor.com.br

Para anunciar: Tel.: (0__11) 3037-5930 ou pelo site: <http://www.publinbr.com.br>

© 2005 Disney Enterprises, Inc. Todos os direitos reservados.

IBZ | FIPP | ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Das Nações Unidas, 4400, Freguesia de O, CEP 05059-900,
São Paulo, SP

Abril

Presidente do Conselho de Administração:
Roberto Civita

Presidente Executivo:
Maurício Marmo

Vice-Presidentes: Deborah Wright, Emílio Canziani,
José Wilson Arnan, Paschoal, Valter Pasquini

www.abril.com.br

Edições já publicadas

Os volumes 5 a 8 de O Melhor da Disney já estão de volta às bancas. Se você perdeu algum número, aproveite para completar a sua coleção.



Os volumes 1 a 4 podem ser adquiridos pela Loja Abril online no site www.abriljovem.com.br.

Contato direto com você!

Para falar com a Redação

Mande para nós as suas dúvidas,
críticas e sugestões.

E-mail:

disney.abril@leitor.com.br

Sites:

www.abriljovem.com.br e

www.disney.com.br

Telefones:

(0__11) 3037-4131 ou 3037-4673,
de segunda a sexta, das 10 às 12 horas
e das 14 às 16 horas.

Cartas:

Av. Nações Unidas, 7221 - 8º andar

CEP 05425-902 - São Paulo - SP

Fax: (0__11) 3037-4124

"Perdoe-me a falta de originalidade, mas vou encher o pulmão e dizer: 'Barks é gênio!'. Eu aprendi a ler com os quadrinhos de Barks. Não tive neles apenas a minha iniciação com as letras. Tive ali as primeiras experiências estéticas da minha vida, as primeiras sensações que só a literatura de boa cepa consegue nos causar. Mas passei muito tempo sem saber do homem por trás daquelas histórias fantásticas. E temia que fosse um antipático. Pois nem esse defeito ele tem. Vejo suas fotos e descubro um velhinho plácido, de olhar doce, como se tivesse sido sempre assim. Adoro a oportunidade de ter para sempre em minha prateleira a alma do trabalho de um cara que tanto ajudou a carpir a minha própria alma. Valeu, Barks!"

Adriano Silva
Diretor do núcleo jovem
da Editora Abril

R\$ 15,95



789-3614-027708 >